
FORTUNA
SWORN
K.J. SUTTON

ORE POR KJ SUT PARA N'S FORTUNE E JURA NS ERI ES

“KJ Sutton criou um mundo que é igualmente hipnotizante e aterrorizante… para leitores de fantasia que procuram algo novo e muito fantástico!” —Tome Tender Book Blog

“Eu absolutamente adorei este livro.” —Resenhas de livros de SnoopyDoo

“Uma leitura deliciosa.” —Sullivan McPig

“KJ Sutton deve ser uma das fadas, porque ela sabe como roubar seus leitores com *Fortuna Sworn.”* —Cora J.

“Um maravilhoso romance de fantasia com um toque de vibrações *de Corte de Espinhos e Rosas .”* —Mariam S.

“Uma leitura escaldante.” —Anette J.

“Raramente terminei um livro de uma só vez, mas não consegui largá-lo!” —Éden V.

FORTUNA JURADA



ONCE UPON A TIME
books

KJ SUTTON

Copyright © 2019 por KJ Sutton.

Todos os direitos reservados. Este livro ou partes dele não podem ser reproduzidos de qualquer forma, armazenados em qualquer sistema de recuperação ou transmitidos de qualquer forma, por qualquer meio -

eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro - sem permissão prévia por escrito do editor, exceto por um revisor que pode citar breves passagens em uma resenha.

ISBN 978-0-578-48967-4 (edição de bolso)

ISBN 978-0-578-52101-5 (edição de e-book)

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação do autor ou são usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, negócios, empresas, eventos ou locais é mera coincidência.

Imagem da capa por Gwenn Danae

Tipografia de Jesse Green

Impresso nos Estados Unidos da América.

Este é para meus leitores.

Eu tenho uma fera, um anjo e um louco dentro de mim.

—Dylan Thomas

PRÉ FACE

O quarto era quente e convidativo. Um fogo alegre ardia, a cama estava feita e um banho aguardava. Nada mudou desde que saí, horas atrás. Parecia bizarro, até errado, porque tudo havia mudado.

Sentindo-me vazio, caminhei até a bacia de água e coloquei as mãos dentro dela.

O vermelho floresceu instantaneamente na superfície clara. Enquanto eu observava, um gemido me escapou. De repente eu estava frenético. Esfreguei minha pele com tanta violência que a água espirrou nas laterais da tigela. Em segundos, todo o sangue desapareceu, mas não foi suficiente. Continuei esfregando, raspando, espirrando. Eu precisava me sentir limpo.

Só quando minhas mãos estavam rosadas e ardendo é que percebi a verdade; Eu nunca estaria limpo novamente.

Respirando com dificuldade, me afastei da bacia. A sala estava muito quieta, muito quieta.

A água pingava no chão de terra. Segundos ou minutos passaram; Eu não tinha certeza de qual.

Por fim, fui levado até o fogo, atraído pela vida que emanava daquelas chamas brilhantes.

Lentamente, caí de joelhos. O calor era reconfortante, quase uma presença própria. Mas, inevitavelmente, os acontecimentos que acabaram de acontecer voltaram lentamente. O que eu tinha visto. O que eu tinha feito.

Silenciosamente, para que ninguém ouvisse, pressionei o rosto contra as mãos e chorei.

CAPÍTULO UM

UMA SEMANA ANTES

T ei, me coloque em uma gaiola.

Depois disso, eles o colocaram na traseira de uma van. Inclinei o recipiente e bati com força no cotovelo, mas não lhes dei a satisfação de gritar. As portas se fecharam, deixando-me na escuridão. Fiquei ali sentado e tremi de raiva enquanto o motor ganhava vida. Eu podia ouvir meus captores conversando e rindo. Um deles fez uma piada obscena.

Não me preocupei em exigir saber nosso destino; eles conversaram sobre o mercado durante os três dias em que estive ao seu alcance. Na maioria das vezes, era um lugar onde Fallen ia morrer.

Caído. Eu não precisava usar esse termo há séculos. Todas as espécies – fadas, lobisomens, metamorfos, ninfas – eram descendentes de anjos. Ninguém sabia se foi a mutação ou a evolução que nos separou.

Meus captores pensaram que eu era um lobisomem ou uma fada, o que custaria um preço alto. Alguns compradores pagariam ainda mais se pretendessem matar a criatura e vender suas partes. Era bem sabido que os músculos de um lobisomem davam uma força incomparável. As mãos de uma fada emprestaram a você sua magia. Os pulmões de uma ninfa trouxeram a capacidade de respirar debaixo d'água.

O coração da minha espécie eliminaria todos os medos do comedor.

Não me permiti imaginar o que aconteceria se chamasse a atenção de um comprador; Eu encontraria uma maneira de escapar antes disso.

Ainda era difícil acreditar que isso estava acontecendo. Continuei repassando o sequestro em minha cabeça, amaldiçoando minha própria imprudência. Algumas noites atrás, eu estava na floresta. Durante minha exploração daquelas colinas, um toque de cor chamou minha atenção.

Uma flor, aninhada na grama, sob o brilho luminoso do céu. Quando me ajoelhei para admirá-lo, algo me atingiu por trás.

E aqui estava eu.

Horas depois, meus músculos gritavam. Justamente quando pensei que finalmente abriria a boca e daria voz à dor, a van parou.

O motor morreu novamente. Meus captores saíram, ainda conversando, e as portas se abriram.

O brilho derramou-se por dentro. Apertei os olhos, tão desorientado que esqueci de xingá-los quando eles agarraram a gaiola.

A venda ainda não havia começado. Era meio da manhã e tudo estava inundado por uma luz suave e amarela. O orvalho ainda estava grudado na grama. Cada vez que alguém falava, lufadas brancas de ar acompanhavam as palavras. Os homens — embora eu suspeitasse que fossem goblins, com base na ganância que brilhava em seus olhos escuros — me carregaram por uma fileira de baias, plataformas e jaulas.

Vendedores e comerciantes desempacotavam suas mercadorias ou alinhavam seus prisioneiros.

Correntes tilintaram, sem dúvida mergulhadas em água benta. As histórias de ferro ou prata que nos sustentavam foram inventadas para humanos.

A água benta também dificultava a manutenção de qualquer glamour – uma magia poderosa, mas sutil, que disfarçava a verdadeira forma de um Decaído. De passagem, vislumbrei asas.

Aqueles também valiam uma fortuna.

Enquanto meus captores encontravam um lugar para seu prêmio, não pude resistir e olhei para o restante deles à venda. Um menino olhou para mim com seu olhar azul aguado.

Ele estava em uma pequena plataforma de madeira, com uma placa pendurada no pescoço mostrando sua espécie e preço. Vampiro. Eles poderiam estar ao sol, é claro; eles simplesmente preferiram a noite. Ele parecia um menino de doze ou treze anos. Se tivesse sorte, seria vendido para uma família que queria alguém na cozinha. Se ele não tivesse sorte, seria vendido por seus incisivos – seus dentes eram úteis para feitiços de bruxa e venenos. Mas um vampiro sem presas logo

morreria de fome.

Em segundos, estávamos fora da linha de visão um do outro. Meus captores encontraram um lugar aberto no final da fileira e, quando pousaram a jaula, isso me colocou ao alcance deles.

Mas mesmo que meus poderes não estivessem adormecidos à luz do dia, minhas mãos atadas me impediam de tocar alguém através das grades. Recostei-me para esperar por outra oportunidade. Com

a cada segundo que passava, um pensamento gritava mais alto que o resto.

Me torturando, me provocando.

Foi isso que aconteceu com Damon?

“Sinto cheiro de café”, disse um dos homens, esfregando as mãos para cordialidade. “Quer encontrar?”

O outro assentiu e eles foram embora, me deixando lá. A gaiola era tão pequena que eu só conseguia ficar de pé curvado ou sentado. Eu escolhi o último. Um cheiro adorável despertou meus sentidos e vi que uma velha vendedora de ervas e flores havia se instalado nas proximidades. Ela me notou e mostrou dentes pontiagudos e amarelos. Eu rapidamente desviei o olhar.

Enquanto o mercado enchia, fiz um balanço do que tinha em posse pela enésima vez.

Jeans, camisa xadrez e botas de caminhada. Os homens, porém, levaram os cadarços e o resto do meu equipamento. Eles também encontraram o canivete do meu pai depois que eu fiquei inconsciente.

Comecei a procurar uma pedra no chão, mas minha pele arrepiou-se daquele jeito que acontecia quando alguém estava olhando. Tenso, levantei minha cabeça. Havia um homem parado na minha frente.

“Olá,” ele disse no momento em que nossos olhos se encontraram.

Seu cabelo descansava na nuca em cachos castanhos e macios. Suas maçãs do

rosto eram acentuadas e seu queixo definido. Suas íris eram cinza ou avelã, eu não conseguia dizer à distância. Ele usava um casaco de lã cinza para afastar o frio do ar. Ele parecia humano, mas isso era obra de um encanto — o poder saía dele como perfume. Estudei seus ouvidos, seus olhos, seus dedos.

Nada o denunciou. Ele era atraente, mas não tanto a ponto de atrair atenção.

"Qual o seu nome?" o estranho perguntou. Percebi que estava olhando.

Sua voz era nítida e sem pressa, como uma folha morta caindo de uma árvore.

“Porra”, respondi, escondendo meu constrangimento. "Você gostaria de adivinha meu sobrenome? Vou te dar uma dica. Rima com 'sapato'.”

Para minha surpresa, um leve sorriso curvou seus lábios. “Que refrescante. Uma escrava com espírito deixado nela.”

Embora não fizesse sentido me envolver com ele, a palavra fez meu estômago revirar de fúria. Eu ansiava por me livrar das barras enferrujadas. “Eu não sou um escravo,” eu assobiei.

Ele inclinou a cabeça. “Você está em uma gaiola. Você pode ser comprado. Não é isso a definição de escravo?”

“Vou lhe mostrar a definição”, ronronei. “Encontre a chave e me deixe sair.”

“Algo me diz que é do meu interesse deixar você aí”, disse o estranho comentou. Seu tom era seco, mas seus olhos brilhavam alegremente.

Assim que comecei a responder, meus captores voltaram com xícaras de café nas mãos.

O estranho escapuliu silenciosamente. Eu o observei ir, notando que ele andava como se seus pés não tocassem o chão. *Fada,* pensei sombriamente. Claro, havia inúmeras coisas que ele poderia ser, mas meu instinto me disse que eu estava certo.

Até agora, eu ainda não tinha conhecido uma fada em quem pudesse confiar. Uma vez, um deles entrou no bar onde eu trabalhava e roubou gorjetas do meu

avental enquanto eu não estava olhando.

Outro tentou me agredir sexualmente na rua após o fechamento do turno.

E então houve Sorcha. A vivaz, adorável e intrigante Sorcha.

Nós nos sentimos no cinema uma noite, durante meu primeiro ano do ensino médio. Nossa amizade foi imediata e intensa.

Para mim, que não fazia amigos facilmente, tinha sido tudo.

Então Sorcha pareceu desaparecer da face da terra. Ela parou de enviar mensagens de texto, parou de aparecer, parou de aparecer nos lugares frequentados. Minhas teorias variavam desde ela ter sido morta por um caçador de fadas até um feitiço que deu errado.

Semanas depois, porém, eu a vi novamente em uma festa na piscina.

A imagem ainda estava vívida em minha mente. Ela deitada naquela espreguiçadeira, usando um biquíni laranja neon. Meu rosto abatido refletido na escuridão de seus óculos escuros. Quando perguntei por que ela não havia me ligado de volta, ela disse num tom entediado: “Ah, você não sabia? Eu terminei com você agora.

Já se passaram anos desde aquela conversa, mas o efeito dela não havia desaparecido.

"…tão

bonito. Mas o que é isso?" uma mulher estava perguntando. Desviei meu foco das costas da fada em retirada. Um casal estava agora diante da jaula.

Parecia que os meus captores tinham encontrado alguns potenciais compradores. A mulher me estudou como se eu fosse um pedaço de carne ou um colar encantado. Insultos e provocações subiram aos meus lábios.

“Não tenho certeza”, respondeu um dos homens, lançando-me um olhar de advertência.

Seus dedos roçaram preguiçosamente o aguilhão em seu quadril. Cerrei os

dentes e fiquei em silêncio. “Nós o encontramos em uma montanha, ajoelhado ao luar. Mas tem muito poder.

Faz meu cabelo ficar em pé.

Eu nunca me preocupei em contar a verdade a esses idiotas; Eu estive na montanha com um propósito, sim, mas não para mudar de forma ou extrair poder do lua.

Naquela noite, eu estava procurando por meu irmão.

Ainda havia uma parte pequena e invencível de mim que não conseguia aceitar que ele tivesse partido. Na verdade, porém, ir para a floresta foi mais para mim do que para Damon.

Dois anos se passaram desde que cheguei em casa do trabalho e encontrei o bilhete dele na mesa da cozinha. *Saí para verificar o jardim,* dizia a caligrafia quase ilegível do meu irmão.

Não era incomum ele sair no meio da noite; Também senti a inquietação quando a lua estava alta e brilhante. Sua horta ficava no quintal, visível pela janela da cozinha, mas eu estava tão cansada por causa do turno na casa de Bea que nem olhei pelo vidro antes de ir para a cama.

Quando acordei na manhã seguinte, o quarto dele ainda estava vazio.

O departamento do xerife realizou todos os procedimentos. Festas de busca, cartazes desaparecidos, telefonemas para hospitais. Eventualmente, todos chegaram à mesma conclusão.

Damon Sworn estava morto.

A noite em que meus captores me encontraram foi o aniversário de seu desaparecimento.

Não é novidade que os dois tiveram dificuldade em vender algo que não podiam anunciar.

Acho que isso não lhes ocorreu com toda a excitação de me descobrir. O casal

seguiu em frente e, mais adiante na fileira, um jovem metamorfo despertou seu interesse. Ela estava tão assustada que não conseguia segurar uma pele, mudando de menina para puma e para pássaro entre uma respiração e outra. Ela estava em uma caixa de vidro para não poder voar.

Qualquer um que a comprasse teria que conhecer um feitiço ou possuir um item enfeitiçado para impedi-la de escapar. Observei o casal negociar com uma mulher de cabelos pretos parada ao lado do camarote, mas não tive coragem de ver como tudo terminaria. Encostei minha têmpora nas grades e fechei os olhos.

Mais tempo se passou. A névoa recuou e a luz do sol avançou. Os idiotas que tentavam me vender ficaram entediados. Eles tiraram cadeiras de jardim da van e começaram a jogar cartas. Em algum lugar do mercado, um leilão começou e o leiloeiro falou mais alto que a multidão. Eu mal dormia há três dias e comecei a adormecer, sua voz gritante era uma canção de ninar bizarra.

“Lance de dez mil dólares! Eu ouço quinze mil? Agora, quinze mil, você me dará vinte mil?

De repente, houve um tilintar perto da minha cabeça. Levantei-me tão rapidamente que quase colidi com as barras. Algo brilhou no metal

chão, e a respiração ficou presa na garganta quando vi o que era.

Chaves.

Eu os peguei, com medo de que meus captores tivessem notado. Mas eles começaram a beber horas antes e não viram nada além de garrafas e cartas. Procurei em volta quem havia deixado aquele presente inesperado. Havia apenas mercadores, compradores e escravos. Ninguém olhou em minha direção.

Eu pedi a chave para apenas uma pessoa: a fada. Por que ele ajudaria meu? O que ele ganharia com minha fuga?

Perguntas que eu me faria mais tarde. Coloquei as chaves no bolso e esperei. Tudo dentro de mim ansiava por agir, mas a luz do sol ainda tocava o mercado, mantendo minhas habilidades adormecidas. Qualquer tentativa de fuga falharia.

A noite demorou a chegar. Embora eu continuamente começasse a bater e a me

mexer, me forcei a ficar quieto novamente. Por fim, o céu escureceu e parte da lua virou-se para nós. Sentindo os seus efeitos, alguns dos outros cativos começaram a choramingar e a puxar as correntes.

Felizmente para os traficantes de escravos, não era lua cheia. Embora os lobisomens não fossem forçados a mudar, como os humanos acreditavam, eles eram mais fortes naquela época. Todos nós éramos.

Meus captores tiveram o cuidado de evitar contato físico nos últimos três dias. Foi a única informação que eles demonstraram. Na cabana deles, eles me mantiveram amarrado em um depósito, com apenas um balde como companhia. Eu tive que comer comida em uma tigela como um cachorro. Quando decidiram mudar para a jaula, usaram dardos tranquilizantes. Vários, na verdade, já que não tinham certeza de quem eu era. E se por acaso eu fosse alérgico ou tivesse uma reação negativa aos medicamentos, bem, que pena.

Lembrei-me de tudo isso quando o crepúsculo desapareceu e o fogo crepitante dentro de mim aumentou mais alto e mais quente. A luz das estrelas brilhava serenamente no mercado. Meus captores guardaram suas cadeiras, falando sobre possibilidades para amanhã. O de olhos pequenos sugeriu usar tortura para descobrir o que eu era. O outro mencionou me exibir nua. Cada palavra apenas alimentava as chamas.

A sorte finalmente estava do meu lado. Os traficantes de escravos e os vendedores estavam tão preocupados em arrumar suas mercadorias que ninguém me viu usar a chave e escapar da jaula.

Bem, ninguém além da metamorfa, cujos olhos encontraram os meus por um breve momento antes de fixar os dela incisivamente em seus pés. Ela havia sido vendida antes, então eu não tinha ideia de por que ela ainda estava aqui. Talvez seus novos proprietários tivessem ido buscar outro veículo.

Não seria possível ter um escravo sujo em seu elegante estofamento de couro, não é mesmo?

Como o resto da minha espécie, movi-me silenciosamente, rastejando sobre os sequestradores como num sonho. Meu coração batia mais forte enquanto eu contornava a van. Eu só teria uma chance de fazer isso direito; goblins possuíam velocidade, força e habilidades de cura aprimoradas. Os homens estavam

levantando o refrigerador vazio quando chegou minha hora. Rapidamente, sem lhes dar chance de reagir, abri a porta do outro lado. Eles estavam levantando a cabeça quando estendi a mão e agarrei seus pulsos – tarefa nada fácil com minhas próprias mãos amarradas. Isso foi tudo o que foi preciso. Eu agora controlava suas mentes e, antes que pudessem me agarrar ou gritar um alarme, desapareci em uma explosão de fumaça negra. Para eles, pelo menos.

Qualquer outra pessoa ainda me veria ali parado, sorrindo como um gato com a pata enfiada em uma tigela de ratos mortos.

Permiti que minha voz deslizasse ao redor deles, ecoasse mil vezes, como se eu fosse uma legião em vez de uma. “Você vai se arrepender da noite em que me levou.

Você se arrependerá por estes últimos três dias.”

"O que você está?" o goblin de olhos pequenos choramingou. Para goblins eles eram. Um único toque me disse muito.

Não foi suficiente responder. Em vez disso, circulei pela van – Pesadelos não ficam no peito de nossas vítimas enquanto elas dormem, como descreve na Wikipédia ou em livros; depois que toco minhas vítimas, não há necessidade de manter contato físico —

então eu estava bem atrás delas. Inclinei-me e pressionei o lado do queixo contra a têmpora trêmula do goblin. Acariciei sua nuca com minhas mãos ainda amarradas. Ele provavelmente teria fugido naquele momento, mas eu os fiz acreditar que não podiam se mover. “Eu sou o último da minha espécie,” eu sussurrei. "Isso significa alguma coisa para você?"

Sua respiração estava irregular. Havia apenas algumas possibilidades mortais e todos prestavam atenção às espécies ameaçadas. Principalmente traficantes de escravos.

Melhor valor de venda, é claro. O pensamento fez minhas unhas cravarem em seu couro cabeludo. O goblin fez outro som, no fundo da garganta. Agora que finalmente os toquei, pude sentir o gosto de seu terror. Todo mundo tem um sabor único, nem todos agradáveis. Este tinha cheiro de gordura de frango e cobriu minha língua.

Quase não percebi, porém, enquanto imagens passavam pelas minhas pálpebras fechadas; Eu encontrei seus medos. Nem todos eles, nem aqueles que o mantinham acordado à noite. Mas as fobias que pairavam logo abaixo de sua pele, prontas para surgir a qualquer momento, eram minhas. O goblin de olhos pequenos tinha olhos típicos. Aranhas, alturas, morte. Seu companheiro era um pouco mais interessante.

Acima de tudo, ele temia ficar sozinho.

Agora, isso é exatamente o que ele era.

Tudo o que o goblin viu foi a brancura. Não havia chão nem céu, nem paredes nem arredores. Ele passou os braços em volta dos joelhos nodosos — sem glamour, porque, afinal de contas, isso era sua própria mente — e começou a balançar para frente e para trás. Seus dentes pontiagudos brilhavam enquanto ele cantava uma música que sua mãe lhe ensinara.

Enquanto isso, o outro batia nos próprios braços e pernas, acreditando estar coberto de aranhas. Clichê, talvez, mas não havia tempo para engenhosidade. Estendi meus pulsos, fazendo o goblin acreditar que eram dele. Ele não conseguiria dar um tapa em nenhuma aranha se tivesse as mãos amarradas, então arrancou desesperadamente a faca do pai da bota e cortou as cordas. Tentei recuar, mas ele era muito rápido. A lâmina cortou meu braço.

Eu sibilei de dor. Mas as cordas se soltaram e acabei com a ilusão antes que o goblin pudesse cortar minha mão inteira. Ele voltou a dar tapas nas aranhas, deixando cair a faca de papai, e eu me abaixei para recuperá-la. Foi um peso bem-vindo em minha mão. Ele adorava essa coisa. A lâmina era de aço Damasco, feita por um processo forjado à mão de dobramento e redobramento de camadas de aço quente com alto teor de carbono e ferro. Havia lindos redemoinhos e contornos ao longo de sua extensão. O cabo era de madeira tingida, que esfreguei carinhosamente com o polegar antes de guardar a faca.

Apesar de um senso de urgência cada vez maior, permaneci observando meu trabalho.

O outro goblin já estava encharcado de urina.

A satisfação envolveu meu coração. Sorrindo, entrei na van para recuperar meus

pertences.

Tudo estava espalhado, provavelmente desde quando eles vasculharam tudo no dia da minha captura. Eles devem ter se livrado do meu telefone – sem dúvida ele estava na cabana. Eu não sabia onde ficava, e nem mesmo um iPhone caro poderia me tentar a encontrar o lugar novamente. Fervendo, coloquei minha bolsa nas costas e saí da van. Planejei voltar para casa, mas não pude sair. Ainda não.

Lá fora, os goblins estavam chorando agora. Eu ainda coloco mais poder em suas visões.

Mais aranhas, mais ecos. Eles não estariam livres de mim até o amanhecer, se o terror não os matasse antes disso.

Corri para o corredor cheio de grama esmagada e compradores dispersos. Usar meu poder depois de tanto tempo – eu não tinha tocado nele antes mesmo dos goblins me levarem, então já se passaram algumas semanas desde a última vez, provavelmente – fez o sangue em minhas veias parecer champanhe. Minha cabeça também estava confusa. Era melhor do que qualquer bebida ou droga. Caminhando pelo mercado, quebrei o pescoço em um

esforço para permanecer alerta. Ao mesmo tempo, notei alguém parado a alguns metros de distância.

Meus passos diminuíram.

A fada estava sob a luz da lua e, naquele momento, ele realmente parecia os anjos dos quais todos descendíamos. Os cantos de sua boca se curvaram em um meio sorriso. Eu fiz uma careta de volta, ainda desconfiada, independentemente do fato de ele ter ajudado na minha fuga. Ele estava vindo para cobrar uma dívida? Ele me queria para si?

Aparentemente não, porque mais uma vez ele se virou e foi embora.

Suspeitei que não seria a última vez que o veria. Sacudindo-me, continuei pelo mercado. Meu progresso não passou despercebido; Pesadelos sempre atraíam olhares. Sempre que alguém olhava para mim, via o rosto que considerava mais bonito. Assim como os pesadelos que aconteciam à noite, estávamos destinados

a ser sedutores. Fomos concebidos para atrair as nossas vítimas. Depois, quando já era tarde demais para recuar, atacamos.

Não consegui encontrar as chaves de cada gaiola. Eu também não poderia enfrentar todos os traficantes de escravos aqui. Mas havia uma coisa que eu poderia fazer.

A mulher que vendeu o metamorfo estava preocupada com um jogo em seu telefone. Foi impressionante que ela conseguisse um sinal aqui. Ajoelhei-me diante dela. "Olá."

"O que você quer?" ela perguntou sem olhar para cima. Ela parecia inteiramente humana e não havia nenhum traço de glamour. Seu cabelo era grisalho na raiz.

O resto era uma tinta preta não natural.

Envolvi meus dedos em torno de seu tornozelo, o pedaço de pele nua mais próximo ao meu alcance. A cabeça da mulher levantou-se, mas já era tarde demais. Ela tinha medo de espaços pequenos, de paredes encolhidas, de ficar trancada no escuro. Com outro sorriso malicioso, fiz com que ela acreditasse que era ela quem estava em uma caixa de vidro. A mulher deu um pulo, ofegante, e se atrapalhou com uma corrente pendurada no pescoço. Uma chave apareceu no final dela. Ela o encaixou na fechadura e a porta se abriu. O metamorfo saiu tão rapidamente que tropeçou na saia. Ela deu alguns passos, fez uma pausa e me encarou novamente.

“Obrigada,” ela sussurrou. O cabelo caía sobre seus olhos, escondendo-os de vista, mas havia gratidão em sua voz.

Antes que eu pudesse responder, ela se transformou em uma coruja e voou para longe.

CAPÍTULO DOIS

B Quando cheguei em casa, o amanhecer brilhava no horizonte.

Estacionei a van e suspirei. Os segundos se passaram, mas não fiz nenhum movimento para sair. Em vez disso, sentei-me lá e olhei para a casa.

Todas as janelas estavam escuras e irradiava vazio. Até minha caminhonete estava ausente, que provavelmente ainda estava estacionada na base da montanha.

As lágrimas turvaram minha visão, mas eu as enxuguei com força.

O relógio marcava 6h36. Olhei para os números verdes e brilhantes. Eles estariam começando o café da manhã na casa de Bea. Se eu fechasse os olhos, poderia ouvir a conversa baixa e sentir o cheiro do bacon frito. Meu aperto aumentou no volante. Parte de mim estava tentada a ir direto para lá, evitar o inevitável silêncio daquelas salas. Mas os clientes provavelmente não apreciariam a camada de sujeira e suor na minha pele. Os funcionários também.

Então saí e entrei.

Primeiro, tomei um banho demorado. Enquanto a água quente caía sobre mim, finalmente fiz um balanço das feridas que vinha tentando ignorar. Contusões, arranhões, queimaduras. A adrenalina havia drenado de minhas veias, deixando um rastro de exaustão. Eu só estava fora há três dias, mas pareciam três anos. Movimentava-me como a velha do mercado, como se meus ossos estivessem doendo.

Meu quarto estava exatamente como eu o havia deixado. Tirei uma calça de moletom da cômoda, junto com uma camiseta enorme. Então me enrolei na cama, olhando para o papel de parede florido. Eu aluguei esta casa para mim e Damon aos dezoito anos - o proprietário anterior havia morrido e sua família morava a horas de distância, em Denver.

Portanto, desde que eu pagasse o aluguel em dia, ninguém me incomodava. Subi em minha cama frágil, me enfiei sob a colcha antiga e esperei que o sono me levasse.

Em vez disso, me virei na cama por duas horas. Ao fazer isso, continuei vislumbrando o relógio na mesa de cabeceira. A magia ainda se agitava dentro de mim, ansiosa por uma saída. Normalmente eu tinha comprimidos no armário de remédios, mas acabava uma semana antes da minha viagem para a montanha. Foi por isso que estive lá no meio da noite, a inquietação me dominando, apesar da escuridão e do perigo.

Agora, toda vez que fechava os olhos, estava de volta àquela cabana. Corda esfregando meus pulsos em carne viva. Risos flutuando pela parede. Por um tempo, me permiti chorar. Mamãe sempre disse que não havia vergonha nisso, mas geralmente eu me recusava. Isso ou chamava a atenção ou me fazia sentir vulnerável, duas coisas que eu detestava.

Por fim, quando meus olhos ficaram inchados, desisti de dormir. Joguei os cobertores de lado e vesti uma calça jeans. Eram apenas 8h47 da manhã. Abri o armário embaixo da pia da cozinha, onde guardávamos os materiais de limpeza.

Passei o dia descontando minhas frustrações em casa.

Às 17h27, minha pele estava vermelha brilhante de tanto esfregar. O carpete foi aspirado, o chão brilhava, a louça estava bem empilhada, os lençóis lavados. Eu tirei tudo da van e os pertences dos goblins estavam na lixeira ou em uma prateleira na garagem. A maior parte eram embalagens e latas de cerveja amassadas. No entanto, havia alguns itens interessantes. Um pote cheio de duendes comedores de carne – a maioria das pessoas confundia suas picadas com mosquitos – e um anel desajeitado. O poder irradiava das pedras e não ousei colocá-lo.

Sem mais nada para fazer, voltei para a van e fui para a cidade. Demorou uma hora para comprar e configurar um novo celular. Então finalmente fui para a casa de Bea.

ÿÿ

Granby, Colorado, ostentava uma população de 1.864 pessoas. O bar onde trabalhei nos últimos seis anos era um prédio decadente na Main Street. Estava escondido entre o correio e uma loja de antiguidades. Encontrei uma vaga para estacionar a um quarteirão de distância e vi meu reflexo no espelho retrovisor. Eu gostaria de ter trazido um pouco de corretivo. Isso não esconderia completamente as manchas sob meus olhos, mas pelo menos eu pareceria cansada em vez de assombrada. Bem, não havia nada a fazer sobre isso agora. Suspirando um pouco mais, abri a porta e saí.

Eu cheguei um pouco antes da hora do jantar. Havia seis ou sete pessoas ocupando as cabines quando entrei e reconheci quase todos os rostos.

Isso não os impediu de ficarem boquiabertos, e não foi por causa da minha óbvia

exaustão. Embora meu poder funcionasse na maioria das criaturas, era particularmente influente nos humanos.

Ignorei todos eles e fui para o fundo. As tábuas do piso gemiam a cada passo. Isso me fez passar pela janela de pedidos, onde Cyrus estava cozinhando no fogão. Enquanto eu observava, ele passou o braço pela testa. Estendi a mão sobre a prateleira de metal para ligar o ventilador para ele (às vezes ele esquecia, se estivesse particularmente agitado) e segui pelo corredor. A familiaridade de tudo isso era ainda mais reconfortante do que estar em casa.

Minha chefe estava em seu escritório. Ela estava ao telefone e, quando bati na porta, ela se abriu. Com uma expressão irritada, Bea ergueu os olhos.

“Não é bom...” Ela parou ao me ver.

“Devo voltar mais tarde?”

Ela desligou na cara de quem ainda estava falando do outro lado da linha. Então ela empurrou a cadeira para trás com tanta força que as pernas rangeram. Em três passadas longas, Bea estava lá. Embora ela soubesse que eu evitava contato físico, ela me puxou para ela em um abraço rude. De alguma forma eu tinha esquecido o quão alta ela era.

“Jesus Cristo, onde você esteve?” sua voz ressoou em meu ouvido.

Engoli. Bea não tinha ideia do que eu era ou de quais outros segredos o mundo escondia, então ela não acreditaria na verdade. Qualquer outra versão levaria a chamar a polícia. E se os oficiais fossem a esse mercado, encontrariam apenas uma clareira vazia.

“Fora da cidade”, foi tudo que eu disse, me afastando.

"E você não poderia me avisar?" Bea exigiu, segurando meus cotovelos em suas mãos ásperas. “Estamos muito preocupados por aqui – você não perdeu um turno desde o dia em que começou. Até preenchemos um relatório de pessoas desaparecidas.”

Seus medos estavam me dominando, não importa o quanto eu tentasse combatê-los; Bea tinha pavor de voar e de falar em público. Algumas de suas lembranças

vieram junto com eles, como pedaços de pele em um curativo. Invadir a privacidade de alguém que eu respeitava fez minha cabeça doer. Quando falei, minha voz saiu mais nítida do que eu pretendia. “Ainda tenho um emprego aqui ou não?”

Ela franziu a testa. Entre ela e Gretchen, Bea era quem estava sempre preocupada, e seu rosto se acomodou nas rugas familiares. “Isso é sobre Damon, querido?”

Ouvir seu nome pronunciado em voz alta só piorou a dor no meu crânio. Eu não queria falar sobre meu irmão. “Não,” eu consegui. “Olha, eu sei que deveria ter te contado antes de partir. Desculpe."

Bea soltou um suspiro. Ela puxou o longo rabo de cavalo por cima do ombro.

“Prometa-me que não vai acontecer de novo.”

Com isso, hesitei. As lições do meu pai nunca estiveram longe da minha mente, não importa há quanto tempo elas ocorreram. *Fortuna, nunca faça uma promessa que não possa cumprir.*

Pesadelos podem ser mentiras, mas não precisamos ser mentirosos. “Farei o meu melhor”, consegui dizer.

Ela não pareceu notar a evasão. Bea apertou meu braço, sorrindo calorosamente, e alguém chamou o nome dela. Sua atenção se voltou para o corredor. Ela suspirou e se concentrou em mim novamente. "O dever chama. Claro que você ainda tem um emprego aqui, Fortuna. Tem uma camisa extra no seu armário, certo?

Não tocamos em nada.

A mesma voz chamou novamente, desta vez com um pouco mais de urgência. Bea saiu correndo, fechando a porta atrás dela. Fui até meu armário e coloquei meu uniforme. Não tinha sido lavado recentemente; o algodão cheirava a gordura e café. Prendi o avental com um nó frouxo, calcei os tênis e comecei a noite.

O bar já estava ficando ocupado. “Faça o pedido”, disse Cyrus, tocando a

campainha.

Um garçom que não reconheci apressou-se em pegar os pratos. Ela se virou, segurando a borda com cuidado, mas a ponta do dedo ainda havia tocado um pouco de molho.

“Droga,” eu a ouvi murmurar. A voz era familiar; foi ela quem ligou para Bea mais cedo.

Minha desconfiança natural entrou em ação. Avaliei a linda garota enquanto ela ajustava o controle sobre o prato. Ela era negra e pequena, com o cabelo rebelde e na altura dos ombros. Cílios escuros contornavam olhos castanhos e suas sobrancelhas eram invejosamente grossas. Sardas pontilhavam seu nariz e bochechas.

Não senti nenhum poder ao seu redor.

Só então, a garota me viu, e um largo sorriso se estendeu por ela.

face. “Você deve ser Fortuna! Todo mundo tem falado sobre você.

“Bem, aqui estou”, eu disse. “Fortuna Jurada. Eu apertaria sua mão, mas…”

Ela levantou um pouco um prato, como se quisesse experimentá-lo de qualquer maneira, e riu um pouco.

"Oh, certo. Meu nome é Ariel. Prazer em conhecê-lo. Antecipadamente, peço desculpas se derramar ou deixar cair alguma coisa. Comecei ontem à noite, e eles realmente jogaram você, hein?

Eu dei a ela um sorriso triste. “Bea acredita firmemente em seu método de ensino 'afundar ou nadar'.”

"Sem brincadeiras. Bem, é melhor levar isto para a mesa nove. Ele fica um pouco habilidoso se eu o fizer esperar.

Olhei por cima do ombro dela, em direção ao cliente de quem ela estava falando.

Ian O'Connell, um dos deputados locais. Ele estava nos observando com uma

expressão extasiada e faminta. Nossos olhos se encontraram e os dele arderam de desejo.

Nenhuma garota deveria ter que lidar com ele no primeiro dia. Voltei-me para Ariel.

“Eu posso pegar este, se você quiser. Vou garantir que você receba a gorjeta.

“Se você tem certeza,” ela respondeu incerta, mas abandonou os pratos com bastante facilidade.

"Isso não é um problema."

As pessoas fingiam não olhar enquanto eu caminhava em direção a Ian com sua comida.

Seu sorriso crescia a cada passo. Eu conhecia o deputado de rosto redondo há anos e ele não melhorou desde o nosso primeiro encontro. Ele deu um tapa na minha bunda e eu dei um soco na cara dele. Embora nunca mais tivesse tentado me tocar, Ian O'Connell sabia guardar rancor.

Coloquei o bife e as batatas na mesa, junto com um pedaço de torta. Antes de mim conseguia falar, ele disse em voz baixa: “Temos uma panela acontecendo, você sabe”.

O distintivo preso em seu uniforme brilhava e resisti à vontade de rasgá-lo.

desligue. "O que você está falando?"

“Bem, todo mundo tem teorias sobre para onde você desapareceu. A minha foi que você finalmente teve sua cereja estourada e começou uma farra de sexo de três dias. Eu estava certo?

Eu ganhei?"

Deus, dê-me paciência ou uma arma indetectável, pensei.

Minha virgindade era um assunto popular em Granby, que se tornou de conhecimento público quando cometi o erro de confiar em Angela durante meus primeiros dias na casa de Bea. Ao contrário do que as pessoas acreditavam - que

variava muito entre eu ser lésbica, puritana ou transgênero enrustido - o motivo era muito simples. Embora qualquer parceiro que eu tivesse estivesse focado no sexo, tudo que eu conseguia sentir eram os medos que emanavam de sua pele. Também foi perturbador que, quando olharam para mim, vissem um rosto que não era verdadeiramente meu. Uma vez, quase passei por isso só para ter a experiência.

Algo me parou, no entanto. Talvez alguma sensação de nostalgia equivocada.

Meus pais estavam profundamente apaixonados e eu não podia deixar de querer o mesmo.

“Cuidado, Ian,” eu rosnei agora, olhando para ele. “Você pode ter o dinheiro do seu pai para protegê-lo, mas algum dia até isso pode não ser suficiente.”

“Vamos, Fortuna! Ajude um cara”, ele implorou, ignorando completamente isso. Cerrei os dentes e me afastei, sentindo seus olhos em mim o tempo todo.

Enquanto crescia, uma das regras mais rígidas dos meus pais era a contenção. Não usar nossos poderes a menos que fosse necessário. Mas papai não estava por perto para ver todos os pervertidos e idiotas com quem eu lidava diariamente. Às vezes, a contenção era superestimada.

No instante em que Ian abaixou a cabeça para cortar o bife, meu poder o cercou. Não era noite, mas devia estar perto o suficiente. A princípio, ele sentiu apenas uma leve pulsação atrás do olho. Ian hesitou, mas continuou cortando depois de um momento. A pulsação tornou-se uma batida forte. Eu praticamente podia ouvir seus pensamentos.

Poderia ser esse o tumor que ele temia ter durante toda a vida?

Encostei-me no balcão, incapaz de conter um sorriso. Durante anos eu resistiu em usar esse conhecimento. Mas o resultado valeu a pena esperar.

“É bom ver você, Fortuna.”

Virei-me e encontrei Gretchen Nelson parada atrás de mim. Ela era parceira de Bea nos negócios e na vida. Enquanto Bea era alta e corpulenta, Gretchen era baixa e magra.

Desde que a conheço, Gretchen lutava contra um distúrbio alimentar. Mas não era nisso que eu geralmente pensava sempre que estava perto dela — era na bondade inabalável de Gretchen. Foi ela quem convenceu Bea a me dar uma chance, seis anos atrás.

Passei meus braços em volta de seus ombros frágeis; Gretchen era a única humana que era uma exceção à minha regra de não tocar. Seu medo estremeceu através de mim.

Encontrar celulite nas coxas, não conseguir abotoar as calças, olhares de desdém de estranhos. Havia ansiedades que eram muito, muito mais profundas. Mas não era assim que meu poder funcionava.

Um grito repentino percorreu a sala e rapidamente nos separamos. Em sua mesa, Ian jogou algumas notas e passou correndo. Ele nem sequer parou para oferecer um último olhar malicioso ou insulto. "Oh céus. Espero que não haja uma emergência", Gretchen murmurou. Nós o observamos praticamente correr pela porta.

Escondi um sorriso. "Eu também."

Gretchen me deu toda a atenção novamente e eu me preparei. Mas ela não deu sermões nem pediu promessas, como Bea fizera. "Você falaria com Cyrus?

Ele tem estado bastante abalado desde que você saiu," ela disse suavemente.

O remorso encheu minha garganta e eu só fui capaz de assentir. A equipe do Bea's sempre cuidou de nosso cozinheiro autista. Ele parecia bem quando passei por ali mais cedo, mas fazia sentido que minha ausência fosse um problema.

mudança de rotina para ele. Não que eu tivesse escolha.

Alheia aos meus pensamentos sombrios, Gretchen sorriu e voltou para seu lugar atrás do bar.

Um dos outros servidores passou com uma bandeja cheia equilibrada na mão.

— De nada, a propósito, por se proteger esta semana — Angela murmurou baixinho. "Você realmente vai reservar uma mesa esta noite?"

Ela pagou a fiança do namorado pelo menos uma vez por mês, e eu cobri seus turnos tantas vezes que perdi a conta. Foi difícil invocar qualquer culpa. Eu sorri docemente.

“Prazer em ver você também, Angie.”

“Oh, meu Deus, é *Angela.* Quantas vezes você...

A voz de Cyrus cortou entre nós, gritando outra ordem. A campainha tocou, um som alto e puro. Foi um lembrete chocante do que eu estava prestes a fazer. Deixando Angela com sua série de reclamações, corri para o corredor dos fundos. Aromas saíam da porta aberta do domínio de Cyrus.

A graxa cuspiu e chiou. Bati na parede e enfiei a cabeça para dentro. “Ei, Cyrus. Voltei.

Como você tem estado?"

Ao contrário da maioria dos bares, a cozinha do Bea's era imaculada. O piso de cerâmica estava recém-lavado, a pia vazia, as prateleiras organizadas. Eu senti o poder subindo de Cyrus na primeira vez que o conheci, mas seja lá o que ele fosse, era uma aura que eu nunca tinha encontrado antes. Por fim, concluí que ele devia ser algum tipo de elfo, alguém que possuía dons específicos de limpeza e produtividade. Se existissem elfos.

Não foi surpresa que ele não tenha dado resposta. “Peça”, Cyrus chamou novamente, mantendo-se de costas para mim. *Ding.*

Eu não estava por perto naquela época, mas Bea me contou que ele costumava ter ataques de ansiedade quando os garçons lhe pediam para dizer essas duas palavras. A frase não parecia mais lhe causar problemas, mas era tudo o que os clientes ouviam de sua boca. Quando fui contratado, aos dezoito anos, ele levou seis meses para pronunciar uma palavra na minha presença. Outros seis por uma frase.

Consistência e paciência foram as chaves do coração de Cyrus Lavender.

Tentativamente, ultrapassei a soleira. “Escute… sinto muito por isso Eu saí assim. Não foi legal.”

O silêncio tomou conta da pequena sala. Uma coisa que aprendi sobre Cyrus ao longo dos anos foi que ele não mentiria. As respostas que as pessoas geralmente davam porque era esperado ou porque o normal não lhe ocorreu. “Você nos preocupou”, ele disse finalmente.

"Eu sei. Eu nunca faria vocês se sentirem assim de propósito.” Mas aparentemente meu amigo terminou de falar, porque sua única resposta foi jogar algumas cascas de ovos em uma lixeira ao lado da fritadeira. Estava quase transbordando e franzi a testa com a visão. Substituir as malas era tarefa dos garçons, e Bea uma vez deu instruções severas a Cyrus para nunca fazer isso por nós. Isso devia estar deixando-o louco desde que seu turno começou ao meio-dia. Não admira que ele estivesse de tão mau humor. “A Angela esqueceu de levar o lixo para fora ontem à noite?”

“Tinha um homem aqui perguntando sobre você”, Cyrus disse abruptamente, como se eu não tivesse falado. “Não reconheci o rosto dele, mas acho que ele estava conversando com Regina um pouco antes de alguém mandar ele ir embora.”

Regina Hart era a fofoqueira local. Parecia que toda cidade tinha uma, e ela era nossa.

Seu marido havia morrido há alguns anos, deixando para trás uma apólice de seguro de vida considerável, então ela passava a maior parte do tempo escutando na casa de Bea.

Mas estranhos perguntando sobre mim não era incomum; tanto homens quanto mulheres muitas vezes se encarregavam de descobrir quem eu era. Muitos deixaram números de telefone. Uma ou duas vezes, os agentes de talentos deixaram cartões. Para eles, eu era a próxima Marilyn Monroe, Audrey Hepburn ou Kate Winslet.

Eu estava prestes a responder quando um pouco de óleo escorregou pela lateral de uma panela quente.

Antes que eu pudesse avisar Cyrus, ele caiu no fogo. Uma chama explodiu do fogão. Ele morreu um segundo depois, mas foi o suficiente. Ciro recuou. Eu já estava em movimento quando ele bateu na parede oposta, protegendo a cabeça com os braços. Ele deslizou e ficou pressionado em um canto. “Cyrus, acabou,

acabou,” eu disse, ajoelhando-me ao lado dele. Todo o seu corpo tremia.

Sons suaves e cantos sem sentido saíram da minha boca. Lentamente, ousei tocar sua mão. Sardas cobriam cada centímetro dele, e eu me concentrei nisso em vez de no terror de Cyrus. De qualquer maneira, isso se espalhou por mim, imagens de um inferno estrondoso. Estudei o topo de sua cabeça, pensando em como as mulheres invejavam seu cabelo. Sob certas condições de iluminação, também parecia fogo. Se isso não era ironia, eu não sabia o que era.

Cyrus estava começando a se acalmar. Os tremores não eram tão violentos e seus suspiros irregulares haviam diminuído. A comida continuou cozinhando nos queimadores; já havia um leve cheiro de algo queimando. Gentilmente eu disse: “Se você precisar de uma folga da cozinha esta noite, ninguém ficaria chateado se você lavasse a louça ou limpasse a mesa. Gretchen sabe cozinhar.

Ele levantou a cabeça e olhou para o fogão por um momento. Então ele puxou sua mão, evitando meus olhos. "Não. Estou bem."

Depois de um momento de hesitação, assenti. Cyrus começou a se levantar e eu fui até a lata de lixo para tirar o saco. O líquido escorria do fundo. Ao ajustar minha pegada, notei uma segunda sacola, enfiada atrás da lixeira. Estava tão cheio que a comida velha estava prestes a cair nos ladrilhos. *Droga, Ângela.* “Cy, vou tirar isso, ok? Se você precisar de alguma coisa, me avise."

Ele assentiu. Eu odiava deixar Cyrus daquele jeito, mas suspeitava que ele queria ficar sozinho. Era um sentimento que frequentemente compartilhávamos. Então saí correndo da cozinha, tentando evitar que as sacolas pingassem no chão limpo, e empurrei a porta dos fundos com o ombro. As dobradiças rangeram.

A luz da lua brilhava no beco, refletindo na caminhonete de Bea. A caçamba de lixo esperava nas sombras, encostada no prédio. Soprei alguns fios de cabelo perdidos do olho e arrastei as malas escada abaixo. Alguém havia jogado fora uma faca em um deles e a ponta estava para fora. O plástico iria rasgar a qualquer segundo. Grunhindo, usei toda a minha força e joguei-o dentro.

Um pedaço de bacon caiu no meu ombro.

“Merda,” eu murmurei, desligando-o.

“Você escapa de um mercado negro cheio de traficantes de escravos e a primeira coisa que faz é voltar a trabalhar?” uma voz familiar perguntou.

Eu enrijeci. Parte de mim insistia que era uma alucinação ou uma ilusão — não havia nenhuma maneira de ele ter me encontrado aqui. Quando me virei, porém, lá estava ele. A fada do mercado negro. Ele estava ao lado da caminhonete de Bea, com as mãos enfiadas nos bolsos do casaco. Ele parecia diferente do nosso primeiro encontro. O glamour ainda estava lá, mas havia mudado. As características que eram indefinidas durante nosso primeiro encontro eram mais nítidas e brilhantes. A variação mais notável, entretanto, foi uma longa cicatriz em um lado do rosto. Arrastou o canto do olho esquerdo para baixo. De alguma forma, isso não diminuiu seu fascínio.

“Esses goblins não vão voltar. Eu me certifiquei disso. Além disso, ninguém mais vai pagar as contas”, acrescentei. Minhas bochechas estavam quentes. "Como você me achou? Você está me perseguindo agora?

"Dificilmente. Eu simplesmente queria falar novamente. Você gostaria de ajuda com isso?

Em resposta, levantei o segundo saco de lixo e joguei-o na lixeira também. Bati as mãos e o encarei diretamente. Não deixei de perceber que ele não havia explicado como sabia onde eu trabalhava. “Por que você estava fazendo perguntas a Regina sobre mim?” eu exigi

a seguir, somando dois mais dois. Cyrus mencionou um homem perguntando sobre mim.

“Não tenho certeza se você sabe disso, mas é considerado assustador quando você tenta aprender coisas sobre alguém sem falar diretamente com essa pessoa.”

Ele deu de ombros elegantemente. O riso veio da rua. “Na verdade, ela forneceu essa informação voluntariamente. Eu disse que estava lá para ver você. Ela começou a falar e não conseguia parar.

Tudo em seu comportamento não era ameaçador, mas o poder que emanava dele era ainda mais forte agora. Pareciam faíscas. Esta criatura não veio à casa de Bea para conversar.

“Ouça com atenção, porque só direi isso uma vez.” Falei como se tivesse uma navalha na boca, cortando e cortando a cada palavra.

“Eu não sou uma groupie das fadas e não gosto de pessoas que são fortes.

Tudo o que você quiser, você não conseguirá. Então vá embora e me deixe em paz.”

A fada me avaliou. “Vou respeitar seus desejos. Mas primeiro, gostaria de lhe dar uma coisa.”

Sinos de alarme dispararam na minha cabeça e todos os músculos do meu corpo ficaram rígidos. Se ele pegasse uma arma ou usasse magia, eu lutaria. Ninguém iria me levar de novo. “Você não tem ideia do que sou capaz”, avisei, me preparando.

“Claro que sim”, ele respondeu afavelmente, dando-me novamente aquele leve meio sorriso. “Você é um pesadelo. Sua espécie tem sido temida há tanto tempo que você foi caçado quase até a extinção. Seus corações são cobiçados como a fonte da juventude. Já faz muito tempo que não encontrei um poder como o seu, mas o reconheci instantaneamente.”

Ouvir a verdade em voz alta, como se ele estivesse falando sobre o tempo, me deixou sem fôlego. Se ele já tivesse descoberto o que eu era, nada do que eu dissesse o deteria.

Mas isso não me impediu de tentar. “Se eu te ver de novo, vou te matar”, consegui dizer.

Meus olhos vasculharam o beco ao nosso redor, na esperança de encontrar algo que eu pudesse usar contra ele. Então me lembrei da faca no saco de lixo.

Minha ameaça rolou para fora da fada como chuva caindo pelo telhado. Ele inclinou a cabeça, parecendo pensativo. “Não faço tais declarações levianamente, Fortuna Sworn, mas juro que não pretendo nenhum mal a você”, ele me disse. Fiquei em silêncio, ainda considerando o tempo que levaria para mergulhar na lixeira e pegar aquela faca.

Ele esperou por um momento ou dois. Quando ficou evidente que eu não responderia, a fada fez uma reverência. Ele se afastou sem mais comentários.

Então

muito por esse presente, pensei. Um carro passou pela entrada do beco, um flash de luzes e metal. Embora eu tenha pulado, a fada não vacilou. Seus movimentos eram graciosos e vagarosos, o que só irritava ainda mais; claramente nada representava uma ameaça para ele.

Isso teria que mudar.

Depois que ele dobrou a esquina e desapareceu de vista, fiquei ao lado da lixeira para ter certeza de que ele realmente havia sumido. A nova onda de adrenalina que corria por mim desapareceu lentamente. Sua ausência me fez cair contra a lixeira. Quase não notei o cheiro. Deus, eu estava cansado. Mas ainda havia uma longa noite pela frente e eu tinha me comprometido com uma mudança. Nunca quebrei uma promessa.

Então me endireitei, apertei meu rabo de cavalo e voltei para dentro.

As horas se arrastaram. Rostos e palavras se misturaram. Eu sorri, balancei a cabeça, me movi. Os pedidos se materializaram em meu bloco de notas e os pratos apareceram em minhas mãos. Na hora de fechar, por volta de uma da manhã, eu estava quase delirando. A música tocava na jukebox e as letras pareciam estar sendo cantadas debaixo d'água. Abaixei-me para esfregar uma cabine e alguém tirou o pano da minha mão. “Vá para casa, Fortuna”, ordenou Bea. Normalmente eu protestaria, mas desta vez só consegui dar um aceno de cabeça turvo.

Mais uma vez, entrei na van dos goblins e fui para casa.

Ocorreu-me que a fada poderia estar me seguindo, mas se ele já tivesse descoberto onde eu trabalhava, não havia sentido em tentar me esconder. Mesmo assim, eu olhava pelo espelho retrovisor de vez em quando. Não havia nada atrás de mim além de árvores e uma estrada de terra. As fadas dirigiam?

Concentrar-me na estrada esgotou toda a resistência que me restava. No momento em que estacionei a marcha e desliguei o motor, tive vontade de fechar os olhos e adormecer ali mesmo. Mas o ar cheirava a cerveja velha e corpos sujos, trazendo consigo lembranças indesejadas. Obriguei-me a sair e caminhar pela calçada. Na porta da frente, lutei para encaixar a chave. A escuridão pairava

nos limites da minha visão e tropecei em um esforço para permanecer de pé.

Meu pé pousou em algo duro e levantou. Balançando, olhei para baixo.

O luar refletia-se num espelho com bordas douradas que alguém deixara no tapete de boas-vindas. *Que diabos?* pensei cansado. Em qualquer outra noite, eu não teria tocado ou olhado aquela coisa sem saber exatamente de onde ela veio. Mas a cautela se desintegrou, junto com qualquer um dos meus instintos habituais. Inclinei-me para olhar no vidro, esperando ver meu próprio rosto.

Havia algo mais no espelho.

Nem meu rosto, nem o céu acima. A névoa da exaustão começou a se dissipar quando franzi a testa, peguei-o e o aproximei. Parte de mim pensou que eu estava imaginando a imagem, mas ela ainda representava um homem. Ele descansou de lado, de costas para mim. Havia cicatrizes cobrindo sua pele. Não de um chicote; estes eram muito curtos e profundos.

Como se pudesse sentir que eu o observava, o homem olhou por cima de seu amplo corpo.

ombro. Eu engasguei e quase deixei cair o espelho.

Foi meu irmão.

CAPÍTULO TRÊS

EUabri meus olhos para colinas e céus rosados.

Tudo o que eu tinha adormecido – o teto do meu quarto, a imagem das costas arruinadas do meu irmão, o sorriso zombeteiro da fada – não estava em lugar nenhum. O único sinal de vida era uma casa pequena e solitária próxima, onde estive lá muitas vezes ao longo dos anos. Porém, se eu tivesse conseguido, não estaria aqui agora.

Depois de ver Damon no espelho, eu imediatamente comecei a fazer as malas.

Demorei vários minutos para perceber que eu não tinha ideia de onde pretendia

ir. Não havia ninguém para torturar as respostas. Ninguém para me dizer quem havia saído do espelho, embora eu certamente tivesse uma teoria. *Eu gostaria de te dar algo.* Savannah, namorada do meu irmão e a única bruxa que eu conhecia, morava a horas de distância. De qualquer forma, eu não estava em condições de dirigir.

Eu não tive escolha a não ser ir para a cama. Eu teria pensado que dormir seria impossível, mas foi perturbadoramente fácil. Por mais que minha mente estivesse agitada, meu corpo estava ansioso por uma pausa. Pela primeira vez, venceu a guerra eterna.

Agora, a familiaridade deste lugar aliviou o aperto no meu peito. A sensação permanecia ali desde que os goblins me levaram, e eu me acostumei com sua presença. Agora minha respiração ficou mais fácil e, por um minuto, só consegui ficar ali, inspirando e expirando.

Quando me senti eu mesmo novamente, olhei em volta. Meus lábios se curvaram em um sorriso, uma sensação que eu não sentia há muito tempo.

Ao longe, havia uma figura. Ele ficou de costas para mim, uma brisa bagunçando seu cabelo dourado. Ainda de pijama, corri em direção a ele.

Minha melhor amiga.

Pena que ele não era real.

Oliver não me ouviu aproximar. À medida que me aproximava, movia-me mais silenciosamente pela grama alta. Ele continuou observando o pôr do sol atentamente. A linha de seus ombros estava tensa. Coloquei minhas mãos sobre seus olhos e o senti começar.

Ele agarrou meus pulsos com suas mãos grandes e girou. Instantaneamente, seu olhar quente e marrom me examinou em busca de feridas ou marcas. Às vezes eu os carregava comigo para esses sonhos. "Você está bem?" Oliver perguntou sem preâmbulos, um músculo saliente em sua mandíbula.

Enquanto ponderava a resposta para isso, não pude deixar de admirá-lo pelo que pareceu ser a milionésima vez. Seu cabelo era grosso e caía na testa em uma onda dourada perfeita. Suas maçãs do rosto eram tão esculpidas que, se ele

estivesse virado para a direita, as curvas de seu rosto pareciam um horizonte distante.

Tudo isso foi finalizado com uma boca carnuda e sensual que sorria rapidamente.

Mas ali, na ponta do nariz, havia uma leve mancha de sardas. Essa era minha parte favorita do rosto dele. Foi tão perfeito, tão humanizador, tão… Oliver.

Em vez de responder à pergunta que ainda pairava entre nós, fui direto para seus braços. Por um momento, ele ficou tenso e inflexível. Como sempre, porém, ele cedeu e me segurou com força contra ele. “Estou agora,” eu sussurrei.

Desde que me lembro, Oliver estava esperando o momento em que eu adormeci.

Em algum momento eu o nomeei, embora não conseguisse me lembrar como o havia escolhido agora. Talvez fosse de um filme ou livro. Ele cresceu comigo, centímetro por centímetro, ano após ano. Eventualmente, nossa amizade se transformou em algo mais.

Ele era a única pessoa em quem confiava, a única com quem eu poderia ser eu mesma.

Logicamente, eu sabia que o havia criado, seja com meu poder ou com minha mente. Ele era um mecanismo de enfrentamento para uma garota que havia perdido os pais.

Todas as noites que passamos juntos, uma voz mesquinha insistia que era hora de deixar ir e crescer. *Um dia,* eu contei.

Mas esse dia ainda não havia chegado.

Fiz um som de protesto quando Oliver se afastou para olhar meu rosto.

“Você ficou muito tempo sem dormir. Está tudo bem?" ele pressionou.

Se fosse qualquer outra pessoa, eu teria uma mentira na ponta da língua. Mas com Oliver, eu apenas balancei a cabeça silenciosamente. Eu me enfiei de volta no espaço entre seu braço e ombro. Ele estava vestindo uma camiseta e nossa pele roçou. Mesmo assim, permaneceu felizmente silencioso na minha cabeça.

Eu tive

nunca perguntei a Oliver do que ele tinha medo, nem em todo o tempo que passamos juntos. Eu não queria saber. Eu gostei de não poder.

Muito tempo se passou. Quando não respondi, Oliver abriu a boca para fazer mais perguntas.

Relutantemente, eu disse a ele: “Fui levado por traficantes de escravos. Eles tentaram me vender em um dos mercados negros.”

Antes que ele pudesse reagir, eu também contei a ele sobre a fada e o espelho, que suspeitei ser o presente que ele mencionou no beco. O momento disso foi muito coincidente de outra forma. Quando terminei, a raiva ardia nos olhos de Oliver. Ele fez um esforço visível para suprimi-lo, mas a visão foi surpreendente. Oliver era a pessoa mais calma e sensata que eu conhecia. “Presumo que os traficantes de escravos já estejam mortos?” ele perguntou uniformemente.

“Se não, eles estão desejando que estivessem.”

“Eu gostaria de ter estado lá”, disse ele entre dentes. "Proteger você. Para impedir que isso aconteça.

“Você tem alguma pintura nova?” — perguntei de repente, uma forma nada sutil de mudar de assunto. Eu não queria continuar revivendo os últimos três dias.

"Não. Eu não conseguia me concentrar,” Oliver disse incisivamente.

Quando éramos adolescentes, ele pediu uma foto minha. Embora eu não conseguisse trazer nada para os sonhos além de roupas, isso não o impediu. Na próxima vez que visitei, ele conseguiu evocar pincéis e telas. Ele começou com meu retrato. Em seguida pintou as colinas, as nuvens, o mar. Sua habilidade melhorou a cada projeto. Secretamente, fiquei feliz por ele ter descoberto algo pelo qual se apaixonar. Oliver não desapareceu quando acordei; ele estava sempre aqui, dia ou noite. Doeu-me pensar na existência solitária que criei para ele.

“Bem, por que não entramos? Você pode pintar, eu posso assistir”, sugeri esperançosamente. Era minha maneira favorita de passar o tempo. Os únicos

minutos ou horas em que senti algo parecido com paz.

“Fortuna, você não pode fingir que isso não está acontecendo,” Oliver insistiu, seu tom em desacordo com a serenidade do céu rosa. “Você deveria sair da cidade.

Não confronte a fada. O espelho não passou de um truque, e ele está contando com o seu desespero para encontrar Damon.

Minha paciência acabou. “Então você se lembra do nome dele. Ele é a razão pela qual não posso simplesmente ir embora, ok? Com ou sem truque, é a primeira pista do paradeiro do meu irmão em dois anos. Esta fada deve saber onde ele está.

“Exatamente, Fortuna. Damon se foi há *dois anos*. Sinto muito, mas ele não vai voltar. Foi você quem me contou como são as fadas. Este provavelmente descobriu sobre seu irmão desaparecido e está usando isso para conseguir o que quer. Seja lá o que for.

Uma resposta afiada subiu aos meus lábios, mas eu a engoli. Oliver era um sonho.

Não fazia sentido discutir com um sonho. Além disso, ele era tudo que me restava e eu não queria mais brigar.

Pegando Oliver de surpresa, segurei sua nuca e o beijei. Canalizei toda a minha dor e medo nisso, quase áspero em minha necessidade. Ele respondeu instantaneamente.

A tensão ao nosso redor se dissipou e se tornou algo completamente diferente. Ele agarrou minha cintura e me puxou ainda mais perto. Eu pulei, envolvendo minhas pernas em volta dele, moendo instintivamente.

Só assim, o beijo mudou. Oliver nos abaixou no chão e me colocou de costas. Sua boca ficou mais exigente, mais intensa. Eu não conseguia o suficiente de sua língua – ele tinha gosto de mel e ambrosia. Enterrei minhas duas mãos em seu cabelo, mas ele entrelaçou os dedos nos meus e os prendeu no chão. O comprimento do seu corpo pousou em cima de mim. Ele agarrou meus pulsos com uma mão, enquanto a outra passou por baixo da minha camisa. Ele deslizou

pelo meu torso até o peito, deixando um rastro de calor em seu rastro. Nosso beijo nunca quebrou.

Já podia sentir Oliver entre minhas coxas, duro e pronto. Meu primeiro instinto foi arrancar suas calças e implorar para que ele empurrasse dentro de mim, onde eu estava quente e latejante. Mas, bem na hora, outro instinto passou sussurrando. Uma leve sensação de que isso não estava certo. Se era o lugar ou a pessoa, eu não sabia.

Eu não deveria estar pronto agora? Isso deveria importar tanto? De qualquer forma, eu não tinha certeza se fazer sexo em um sonho contava.

Apesar desses pensamentos, o sentimento não iria embora. Eu sabia que ele ficaria ali, pairando como uma névoa venenosa. Oliver finalmente se afastou, respirando pesadamente. Seus olhos fizeram a pergunta. Mordi o lábio, a culpa expulsando o prazer. “Sinto muito”, eu disse em voz baixa. "Ainda não."

Cada vez que o rejeitei, esperava mágoa ou raiva. Em vez disso, Oliver sorriu, revelando suas covinhas. Uma brisa agitou seu cabelo. Ele nunca esteve mais bonito.

"Pelo menos deixe-me satisfazê-lo."

Eu hesitei. “Isso não seria exatamente justo com...”

“Tenho satisfação em observar você”, disse ele com firmeza. Com dedos hábeis, ele deslizou minha calcinha para baixo. Meus débeis protestos se acalmaram. Primeiro, ele esfregou círculos lentos com a ponta do polegar, até que eu estava me contorcendo e



choramingando. Então, sem aviso, Oliver baixou a cabeça e me lambeu.

Eu suspirei. Um grunhido baixo retumbou através dele. Sua boca me reivindicou completamente, sugando e provocando. Gemendo, abri mais as pernas e arqueei as costas. O mundo se restringia a ele e à sensação que crescia dentro dele. Cada vez mais alto, cada vez mais quente.

O orgasmo me deixou fraco e trêmulo. Depois disso, só consegui ficar ali deitado, respirando com dificuldade. Oliver voltou para o meu lado e se esticou na grama.

Assim que consegui me mover, me enrolei contra ele. Minhas pálpebras tremeram. Oliver segurou minha cabeça, tão gentilmente como se ela fosse quebrável. “Vá em frente”, ele insistiu com ternura. "Descansar. Estarei bem aqui. Você está seguro."

Eu estava relutante em fechar os olhos, no entanto. Olhei para ele, pensando que ele era a criatura mais linda que eu conhecia. Talvez eu tenha me inspirado nas obras de arte gregas da minha mãe quando o sonhei.

O objeto da minha adoração olhou para baixo e me pegou olhando. Sua sobrancelha arqueou. “Durma”, ele repetiu, desta vez com mais severidade. O mundo estava entrando e saindo de foco. Balancei a cabeça contra ele. Oliver olhou para cima novamente e eu segui seu olhar. O céu brilhava com estrelas dispersas.

As histórias da minha mãe ecoavam na minha cabeça, lendas gregas que terminavam em constelações e deuses silenciados.

Pela primeira vez em dias, caí num sono profundo e sem sonhos.

O canto dos pássaros finalmente me tirou da escuridão. Por um ou dois minutos, lutei para ficar ali. Mas a luz do sol entrava pela janela, deixando o interior das minhas pálpebras vermelho brilhante. Relutantemente, eu os abri, meio que esperando ver Oliver e as colinas. As quatro paredes do meu quarto olhavam para trás.

Suspirando, concentrei-me sonolenta no despertador. Eram seis horas da tarde; meu turno começou em uma hora. Resisti à vontade de enterrar a cabeça debaixo das cobertas e voltar para Oliver.

Quarenta e cinco minutos depois, Bea sorriu quando entrei pela porta da frente.

Ela e Gretchen estavam atrás do balcão, os braços tocando-se levemente.

“Olhe para você, toda de olhos brilhantes e cauda espessa”, disse Bea como forma de saudação. A gaveta da caixa registradora estava aberta e ela segurava um maço de dinheiro na mão. “É uma boa mudança em relação a ontem. Você nos deixou preocupados.

Ao lado dela, Gretchen cortava um limão em pedaços pequenos e precisos.

Sem levantar os olhos, ela inclinou a cabeça e me disse: “Tem alguém aqui para ver você.

Novo namorado?"

Angela bufou ao passar com uma bandeja cheia de saleiros e pimenteiros. Todos a ignoraram. Virei-me para ver de quem Gretchen estava falando, mas parte de mim já sabia pela sensação de formigamento na minha pele.

A fada estava perto do bar.

Ao vê-lo, meu primeiro instinto foi fazer algo violento — a imagem das costas arruinadas de meu irmão ainda estava fresca e vívida. Mas havia muitas testemunhas aqui, muitas que interviriam se eu tentasse arrancar-lhe as respostas. Sorri para tranquilizar Gretchen, que estava nos observando de perto. Satisfeita, ela se virou para nos dar uma aparência de privacidade. Ela falou com Bea em voz baixa.

Assumindo uma aparência de calma, caminhei em direção à fada. Embora ele deva ter sentido a tempestade de poder ao meu redor, sua postura não mudou. Ele apoiou os antebraços nas costas de uma cadeira e me observou me aproximar. “Você gostou do meu presente?” ele perguntou assim que eu estava ao alcance da voz.

As palavras confirmaram minhas suspeitas e meu controle foi quebrado. Eu pulei na fada tão rapidamente que ele não teve tempo de se defender. Num piscar de olhos, eu o coloquei contra o balcão e a ponta de uma faca de carne em sua garganta, que eu havia arrancado da bandeja de talheres atrás dele. “O que você fez com meu irmão, seu filho da puta?” — sibilei, esquecendo-me das testemunhas ou das aparências.

A fada não parecia com medo, e a ausência de uma reação tão familiar me fez parar.

Minha palma pressionou sua clavícula, onde a pele era lisa e inesperadamente fria. Mas não havia nenhum sabor na minha língua, nenhuma imagem na minha cabeça. Fiquei tão chocado com a constatação que quase deixei cair a faca.

Ninguém pareceu notar ou se importar com a comoção – a fada deve ter lançado um feitiço sobre nós. Gretchen ainda falava baixinho e Angela havia terminado de guardar os shakers. Ela agora estava preocupada em ajustar os seios, tentando encaixá-los em um sutiã dois tamanhos menor.

Franzindo a testa, encarei a fada novamente. Ele não tirou os olhos de mim. Uma explosão de fúria passou por mim como um furacão, e enterrei minhas unhas em sua carne. Pequenas manchas de sangue se espalharam pelo tecido de sua camisa. Ainda sem sabor ou visões.

Notando minha perplexidade, a fada murmurou: “Não sou tão transparente, Fortuna Jurada. Você deve cavar um pouco mais fundo para descobrir *meus* medos.”

"O que você está?" Eu sussurrei, estando tão perto que sua respiração fez cócegas em minha bochecha. Era um cheiro estranho, mas agradável, de especiarias e terra recém-batida. Algo se agitou dentro de mim, baixo e quente.

A fada também sentiu isso. Quando ele falou novamente, sua voz estava mais grossa, seus olhos mais escuros. “Sou exatamente o que você pensa que sou.”

“Angela, um dos seus filhos está ao telefone!” Gretchen ligou, assustada meu.

A ruiva se apressou. Ela nem sequer olhou em nossa direção enquanto tirava o telefone fixo do gancho. "Sim?" Ângela suspirou. Ela puxou o cabelo oleoso para trás. “Não, Noah, eu já te disse isso um milhão de vezes. Coloquei o controle dos pais lá por um motivo. Por favor, confie em mim, ok? É para o seu próprio bem.”

Voltei minha atenção para a fada. A súbita onda de luxúria desapareceu quando, mais uma vez, a imagem das costas destruídas de Damon veio à minha mente. Agora a culpa e o nojo correram pelas minhas veias, mais poderosos que a

atração, e eu me afastei. A faca permaneceu na garganta da fada, no entanto. “Onde está Damon?” Eu perguntei entre dentes.

Aparentemente imperturbável, ele continuou examinando cada faceta e curva do meu rosto. “Seu irmão está vivo, mas você o encontrará muito alterado.”

“Eu perguntei *onde* ele está, seu pedaço de merda, não *como...*”

“Você pode ser poderoso, mas eu não sou um goblin.” No espaço de um piscar de olhos, a fada desapareceu. Ele reapareceu a poucos metros de distância e o sangue em sua camisa desapareceu. Era óbvio agora que ele estava brincando comigo, permitindo que eu o segurasse contra o bar. Ainda assim, ele teve o cuidado de não revelar toda a extensão de suas habilidades. O desconforto percorreu minha mente, um leve sussurro de que eu não poderia vencer essa criatura. Ele não era uma fada comum, isso era óbvio. Dei um passo em direção a ele. Meu aperto foi ainda maior na faca.

“Antes que você tome qualquer decisão precipitada, devo mencionar que não fui eu quem o levou”, acrescentou a fada casualmente. Seu olhar não se afastou do meu.

Com isso, fiz uma pausa. Afinal, as fadas não podiam mentir. Procurei seus olhos, mas eles não revelaram nada. “Tudo bem, eu vou morder,” eu rebati. Meu coração parecia um animal frenético tentando se libertar de sua jaula; pela primeira vez em dois anos, eu estava perto de descobrir onde Damon estava.

“Se você não o levou, quem foi?”

"Tudo em bom tempo."

Minhas narinas dilataram-se com a dispensa e lutei contra a vontade de mergulhar nele novamente. “Você leva muito soco? Você parece o tipo de fada que leva muitos socos.”

Os cantos de sua boca se contraíram. "Não necessariamente. Isso exigiria realmente me pegar.

"Observado. Agora, o que você quer? Eu perguntei novamente, de alguma forma sabendo disso desta vez, eu obteria uma resposta.

"Você."

É claro que eu já esperava por isso, mas a resposta dele foi tão ousada que, a princípio, só consegui piscar. Assim que comecei a falar – ainda sem saber o que iria sair – a porta da frente se abriu e Regina Hart entrou pesadamente. O glamour ainda devia estar intacto, porque ela não engasgou ao me ver brandindo uma faca. Ela, no entanto, lançou à fada um olhar longo e apreciativo.

Revirei os olhos. Quando olhei para frente novamente, a fada arrancou a faca e colocou-a no balcão atrás de nós. Isso o aproximou tanto que seu pescoço ficou a centímetros da minha boca. O ar invernal saiu dele. Ele recuou novamente, sorrindo levemente. O idiota sabia exatamente que tipo de efeito ele tinha sobre mim. “Desejo fazer um acordo, Fortuna Sworn”, declarou ele.

De repente, todo instinto que eu gritava para fugir. Só isso já deveria ter sido suficiente para eu fazer as malas e dirigir para muito, muito longe de Granby. Mas então me lembrei do espelho, das cicatrizes, do vazio nos olhos do meu irmão. Perguntei com firmeza: “Que tipo de barganha?”

“Eu vou levar você para Damon Sworn. Em troca, peço uma coisa.”

“Chega de drama”, eu sibilei. “Em troca de quê?”

Mais uma vez, a fada me olhou nos olhos. Sob essa luz, eles pareciam mais pretos do que cinza ou castanho. Ainda lindo, seja qual for a cor. Me sentindo uma covarde, concentrei-me em suas pálpebras. Mas suas próximas palavras me fizeram esquecer tudo isso, e meu olhar chocado voltou para o dele.

“Case comigo”, disse ele.

CAPÍTULO QUATRO

D Durante nossa conversa, dois homens começaram uma partida de sinuca. Enquanto olhava boquiaberto para a fada, tive vaga consciência de duas bolas tilintando uma na outra. Em minha mente, eu os vi voando pelo feltro verde e caindo em compartimentos opostos. “Você é louco,” eu finalmente consegui dizer.

“Ou isso ou há algo que você não está me contando. O que, a julgar pela minha

experiência com a sua espécie, é igualmente provável. Por que eu? Por que casamento?

A fada ignorou isso. Ele inclinou a cabeça de um jeito que já era tornando-se familiar. “Eu soube no momento em que coloquei os olhos em você.”

O pânico estava se expandindo em meu peito, fazendo-o sentir um aperto. Sem me importar se o glamour ainda estava em vigor ou se eu ainda tinha um turno para terminar, passei e corri em direção à porta. Em segundos a fada se materializou na minha frente. Parei bruscamente, respirando com dificuldade. As pessoas ao nosso redor ainda não pareciam notar nada de errado. “Diga-me o que você acha que sabe”, rosnei. Eu estava mais assustado do que nunca – ainda mais do que na noite em que fui levado por goblins – e isso me deixou perplexo.

“O que poderíamos fazer juntos.”

Eu zombei. “Que fada. Você pensou que a melhor maneira de me ter era através da manipulação e da conversa sobre poder? Você não me conhece de todo. Acho que você não aprendeu o suficiente com Regina.”

Mais uma vez, corri ao redor dele. Embora a fada não tenha interferido nisso vez, ele ainda me seguiu. “Independentemente disso, preciso da sua resposta”, disse ele.

Na minha pressa, a porta bateu violentamente contra os tijolos. Corri pela calçada, lembrando tarde demais que as chaves da van estavam no meu armário. Eu também não poderia deixar Bea com poucos funcionários. Mas eu continuei, parando

só quando a calçada aparecia. Meus dedos dos pés espiaram pela beirada do meio-fio.

Felizmente, não havia muitas pessoas para testemunhar meu voo selvagem; as empresas fecharam cedo por aqui.

O sol estava quase desaparecendo agora. Uma luz fraca e rosada tocava as fachadas das lojas de Granby. Apertei os olhos para o horizonte, na esperança de captar o momento em que o dia deu lugar à noite. Sempre pareceu calmante, de alguma forma. A fada moveu-se para ficar ao meu lado. Falei sem olhar para ele.

“Você quer minha resposta? Aqui está. Vá se foder. Não farei nenhuma barganha hoje.”

“Mesmo às custas do seu irmão?” ele perguntou, embora não parecesse surpreso.

“Vou encontrá-lo sozinho.”

Ele não respondeu. Uma brisa agitou mechas do meu cabelo e das copas das árvores distantes. O movimento chamou minha atenção para eles e pensei no quanto aquela floresta havia tirado de mim. Minha liberdade, meu irmão. Eu lutei e recuperei um. Eu sacrificaria tudo pelo outro também?

Numa noite de inverno, quando eu tinha sete anos, minha mãe teve que dar uma aula e meu pai entrou no trânsito. Eles me pediram para cuidar de Damon por uma ou duas horas, só até ele chegar em casa. Mas um amigo me convidou para uma festa do pijama. Embora eu devesse estar cuidando de Damon, fui mesmo assim. Ele acordou e se viu sozinho. Apavorado, meu irmão de seis anos saiu de casa para me procurar, vestido apenas de pijama. Um de nossos vizinhos o pegou na beira da estrada. No dia seguinte, meus pais o levaram ao hospital, onde foi tratado de um caso grave de pneumonia. Enquanto ele estava deitado naquela cama, eu nunca saí do seu lado. Foi então que minha mãe disse as palavras pelas quais eu viveria a partir daquele momento.

Vocês precisam cuidar um do outro, ela sussurrou. Senti seu dedo em minha bochecha, vi seu rosto redondo sob a luz da lua.

Durante minha descida à memória, a fada permaneceu em silêncio. Voltei à realidade, piscando rapidamente para o sol, que agora era um raio. Havia um nó na minha garganta. Engoli, sabendo que a correria do jantar havia começado. Bea estaria se perguntando onde eu estava.

Eu estava prestes a me virar quando a voz da fada veio até mim como um espírito.

“Não estou tentando ser cruel, Fortuna, mas encontrá-lo sozinho é impossível.”

Virei-me para encará-lo, com as sobrancelhas levantadas em desafio. "Por que? Porque ele está em Faerie?

“Faerie é outro mito humano. Esse lugar não existe.” Ele pareceu divertido com o pensamento. Comecei a passar por ele e a luz em seus olhos se apagou. A fada agarrou meu ombro para me parar, sua expressão sóbria, e eu me afastei. "Peço desculpas. Eu não estava zombando de você.

“Posso voltar ao trabalho agora?”

“Eu não sou o tipo de criatura que leva uma mulher contra a vontade dela,” ele disse como se eu não tivesse falado. Deixei escapar um suspiro impaciente. “Reivindicar um companheiro contra sua vontade não será agradável para nenhum de nós. Portanto, se você mudar de ideia, saiba que sua parte no trato não é apenas participar de uma cerimônia.

Eu esperaria que você participasse de nossa vida juntos.

Meu rosto esquentou. “P-participar?”

"De fato. No entanto, não espero dividir a cama até que você esteja pronto —

acrescentou. Seus olhos se enrugaram nos cantos, o início de outro sorriso, mas não exatamente.

“E se isso nunca acontecer?” Felizmente, minha voz não traiu o calor que se espalhava por mim.

Agora ele sorriu, lento e sensual. Como se ele soubesse de qualquer maneira, o bastardo arrogante. “Suspeito que uma existência celibatária não seja para nenhum de nós, mas se for esse o caso, existem outras maneiras de desfrutar da companhia um do outro.”

Pela terceira vez, empurrei a fada. Finalmente, ele me deixou ir. O sol seguiu em frente, deixando trevas e monstros governando esta metade do planeta.

As luzes da rua guiaram o caminho de volta para a casa de Bea. Na porta, parei e olhei para trás. Ele ainda estava lá, observando, esperando. Levantei a voz para que ele pudesse ouvir.

“Eu quis dizer o que disse. Nenhuma pechincha. Nunca!"

Embora a fada não se mexesse, as palavras vieram até mim com clareza. Eles

acariciaram a pele macia logo abaixo da minha orelha. “Se chegar um momento em que você se sinta diferente, tudo o que você deve fazer é dizer meu nome.”

“Isso vai ser difícil de fazer, considerando que você não me contou o que é”, gritei de volta. Havia um desafio nas palavras; Eu sabia que o nome de uma fada era sagrado.

Outra pausa. Era difícil vê-lo agora, mas havia a leve sensação de dedos fantasmagóricos percorrendo minha pele. Então, um momento depois, veio sua resposta. “É Collith,” ele respirou. Um choque passou por mim, impulsionado pelo fato de ele ter dado isso tão livremente. Antes que eu pudesse falar, a fada se transformou em um redemoinho de folhas mortas e uma brisa as levou embora.

Dramático... mas teve o efeito que ele provavelmente pretendia. Não pude evitar a admiração que senti diante dessa demonstração de poder. Isso era mais que glamour.

Quem *era* ele? Uma das primeiras fadas, talvez? Mas isso o tornaria com milhares de anos. A perspectiva era assustadora demais para ser aceita.

Depois que Collith se foi, me permiti mais um momento ou dois.

Fechando os olhos, respirando profundamente, procurando qualquer veia de força inexplorada. Depois apertei o rabo de cavalo e voltei para dentro, onde clientes impacientes e empregadores preocupados esperavam.

Ao contrário da noite anterior, eu estava ciente de cada minuto e hora que passava.

Ian O'Connell estava de volta, desta vez um pouco mais moderado. Mesmo assim, seus olhos me seguiram a noite toda – eu podia senti-los entre minhas omoplatas, na minha bunda, subindo e descendo pelas minhas pernas. No entanto, toda vez que eu me virava em sua direção, ele olhava para outro lugar. Ele não poderia suspeitar que eu tivesse algo a ver com seu colapso, mas meus instintos estavam em alerta. Tentei não curvar os ombros nem demonstrar que estava afetada pela intensidade de seu foco.

O turno do jantar passou e Bea ficou mais ocupada. Tão ocupado que esqueci

Ian, a fada, os goblins, Oliver e Damon. Só havia pressa entre a janela de pedidos e as cabines, contando o troco do meu avental e mantendo um sorriso colado no rosto. Foi diferente da noite passada, quando eu estava sem sono e em carne viva. Agora havia algo de reconfortante nos movimentos familiares e na monotonia de servir. À uma da manhã, eu me sentia mais eu mesmo do que há dias. Como se talvez os traficantes de escravos não tivessem me destruído completamente.

Desde que meus pais morreram, nunca fui verdadeiramente feliz. Depois que Damon desapareceu, isso se tornou ainda mais verdadeiro. Mas antes de ser levado por aqueles traficantes de escravos, consegui encontrar momentos de algo semelhante.

Contentamento, talvez, ou esperança. Esta noite senti a agitação novamente e meus pés não pareciam tão pesados. Dane-se aquela fada autoconfiante; ele não iria vencer.

Até agora, eu sobrevivi a tudo que aconteceu em meu caminho. Isso não seria diferente.

“Boa noite”, gritei para Cyrus, que não deu nenhuma indicação de ter ouvido falar.

Bea e Gretchen acenaram de onde dançavam lentamente em frente à jukebox. Angela deliberadamente virou as costas. Ariel, que já havia mostrado sinais de melhora, despediu-se alegremente.

Saí da casa de Bea mais uma vez, segurando as chaves e a maça em mãos. Mas não havia sinal de Ian ou Collith. Granby se sentiu... calmo. Normal. A lua emergiu e brilhou sem ser impedida pelas nuvens. Um vento forte fez folhas voarem pelo ar como pássaros. Eles me fizeram pensar no adorável

rebanhos no mundo de Oliver – eu os veria em breve. Com um simples sorriso, entrei na van e fechei a porta, trancando-a por segurança.

Meu sorriso morreu quando vi o espelho de Collith. Ele brilhava no banco do passageiro, onde o deixei no início do meu turno. Parte de mim ansiava por ter outro vislumbre de Damon, parte de mim estava com medo. Cerrei os punhos. Disse a mim mesmo para virar as chaves e ir para casa. Adormeça nos braços de

Oliver novamente. *Escolha a felicidade, Fortuna.*

Parecia que eu estava observando a mão de outra pessoa alcançar o espelho.

No início, não havia nada para ver. Apenas meu próprio rosto pálido e contraído. Mas então o vidro embaçou, como se eu tivesse respirado com muita força. Agora havia movimentos e formas vagas. Meu coração batia forte enquanto esperava a imagem ficar clara.

Desta vez, Damon estava chorando.

Ele estava sentado no meio de uma cama enorme, apoiando os joelhos contra um peito pálido e ossudo. Ele estava completamente nu, pelo que pude perceber. Ele não soluçou, nem falou, nem se mexeu. Em vez disso, suas lágrimas silenciaram. O tipo de dor que não poderia ter voz, ou se tornaria tão grande, tão alta, que rasgaria você por dentro.

Ele olhou para frente, como se estivesse esperando por alguma coisa.

No subsolo, pensei vagamente. *Ele está no subsolo.*

Lágrimas escorriam pelo meu próprio rosto. Pensei naquela jaula em que os traficantes de escravos me colocaram, na sensação de impotência que senti. Ver alguém que eu amava com tanta dor foi muito pior.

Só que desta vez havia algo que eu poderia fazer.

Segundos depois, a imagem desapareceu. Mesmo quando ele acabou, fiquei sentado lá e olhei para o vidro. Uma calma estranha e fria tomou conta de mim. Quaisquer pensamentos sobre felicidade ou escolhas já se foram. Com uma respiração trêmula, coloquei o espelho de volta no banco do passageiro, como se fosse uma criança.

De repente, a porta da casa de Bea se abriu. Uma risada ecoou e avistei o cabelo brilhante de Ariel. A cabeça igualmente vibrante de Cyrus apareceu ao lado dela.

Depois veio Angela, seguida por Bea e Gretchen, cujos braços estavam abraçados. Minha família improvisada. Alguém tocou música em seu telefone enquanto eles caminhavam pela calçada. Um nó cresceu na minha garganta. Antes que qualquer um deles pudesse me notar, girei a chave na ignição, ouvi o

motor capotar, mudei de marcha e dirigi para casa.

Árvores e estrelas passaram borradas. Concentrei-me nisso, em tentar memorizar isto: minha última noite de liberdade. Eu já podia sentir uma jaula se aproximando. Logo a van estava rolando e batendo na calçada. Estacionei e resisti à tentação de sentar ali; Damon mal podia esperar.

Movendo-me rapidamente, como se quisesse fugir de dúvidas, saí e fechei a porta. O

som ecoou pela quietude. Mas dentro de mim parecia que havia um ninho de vespas fervilhando e zumbindo. Por um minuto andei de um lado para o outro, tentando pensar em outra maneira. Mesmo que Savannah conseguisse localizar Damon com um feitiço – o que ela já havia tentado inúmeras vezes – não era realista pensar que eu poderia enfrentar seu captor sozinho. Meu poder tinha seus limites.

Finalmente parei e olhei para as árvores; parecia lógico que a fada viria daquela direção. Cerrei os dentes e me forcei a dizer isso.

“Collith.”

“Um pouco mais alto, por favor.”

Sua voz veio de trás e foi tão imediata que ele não poderia estar longe. Virei-me em direção a ele, uma carranca instantânea torcendo meu rosto. A fada encostou-se na van, com os braços cruzados. Procurei qualquer traço de presunção em sua expressão, mas ou estava bem escondido ou ele realmente não gostou disso. “Apenas me leve até meu irmão,” eu retruquei.

“Esse não foi o nosso acordo. Cerimônia primeiro, depois Damon Sworn.”

A fada se aproximou e estendeu a mão. Olhei para ele, desejando voltar atrás. Seus dedos eram tão pálidos, tão elegantes.

Lindo. Mas meu próprio rosto era a prova de que não se podia confiar na beleza. À medida que os segundos se transformavam em minutos, forcei-me a imaginar Damon. Ele precisava de mim agora. Não houve tempo para hesitação ou covardia. Ainda assim, não peguei a mão oferecida pela fada.

"O que te faz tão especial?" Eu deixei escapar. A fada inclinou a cabeça, franzindo a testa em confusão. Fiz um gesto vago que pretendia abranger o mundo. Os grilos continuaram sua serenata tranquila, alheios à tensão. “De todos os homens que me atacaram, foram gentis comigo ou me interessaram. De todos os homens que foram atraentes, inteligentes ou decentes. O que faz de você aquele a quem eu deveria me vincular para sempre?

A fada baixou a mão e enfiou-a no bolso do casaco. Uma brisa assobiou entre nós enquanto ele considerava minha pergunta. Eu gostei daquilo. A maioria das pessoas ouviu, mas não ouviu. Por fim ele respondeu: “A primeira coisa que você

deveria entender é que não sou um homem. Que não haja ilusões sobre isso. Não tenho instintos ou desejos humanos.”

Eu fiz uma careta. "O que isso significa?"

“Isso significa que eu matei”, ele respondeu com naturalidade. “Isso significa que estou constantemente dividido entre a civilidade e a ferocidade. Significa que não quero você como esposa, mas como companheira. Quanto ao motivo pelo qual você deveria me aceitar, acima de todos os outros, considere isto. Eu sei exatamente o que você é... e acho isso magnífico. Seus inimigos são meus inimigos. Meu poder é o seu poder. Se nada mais, que esse seja o motivo.

Aparentemente a fada estava acabada. Ele inclinou a cabeça novamente e me estudou.

Suas palavras causaram intriga e medo. Mas ele estava certo ao dizer que seria uma enorme vantagem tê-lo como aliado. Eu também estava curiosa para saber como seria estar com um homem que não fosse Oliver ou cujos medos passassem pela minha cabeça como um carro fora de controle. No final das contas, porém, eu sabia que não queria isso. Não havia amor entre mim e esta criatura, e se eu fosse com ele, estaria escolhendo uma vida totalmente diferente daquela que meus pais queriam para mim. Daquele que uma vez imaginei para mim.

Vocês precisam cuidar um do outro, sussurrou a voz da mamãe. Seu rosto encheu minha mente, triste e preocupado. Eu teria feito qualquer coisa para fazer aquele olhar desaparecer. Eu ainda faria.

“Tudo bem”, eu me ouvi dizer. A palavra era quase inaudível, mas a fada a ouviu mesmo assim; ele estendeu a mão novamente. Desta vez, antes que pudesse reconsiderar, aceitei.

Parte de mim esperava que o aperto da fada aumentasse instantaneamente. Em vez disso, permaneceu solto e gentil, como se ele ainda estivesse me dando uma chance de mudar de ideia. Sua pele estava tão gelada quanto eu me lembrava. Ainda não havia nenhum indício de medo, nenhum sabor na minha língua, e eu não tinha certeza se ainda achava isso irritante.

Esperei que a fada se movesse – erguesse-se no ar como um grande pássaro ou usasse magia para fazer com que nós dois desaparecêssemos – mas ele fez uma pausa novamente.

“A honestidade não faz parte da minha natureza, mas antes de prosseguirmos, você deve saber o que está arriscando”, disse ele.

“O que estou arriscando?”

“Sua vida”, ele me disse sem rodeios. “Não será fácil recuperar seu irmão. Existem limites para o quanto posso fazer. Se entrarmos no local onde seu irmão está detido, existe a possibilidade de você não sair.”

Eu encontrei seu olhar. “Precisamos de mais alguém para esta cerimônia?

Devíamos começar.

Minha resposta simples deixou claro o quanto eu me importava com qualquer perigo potencial. A fada se virou, mas ainda captei o pequeno sorriso em seus lábios.

Mais uma vez, reprimi uma sensação de desconforto. O rosto marcado pelas lágrimas do meu irmão apareceu diante de mim. Saímos da van e caminhamos pelo quintal. Eu deixei a grama cair neste verão e fios secos e quebradiços faziam cócegas em minhas pernas. A fada me levou para as árvores. Em apenas alguns passos, parecia que havíamos entrado em outro mundo. Este foi feito de escuridão e luar. Uma coruja piou ao longe. Exceto por isso, tudo estava silencioso e imóvel. Até o vento se acalmou. Galhos nus se estendiam e se enroscavam no alto, lançando sombras intrincadas no chão coberto de folhas.

“Por que estamos aqui? Existe mais poder na natureza ou algo assim?” Perguntei. Minha voz parecia alta e abrasiva.

A fada me encarou. Ficamos na menor das clareiras, uma plateia de estrelas observando de cima. “Sim, mas não é por isso que estamos aqui. Eu só não queria me casar com você na entrada de uma garagem — ele disse secamente.

Ele estendeu a outra mão agora. Esperei. Querendo que isso acabasse, aceitei sem hesitação. A fada continuou, suas palavras suaves, mas enérgicas.

“A cerimônia só terá efeito se você for sincero, por isso farei meus votos em outra língua. Você deve fazer o seu na linguagem que lhe parecer mais verdadeira.”

Antes que eu pudesse responder, um som veio da floresta. A fada franziu a testa e se torceu ligeiramente, provavelmente usando seus sentidos aguçados. No momento em que ele virou as costas, peguei meu celular, corri para encontrar o aplicativo de vídeo e apertei o ponto vermelho que iniciaria a gravação. Então coloquei-o de volta no bolso.

A fada voltou a se concentrar em mim. Ele não pareceu notar nada de errado.

Quando eu não disse nada, ele começou seus votos. Foi tão surpreendente que dei um pequeno pulo. Era isso? A cerimônia mágica que nos uniria permanentemente? Eu não tinha ideia do que ele estava dizendo, o que parecia estranho, considerando que se tratava essencialmente de um casamento. As palavras que ele usou eram musicais e complexas. Mas não havia dúvidas sobre a ternura e a intimidade com que ele as falava. Aos poucos, percebi que ele falava Enochiano – a língua dos anjos.

Enquanto ele falava, meu instinto mais forte foi desviar o olhar. De alguma forma, porém, consegui manter meus olhos nos dele. Pela primeira vez, notei manchas de

ouro em seus olhos, vívido ao luar. Como pedaços de seiva endurecida presos dentro de uma árvore. Depois de outro momento, a fada parou de falar. Minha vez, então. Lambi meus lábios. Mesmo quando menina, nunca pensei no que diria neste momento. O que eu poderia oferecer que não fosse mentira?

“Eu prometo... ser fiel”, eu disse hesitante. “Para sempre te contar o verdade. Para evitar que você se machuque com o melhor de minha capacidade.

Os votos pareciam inadequados. Eu vacilei, procurando algo mais para acrescentar. Mas eu não poderia prometer ser apaixonado, amoroso ou gentil. Eu não poderia nem dizer que ficaria com ele pelo resto de nossas vidas. A realidade é que eu não conhecia esta criatura; ele poderia revelar violência ou crueldade.

Por mais infeliz que eu estivesse agora, recusei-me a ser infeliz.

Minha luta óbvia não pareceu incomodar a fada. Em vez disso, seus olhos estavam mais brilhantes do que eu já tinha visto. Meu marido – não, meu companheiro – sorriu novamente.

Não havia nada de divertido ou secreto nisso. Ele parecia mais jovem, como um menino que acabara de receber um presente há muito esperado. Isso me fez pensar se, apenas talvez, isso não seria um grande erro. Quando não continuei, ele murmurou: “Escolhi bem”.

Tentando esconder qualquer desconforto, limpei a garganta. Lutei contra a vontade de livre-se de seu toque. “É isso então? O que agora?"

“Nós nos beijamos, é claro. Você não deveria saber essa parte? Você não esteve vivendo entre humanos?”

De alguma forma, não fiquei surpreso. Pela primeira vez, porém, eu queria ter vantagem sobre essa fada. Então ignorei minha ansiedade e estendi a mão para puxar seu rosto para o meu. A fada emitiu um som de surpresa no fundo da garganta.

Ele se recuperou rapidamente. Em segundos, uma de suas mãos segurou minha nuca, enquanto a outra desceu até a parte inferior das minhas costas, me puxando para mais perto, até que cada parte de mim estivesse pressionada contra ele. Seu corpo era magro e duro, mas a fada era mais gentil do que eu esperava; ele provocou e explorou o interior da minha boca como se tivéssemos todo o tempo do mundo.

Eu não podia negar o calor que se espalhava por mim e meus instintos habituais estavam em silêncio. Eu não me afastei nem me libertei. Em vez disso, exigi mais. Uma vozinha mesquinha em minha cabeça preocupava-me que eu

estivesse sendo fraco, mas ignorei isso também.

Então, sem aviso, a intensidade aumentou. Não tinha nada a ver com atração – era magia pura e não adulterada. As partes secretas de mim ganharam vida, formigando, e eu engasguei contra a boca da fada. Ele não estava duro há pouco, mas agora estava, cutucando meu quadril. Parecia que estávamos sentindo o que o outro estava sentindo, vendo o que o outro estava vendo.

Seu desejo varreu através de mim. A sensação era inebriante e desorientadora.

Logo, porém, senti algo mais no fundo da mente de Collith. Não medo, percebi. Isso foi revelado a partir do vínculo de acasalamento. Suspeitei que ele não pretendia que eu descobrisse.

Ter esperança.

À medida que a magia persistia, fiquei cego de necessidade e, de repente, havia uma árvore às minhas costas. Parte de mim sabia que era culpa minha, que eu tinha puxado a fada em sua direção para poder usar o tronco como alavanca. A casca arranhou minha espinha quando eu pulei e passei minhas pernas em volta de sua cintura fina. Eu o queria dentro de mim, movendo-se dentro de mim.

Meus dedos se atrapalharam em busca de um zíper enquanto os dele trabalhavam rapidamente nos botões da minha camisa. A fada estava tão dura que eu podia sentir o calor dele, mesmo através do material de suas calças.

“Não”, ele disse.

Eu mal o ouvi – a névoa da luxúria se adensou e se agarrou. Finalmente o zíper da fada cooperou. Assim que cheguei lá dentro, ansioso para agarrá-lo, ele se foi. Meus pés tocaram o chão e o ar frio invadiu o espaço entre nós. Fiz um som patético e abri os olhos.

A fada estava no centro da clareira, com o peito arfando. O

a distância parecia vasta e deliberada. “O-o que há de errado?” Eu consegui.

Seus lábios estavam deliciosamente inchados. Eu não pude deixar de observá-los enquanto ele disse: “Quero que você tenha a mente clara quando consumarmos

isso”.

Alguns segundos se passaram. Agora que não estávamos mais nos tocando, consegui lutar contra a magia; era diferente de tudo que eu já havia encontrado antes. Minhas próprias habilidades pareciam naturais, parte de mim, um batimento cardíaco ou uma expiração. Esta força foi inegavelmente convocada e foi tão inevitável quanto uma tempestade. Agora eu sabia que o que tínhamos feito era mais vinculativo do que casamento. Éramos dois seres novamente, mas também não. Havia uma sensação de... plenitude que não existia minutos atrás.

Pensar em qualquer coisa além da fada me ajudou a recuperar o controle.

Aos poucos, me separei da magia. Depois que ele recuou completamente, deixando uma dor em seu lugar, o beijo se repetiu na minha cabeça. Um rubor mortificado se espalhou pelo meu rosto.

Tardiamente, percebi que minha camisa estava desabotoada. Procurei os botões e murmurei: “Não se preocupe, isso não vai acontecer de novo. Agora, onde está meu irmão? E, aliás, o que você disse durante seus votos?

"Sim, você está certo. É melhor começarmos. Já está escuro e, apesar do meu formidável companheiro, prefiro evitar as outras coisas que surgem

por volta desse horário." A fada não reconheceu minha pergunta sobre os votos. Ainda bem que eu tinha a gravação no meu telefone, então.

Aparentemente inconsciente da minha carranca, Collith olhou para a lua crescente. À

luz pálida, ele era ainda mais adorável. Mas sua cicatriz era mais profunda e escura. Que criatura foi forte o suficiente para prejudicá-lo dessa forma?

Tentei sufocar minha curiosidade. "Onde estamos indo? Você ainda não disse.

“Você provavelmente deveria arrumar alguns pertences,” ele acrescentou como se eu não tivesse falado. “Não há como dizer quanto tempo ficaremos...”

“Collith. Eu cumpri minha parte no trato. É sua vez. Para onde diabos você está me levando?

Ao usar seu nome, a fada sorriu. E finalmente ele me contou a verdade. “Para a Corte Unseelie, é claro.”

CAPÍTULO CINCO

De acordo com Collith, havia entradas em sua corte em todo o mundo. Uma A existia na mesma floresta onde nos casamos. Ele me informou que não havia estradas ou calçadas que levassem até lá, então, quando entrei para fazer as malas, calcei um par de botas de caminhada também. Em seguida, fui para minha mesa de cabeceira. Onde a maioria das mulheres guardava loções, vibradores ou um romance inútil, eu tinha um pequeno esconderijo de armas. Eu regularmente mergulhava tudo em água benta. Agora peguei a faca do papai, junto com uma bainha para segurá-la. Ela se acomodou em volta da minha cintura de forma mais frouxa do que o normal – devo ter perdido algum peso durante meu tempo com os goblins.

Na entrada, hesitei. Devo desligar a água? Baixar o fogo? Embalar alguma comida?

Idealmente, resgatar Damon não demoraria tanto, mas eu não tinha ideia do que esperar da Corte Unseelie. E se algumas das histórias das velhas fossem verdadeiras e o tempo funcionasse de maneira diferente lá?

E se algo desse errado?

Eu nunca fui do tipo otimista. Dois minutos depois, a água foi desligada e o termostato ajustado. Minha mochila estava abarrotada de barras energéticas e batatas fritas velhas. Pensando bem, usei o banheiro também. Então, na porta, peguei meu telefone. Ainda estava gravando, já que nunca mais apertei o botão. Fiz isso agora e abri um novo texto. Selecionei Bea e Cyrus na lista de contatos. Por um breve momento, considerei adicionar Savannah, namorada de Damon. Parecia cruel, porém, dar-lhe esperança quando eu não tinha ideia de como seria essa tentativa de resgate. Deixando o nome dela intacto, voltei para a nova tela de texto e digitei rapidamente.

Tenho outra pista sobre Damon. Não tenho certeza de quanto tempo estarei fora. Desculpe.

Meu polegar pairou sobre “enviar”. A culpa picou meu coração enquanto imaginava o que esse texto faria com eles. Mas não havia outra opção. Se eu ligasse, Bea tentaria me dissuadir.

Se eu demorasse a ir, Damon suportaria ainda mais tormento. Então cerrei a mandíbula e enviei a mensagem. Foi muito rápido, muito fácil.

Depois disso, não me permiti olhar em volta nem dizer um adeus silencioso; Acabei de sair.

A chave – nunca usada, já que não havia necessidade de trancar a porta aqui – estava escondida sob uma estátua de David em miniatura. Tirei-o e coloquei-o na fechadura.

“Precisamos nos apressar”, gritou Collith.

Colocando a chave no bolso, junto com meu telefone, comecei a correr em direção a ele.

Cascalho triturado a cada passo. Parei ao lado da van e olhei para o banco do passageiro.

Depois de pensar por um momento, abri a porta e peguei o espelho. Eu não sabia o que isso fazia, ou se Collith o queria de volta, mas eu tinha visto Damon nele. Isso significava que ele ficaria comigo. Corri o resto do caminho até Collith. Havia uma sensação de urgência em torno dele agora, e isso só aumentou minha agitação. Sem outra palavra, ele se virou e mergulhou de volta no matagal. *Estamos chegando, Damon*, pensei enquanto seguia.

A luz da lua se filtrava pela copa acima, iluminando o local onde havíamos feito nossos votos. Meu olhar encontrou a árvore contra a qual nos beijamos e deslizei para longe. Alheio, Collith encurtou os passos para caminhar ao meu lado. Ele não falou. Parecia estranho que ele tivesse cuidado com a noite; para mim parecia mais seguro. Apesar do incidente com os traficantes de escravos, a escuridão sempre foi um refúgio. Um refúgio. Uma época em que criaturas incompreendidas podiam sair de seus esconderijos e se destacar ao ar livre.

Mesmo agora, senti meus poderes se agitando. Esticando e rachando como uma junta há muito tempo sem uso.

"Como você sabia sobre Damon?" Perguntei abruptamente, passando por cima de uma árvore caída. Pensei em tirar uma lanterna da bolsa, mas isso só chamaria a atenção para nós.

“O que ele era, ou que ele era meu irmão?”

Collith examinou as sombras ao nosso redor. Sua resposta foi distraída. “Eu já o notei antes. A essência de um Pesadelo é única, mesmo que não seja particularmente forte, como ele. Quando encontrei você no mercado, percebi imediatamente a semelhança física. Sem dúvida irmãos. Gêmeos, talvez.

"Não. Sou um pouco mais velho. Onde você viu Damon? Eu fiz uma careta. "Espere.

Como eu pareço para você?

Com isso, Collith se concentrou em mim. Apesar da penumbra, a força da sua atenção era quase tangível. "Cabelo escuro. Mais vermelho do que marrom, penso eu, sob certa luz. Olhos castanhos e pele clara. Há um leve inchaço em seu nariz. Foi quebrado na sua infância, talvez?

Eu tinha ouvido falar que os pesadelos aparecem de maneira diferente para cada indivíduo, mas suponho que pensei que fosse outro mito, como vampiros e luz solar ou lobisomens e lua cheia. Então é verdade?

Eu estava atordoado demais para responder. Muito atordoado por uma realização única e impossível.

Collith pôde ver meu verdadeiro rosto.

“Agora é a minha vez”, ouvi-o dizer. “Qual é a história por trás do seu nome?”

Ainda abalado, olhei fixamente para Collith. Eu teria que pensar sobre sua capacidade de ver minha verdadeira face mais tarde. "O meu *nome?* Por que?"

Ele deu de ombros com elegância, quase imperceptível à luz fraca das estrelas.

“Estamos acasalados. Gostaria de saber mais sobre aquele com quem passarei minha vida.”

Suas palavras criaram uma onda de pânico em meu peito – tentei não considerar a duração de uma vida ou a magnitude do que havíamos acabado de fazer. Mesmo se eu o deixasse, ele sempre estaria lá. Uma presença na parte de trás da minha cabeça e nas minhas veias. *Não, não pense nisso.* “Bem, mamãe era professora de religiões antigas. Em Roma, Fortuna era a deusa do acaso, da sorte e do destino. Meus pais imaginaram que nossas vidas já seriam bastante difíceis, sendo o que somos, e eu precisaria de toda a ajuda que conseguisse. Além disso, eles simplesmente acharam o nome lindo.”

"Isso é."

Pensando que Collith estava zombando de mim, me virei para encará-lo. Não havia nada além de sinceridade naqueles olhos, no entanto. Desviei o olhar e limpei a garganta. O terreno começava a subir; Escolhi onde pisar com mais cuidado. Um deslize e eu estaria caindo. “Ela deu o nome de Damon em homenagem a uma história”, acrescentei. Nunca fui propenso a revelar detalhes do passado, ou mesmo a falar, mas agora era melhor que o silêncio. Parecia que Collith estava usando a quietude para investigar meus pensamentos. As fadas poderiam ler mentes?

“Ele era um personagem conhecido pela amizade e lealdade. Eles nos ensinaram a

cuidem uns dos outros. Sempre. O nome também combina com ele. Ele é uma das melhores pessoas que conheço.”

Collith ficou em silêncio, mas eu estava pensando em Damon novamente, lembrando daquela imagem terrível no espelho. A culpa tomou conta do meu estômago como uma intoxicação alimentar.

Todo esse tempo eu morei aqui, enquanto ele era atormentado lá embaixo.

“É a sua vez”, disse Collith abruptamente.

"O que?"

“Para fazer uma pergunta”, ele esclareceu.

"Oh." O chão estava nivelado agora. As árvores ao nosso redor estavam mais

nuas, como soldados famintos alinhados em fileiras organizadas. Collith entrou na minha frente para me mostrar o caminho. Estudei a parte de trás de sua cabeça sedosa, meus pensamentos voltando-se para o nosso destino e quão pouco eu aprendi sobre os Fae. Os que conheci não foram exatamente acessíveis, e mamãe admitiu durante nossas aulas que a maior parte do que ela sabia vinha do folclore. Segundo as histórias, eles tinham aversão ao ferro, não sabiam mentir e eram imortais.

Embora muitas castas de Decaídos tivessem vidas muito mais longas do que a média dos humanos, nós ainda morremos eventualmente.

Havia um tom de desespero em minha voz quando soltei: “Preciso saber mais sobre a Corte Unseelie. Existe uma… hierarquia? A fada que aprisiona Damon é poderosa? Quem é você para eles? Como eles reagirão a mim? Como-"

“Respire, Fortuna. Sei que você está ansioso para salvar seu irmão e direi o que puder. Collith estava prestes a continuar quando um som chegou aos nossos ouvidos. Foi fraco, pouco mais alto que o farfalhar das folhas, mas algo fez meu coração acelerar. Paramos ao mesmo tempo, esforçando-nos para perscrutar a escuridão.

“Ali,” eu sussurrei.

Através das árvores, algo se moveu. Uma forma alta e esguia, rapidamente vindo em nossa direção. Naquele momento, percebi o que estava ouvindo.

Ofegante.

O som estava animado, irregular e faminto. Eu sabia que meus olhos estavam arregalados quando me virei para Collith. Ele já estava olhando para mim, sua expressão sombria.

“Corra”, disse ele.

Entramos em movimento. De repente, o luar e as sombras pareceram sinistros e mantive os olhos fixos em Collith para bloquear o medo. Todo

a respiração parecia muito alta. A mochila bateu contra mim, num ritmo constante em contraste com minha pulsação selvagem. Qualquer que fosse a

criatura, era mais rápida e pude senti-la se aproximando. Os sons que fez ecoaram ao nosso redor. “Eu vi você desaparecer no ar”, consegui dizer, com os pulmões queimando. "Apenas vá.

Eu vou ficar bem."

“Até que a morte nos separe, lembra?” Collith ofegou de volta.

“Parece que isso será muito mais cedo do que qualquer um de nós esperava.”

Mas suas palavras me lembraram dos votos que acabamos de fazer. Me lembrou daqueles que escolhi com a intenção de manter. *Eu prometo mantê-lo longe de qualquer perigo com o melhor de minha capacidade.* Eu só podia culpar a mim mesmo, na verdade.

Eu me preparei para o que estava por vir. "Multar. Vamos matar essa coisa juntos, então.”

Sem esperar a resposta de Collith, me virei para encarar a criatura. Meus dedos alcançaram a faca em meu quadril, agarraram o cabo e a puxaram para fora da bainha. Em segundos, Collith estava à minha esquerda — não me virei para olhar, mas o senti ali, uma mancha fria. Não, foi mais do que isso. Como se estivéssemos conectados por um barbante, e isso me puxava cada vez que ele se movia ou inspirava.

A criatura atacou com uma explosão de dentes e garras. Meu pai me ensinou autodefesa quando criança e, desde então, pratiquei os movimentos com tanta frequência que eles ficaram gravados em meus ossos. Reagi por instinto, jogando fora a palma da minha mão. A execução foi perfeita e o impulso da criatura foi tão forte que meu golpe a fez cambalear. Ele gritou — mais de surpresa do que de dor, pensei — e se recuperou rapidamente.

Quando ele voltou para mim, recuei apressadamente, esperando por uma boa abertura para levantar a faca e enfiá-la em suas entranhas. Nessa proximidade, pude perceber os detalhes do que estava lutando. Essa coisa já foi humana; Eu podia ver cada costela, cada crista ao longo de sua espinha. Uma película branca cobriu suas pupilas. Roupas esfarrapadas grudadas naqueles membros emaciados e mechas de cabelo longo e escuro faziam cócegas em minha bochecha.

Quando eu estava prestes a agir, Collith estava lá. Ele não tinha armas, mas

lutava como se tivesse nascido lutando. Observei com as sobrancelhas levantadas enquanto ele se esquivava do golpe da criatura e balançava graciosamente a perna para cima.

Seu pé acertou o peito e mais uma vez voou. Não dei à criatura a chance de se levantar; Corri para frente e empurrei meu joelho contra seu peito estreito.

Ele gritou de raiva e tentou sentar-se direito. Rangendo os dentes, enfiei a faca na órbita do olho. Mas nada aconteceu. Apenas um leve sopro de vapor em contato com a água benta. A coisa era mais forte do que eu esperava e, quando disparou novamente, caí para trás.

Algo na mochila quebrou. De repente, fui eu quem ficou preso no chão. O peso da criatura fez meus braços tremerem enquanto ela investia repetidas vezes, tentando morder e rasgar. Ele se moveu tão rapidamente que tive dificuldade em rastreá-lo. “Intervir a qualquer momento!” Eu gritei para Collith. Uma bola de baba caiu na minha testa.

Então o peso em cima de mim desapareceu, caindo com força a alguns metros de distância.

Desta vez não teve oportunidade de se levantar. Com uma expressão de intensa concentração, Collith ergueu as mãos. Luz e calor explodiram, queimando a criatura e tudo ao seu redor.

“Fogo celestial,” eu respirei. Minha mãe costumava me contar histórias sobre Prometeu dando à humanidade o dom do fogo, ou sobre Deus criando uma arma de fogo para seus anjos, mas eu nunca tinha visto isso com meus próprios olhos. Nem mesmo fotos. Não foi nada como eu imaginei; não um brilho laranja e vermelho, mas uma explosão de azul, verde e branco. Raio.

A criatura soltou mais um grito, mas o som diminuiu rapidamente.

Ele caiu, reduzido a um esqueleto preto. Quando ficou completamente imóvel, Collith baixou as mãos. O fogo morreu, mas a luz da lua brilhava através das copas das árvores, permitindo-me examinar minha companheira. Ele estava pálido e trêmulo.

“Eu não sou um dragão,” Collith murmurou, referindo-se a uma espécie sobre a

qual se fala ainda mais do que Pesadelos, “mas serei amaldiçoado novamente se deixar minha companheira ser morta tão cedo depois de encontrá-la.”

“Dragões não existem,” eu disse automaticamente, passando para suportar seu peso. Ele parecia prestes a desmaiar.

Aparentemente, Collith não teve forças para discutir. Ele se apoiou em mim, respirando com dificuldade. Não admira que ele tenha demorado tanto para tirar aquela coisa de mim –

aparentemente ele estava convocando cada gota de força e poder que tinha.

“A porta não está longe. Meia milha”, disse ele.

“Bem, se encontrarmos outra dessas coisas, provavelmente não sobreviveremos nem mais um metro, muito menos oitocentos metros.” Com esforço visível, ele balançou a cabeça. “É necessária uma quantidade extraordinária de energia e sacrifício pessoal para aproveitar esse tipo de poder. Quem foi o responsável não poderá repetir o feitiço. Você tem inimigos, Fortuna? Uma bruxa, talvez?

“Eu só conheço uma bruxa, e ela não faria isso.” A faca ainda estava na minha outra mão, mas não a guardei. Cada som e sombra pareciam ameaçadores agora.

O resto da jornada até a porta foi lento. Seguimos em frente, os morcegos acima de nós eram o único sinal de vida. De vez em quando Collith murmurava orientações, mas, além disso, não falávamos. Por fim, ele levantou a cabeça e disse: “Pronto”.

Eu segui seu olhar. Não sei o que estava imaginando, mas não parecia nada para mim.

Apenas uma caverna – uma palavra que seria generosa, na minha opinião, pois era mais uma abertura nas rochas – sem qualquer sensação de poder emanando dela. “O truque é esperar mais”, sussurrou Collith.

Seus lábios roçaram a pele macia abaixo da minha orelha e eu não pude reprimir um arrepio.

Embora não tenha olhado para ele, senti Collith sorrir.

Juntos, seguimos em direção à entrada. Era pequeno demais para nós dois, então, quando chegamos às bordas externas, finalmente o soltei. A sensação de ansiedade em torno de Collith desapareceu, substituída por uma calma aparentemente impenetrável. Sem quaisquer comentários de despedida ou palavras de sabedoria, ele colocou a mão contra a rocha e entrou na escuridão escancarada.

Mas fiquei ao ar livre. Todos os meus instintos se contorceram e se agitaram, insistindo que eu pertencia àquele lugar. Por baixo daquelas vozes da razão, como uma fera antiga no fundo do mar, havia uma sensação de que se eu seguisse Collith até a Corte Unseelie, nunca mais sairia dela.

Imaginando o rosto do meu irmão pela milésima vez, me forcei a entrar.

Minha mão estendida colidiu com o peito de Collith; ele esperou por mim.

Ele capturou-o contra ele e deu um beijo fugaz em meus dedos antes de soltá-lo novamente.

Fiquei tão assustado que congelei por um instante. Collith já estava se movendo novamente, abrindo caminho pela caverna. O som de seus passos ficou mais fraco e, depois de um momento, corri para segui-lo. A escuridão nunca me enervou antes, mas agora cada linha do meu corpo estava tensa. Pisquei rapidamente, me esforçando para ver alguma coisa.

Qualquer coisa. Fiquei esperando bater em uma parede ou chegar ao fim. Em vez disso, continuou indo, indo e indo.

Eventualmente, o caminho se inclinou para baixo. O ar esfriava a cada passo, mas, felizmente, as baixas temperaturas não incomodavam muito a minha espécie. Várias vezes comecei a perguntar a Collith quanto faltava ou o que nos esperava lá embaixo, mas as palavras ficaram presas na minha garganta. Embora ainda não houvesse nenhum poder detectável no ar, parecia que estávamos sendo observados. Segurei a faca com mais força.

Cintilação de luz apareceu à frente. Meu batimento cardíaco era um tambor, ecoando por toda parte. Esforcei-me para ouvir vozes ou passos. Eles estavam esperando por nós? Havia um guarda? Mas nos aproximamos e vi que eram apenas tochas. Nas aulas, mamãe me disse que as fadas evitavam a tecnologia,

mas ainda assim fiquei surpreso ao vê-las. As chamas eram pequenas o suficiente para não deixar fumaça no ar. Sombras tênues tremiam nas paredes. Nós continuamos.

Agora a caverna se alargava e Collith recuou para caminhar ao meu lado.

Seu braço roçou o meu, um choque de pele ártica. De repente ele se endireitou. Seu passo tornou-se rápido e confiante. Todos os vestígios de exaustão desapareceram de seu rosto.

Ele era a fada que conheci no mercado de escravos, colecionado e formidável. Aquele meio sorriso familiar curvou seus lábios.

"Você estava fingindo o tempo todo?" Eu sibilei.

Collith olhou para mim de soslaio. “Suponho que você nunca saberá. Mas por favor, tente não falar. Eu gostaria de evitar chamar atenção para nós.”

Eu fumei silenciosamente. Então portas começaram a aparecer de ambos os lados, espaçadas de forma desigual. Lentamente, minha raiva foi dominada pela curiosidade.

Aproveitei para estudar este lugar, centro de inúmeros contos de fadas e histórias de terror.

Dentro daquelas páginas, a Corte Unseelie era inteiramente composta por lustres de vidro e grandeza. A realidade foi um pouco decepcionante. As paredes e o chão eram ásperos, feitos de terra e raízes. As portas ornamentadas eram uma raridade. Alguém se deu ao trabalho de esculpir desenhos complexos na madeira. Não havia dois iguais. Vi vinhas, rostos, montanhas, rios, figuras.

Resisti à vontade de perguntar a Collith sobre eles.

Gradualmente, a terra ao nosso redor tornou-se rocha. Mais uma vez, parecia que alguém havia dedicado tempo para colocar pedras individuais e dar a este lugar uma aparência de elegância. Os túneis se desintegraram, tornando-se um labirinto de escolhas e reviravoltas.

Nunca fui bom com quebra-cabeças, mas fiz o possível para memorizar nossa rota.

Apesar das palavras de Collith, não vimos nada nem ninguém. Quando ele finalmente parou em frente a uma porta – esta coberta de flores esculpidas – eu estava começando a suspeitar que seu aviso era apenas uma tentativa de evitar minhas perguntas.

“Enquanto você estiver na corte, estes serão seus quartos”, disse ele, abrindo a porta.

Não tinha botão. “Se você precisar de alguma coisa, há uma corda aqui. Está preso a um sino. Alguém ouvirá tocar e virá.

“Espere, então você mora aqui?” Eu deixei escapar. “No mesmo lugar que Damon esteve mantido prisioneiro? Por que você não...

A visão de outra fada dentro da sala me fez esquecer o resto.

Collith não o reconheceu, mas o estranho encolheu-se quando nos aproximamos.

Ele era magro e mais baixo que meu companheiro. Ainda mais alto que eu, no entanto.

Seu cabelo era sedoso e leve. Não exatamente vermelho, mas como a cor das bordas externas do sol, quando você olha em direção a ele por um momento a mais. Quase prata.

Apesar da aparência de fragilidade, tinha um rosto forte, feito de traços decisivos. Lábios carnudos, queixo quadrado, sobrancelhas grossas. Assim como seu cabelo, seus olhos eram prateados. Nítido e detalhado, como o corte de um diamante. Ele usava jeans desgastados e uma camiseta branca com uma mancha na gola.

Esperei que Collith fizesse uma apresentação à fada de cabelos brilhantes, mas ele apenas olhou para mim, com uma leve ruga entre as sobrancelhas. "Você está indo a algum lugar?" Eu perguntei finalmente.

Ele hesitou. A luz da tocha fez de sua cicatriz um corte sinistro. “Tenho obrigações que são inevitáveis. Estarei de volta esta noite. Não vou me incomodar em dizer para você ficar parado, mas recomendo fortemente. As fadas são governadas por seus instintos mais básicos. Se você encontrar um nas

passagens, não posso prometer...

“Eu vim aqui por causa de Damon,” interrompi, sentindo os olhos do estranho em mim.

“Esconder-se não levaria a nada. E não se esqueça, nós tínhamos um acordo.”

A frustração passou pelo lindo rosto de Collith. “Não esqueci nada. Há uma reunião amanhã; sem dúvida seu irmão comparecerá.”

“Se eu esperar até então, isso forçará Damon a passar mais uma noite aqui. Não sei o que está sendo feito com ele ou em que tipo de condição ele está.

Por que você me trouxe aqui hoje se não pretendia nos reunir imediatamente? E você ainda tem um plano?

Na quietude, minha voz parecia áspera e cortante. Collith vacilou novamente, e isso era diferente da fada que eu conhecia até agora. Era mais do que o fato de termos audiência; ele era diferente aqui. Havia algo que eu não sabia, algo que estava faltando.

Mais uma vez, foi como se Collith pudesse ouvir meus pensamentos. “Ainda há muita coisa que você não sabe, Fortuna”, disse ele.

"E de quem é a culpa?"

Mas parecia que ele estava acabado. Collith simplesmente prometeu voltar em breve, fez uma reverência e saiu. Cerrei os punhos, sentindo-me furioso e indefeso. Mais uma vez, ele conseguiu evitar a maioria das minhas perguntas. Não me passou despercebido que Collith aparentemente morava no mesmo lugar onde meu irmão estava detido.

dois anos. Qualquer pessoa capaz de ficar parada enquanto isso acontecia não merecia minha confiança. Eu cansei de ouvi-lo.

De repente, lembrei-me de que não estava sozinho. Virei-me para a fada que ainda estava na sala. Agora que Collith se foi, ele se endireitou. Ele falou antes que eu pudesse.

“Bem-vinda à Corte das Sombras, minha senhora”, disse ele, com os olhos brilhando. Seu semblante mudou completamente, como se seu terror anterior fosse uma capa e agora tivesse caído. “Eu aconselharia você a dormir com um olho aberto.”

Parecia uma coisa estranha de se dizer ao conhecer alguém pela primeira vez. “Por que Collith agiu como se você não existisse?” Eu perguntei, jogando minha mochila no chão. Eu estava tão distraído com a fada e com minha conversa com Collith que não examinei a sala. Eu fiz isso agora.

“Para eles, nós não fazemos isso,” ouvi a fada dizer. Como o resto do que eu tinha visto, tudo era simples. A estrutura da cama foi montada com galhos de árvores. Em um canto, havia um balde, o que me deixou feliz por ter usado o banheiro de casa e com medo da próxima vez que precisaria ir. Mais tochas iluminavam o espaço, junto com uma lareira escavada na parede oposta. Não havia tapetes ou pinturas, nem cômodas ou armários.

"Eles?" Perguntei distraidamente, testando o colchão. Duro e irregular — provavelmente o encheram com grama ou palha. Apenas mais um motivo para dar o fora daqui esta noite.

“Os sangues azuis.”

“Não esperava que as fadas usassem frases tão humanas,” murmurei. Estava tão frio aqui que eu conseguia ver minha respiração a cada expiração. Eu me concentrei na fada novamente. Passou pela minha cabeça que ele estava aqui para me observar e eu queria ficar sozinha para olhar no espelho. Talvez desta vez houvesse algo no fundo para revelar onde Damon estava. Mas como se livrar dele?

“Onde você acha que os humanos os conseguiram? Ou a maioria de suas influências culturais?” a fada perguntou com um sorriso, referindo-se ao meu comentário improvisado.

“Você pode estar interessado em saber que usamos a frase literalmente.

Se você ver o sangue de Collith, ele será azul como uma baga.”

Na verdade, isso foi interessante. Eu aprendi mais sobre fadas em um dia do que em uma vida inteira. “Bem, eu não preciso de nada agora,” eu disse. O sorriso

que dei a ele parecia tenso e antinatural. “Obrigado de qualquer maneira.

Aproveite uma tarde de folga ou algo assim.

A fada não se moveu. Algo em seu comportamento mudou. "Você deveria saber, minha senhora, que sou leal a Collith.

Com isso, eu o estudei. Sua expressão era aberta e sincera. Ele estava tentando me dizer que eu poderia confiar nele por causa de sua devoção à minha companheira?

Ou foi um aviso? Meus instintos gritavam para eu me calar, desconfiar, enganar. Nunca tinha sido provado que eu estava errado sobre uma pessoa, simplesmente porque, em primeiro lugar, não me importava em confiar em ninguém. Muito menos uma fada. Mas havia algo neste que me atraiu. A repulsa habitual que eu sentia por sua espécie estava... ausente. "Qual o seu nome?" Perguntei. *As fadas não podem mentir,* lembrei a mim mesma.

“Eu sou Laurie”, respondeu ele sem um instante de hesitação. Ele fez uma reverência muito mais dramática do que a de Collith. "E eu posso levá-lo até o seu irmão."

Nunca oito palavras fizeram meu coração bater tão forte... mas parecia fácil demais. Essa fada tinha literalmente acabado de me dizer que era leal a Collith, que me aconselhou a ficar neste quarto. Foi algum tipo de teste? Uma armadilha? Mais importante ainda, eu deixaria o medo disso recusar uma oferta para ver o irmão que havia desaparecido há dois anos? "Então vamos. Agora”, acrescentei. Um desafio.

O sorriso de Laurie regressou. Quase sorri de volta e me contive bem a tempo. A fada não pareceu incomodada com isso; ele deu um passo para trás e me examinou da cabeça aos pés. “Primeiro, devemos mudar sua aparência.

A notícia da sua presença já se espalhou – por mais resistentes que sejamos à tecnologia, um dos antigos reis tinha câmeras instaladas em dezenas de passagens – mas isso aumentará suas chances de sobrevivência enquanto percorremos as passagens.”

Eu tinha tantas perguntas sobre isso, mas chegar até Damon foi mais importante.

"Multar. Faça o que você quiser. Apenas se apresse, por favor.

Ele assentiu rapidamente. Com movimentos fluidos, Laurie agarrou-me pelos ombros e guiou-me até à cama. Então ele correu até uma corda no canto. Nem mesmo um segundo depois de puxá-lo, houve uma batida na porta. Como não havia trava, ela abriu ligeiramente no contato. Laurie pôs a cabeça para fora e murmurou na língua em que Collith tinha pronunciado os seus votos. Mais um segundo e ele recuou novamente. Havia várias tigelas de madeira agrupadas na palma da mão. Na outra mão havia pincéis.

Laurie sentou-se na beira da cama. “Feche os olhos”, ele instruiu.

Foi uma reação automática fazer exatamente o oposto. Eu me contive, porém, e forcei-os a fechá-los. Senti Laurie se aproximar e sua respiração tocou meu rosto. Tinha um cheiro agradável, que eu não conseguia definir um nome.

Luz solar? Primavera? Senti uma sensação de cócegas nas minhas pálpebras – na ponta do pincel. Enquanto Laurie trabalhava, ele não falava. Embora milhares de perguntas fervilhassem dentro de mim, parecia que eu também não deveria me mover ou dizer nada.

Então seu calor e leve peso na cama desapareceram. Eu abri meus olhos. Mais uma vez, Laurie foi até a corda. Mais uma vez, alguém bateu na porta. Mas quando ele ressurgiu desta vez, ele segurava um vestido. Era um material bizarro e áspero. Curioso, olhei mais de perto.

Havia teias de aranha e gravetos emaranhados nele, junto com o que pareciam ser pequenos ossos. Uma risada incrédula me escapou. “Uh, desculpe desapontar, mas não vou usar isso.”

Laurie ergueu as sobrancelhas pálidas. “Você quer encontrar seu irmão ou não?”

A parte imprudente de mim – a parte que parecia um animal selvagem, encurralado e cercado por inimigos – queria desafiá-lo. Salte e lute pelas passagens. Encontrar Damon com nada além de meu próprio poder e determinação. Imaginei cada momento, sabendo, enquanto o fazia, que era uma fantasia infantil.

A fada ainda esperava pela minha resposta. Estudei sua expressão paciente e a

maneira angelical como a luz do fogo tremia sobre sua pele. Ele estava brincando comigo? Isso era um jogo para ele? Se fosse esse o caso, eu estava perdendo. Laurie sabia o que eu queria, mas tudo que eu sabia sobre ele era um nome. Mas sem a ajuda desta fada, encontrar Damon seria muito mais complicado. O pensamento me fez franzir a testa. “Vire-se”, eu disse, pegando o vestido. Laurie girou num movimento fluido.

Sabendo que ele podia ouvir todos os sons da sala silenciosa demais, tirei meu casaco, camiseta e jeans. O ar frio passou por mim. Corri para puxar o vestido pesado pela cabeça.

Ele se acomodou com alguns movimentos e puxões. A cintura era justa, quase como um espartilho, e a saia era mais cheia do que eu esperava. As mangas eram como uma segunda pele e terminavam nos meus pulsos, enquanto a frente expunha tanto que ninguém precisaria usar a imaginação. “Ok, pronto,” eu disse, fingindo que minhas bochechas não estavam pegando fogo. “Mas se você está mentindo para mim sobre Damon, vou fazer você desejar nunca ter nascido. Ou como as fadas vêm ao mundo.

Laurie voltou-se novamente e os seus olhos prateados observaram-me. Forcei-me a não me mexer nem desviar o olhar; era uma das crenças mais ferozes de mamãe que as mulheres nunca deveriam se permitir sentir vergonha ou autodepreciação.

— Você é uma rainha, Fortuna Sworn — murmurou Laurie. Ele estendeu um par de chinelos.

Meu estômago agitou. “Obrigado,” eu consegui, pegando-os. Eu queria ver o que ele tinha feito com a maquiagem, mas não havia vidro nem superfícies refletivas. Meus pensamentos voltaram para o espelho na minha bolsa. De repente, lembrei-me do confronto na floresta, do som de algo quebrando. De repente, não importava que Laurie estivesse olhando — corri para a mochila e me atrapalhei com o zíper. "Não não não."

Foi o espelho *que* eu ouvi. Uma rachadura percorreu o meio dela e não havia sinal de Damon. Qualquer poder ou feitiço que possuísse desapareceu. Afundei na cama, desejando que uma imagem aparecesse, mas o vidro permaneceu imóvel. E se essas fadas estivessem mentindo para mim? Como eu encontraria Damon sem o espelho?

A voz de Laurie vagou pela neblina ao meu redor. “Você não precisa mais disso.

Vou levar você até ele.

Levantei a cabeça, tomado por um desespero abrupto e avassalador.

"Vamos então. Por favor."

“Você não quer ver meu trabalho primeiro?” Antes que eu pudesse responder, Laurie ergueu o espelho quebrado. Assim como as cobras são imunes ao seu próprio veneno, os pesadelos também o são às suas próprias habilidades. Quando olhei para o rosto no espelho, ela não era extremamente bonita ou uma combinação do que eu considerava características ideais. Ela tinha o cabelo castanho e os olhos castanhos da minha mãe. Havia até a mesma marca de beleza abaixo do olho direito. As sobrancelhas dramáticas, porém, eram todas do meu pai. A pele da garota estava pálida, como a de alguém que ainda estava se recuperando de uma doença.

De alguma forma, porém, ela ainda parecia forte. A maquiagem de Laurie era estranha e chocante – reflexos brilhantes de laranja, vermelho e preto – e realçava minhas maçãs do rosto e meus olhos escuros.

Eu não sabia o que dizer. Felizmente, a atenção de Laurie desviou-se para cima.

“Devíamos fazer algo com o seu cabelo”, disse ele. Ele me devolveu o espelho e, com aqueles dedos hábeis, começou a depená-lo e arrumá-lo. Sentei-me novamente para lhe dar melhor acesso. De repente me lembrei dos chinelos. Laurie continuou a sua tarefa enquanto eu tirava as botas e calçava os delicados sapatos feitos por fadas. Ajuste perfeito.

“Você sabe alguma coisa sobre as ‘obrigações’ de Collith?” Eu perguntei sem preâmbulo. "Ele tem uma mãe autoritária?"

A resposta de Laurie foi distraída. Eu podia senti-lo trançando. Pelo canto do olho, eu o vi tirar alguns alfinetes do bolso. “Collith não tem família na corte; ele não foi criado entre nós.

Normalmente, ele seria considerado uma fada inferior. Em algum lugar no nível

de um guarda ou apenas de outro membro da corte.”

"Mas ele não é?"

Com isso, seus olhos encontraram os meus. Eram tão brilhantes que parecia impossível que ele não estivesse usando lentes de contato coloridas. "Não. Porque nenhuma outra fada se compara ao seu poder — ele respondeu.

Havia um aviso em sua voz. Em minha mente, vi aquela rajada de fogo celestial saindo das mãos de Collith. “Porque ele tem mais ou porque é diferente?” Eu perguntei agora, minha própria voz fraca.

"Ambos."

Levei um momento para absorver a revelação. Desde o início, meus instintos me disseram que havia mais nesse casamento; As razões de Collith foram cuidadosas e vagas. E por mais sinceros que seus votos parecessem, a verdade é que eu não tinha ideia do que ele havia me prometido. Se as coisas mudassem, eu precisava saber contra o que estava lutando. Concentrei-me novamente em Laurie, cuja atenção não se desviava do que seus dedos estavam fazendo.

“O que torna seu poder tão especial?”

"Isso eu não posso te dizer."

Eu fiz uma careta. "Por que não?"

“Porque Collith não gostaria que seus segredos mais obscuros fossem revelados.

Não de graça, pelo menos.”

“Não vou contar a ninguém.”

“Não é com você que estou preocupado. Nada do que é dito na Corte das Sombras passa despercebido, minha senhora. Devemos ir?" ele adicionou. Ele recuou alguns passos, cada movimento fluido. Como uma dança. Pensei em insistir no assunto, mas algo me dizia que Laurie fugiria e evitaria qualquer esforço.

Bem, se fôssemos para lá, eu queria estar preparado. Minha pilha de roupas

ainda estava no canto, parecendo sem graça e abandonada. A mochila estava ao lado dela. Se estivéssemos tentando evitar atenção, ela teria que ficar aqui. Fui pegar a faca do meu pai, levantei o vestido e enrolei o cinto em volta da coxa duas vezes. Laurie ficou muito imóvel, com uma expressão abertamente de admiração, o que ignorei. Com um pequeno ajuste, a saia voltou ao lugar.

Respirei fundo e encarei Laurie novamente. "OK. Vamos."

Ele assentiu, abrindo outro sorriso, como se tudo isso fosse uma peça e estivéssemos prestes a subir no palco. “Depois de você, minha senhora.”

Empurrei a porta e ela se abriu com um longo gemido. A passagem estava ainda mais fria do que antes. Estava tão quieto, tão quieto. As tochas pareciam cobrir as paredes por quilômetros.

Onde estava todo mundo? Laurie passou por mim para ir na frente, fazendo minha saia farfalhar.

Onde Collith era uma lufada de ar quente, ele era uma brisa quente e sutil. Eu me peguei olhando para a nuca dele, a linha de seus ombros esbeltos, seu traseiro tenso. As fadas eram descendentes diretas de anjos caídos, enquanto o resto de nós estava há várias gerações distantes, então era lógico que eles deveriam ser lindos. Mas eu estava acostumada com os homens de Granby, com Oliver, e não podia negar que algo estava despertando dentro de mim.

Felizmente, alguns segundos depois, o vestido tomou toda a minha concentração; parecia que ia tropeçar a cada passo. Embora eu quisesse prestar atenção às passagens — não confiava em Collith ou em Laurie para mostrarem a saída —, era demais. A ideia de ver Damon, o maldito vestido, minha ansiedade em torno de Collith. Fui atrás de Laurie, distraído e agitado.

Viramos à esquerda, depois à direita e depois à esquerda. A Corte Unseelie era um labirinto e eu me sentia como um ratinho.

Você não está indefeso, lembrei a mim mesma. O poder formigava sob minha pele como brasas acesas. Collith pode ser impenetrável, mas nem todas as fadas são tão fortes quanto ele.

Se um deles ficasse no nosso caminho, iriam arrepender-se. Assim como os

goblins fizeram.

De repente, o braço de Laurie voou para me deter. “É esse mesmo,” ele sussurrou, inclinando a cabeça. Segui seu olhar até outra porta. Como os outros, havia um desenho esculpido na madeira velha. Uma grande árvore, com numerosos ramos que se estendem para cima e para fora, como uma deusa de muitos braços. Damon estava lá, eu podia sentir isso. Meu estômago tremeu.

“O que nós...” eu comecei.

A porta se abriu. Laurie puxou-me para trás, para fora de vista, e levou um dedo aos lábios.

Lentamente, nós dois espiamos pela esquina novamente. Parecia que meu coração estava explodindo. Uma fada alta emergiu.

Naquele momento, eu sabia que provavelmente estava olhando para a criatura responsável pelo desaparecimento de Damon.

Ele tinha cabelos na altura da cintura, cor de cobre. Se ele fosse humano, eu colocaria sua idade entre vinte e poucos anos. Suas roupas eram elegantes e antiquadas, com calças justas, uma camisa branca esvoaçante e um casaco longo.

A pele de porcelana era visível através da gola aberta. Botas pretas brilhantes cobriam seus pés. Em uma das mãos ele segurava a ponta de uma bengala de aparência estranha e suas unhas eram compridas.

“Até esta noite”, ouvimo-lo dizer. A sugestão sensual nessas palavras era inconfundível. Sua voz era nítida e distante. Tentei me lançar sobre ele, mas em algum momento Laurie passou os braços em volta dos meus ombros. Seu aperto era como aço.

Abri a boca para gritar, mas seu braço a segurou. A manga da camisa dele estava entre a nossa pele, então eu não poderia usar meus poderes nele.

Alheio à luta silenciosa a poucos metros de distância, a fada partiu. Sua partida revelou uma figura mais baixa na porta, e fiquei imóvel ao vê-lo. Um som estrangulado me deixou, algo entre um suspiro e um suspiro. Lentamente, Laurie soltou-o. Eu nem percebi.

Pela primeira vez em mais de dois anos, olhei para meu irmão. Ele ainda não tinha nos visto. Seu olhar permaneceu na passagem escura, observando a fada partir com óbvio medo. A última vez que o vi, Damon tinha dezenove anos.

Agora, aos vinte e um anos, ele era a cara do nosso pai – havia até as orelhas excessivamente grandes. Só faltavam os óculos. Seu cabelo cor de areia era longo demais e seu pomo de adão era pronunciado. Se ele tivesse um peso saudável, imaginei que também seria tão desengonçado quanto meu pai.

— Ainda não — sibilou Laurie. Mas já se passaram dois anos e eu não podia esperar mais um segundo. Entrei pela porta aberta, mal ousando respirar. Assustado, o olhar de Damon se voltou para mim.

Houve um instante de silêncio. Damon e eu nos entreolhamos, nossos olhos castanhos idênticos sem piscar. Meu coração batia tão forte que parecia que estava prestes a explodir no meu peito. Procurei no Damon em busca de descrença ou alegria.

Eu esperava que ele gritasse meu nome e corresse para mim de braços abertos.

Em vez disso, meu irmão começou a gritar.

CAPÍTULO SEIS

T O som foi tão penetrante que o próprio ar pareceu quebrar.

Minha primeira reação foi de pânico – não havia possibilidade de que a fada de cabelo acobreado não pudesse ouvir – mas então Damon caiu de joelhos. Ele ainda estava gritando. Agora corri para frente sem hesitação.

Meu irmão se esquivou de mim e eu simplesmente me ajoelhei e passei meus braços em volta dele. Depois de outro momento de resistência, a força pareceu sumir dele e ele ficou em silêncio. Damon caiu, tremores sacudindo seu corpo.

Eu o embalei para frente e para trás, fazendo barulhos sem sentido, como fiz com Cyrus.

Tive vaga consciência de Laurie dizer alguma coisa, provavelmente um aviso. Não importava.

“Oh, Damon,” eu sussurrei. Ele sempre foi magro, mas a pessoa apoiada em mim era tão magra que uma rajada de vento poderia levá-lo embora. Olhei para a passagem, com medo de que a fada de cabelo acobreado estivesse chegando. De alguma forma, porém, ele não deve ter ouvido a comoção; ele já estaria aqui.

“Faça o que quiser comigo”, ele gemeu. Lágrimas escorriam de seus olhos e deixavam rios brilhantes. Um deles caiu na minha saia e ficou preso num fio de teia. “Festeje com a minha dor. Banhe-se nele. Sou seu. Você quer que eu implore?

Você gostaria disso?

Cada palavra parecia uma faca entrando em meu estômago. Recostei-me para que Damon pudesse me ver (amaldiçoei Laurie silenciosamente por me convencer a usar essa maquiagem ridícula) e segurei seu rosto úmido. Falei com firmeza. “Ele não está aqui, Damon. Sou só eu. Sou real."

Tão rapidamente como ele sucumbiu ao desespero, a raiva tomou conta dele.

Damon empurrou meus ombros. Ele era mais forte do que parecia, e meu

espinha bateu na parede. Eu estremeci. “Prove, então!” ele cuspiu. “Mostre-me que você não é apenas mais um truque ou ilusão. Que não estou enlouquecendo.”

Seu peito estreito arfava. Pela primeira vez, percebi que não sabia mais do que meu irmão era capaz. Dois anos mudariam qualquer pessoa. Dois anos suportando o que Damon tinha... Fui uma tola em pensar que ele viria facilmente ou ficaria animado em me ver.

Esperando que Laurie tivesse uma ideia, procurei na escuridão. Não havia sinal dele.

Eu estava sozinho, então. Multar. O que me convenceria de que um irmão há muito perdido era real, se eu estivesse na posição de Damon?

Nada. Absolutamente nada. Era por isso que eu odiava fadas. Mamãe e papai podem ter nos ensinado a aceitar todo tipo de criatura, mas eu sabia que não era assim.

Minhas mãos se tornaram punhos e me forcei a reprimir a raiva que crescia dentro de mim.

Damon era mais importante e eu precisava ser sensata com ele.

Também éramos alvos fáceis ao ar livre assim.

“Ele fez você ver coisas? Mostrou coisas horríveis para você? Eu perguntei uniformemente.

Damon estava com uma das mãos na porta, como se estivesse prestes a voltar para dentro. Seus olhos pareciam insondáveis sob a luz bruxuleante. “Eu vi você morrendo”, ele me disse com uma voz distorcida pela angústia. “Eu vi mamãe sendo... agredida. Eu vi meu pai sendo despedaçado por lobos. Cada vez que tentava sair ou sempre que falava em voltar para casa, as imagens enchiam minha cabeça. Foi tão real quanto qualquer pesadelo que pudéssemos infligir.”

Ao ouvir suas palavras, visões indesejáveis invadiram minha cabeça. Pisquei rapidamente e fiz um esforço para me concentrar. Não foi muito melhor; o homem torturado contrastava muito com o garoto que eu conhecia. Engoli um nó na garganta antes de continuar. “Então este pode ser outro jogo. Uma forma de te dar esperança e tirá-la novamente. Entendo por que você não quer acreditar e estou orgulhoso de você por ter sobrevivido por tanto tempo.”

O silêncio pairou ao nosso redor. Mas havia uma faísca em seu olhar, um vislumbre do velho Damon. Talvez os fae não o tivessem quebrado completamente.

Encorajado, continuei.

“O que papai nos ensinou, hein? Nunca faça uma promessa que não possa cumprir.

Pesadelos podem ser mentiras, mas não precisamos ser mentirosos. Isso é o que ele sempre disse.” Estendi minha mão. Não importa que já tenhamos nos tocado; de alguma forma, isso era o que importava. “Eu prometo que isso não será um truque. Eu prometo que se você pegar minha mão, ela ficará sólida. E não apenas

na sua mente. Você precisa ser corajoso mais uma vez, irmãozinho. Dê mais uma

chance.”

Damon me avaliou. Os anos se passaram na passagem sombria.

Finalmente ele se aproximou, mantendo o olhar em meu rosto. Seus pés descalços faziam sons suaves nas pedras. Como se ele fosse um animal ferido, fiquei imóvel. Damon estendeu a mão e houve um tremor visível em seus dedos.

Ele parou duas vezes. Sua respiração era ofegante e uma fina camada de suor pontilhava sua testa. Por fim, as pontas dos dedos dele pousaram no centro da minha palma. Não ousei me mover ou falar.

Quando nada aconteceu – eu não desapareci em uma nuvem de fumaça nem me transformei em seu captor – Damon olhou para mim com admiração. “Fortuna?

Você está realmente aqui? ele respirou.

Palavras eram impossíveis; Eu só consegui acenar com a cabeça. O aperto de Damon aumentou, como se alguém estivesse segurando enquanto eles balançavam em uma borda impossivelmente alta. Nós nos encontramos no meio do caminho e nos abraçamos ferozmente.

Lágrimas quentes brotaram dos meus olhos. Enterrei meu rosto no pescoço de Damon para escondê-los. Eu tinha esquecido como era isso. Ser tocado, ser abraçado. O cheiro do meu irmão me cercou, tão familiar e querido. Mil memórias bateram em mim. Tantos Natais, inúmeras discussões, jogos cheios de risadas. *Nunca mais*, pensei. *Nunca mais vou perder você.*

“Vou tirar você daqui,” eu disse entre dentes.

Lentamente, Damon se afastou. Eu o soltei com óbvia relutância, sabendo que era o melhor.

Já havíamos perdido muito tempo. Mas Damon não me perguntou sobre um plano de fuga ou qualquer outra pergunta que eu esperaria que saísse de sua boca. “Você não deveria ter vindo, Fortuna”, ele disse em vez disso. A luz da tocha lançou metade das feições de Damon na sombra.

Pelo que pude ver, a cautela anterior em sua expressão havia retornado.

Apertei suas mãos em segurança, pensando em quanto ele havia passado. “Não se preocupe, tenho amigos em cargos importantes. Foi aí que consegui esse traje ridículo. Então nada vai acontecer conosco, ok?

A garganta de Damon balançou enquanto ele engolia. "Isso não foi o que eu quis dizer."

“Então o que você…” Eu parei quando a compreensão começou a surgir.

Sou seu. Isso foi o que Damon disse quando acreditou que eu era seu captor, sua voz soando com uma verdade que eu estava muito distraída para ouvir. Numa explosão de clareza terrível, eu entendi. Não havia medo em seus olhos enquanto observava a fada de cabelos acobreados partir; foi espantoso. Minha mente voltou ainda mais para a cena horrível que testemunhei no espelho.

Agora as lágrimas

que eu pensei que fosse dor tinha uma sensação de saudade. Ele estava olhando para a porta. Esperando, pensei, com medo do retorno de seu algoz. Mas e se tivesse sido antecipado?

Algo azedo e acre subiu pela minha garganta. Esta era a síndrome de Estocolmo, tinha que ser. Concentrei-me em Damon novamente e tentei parecer lógica, apesar do pânico despedaçando minhas entranhas. “Damon, ele é uma fada da Corte Unseelie. Você está sob a influência dele. Você pode não querer ir embora agora, mas depois de passar alguns dias em casa, você começará a...

“O nome dele é Jassin,” Damon interrompeu.

Eu não suportaria dar um nome à criatura que aprisionou e destruiu meu irmão. “E

Savannah?” Eu exigi. Havia agora um tom de desespero na minha voz, impossível de esconder. “Esse tipo de amor não vai simplesmente embora, eu sei que não vai. Quando você desapareceu, ela fez de tudo para te encontrar. Feitiços, cartazes, entrevistas de rádio, grupos de busca. Ela precisa que você volte para casa tanto quanto eu.

Eu estava tão certa de que a menção de sua namorada traria a razão de volta aos

olhos nublados de Damon. Mas ele apenas balançou a cabeça e sussurrou: “Sinto muito”.

Em todas as minhas imaginações de como isso aconteceria, nunca me ocorreu que Damon não estaria disposto a ir embora. Se a lógica não tivesse efeito, então a manipulação e a força seriam as únicas opções. Pensei no acordo entre mim e Collith. Por mais preso e ressentido que isso me fizesse sentir, funcionou. “Tudo bem”, eu disse. “É a sua vez de provar algo. Se você não estiver sendo manipulado pelo poder dele, você voltará para casa.

Essa noite. Então, se você ainda quiser retornar à Corte Unseelie depois de uma semana ou mais, não vou impedi-lo.

Dizer essas palavras me fez sentir suja, como se uma camada de sujeira cobrisse minha pele. Eu estava casada com Collith há apenas algumas horas e já estava agindo mais como ele. Foi o resultado do vínculo entre nós ou de minha própria culpa?

Damon nem reagiu. “Eu o amo, Fortuna”, disse ele simplesmente, como se tudo fosse tão simples assim. "Eu não estou indo a lugar nenhum."

As palavras me falharam novamente. Fiquei ali, procurando na expressão de Damon algum sinal ou indício. Talvez tudo isso fosse mentira; ele poderia estar tentando se comunicar de alguma outra maneira. Mas nada se moveu ou mudou em seu rosto, e tudo que pude ver foi arrependimento brilhando em seus olhos. Não me arrependo de sua escolha, apenas por me machucar.

O único som entre nós vinha de uma tocha próxima. Sua chama oscilou e estalou. Mas não saiu. Desviei o olhar da luz suave para encontrar o olhar de Damon novamente. Minha determinação endureceu. A auto-aversão revirou meu estômago enquanto jogava a última carta que tinha. “E a sua promessa para a mamãe?”

Damon empalideceu.

Tanta coisa mudou para nós dois naquele dia. Apesar de quanto tempo passou, cada momento ainda era vívido. Tudo o que precisei fazer foi fechar os olhos e estava de volta, sentado naquela sala escura. O leve cheiro de remédio no ar e o início da manhã filtrando-se pelas cortinas. Quando o jovem Damon acordou na

cama do hospital e eu vi que ele realmente ficaria bem, soluços atormentaram meu corpo. Enterrei meu rosto nas cobertas e chorei. Depois de alguns minutos, levantei o rosto, peguei a pequena mão de Damon e fiz um voto aguado. “De agora em diante, serei uma irmã melhor. Eu cuidarei de você. Promessa."

“Eu também cuidarei de você”, meu irmão disse com a voz rouca. Não houve hesitação em sua resposta. Ele se virou para mamãe, que se ajoelhou do outro lado.

De alguma forma ele entendeu, mesmo então, que dizer aquelas palavras para ela tinha mais peso. "Promessa."

Três semanas depois, ela estava morta.

Embora eu nunca tivesse perguntado, eu sabia que era provavelmente uma das últimas lembranças que Damon tinha dela. E aqui estava eu explorando isso, algo que deveria ter sido sagrado e intocado para sempre.

Mas meu irmão não deixou que sua dor se transformasse em raiva, como eu teria feito.

Em vez disso, Damon Sworn tocou minha bochecha. Havia uma ternura infinita no gesto, e era apenas mais uma prova de que ele era indiscutivelmente uma pessoa melhor do que eu jamais seria – algo que eu havia aceitado há muito tempo. "Você tem razão. Nós prometemos

— ele murmurou. Um sorriso triste curvou seus lábios.

“Então deixe-me ficar com ele”, implorei, prendendo a mão dele no meu rosto.

“Você não vê? Isto é uma bênção. Você está *livre,* irmã mais velha,” Damon insistiu. “Há outra pessoa para cuidar de mim agora. Você não precisa mais se preocupar.”

“Não, não é assim que uma promessa funciona.” Houve um tremor em minha voz e eu vacilei. Ali, na encantadora escuridão, que guardava tantos segredos e medos, surgiu outra verdade. “E quem vai cuidar de mim?”

“Ah, Fortuna. Eu realmente preciso dizer o quão resiliente você é? Quão corajoso e forte? Eu tinha tanto ciúme disso quando éramos crianças. Mas

independentemente de você ou Jassin, não posso voltar. Nós simplesmente não pertencemos lá.

Nós nunca fizemos isso.” De repente, os olhos de Damon brilharam. Ele agarrou minha nuca com a mão livre. "Você deveria ficar! Chega de se esconder. Não há mais vergonha. Na Corte Unseelie, poderemos ser uma família novamente!”

Sem palavras, eu só conseguia olhar para ele. Foi como discutir com um louco. Eu tentei o raciocínio e a manipulação – era hora de recorrer a outros métodos. Numa explosão de frustração, me afastei e procurei na escuridão novamente. “Collith?” Eu murmurei. "Você pode me ouvir?"

Nada aconteceu.

Repeti seu nome, desta vez com mais força, apesar do risco de outra pessoa ouvi-lo. A testa de Damon franziu-se em perplexidade.

Então seus olhos mudaram ligeiramente. Eles se alargaram. Num instante, ele se prostrou no chão.

Exasperado, virei-me para Collith, cuja presença eu já havia sentido. Encheu a passagem como água.

Seu rosto estava escondido nas sombras e ele estava estranhamente silencioso. Agravada pela reação de Damon – claramente as fadas tinham distorcido tanto sua mente que ele agora acreditava que eram deuses – eu levantei minhas sobrancelhas para Collith. “Demorou bastante,” eu rebati.

“Você poderia, por favor, me ajudar a trazer Damon para a superfície?”

Assim que comecei a encarar meu irmão novamente, pronto para sua resistência, Collith falou.

“Eu não posso fazer isso, Fortuna.”

Eu fiz uma pausa. Damon ainda não tinha se movido, e meus instintos ganharam vida, especulando e insistindo em uma explosão de sussurros. Lentamente, me virei novamente.

Collith não deu um passo à frente, mas aparentemente não precisei ver sua expressão para sentir o que ele estava sentindo. Estava ali, ao lado da minha, como duas veias correndo pelo mesmo braço.

Ele estava sentindo... culpa. "Perdão?" Eu perguntei, tentando esconder meu medo. *Não me faça arrepender de ter confiado em você. Não me faça de bobo. Não me traia.*

“Ele disse que não pode ajudar você, minha querida.”

A voz era friamente divertida e fiquei rígido. Meu medo encheu o ar, mais forte que qualquer perfume. Mesmo antes de vê-lo, eu sabia quem era.

Jassin encostou-se na parede como um gato lânguido. Talvez fosse o seu sorriso ou o quão imóvel ele estava, mas naquele instante, eu sabia que ele estava nos observando o tempo todo. “Vou levar meu irmão para casa”, rosnei, encontrando minha própria voz novamente.

Jassin endireitou-se e limpou manchas imaginárias de sujeira do casaco. Ele se aproximou mais.

“Infelizmente, não estou me sentindo generoso hoje. embora eu

pode estar disposto a lhe dar uma boa foda, já que parece que Collith ainda não fez isso.

Senti meu lábio se curvar de desgosto. Olhei para Damon, me perguntando o que ele pensava dos comentários de seu amante. Meu irmão permaneceu no chão, silencioso e trêmulo. *Este é aquele que você ama?* Eu queria perguntar a ele.

Em vez disso, levantei o queixo e encontrei o olhar da fada. Seus olhos tinham uma inclinação distintamente felina e brilhavam dourados à luz das tochas. "Vá para o inferno."

"Você não ouviu?" Jassin se aproximou. Ele cheirava a tudo tentador e viciante. Como chocolate. Como sexo. "O inferno está vazio e todos os demônios estão aqui."

Embora ele não tenha me tocado, parecia que alguém tinha passado o dedo ao longo da minha espinha. Ele tinha poder, não havia como negar. Eu retaliei com falsa bravata.

“Satanás veio ao meu batizado, garotinho. Fique fora do meu caminho, ou farei você mijar em suas roupas elegantes.

A fada emitiu um som profundo na garganta, quase como um ronronar. Ele olhou para meu companheiro. “Ela é excelente, Collith, isso eu admito. E você até a

vestiu para o papel.

"O que está acontecendo aqui? Por que você não está fazendo nada? — exigi, focando também na outra fada na passagem. Durante toda a nossa conversa, ele não disse uma palavra. Ele era tão fraco? Sua demonstração de poder teria sido uma ilusão? *Pelo menos finalmente ficou claro por que ele se casou com você,* sussurrou uma voz cruel.

“Você não sabia?” Jassin perguntou incrédula. Aparentemente foi um pergunta retórica, porque ele jogou a cabeça para trás e riu.

Mais uma vez, olhei para Collith. Confusão e medo guerrearam dentro de mim, e resisti em pegar a faca de papai. "Do que ele está falando?"

Antes que ele pudesse responder, Jassin enxugou as lágrimas e disse: “Eles vão escrever canções sobre você, Fortuna Sworn. Oh, como eles vão rir e cantar.

Você será uma lenda. A mulher que se casou com o Rei da Corte Unseelie e nem sabia disso.

CAPÍTULO SETE

a risada zombeteira de Assin ecoou em meus ouvidos, mas eu mal ouvi agora. Minha mente girava como um carrossel colorido. Collith tinha J.finalmente deu um passo à frente, para a luz, mas sua expressão era neutro. Agarrei-me a memórias perdidas, esperando por qualquer menção ao Rei Unseelie. Mamãe tinha se concentrado mais na tradição e na mitologia, no entanto.

Papai sobre suas crenças de aceitação e igualdade. O que isso realmente significa? Por que Collith manteve em segredo quem ele era?

Ele não nos reconheceu quando se abaixou para dizer algo no ouvido de Damon, e finalmente meu frágil irmão se levantou. Talvez tenha sido o ângulo da luz do fogo, ou apenas minha própria mente se fragmentando, mas por um instante selvagem me peguei olhando para papai. Seu rosto querido e familiar olhou de volta. Pisquei, atordoado e oprimido. A esperança me rasgou. Teria sido um sonho ruim? Tudo isso?

Um momento depois, as feições de Damon entraram em foco. O cabelo dele era

um pouco mais claro que o do pai, a boca um pouco mais cheia. O carrossel em minha cabeça parou bruscamente. Senti uma dor aguda, como se meu pai tivesse morrido de novo, e a realidade voltou. Era exatamente o que eu precisava: um lembrete chocante de que nada disso importava. Nem Collith, nem Jassin, nem minhas perguntas. Eu vim aqui por Damon.

De agora em diante, serei uma irmã melhor.

Eu cuidarei de você. Promessa.

“Você está certo,” eu soltei. Jassin inclinou a cabeça. O movimento me fez pensar novamente em um gato, com os olhos brilhantes e sem piscar enquanto observava um pássaro do lado de fora da janela. Engoli em seco e me forcei a continuar. “Collith não me tocou. Ninguém tem."

"O que você quer chegar?" — Jassin perguntou, sua expressão mais divertida do que intrigada. Damon parecia doente. Tentei ler as emoções de Collith através do nosso vínculo de acasalamento, mas ele era uma curiosa lacuna.

Minha mente funcionou rapidamente. Jassin sabia que éramos pesadelos, é claro.

Não haveria nenhum elemento de surpresa ali. Mas sempre fui mais forte que meu irmão; a fada não esperaria isso. Respirei fundo.

“Eu sou virgem. Fresco e maduro para a colheita. Leve-me no lugar de Damon.”

Parte de mim esperava que Collith interviesse ou protestasse. Qualquer coisa, menos seu silêncio contínuo. Damon, no entanto, não permaneceu em silêncio. “Fortuna, pare com isso”, ele cuspiu. "Não é necessário. Eu já te disse-"

“Cale a boca”, disse Jassin. Damon obedeceu instantaneamente e sua boca se fechou com um estalo audível. Mantive meus olhos em Jassin, porque temia que se não o fizesse, os outros adivinhariam minhas intenções. A fada de cabelo acobreado me olhou por um longo, longo momento. Meu coração trovejou em meu peito. Então, num gesto estranhamente semelhante ao de Collith pouco antes da nossa cerimónia de acasalamento, Jassin ofereceu-lhe a mão.

Seus dedos estavam decorados com anéis de prata. Um deles tinha escamas e rubis brilhantes no lugar dos olhos. Aquelas unhas compridas pareciam poder

cortar minha pele com um único movimento. De repente, lembrei-me das cicatrizes que vi nas costas de Damon – fiquei ali me perguntando o que poderia ter causado feridas tão pequenas e profundas. *Mistério resolvido,* pensei entorpecido.

Jassin esperou pacientemente pela minha decisão. Ele não disse as palavras, mas a implicação era clara; se eu aceitasse, um acordo seria feito. Damon se inclinou para frente, provavelmente para chamar minha atenção, mas não desviei o olhar da mão de Jassin. Eu me preparei e estendi a mão.

Meus dedos se enrolaram nos dele.

Eu não dei a ele uma chance de reagir – um segundo era tudo que eu precisava. Eu vasculhei a mente de Jassin sem piedade. Era muito mais complexo do que qualquer coisa que eu havia encontrado. Seus pensamentos e memórias eram um labirinto de reviravoltas, finais e começos. Havia violência e sangue em cada esquina. Foi como caminhar por uma casa de diversões de horrores. Em algum momento, me deparei com a percepção de que Jassin podia ouvir ou inserir pensamentos na cabeça dos outros, e foi assim que ele atormentou Damon com visões de sua família moribunda. A fúria enegreceu meu coração, mas me forcei a continuar.

Eventualmente eu encontrei. Nas bordas externas, encolhido na escuridão, um segredo se escondia. Eu agarrei-o, ignorando os raios de dor que me atingiram com o contato.

Jassin da Corte Unseelie, uma criatura que tirou meu irmão de mim durante dois anos, tinha medo da luz. Luz ofuscante e incandescente. Um sorriso triunfante se estendeu pelo meu rosto.

“Eu vejo você,” eu sussurrei. De repente, a passagem ficou cheia de luz solar, postes de luz, fogo, lanternas. Nenhum lugar para esconder. Damon e Collith não conseguiam ver minha ilusão, mas sabiam que algo havia mudado — ambos ficaram rígidos. Esperei e observei, esperando que Jassin choramingasse ou desmoronasse como todo o resto fez.

Com os olhos ainda fechados, ele me puxou para perto. Fiquei tão surpreso que perdi o equilíbrio e caí contra ele. Jassin enfiou os dedos na minha bunda e nos pressionou, me mostrando o quão excitado ele estava. A maldita saia rasgou e

senti o ar fresco na minha perna nua.

“Oh, como você calculou mal,” a fada respirou. Agora ele abriu os olhos e olhou para mim com alegria pura e não adulterada. Nessa proximidade, pude ver que suas íris eram douradas.

“Eu estava entre os soldados quando o Príncipe Negro reuniu seu exército. Eu o segui até a sala do trono quando ele marchou contra Deus. Poucas coisas me dão prazer ou aliviam esse *tédio sem fim.* O medo é um deles. Por que outro motivo você acha que mantive seu lindo irmão vivo?

Ele estava dizendo a verdade. Eu podia sentir seu terror, saboreá-lo como todos os outros.

Desta vez tinha um sabor picante, como uma maçã arrancada da árvore cedo demais.

Mas em vez de paralisá-lo, a sensação deu a Jassin uma sensação de euforia. Nunca na minha vida conheci uma criatura que prosperasse com meu poder. *Novo plano,* pensei em pânico. A luz brilhante ao nosso redor desapareceu quando me afastei de sua mente.

Não parei para reconsiderar; Agi por instinto e desespero.

Entre uma respiração e outra, a faca do meu pai estava em minha mão, facilmente acessível através do rasgo no vestido. Pressionei minha mão contra o peito de Jassin para colocar alguma distância entre nós e levantei a outra. Ele antecipou o movimento – foi tão desleixado que papai teria ficado horrorizado – e meu pulso bateu em sua mão que esperava. O aperto de Jassin aumentou dolorosamente. Gritei e a faca atingiu o chão com um baque surdo.

Damon estava pálido. “Jassin, por favor, ela não—”

Desta vez Jassin não se preocupou em dar uma ordem; ele deu um tapa no rosto do meu irmão. Damon bateu na parede. Eu gritei de fúria e estendi a mão para passar as unhas pelo rosto de Jassin. Ele sibilou e me soltou. Quando eu estava prestes a atacá-lo novamente, a ponta da faca do meu pai pressionou minha garganta. Eu congelo.

“Damon?”

Lágrimas escorreram por seu rosto. “Não posso deixar você machucá-lo”, disse ele.

Indiferente à nossa troca, Jassin olhou para Collith com olhos brilhantes.

Havia quatro marcas de raiva em sua pele, mas sua voz era imperturbável quando ele disse:

“Seu companheiro apenas tentou tirar o que é meu. Exijo um tribunal.”

Foi então que eu soube; isso era exatamente o que Jassin queria. Ele estava alguns passos à minha frente, provavelmente desde o momento em que abracei Damon pela primeira vez. E o que quer que fosse um tribunal, não era bom.

Todos esperaram pela resposta de Collith. Mesmo agora, ele não me reconheceria. Alguns segundos se passaram. Então ele simplesmente assentiu, passou e voltou pelo caminho por onde viemos. Jassin estalou os dedos para Damon como um cachorro, depois seguiu Collith sem se preocupar em dizer outra palavra. Quase me lancei sobre ele naquele momento.

“Envie uma mensagem para as linhagens”, ouvi meu companheiro dizer. Com quem ele estava falando?

Lentamente, Damon baixou a faca. Uma única lágrima ainda pendia de sua mandíbula.

Sem uma palavra ou olhar, ele seguiu sua amante e soberana. Ele ainda segurava a faca do meu pai, e me perguntei se ele sabia a quem ela pertenceu.

Eu os observei partir e senti como se estivesse prestes a quebrar.

De alguma forma, isso foi pior do que aqueles três dias na cabana dos goblins. Havia mais em jogo e eu estava perdendo. O que Oliver diria se estivesse aqui?

Você pode fazer isso, Fortuna. Eu sei que você pode. Você é um lutador... agora lute.

De repente, ocorreu-me que não haveria ninguém no meu caminho se eu fugisse.

Eu não tinha intenção de deixar Damon aqui, mas o tribunal parecia algo a ser evitado. Talvez eu pudesse pedir ajuda ou, pelo menos, voltar correndo para casa em busca de mais armas.

Quando eu estava prestes a fugir, senti uma presença nas minhas costas. Movi-me para pegar a faca – meus dedos lutaram contra o ar vazio – e girei.

Duas fadas estavam lá. Um era enorme e o outro era pequeno.

Suas feições eram mais claras que as de Collith e Jassin. Não havia imperfeições, é claro, mas a coloração era mais opaca. Como criar codornizes

companhia de pavões. Eles estavam vestidos com uma espécie de armadura feita de madeira lisa e corda puída. Cada um segurava uma arma longa e irregular, e as lâminas pareciam feitas de vidro. Eu soube em um instante que não haveria como contorná-los ou lutar; estes eram guerreiros.

Os guardas de Collith, provavelmente.

Como era estranho que eu estivesse agora em um mundo onde existiam guardas.

Ambos me olharam com leve curiosidade. “Eu diria para você tirar uma foto, mas você provavelmente nem tem uma câmera neste inferno”, murmurei.

Nenhum deles reagiu. Ficamos nos encarando até que o macho indicou com sua espada que eu deveria andar. Sentindo-me amotinado, fiquei onde estava por mais alguns segundos. O homem deu um passo ameaçador em minha direção. Fiquei meio tentado a agarrar seu braço e destruir sua mente de forma irreparável, mas a fêmea estaria em cima de mim em um instante. Então cerrei os dentes e me virei. Começamos a descer pelo corredor e meu progresso não foi nada gracioso por causa do vestido. Não havia sinal de Damon ou dos bastardos com quem ele tinha ido. Esforcei-me para ouvir o eco de passos ou conversas, mas havia apenas o raspar dos meus chinelos.

Eu estava sozinho.

As passagens continuaram a ramificar-se ou a terminar abruptamente; era realmente um labirinto. De vez em quando, o homem falava alto, dizendo-me em que direção seguir.

Devemos ter chegado a uma parte mais habitada da Corte – sons vinham de trás das portas intrincadas agora. Uma risada. As batidas de uma harpa. Uma batida rítmica. Meu aperto na saia aumentou involuntariamente; Eu estava no coração da cova dos leões.

Quanto mais fundo íamos, mais alto se tornava o teto. As pedras ao longo do chão e das paredes eram mais lisas. Eles foram colocados com cuidado para que não houvesse sujeira visível. Quase pude acreditar que estávamos num castelo, não fosse pela total falta de janelas. Para compensar, havia ainda mais tochas. Seu crepitar suave encheu meus ouvidos. Então um novo som perturbou a quietude.

A princípio pensei que fosse água corrente ou um ninho de abelha. Alguns passos depois, a passagem parou e me vi em uma sala enorme. Do outro lado havia uma porta aberta e convidativa. Foi daí que veio o som.

Não riachos ou insetos... vozes. Centenas deles. Eu podia ver fadas lá dentro, de costas para nós. Meu estômago se agitou e o suor se acumulou sob o vestido rígido. “Continue andando,” a fêmea ordenou. eu embaralhei

avançou com relutância, sentindo-se vulnerável sem a faca de papai. E meus poderes também não foram exatamente úteis.

À medida que nos aproximamos, finalmente desviei meu olhar das fadas. Havia uma espécie de mural cobrindo toda a parede ao redor das portas. Tochas espalhadas pela sala davam às imagens um movimento estranho. *É uma história*, percebi. Enquanto a humanidade evoluía, lutava e criava, as fadas faziam sua própria história sob a terra. Esculpidas por mãos diferentes, cada imagem ou figura representava um acontecimento. Uma celebração, uma batalha, um nascimento.

Séculos se passaram neste mundo pequeno e escuro, e eu não sabia praticamente nada sobre essas criaturas pelas quais meu irmão se apaixonou.

Estávamos na soleira agora e esqueci o mural. A guarda feminina mudou-se para o meu outro lado. Eles finalmente estavam em uma posição onde eu poderia agarrar os dois, mas era tarde demais. Uma fada de cabelo roxo atrás da multidão nos notou. Ela disse algo ao companheiro, que também se virou. Isso aconteceu de novo e de novo. Gradualmente, o silêncio caiu e logo todos estavam olhando

para mim. Por algum acordo tácito, um caminho se abriu no meio deles.

Entramos em uma sala cavernosa. Parecia o interior de uma catedral: colunas cobriam as paredes e um enorme lustre pairava sobre a multidão. Era feito de chifres e galhos. Mas eu não conseguia ficar olhando para o teto o tempo todo; relutantemente, voltei minha atenção para a enorme multidão. *Mande uma mensagem para as linhagens,* dissera Collith.

Havia centenas deles. Nunca me senti tão fraco e pequeno. Para lutar contra o sentimento, levantei minha cabeça.

As fadas usavam roupas feitas de casca de árvore, folhas e peles. Alguns tinham maquiagem chocante como a minha. Outros usavam roupas modernas, claramente tiradas do mundo humano. Avistei uma mulher de salto alto e um homem vestindo uma jaqueta de couro.

Aquele me encarou com admiração óbvia – então eles não estavam completamente imunes ao meu poder.

Também havia humanos aqui. Muitos tinham bochechas encovadas e seminus. Um deles era um menino que não poderia ter mais de treze anos; ele observou meu progresso com olhos febris. Tomando nota de como suas costelas se destacavam, meu ódio pelas fadas cresceu. Mais adiante, meu olhar encontrou o de uma mulher. Ela poderia ter a minha idade, mas as manchas sob seus olhos e o vazio em sua expressão a faziam parecer idosa.

Alguém havia raspado sua cabeça e os tufos restantes de cabelo loiro refletiam a luz.

Naquele momento, uma fada

cutucou a mulher nas costelas e ela baixou os olhos. Diminuí a velocidade, pensando em intervir, mas o guarda rosnou em advertência. Eu continuei.

No outro extremo da sala havia um estrado e, em cima dele, um trono.

Foi a maior cadeira que eu já vi. Tinha sido esculpido nas raízes de uma grande árvore que descia do teto. Laurie estava perto dele, com os ombros curvados e a cabeça baixa. Enquanto eu observava, Collith subiu as escadas irregulares.

Enviei uma oração a quem estava ouvindo para que tropeçasse ou caísse. Não tive essa sorte. Ele sentou-se na cadeira e olhou para seus súditos. Sua cicatriz brilhou na luz. Naquele momento, ele realmente parecia o Rei Unseelie. Como um conto de fadas sombrio. Como um sonho terrível.

Embora ele tivesse notado que estávamos indo em sua direção, ele ainda não olhou para mim.

Momentos depois, paramos na base do palco improvisado. Damon e Jassin estavam à nossa esquerda, mas meu irmão estava protegido da vista. Eu me mudei para poder ver seu rosto. Ele percebeu o movimento e, quando nossos olhos se encontraram, a expressão de Damon se contorceu de culpa e preocupação. Antes que eu pudesse fazer qualquer coisa, ele olhou para frente novamente. A faca do meu pai não estava mais em sua posse.

Havia uma sensação palpável de expectativa no ar. Ocorreu-me que muitas dessas criaturas provavelmente passavam dias e noites debaixo da terra, sem tecnologia ou um mundo para explorar. Qualquer quebra de rotina deve ter sido estimulante.

"Um tribunal foi solicitado", disse Collith, segurando levemente o apoios de braços. Sua voz ecoou. “Quem será meu conselho?”

Uma por uma, três fadas se separaram da multidão. A primeira a se aproximar foi uma mulher magra com cabelos brancos até a cintura. Não havia como saber a idade dela, mas os anos pairavam ao seu redor como uma cortina invisível.

O segundo parecia mais jovem, outro tipo de guerreiro com músculos grossos e olhos penetrantes. O último era um homem de pele escura com membros delicados e joias douradas. Ele emanava uma espécie de... serenidade.

Eles se aproximaram do estrado. O guerreiro saltou agilmente e o resto o seguiu com mais recatada. Eles ficaram ao redor do trono como sombras, e senti o último homem me estudando. “Por que você pediu esta reunião? Em inglês, por favor, para que o Pesadelo possa entender”, ordenou Collith.

Com isso, Jassin arqueou uma sobrancelha. *O pesadelo.* Eu praticamente podia ouvir as rodas girando em sua cabeça, me perguntando se ele deveria revelar quem eu realmente era ao rei. Que eu era seu companheiro e não apenas um pesadelo que veio

salvar seu irmão. Eu não tinha ideia se isso tornaria as coisas melhores ou piores para mim. Também fiquei arrependido ao ver que os arranhões que fiz nele já estavam cicatrizando. “O equilíbrio deve ser restaurado”, disse Jassin, quase distraidamente, enquanto enrolava um dos cachos do meu irmão no dedo. Collith lançou um olhar para ele, e a fada de cabelo acobreado revirou os olhos. “Muito bem, encontrei o Pesadelo fora dos meus aposentos. Ela fez esforços para roubar meu escravo. Isso é específico o suficiente, Majestade?”

Murmúrios irromperam no meio da multidão. Abri a boca para dizer alguma coisa —

salientar que Damon não era um escravo, que eu não cumpria as leis das fadas, que *Jassin* tinha sido o ladrão —, mas Laurie abanou a cabeça num aviso silencioso. A fúria fez o sangue ferver em minhas veias. *Por que eu deveria confiar em você?* Eu queria cuspir. Talvez eu fosse um tolo, porque parte de mim ainda queria. Então cerrei os dentes e fiquei em silêncio.

Como se sentisse o perigo, Collith escolheu aquele momento para finalmente se dirigir a mim. “Você tentou roubar algo que já foi reivindicado. Em troca, o senhor que você ofendeu poderá levar algo seu”, explicou ele. Seu tom era educado e distante.

Só então, houve um movimento com o canto do meu olho. Damon estava dizendo algo no ouvido de Jassin, baixo e urgente. O que quer que ele tenha dito despertou o interesse da fada, e ele virou a cabeça. Enquanto conversavam, Laurie aproximou-se de mim. Ninguém pareceu notá-lo. “Eles não podem tirar sua vida”, ele murmurou. “Porque foi apenas um escravo que você tentou roubar, o saldo exige apenas algo igual a um pertencimento ou objeto.”

Algo em meu peito se afrouxou e eu respirei com mais facilidade. “Ah, bem, isso é ótimo. Estou tão feliz que eu estava de olho *apenas em um escravo* . Além disso, lembre-me por que não posso me defender?

“Porque a punição é inevitável. Falar agora só vai diverti-los ou irritá-los, dependendo do seu humor. De qualquer forma, você apenas prolonga o processo.”

"Já estou entediado com isso", Jassin disse de repente, afastando-se de Damon. “Tire a carne das costas dela e acabe com isso.”

Uma risada histérica explodiu de mim. Laurie agarrou meu ombro, dando-lhe um aperto de advertência, mas eu o afastei. Eu me virei para encarar nossos espectadores vibrantes. *Você não quer saber quem me deixou entrar?* Tentei dizer: se fosse cair, levaria Collith comigo, mas tudo o que surgiu foi um grasnido fraco. Um segundo passou e tentei novamente. Nada. O tempo pareceu desacelerar quando percebi o porquê.

Collith havia tirado minha voz.

Lentamente, me virei novamente. Por um minuto, o resto da sala desapareceu.

Olhei para a fada com quem me casei, sentada em seu lindo trono, e pensei em minhas próprias punições. Ignorando-me, o Rei Unseelie olhou para as fadas de rosto solene que estavam ao seu redor. “O conselho considera isso justo?” ele perguntou. A única indicação de que ele foi afetado pela minha situação eram seus longos dedos, que batiam de forma errática. Seu anel brilhou.

Os guardas mais próximos do estrado avançaram. Eles formaram um círculo fechado em torno das três fadas. Esforcei-me para ouvir o que eles estavam dizendo.

Suas vozes eram muito baixas, mas cada um deles fez movimentos leves que indicavam que uma conversa estava acontecendo. Meu pulso estava estrondoso.

Aparentemente, a mulher alta era a porta-voz deles; em menos de um minuto ela se endireitou e deu um único aceno de cabeça. Sua voz ecoou na quietude, fria e refinada. “É um julgamento sólido.”

Com isso, Collith sinalizou para os guardas, e a mulher segurou meu braço. Eu me afastei e cuspi na cara dela. Ela respondeu com um golpe que me jogou no chão – não havia nada de humano na força por trás disso. Pontos coloridos encheram minha visão.

O interior da minha boca tinha gosto de sal e metal.

O guarda agarrou-me novamente, puxou-me para cima e avançou em direção a outro emaranhado de raízes. Ficava à direita do estrado, dentro da linha de visão de todos, mas ligeiramente afastado de tudo. Meu coração, que já batia forte e rápido, acelerou.

Isso estava realmente acontecendo?

Ninguém iria impedir isso?

Como se pudesse ouvir a espiral de pânico dos meus pensamentos, a guarda pegou uma corda e prendeu meus pulsos a um dos galhos mais grossos. Eu ainda estava cambaleando e não havia chance de reagir ou decidir. No instante em que ela terminou, o guarda se virou. Eu não consegui nem insultar ela recuando.

Minha respiração estava alta e irregular. Testei a resistência das cordas e soube imediatamente que não haveria como escapar disso. A perspectiva da dor não me aterrorizava tanto quanto uma corte inteira de fadas aproveitando-a.

Enquanto eu avaliava minhas opções, Jassin levantou a voz, gritando em sua própria língua. Ele parecia estar vasculhando a assembléia.

As conversas foram interrompidas.

Por alguns segundos, não tive ideia de por que eles ficaram em silêncio. Estiquei o pescoço para ver o quarto. Então houve um movimento ao longo da parede dos fundos e meu olhar se voltou para ela. As fadas estavam se despedindo com óbvia cautela como

a criatura caminhou lentamente em direção ao estrado. Ele se elevava acima de todos os outros e usava um pano em volta do rosto. O material marrom estava coberto de manchas escuras.

Jassin caminhou até mim. Eu puxei as cordas em um esforço inútil para fugir, o que só pareceu lhe dar mais prazer. Ele se inclinou e sussurrou em tom conspiratório: “As crianças o chamam de *druindar northana.* Traduzido aproximadamente para Death Bringer, em sua língua grosseira.”

Ele lambeu o lóbulo da minha orelha e eu recuei tarde demais. Um novo ódio misturou-se ao terror e meu tremor se intensificou. Com um sorriso, Jassin voltou para o lado do meu irmão.

Desta vez nem olhei para Damon; a enorme fada havia chegado. Ele ficou atrás de mim e o ar parecia mais frio que o normal. Não consegui reprimir um arrepio. Continuei me virando para manter os olhos nele, tentando ver qualquer indício

de rosto através daquelas dobras rígidas.

Então a mão da criatura apareceu. O primeiro detalhe que notei foram as unhas escuras e lascadas, ainda mais desagradáveis que as de Jassin. A segunda era a coisa em que eles estavam agarrados.

Era o cabo de um gato de nove caudas.

“Fortuna Sworn”, gritou Collith, “você cometeu um crime de acordo com as leis antigas. O

equilíbrio deve ser restaurado. Você foi condenado a vinte chicotadas, uma quantia que descobrimos que criaturas ainda menores podem sobreviver, e ao final sua dívida será paga.

Houve um momento de silêncio absoluto e me virei para fixar meu olhar resolutamente no chão. Ao fazer isso, tive um vislumbre da multidão. Alguns olhavam com óbvio desgosto, enquanto outros sorriam ou riam. O homem que estava olhando para mim com tanta reverência tentou avançar, mas houve uma breve briga e outra fada o arrastou para fora da sala.

Então a criatura balançou seu braço gigantesco. Embora eu estivesse antecipando, o golpe foi tão chocante que não consegui conter um grito. Aparentemente, Collith retornou o uso da minha voz. Ele queria que eu gritasse. Ele queria que a corte se divertisse com a dor do Pesadelo. Minha pele ardia incandescente onde o chicote havia atingido. Contive um gemido, decidindo não fazer mais nenhum som. Eu também estava determinado a permanecer de pé.

Mas o gato de nove caudas caiu novamente e não adiantou. Eu cedi. Meus joelhos atingiram o chão com um baque estridente. Mordi o lábio com tanta força que senti mais gosto de sangue.

Não havia pensamento, nenhum senso de identidade.

Apenas o fogo.

O chicote continuou chovendo, me rasgando das omoplatas às panturrilhas.

À medida que avançava, virei-me para olhar para Collith. Para ter certeza de que

ele estava assistindo a cada segundo. Não falta nada. Nem o sofrimento na minha expressão, nem a corda rasgando meus pulsos, nem o couro caindo sobre mim. Com cada chicotada, perdi mais do que pele e sangue.

Perdi o potencial de um dia amar meu companheiro.

A agonia piorava a cada golpe. Eventualmente foi demais.

O rosto inescrutável de Collith ficou nebuloso e eu quebrei nosso olhar para cair contra as raízes. Os cílios não pararam. Eu perdi a conta deles. Eles simplesmente vieram de novo, e de novo, e de novo. Lágrimas e ranho escorreram pelo meu rosto. Eu não me importei.

Alguém falou de uma grande distância e o chicote finalmente parou. As cordas em volta dos meus pulsos afrouxaram. Deslizei para o chão, pairando no limite da consciência.

A frieza que cercava Death Bringer recuou, mas não consegui formar um pensamento coerente. Havia apenas a dor.

De repente, a música começou a tocar, assobios e violinos que encheram o ar de alegria. As conversas voltaram à vida. “Tire isso do caminho,”

Eu ouvi a ordem de Jassin. Abri os olhos – o mundo era uma mistura torta de cores e movimentos – e observei enquanto ele puxava meu irmão para seus braços.

Damon olhou para mim, seu rosto angustiado. Um instante depois, ele saiu da minha vista. A saia de uma mulher girou quando a dança começou. Alguém riu.

Dedos ásperos envolveram meus braços e me arrastaram pela multidão de foliões.

Minhas costas destruídas arranharam as pedras, o que deveria ter sido uma tortura. Tudo parecia mudo, no entanto. Eu estava vagamente consciente de que nosso progresso deixou um rastro de sangue. Meu vestido estava encharcado e as costas também estavam em farrapos. Estávamos indo para uma pequena porta. Se eles quisessem me matar, eu não seria capaz de revidar.

Sob as pálpebras pesadas, avistei Collith. Ele ainda estava sentado em seu trono

e seu olhar encontrou o meu. Naquele momento, sua máscara pareceu escorregar, revelando algo além da criatura fria que estava sentada naquela cadeira todo esse tempo. Eu sabia que era uma ilusão, uma esperança patética de não ter me casado com um monstro. Apertei os olhos e desejei que a escuridão me engolisse. Não aconteceu.

Os sons da sala do trono desapareceram. Havia apenas minha respiração, o arrastar e os passos dos guardas. Uma imagem mental entrava e saía de foco, uma campina coberta de brilhantes flores silvestres. Uma figura familiar estava sentada de costas para mim. “Oliver?” Eu sussurrei. Assim que ele se virou, a imagem escorregou

ausente. Eu gemi de frustração. Um momento depois, um dos guardas parou e me levantou.

O macho, percebi quando senti seu peito achatado contra meu ombro. Ele cheirava como se não se lavasse há semanas. Ele disse algo para sua companheira e ela respondeu em tom entediado. Provavelmente discutindo se eu aguentaria a noite.

Estávamos descendo uma escada; a temperatura caiu e o espaço pareceu mais estreito. As dobradiças guincharam. Alguns passos adiante, o guarda me jogou no chão como se fosse um saco de farinha. Bati no chão duro e gemi novamente. Então um cadeado clicou.

O som fez meus olhos se abrirem. No segundo em que registrei o que estava acontecendo – eles me colocaram em uma cela – o pânico quebrou a parede de dor ao meu redor. "Não!" Eu gritei. Aparentemente, eu ainda tinha um pouco de força; Atirei-me contra as grades num esforço inútil para sair. Os guardas já haviam partido. Gritei atrás deles, todas as obscenidades e ameaças que pude imaginar.

O silêncio me respondeu. Ainda segurando as barras, caí no chão. Uma única tocha ardia ali perto e sua luz era fraca. Não havia nada de gentil na escuridão resultante. Embora eu me odiasse por ceder, por deixar que eles me quebrassem, não conseguia conter os soluços que assolavam meu corpo. A lateral do meu rosto latejava e o resto de mim doía tanto que mal conseguia pensar direito. Eu nunca tinha conhecido uma dor assim. Eu já tinha sido punido, não tinha?

Por que eu estava aqui?

“Você poderia parar com esse choro? Alguns de nós estão tentando dormir.

A voz veio de todos os lados, ecoando nas paredes frias e gotejantes. Eu me levantei.

O movimento enviou um raio através de mim e precisei de algumas tentativas para falar.

"Quem é você?" Eu gritei.

“Apenas mais um idiota que eles jogaram aqui e esqueceram”, a voz respondeu. *Mulher,* pensei.

Isso me fez pensar quem mais ocupava as celas aqui. Mas se houvesse outros, eles estavam mortos ou dormindo – o único som nas proximidades era o daquela pequena chama que se agitava. Encostei minha têmpora na pedra e lutei contra outra onda de tontura. “Qual foi o seu crime?”

O estranho suspirou. “Eu dei minha lealdade ao rei, então prontamente tentou assassiná-lo.”

“Mas eu pensei que as fadas não podiam mentir,” eu sussurrei. Minha mente disparou.

Isso rendeu um bufo irônico. “Oh, sua pobre criatura estúpida. Claro que nós podemos.

Mentimos sobre tudo. Esse boato foi estabelecido há milênios.

Alguma fada inteligente pensou que seria vantajoso se o resto do mundo pensasse que poderíamos confiar em nós.

A revelação era muito grande, muito pesada, e eu não conseguia nem pensar nas implicações disso. Mais uma vez, a escuridão pairou nos limites da minha visão.

E lá, usando um vestido de fada arruinado, sentado em uma piscina minha sangue, eu sucumbi a ele.

CAPÍTULO OITAVO

T não havia sinal de Oliver quando cheguei à nossa paisagem onírica.

Examinei o horizonte, procurando seu cavalete. Uma brisa agitou as pontas do meu cabelo. Ao longe, a porta da casa estava escancarada, como uma mão acenando. Peguei o vestido e comecei a correr, mas rapidamente percebi que tinha trazido meus ferimentos para o sonho – as marcas dos cílios latejavam. Meu ritmo diminuiu para uma caminhada rígida. A grama alta fazia cócegas em meus joelhos e borboletas voavam no ar, a imagem da serenidade. A cada passo, ficou mais fácil deixar a realidade para trás.

No limiar, fiz uma pausa. As lâmpadas estavam apagadas, deixando apenas luz natural.

Oliver estava de costas para mim. Seu cabelo brilhava no crepúsculo. Ele havia colocado o cavalete em frente à janela, e o chão ao redor de seus pés estava cheio de flores esmagadas, tigelas de tinta e pincéis não utilizados. No canto, havia um toca-discos antigo. As notas familiares de “Moon River” flutuavam no ar salpicado de sol – de alguma forma, Oliver havia desenvolvido um gosto por músicas antigas. Eu preferia o toca-discos simplesmente pelo som crepitante que fazia quando o disco terminava; era estranhamente reconfortante.

Eu poderia ter ficado ali por horas. Os músculos se moviam sob a camisa de Oliver enquanto ele movia a escova para cima e para baixo. Na tela, uma imagem começava a se formar, uma suave união de cinzas e brancos. Um céu cheio de nuvens, talvez, ou as colinas envoltas em névoa. Eu ansiava por assistir mais um pouco, mas a luz fraca do sol me lembrou que o tempo estava contra nós.

Relutantemente, segui em frente. As tábuas do piso rangeram sob o meu peso e Oliver se virou.

Ao me ver, ele franziu a testa e largou o pincel. "O que está errado? O que você está vestindo?"

Meu primeiro instinto foi correr para seus braços. Assim que comecei, lembrei-me de Collith. Minha mente voltou para aquela cerimônia sombria na floresta,

para as palavras sussurradas que trocamos. *Eu prometo ser fiel.*

A fada pode ter me traído, mas isso não anulou meus votos; Os ensinamentos de papai eram profundos como raízes de árvores antigas. Minha garganta inchou de remorso e arrependimento. Fiquei ali, abrindo e fechando os punhos.

Oliver diminuiu a distância entre nós em dois passos longos. Ele se inclinou para me beijar, mas eu virei o rosto. Suas sobrancelhas se juntaram. “Fortuna?”

Eu não queria contar a ele. Eu não poderia contar a ele. Me sentindo um covarde, eu reuniu um sorriso fraco. “Eu preciso tirar esse vestido.”

Oliver me avaliou. O que quer que tenha visto o fez decidir não insistir no assunto. Por enquanto, pelo menos. Ele se virou para guardar seus suprimentos. Depois de um momento, fui até a cômoda, tentando não demonstrar o quanto cada passo doía. A gaveta de cima continha roupas que eu ainda não tinha ideia de como Oliver conseguiu conjurar. Sempre que eu perguntava, ele dava uma resposta irreverente ou apenas sorria misteriosamente.

Peguei um par de leggings e um suéter macio. Depois de alguns segundos de luta, o vestido caiu no chão, formando uma pilha dura e encharcada de sangue. O suéter pousou nas minhas costas. Mordi o lábio para conter um suspiro.

Esperando que ele não tivesse notado, encarei Oliver novamente. Ele estava apenas se endireitando, com pincéis na mão. Ele os jogou em um copo manchado e ergueu as sobrancelhas. “Agora você vai me contar o que está acontecendo?” ele perguntou.

Eu nem sabia por onde começar. Havia uma parte barulhenta e infantil em mim que queria que as coisas permanecessem como estavam. Também queria evitar falar sobre os acontecimentos das últimas vinte e quatro horas. Parando, caminhei até o outro lado da sala e passei a ponta do dedo pela estante. Estava totalmente desprovido de poeira. Ele limpou? Ou não existia poeira aqui? Havia tantas perguntas que eu nunca pensei em fazer.

Quando me virei pela segunda vez, Oliver estava encostado na beirada da escrivaninha, ainda esperando por uma resposta. Ele tinha uma expressão que me dizia que esperaria a noite toda se fosse necessário. *Pare de ser covarde,* ordenei a mim mesmo. Não foi justo com ele. Mas não havia palavras certas ou uma maneira certa de dizê-las. Hesitante, eu disse: “A fada voltou. O nome dele

é Collith, aliás, não sei se já mencionei isso antes.

Acontece que ele não era o sequestrador de Damon, mas sabia quem era. Fizemos um acordo. Em

retornar por algo que ele queria, a fada concordou em me ajudar a recuperar meu irmão.

“Um acordo,” Oliver afirmou. Pingentes de gelo pendiam das palavras; ele sabia que não iria gostar do que eu diria a seguir. Ele se afastou da mesa e atravessou a sala. Fiquei onde estava, arqueando o pescoço para olhar para ele. Nossos peitos quase se tocaram. O cheiro familiar de tinta nos cercou. Oliver respondeu a pergunta que nós dois sabíamos que estava por vir. “O que ele queria, Fortuna? O que você fez?"

“Eu casei com ele.”

O silêncio encontrou minhas palavras. Oliver olhou para mim, seus olhos tão frios que queimavam. Como segurar um punhado de neve sem luva. Assim que abri a boca novamente, ele se afastou. Fiz um som estrangulado e agarrei sua mão, mas ele evitou o toque. Como crianças normais, depois adolescentes, tivemos a nossa cota de brigas. Em todos os nossos anos de amizade, porém, ele nunca se afastou de mim.

Oliver sentou-se no banquinho e ficou de frente para sua pintura. Um único raio de sol permaneceu, e ele passou pela janela, pousando em meu amigo. Ele não pareceu notar ou se importar. A linha de seus ombros estava tensa e dura.

Enquanto eu olhava para ele, a tristeza flutuou em meu peito como uma borboleta presa em uma jarra. O significado do que havíamos perdido era óbvio para nós dois. Engoli. “Sinto muito por ter causado dor a você. Mas não sinto muito por ter feito tudo ao meu alcance para salvar Damon.”

Eu esperei. Quando ele ainda não me olhou, balancei a cabeça e me virei em direção à porta. Segundos depois, a voz de Oliver me parou. “Fortuna, você está sangrando. O que... O

chão rangeu. Antes que eu pudesse reagir, ele estava lá, levantando minha camisa. Eu ouvi uma ingestão aguda. Eu tinha parado, mas não me virei. Parecia

que eu estava a segundos de quebrar.

Lá fora, um pássaro começou a cantar. Mantive meus olhos na porta, esperando dar uma olhada nela. “Collith me trouxe para a Corte Unseelie,” eu disse distantemente.

A lembrança do que aconteceu na sala do trono pairou, aproximando-se, mas eu a mantive afastada. “Seu povo me deu boas-vindas entusiásticas.”

“Precisamos limpar isso”, ouvi Oliver dizer. Ele pegou minha mão.

Suspirei enquanto caminhávamos em direção à cama. “Você não sabe nada do que faz aqui terá um efeito depois que eu acordar.

“Então cale a boca e deixe-me fazer isso para minha própria sanidade.” Ele gentilmente empurrou meus ombros. Até isso causou desconforto. Assim que me sentei, Oliver foi até o banheiro. A torneira rangeu. Ele voltou com um

pano úmido e um pequeno tubo. Apesar de quão irritado ele estava há apenas alguns segundos, seu toque foi gentil. Ele levantou o suéter novamente e começou a enxugar com a toalha. Levei toda a minha força de vontade para não me afastar. Para me distrair, li o rótulo do tubo. Oliver ainda não tinha aberto, mas eu sabia que ele abriria em alguns minutos.

“Por que você tem creme antibiótico?” Eu perguntei entre dentes.

"Eu não fiz isso até trinta segundos atrás."

Eu estava prestes a perguntar como ele sabia o que era creme antibiótico. Então me lembrei.

Tudo o que eu sabia, ele sabia. *Porque ele não é real,* sussurrou aquela voz interior.

Não. Isso era outra coisa em que eu não queria pensar agora. Em busca de outra distração, olhei por cima do ombro para ver o que Oliver estava fazendo. Havia um espelho na parede oposta à cama.

O que vi quase me fez suspirar.

Minhas costas estavam irreconhecíveis.

A pele que não estava marcada por cortes e vergões era azul e preta, cercada por inchaços amarelos. Eu carregaria as cicatrizes pelo resto da minha vida. Pisquei rapidamente e o reflexo olhando para mim ficou borrado.

O espelho também trouxe outra pessoa à mente. “Ele não voltaria comigo,” eu sussurrei, observando minha boca formar as palavras.

A mão de Oliver parou. “Damon?”

Ouvir seu nome em voz alta foi minha ruína. Balancei a cabeça, tentando conter as lágrimas mais uma vez, mas não adiantou. De repente, cada segundo de dor e terror tomou conta de mim. A recusa de Damon em sair, o encontro com Jassin no corredor, ser chicoteado, me encontrar em mais uma jaula. Soluços mudos sacudiram meu corpo. Oliver imediatamente largou a toalha e me puxou de volta para seus braços.

Tomando cuidado para não tocar meus ferimentos, ele se inclinou para trás, encostando a coluna na cabeceira da cama. Enquanto eu chorava, ele me embalou para frente e para trás. Deveria ter sido humilhante ou estranho. Em vez disso, o movimento foi calmante. Meu soluço começou a diminuir. A inconsciência voltou para me reivindicar, mas a escuridão era apenas um lembrete do que me aguardava no mundo real. Acordei com um suspiro violento.

Agarrei a camisa de Oliver em meus punhos e disse freneticamente: “Há muitos deles. Eles são mais fortes que eu, Ollie. Eu não posso vencer.” A admissão deixou um gosto amargo na minha boca.

Havia lacunas em seu conhecimento – eu quase não contei nada a ele – mas Oliver não vacilou. Ele calmamente colocou um cacho selvagem atrás da minha orelha.

“Às vezes não se trata de ser mais forte. É sobre ser mais inteligente”, disse ele meu.

“Você não entende. Eles estão vivos há milênios.”

“O que significa que eles ficaram complacentes”, ele rebateu. "Ser paciente.

Aprenda seus pontos fracos.

Era difícil imaginar uma retaliação quando meu corpo quebrado estava preso em uma cela. Mesmo assim, suas palavras ajudaram. Isso significava que alguma parte de mim ainda estava esperançosa, ainda agarrada à força. Limpei as lágrimas do meu rosto e me inclinei para trás para ver melhor o rosto de Oliver. “Quando você se tornou tão desonesto?”

Eu perguntei, apenas parcialmente brincando.

Com isso, os olhos de Oliver escureceram. Ele desviou o olhar, em direção à janela.

O sol desapareceu, deixando apenas o luar e as sombras em seu rastro. “Você me criou.

Eu sou tudo o que você precisa que eu seja”, ele murmurou.

Eu sabia que não estava imaginando o leve toque de amargura em sua voz.

A culpa enrolada em meu estômago como uma cobra venenosa. Eu segurei sua bochecha e o virei de volta para mim. “Obrigado,” eu disse, deixando tudo que eu sentia vir à tona.

Foi contra todos os meus instintos, mas lutei contra eles. Para ele.

Valeu a pena. Um sorriso glorioso apareceu em seu rosto e, simplesmente assim, Oliver era a pessoa que eu sempre conheci. Ele beijou o topo da minha cabeça, lento e terno. “Apenas lembre-se de uma coisa, ok? Você é Fortuna Jurado, querido.

Agora eu ri, um som aguado. O aperto de Oliver aumentou, afeto óbvio em sua expressão, e ele olhou para cima. Depois de um momento, segui seu olhar. O telhado se desfez, tábuas e telhas voaram noite adentro, até que não havia mais nada entre nós e o céu. Uma por uma, as luzes acima de nós começaram a cair. Era um truque que Oliver já havia feito muitas vezes, mas nunca me cansei dele.

Algo sobre esta noite foi diferente, no entanto. Eu não me importava com o que estava acontecendo lá em cima; Oliver observava as estrelas e eu me vi observando ele. Os minutos se passaram e a dor nas minhas costas quase não era

mais perceptível. Se foi obra de Oliver – outra habilidade que ele manteve escondida de mim – ou porque eu estava mais absorta em admirá-lo, eu não sabia. Com o passar do tempo, lágrimas brilharam em seu rosto. Por minha causa, eu sabia. Por causa da escolha que fiz. E não tinha sido ele.

Fechei os olhos e fingi não notar.



Um som. Silencioso. Familiar.

Vozes, pensei. Eles vieram de longe, como uma daquelas estrelas distantes. Eu ainda não estava totalmente consciente e resisti à atração. Eu não queria voltar para aquela cela, para aquele corpo quebrado. Mas as vozes se aproximaram. A mistura de sons tornou-se palavras. “... já tratou dela”, alguém sussurrava.

“Impossível”, respondeu outro. “Ninguém esteve aqui, exceto o guarda.”

"Veja por si mesmo. As feridas são limpas e cobertas com algum tipo de pomada.

Minhas costas estavam para eles. Antes que eu pudesse decidir se revelaria que estava acordado, um dos oradores tocou a marca de um chicote. Meus olhos se abriram e soltei um suspiro involuntário. Recuei diante das figuras sombrias, ignorando os raios que queimaram através de mim com o movimento. Bati na parede dura e molhada.

"Quem é você?" Eu exigi. Ou tentei, de qualquer maneira; a pergunta era trêmula e fraca. Seus rostos estavam obscurecidos pela escuridão. Um agachou-se próximo e o outro ficou na porta. A fada que me tocou não respondeu, mas a outra sim. Reconheci sua voz instantaneamente. “Esta é Zara,”

Collith disse. “Ela não pode curar você completamente, ou eles suspeitarão de seu envolvimento, mas ela está aqui para aliviar um pouco da dor. Peço desculpas pelo seu tempo aqui; os guardas não sabiam que você tinha um quarto. Eles não sabiam mais para onde levar você. Eu corrigi esse descuido.”

Ele estava chamando minha prisão de... descuido?

A raiva apertou minha garganta e eu não respondi. Zara mexeu em alguma coisa e houve um leve rangido. Então, um momento depois, uma lanterna ganhou vida e iluminou o pequeno espaço ao nosso redor. Fiz questão de fixar meu olhar na fêmea. A luz revelou a curva de sua bochecha e cílios longos e escuros. Ela usava uma abaya bege e um hijab combinando. Isso me surpreendeu um pouco; Eu não sabia que as fadas tinham a fé islâmica.

Enquanto os dois esperavam que eu dissesse alguma coisa, o silêncio era tão proeminente que parecia mais uma presença na sala. “Quem ajudou você?”

Zara perguntou quando ficou muito longo.

"Me ajudou ? Você está brincando? Não tenho ideia do que você está...”

A realização rugiu através de mim e destruiu tudo. Na minha mente, vi a casa e as estrelas.

O creme antibiótico na mão de Oliver. Não poderia ser. Tudo o que ele fez em nossa paisagem onírica ficou confinado lá. Sempre foi assim. Como sempre seria. Alguém deve ter entrado na cela e me ajudado. Damon ou Laurie, provavelmente.

“Você sabe de uma coisa,” a mulher comentou. Com um começo, eu compreendi que eu tinha dito algo em voz alta.

Minhas defesas aumentaram. Olhei diretamente para ela e zombei. Uma faísca do meu antigo eu cintilou. “Você desperdiçou seu tempo. Não quero nem preciso da sua ajuda.”

Houve uma pausa e senti os dois me considerando. Então, quebrando nosso olhar, Zara olhou para Collith. Ele deu um aceno quase imperceptível. Ela passou por ele e nos deixou. Seus passos ecoaram nas paredes. As dobradiças da porta rangeram. Fechou-se.

Deixando eu e Collith sozinhos.

Eu não olhei para ele. Eu não falei com ele. Mas o Rei da Corte Unseelie não era tolo; ele sabia que as perguntas ricocheteavam dentro do meu crânio. Ele se aproximou. Eu podia ver sua bota com minha visão periférica. “Eu sei que lhe devo várias desculpas. Em primeiro lugar, sinto muito por não ter contado quem eu era — ele disse baixinho, como se alguém pudesse estar ouvindo, mesmo aqui embaixo. De alguma forma eu não pensei que a fada na cela ao lado da minha contasse. “Eu gostaria de ter feito isso.”

Coma merda e morra, eu queria dizer. Em vez disso, sobraram palavras completamente diferentes minha boca. "Por que você não fez isso?" Eu perguntei, odiando o quão traído parecia.

Collith não hesitou. “Covardia”, ele respondeu sem rodeios. Ele ainda não tinha se movido, mas havia tantos sentimentos em sua voz que parecia que ele estava ali mesmo.

“Eu pensei que se você soubesse o quanto sua vida mudaria, sendo minha companheira, você não concordaria com isso.”

“Agora nunca saberemos. Você não me deixou fazer essa escolha por mim mesmo.

Senti seus olhos em mim. "Eu sei."

Em algum lugar deste lugar escuro, uma única gota d'água caiu. Fez um som oco e persistente. À medida que desaparecia, finalmente me voltei para Collith. Embora eu não pudesse ver sua expressão, imaginei. Aquele olhar estóico e majestoso do dia anterior enquanto meus gritos ecoavam pela sala do trono. “Há tanta coisa que não entendo”, eu disse finalmente. “Por que você não pôde levar Damon

de Jassin? Por que você está escondendo nosso casamento de todos? Por que você deixou outra fada chicotear seu companheiro? Um rei todo-poderoso não deveria ser capaz de...

“Eu não sou todo-poderoso, Fortuna.” Sua expressão era implorante. Quando não disse nada, Collith finalmente se aproximou. Ele ignorou a umidade e a sujeira enquanto se ajoelhava ao meu lado.

Ele não se atreveu a estender a mão, mas isso não o impediu de continuar. “Minha posição é precária.

A história já provou que governar com medo leva à discórdia e à traição. Quando assumi o trono, procurei governar com lei e objetividade.”

“E até que ponto isso funcionou para você?” meu vizinho ligou, assustado meu.

“Quieto”, respondeu Collith, sua voz mais nítida do que eu já tinha ouvido. A linha de seu corpo era rígida. Observei tudo isso pensativamente, depois retornei minhas feições à expressão fria quando ele se virou em minha direção mais uma vez. “E eu impedi você de anunciar quem você era – tomando sua voz – no tribunal porque os fae têm memória longa. Queria apresentá-lo em um momento de nossa escolha. Não de Jassin.

De tudo que ele acabara de me contar, apenas uma pequena parte importava.

Meu coração batia mais forte e mais rápido. A ameaça escorria de cada palavra enquanto eu perguntava: — Que lei permitiu que Damon fosse mantido em cativeiro por dois anos, torturado por tanto tempo que sua mente quebrou com a brutalidade disso?

E quem sabia o que mais Jassin tinha feito com ele? O pensamento fez meu estômago revirar.

“Algumas tradições são antigas. Como o mercado negro, por exemplo. Se eu tentasse mudá-los, teria uma revolta antes que pudesse piscar. As fadas gostam de seus escravos e brinquedos. A mão de Collith, que estava apoiada em seu joelho, tornou-se um punho. Seu anel brilhou na luz. “Por que você acha que eu procurei você, Fortuna? Estou tão consternado quanto você com as coisas que estão acontecendo aqui. Meus fracos esforços para mantê-los ocupados — esculpindo portas, colocando pedras no chão — não são suficientes. Eu quero fazer uma mudança. Meu poder por si só não é suficiente para mantê-los afastados.”

“Achei que você não quisesse governar com medo”, retruquei.

“Isso ainda é verdade. Eu simplesmente quero sobreviver à reação quando eu criar o reino que vejo em meus sonhos.”

Sua expressão era tão séria. Se não estivéssemos rodeados de ar úmido, se não sentisse pontadas de dor a cada respiração que eu respirava, seria fácil acreditar nele. O que me deixou ainda mais irritado. Antes que eu pudesse responder com

outra coisa impensada e furiosa, a voz de Oliver me parou.

Às vezes não se trata de ser mais forte. É sobre ser mais inteligente. Engoli as palavras afiadas em minha garganta e, em vez disso, estudei o rosto de Collith, as linhas nítidas e os planos suaves. Uma de nossas primeiras conversas ecoou em minha memória.

O que você quer?

Você.

Ele não fez segredo disso. Mas isso foi antes de ele quebrar qualquer frágil

esperança ou possibilidade entre nós. Esta criatura não teve chance comigo.

Ele não precisava saber disso, no entanto.

“Vamos ver”, eu disse. Collith franziu a testa, obviamente confuso, e fiz um gesto impaciente. O movimento enviou mais uma onda de dor nas minhas costas. “Você deseja tanto minha confiança; mostre-me um vislumbre desse suposto sonho.”

Seus olhos clarearam. “Há coisas na minha cabeça que você não iria...”

“Você negocia decretos e segredos; o meu são pesadelos e terror. Nada Vejo que me dará um segundo de pausa, fada. Não consegui esconder meu desdém.

"Você vai dizer meu nome de novo?" Collith sussurrou, parecendo angustiado.

Eu não agraciei isso com uma resposta. Aquele gotejamento distante continuou enquanto eu esperava sua decisão. Em segundos, Collith aproximou-se e inclinou a cabeça.

No começo, eu não tinha certeza do que o gesto significava. Quando ele não se moveu, percebi que ele queria que eu o tocasse. Hesitantemente, estendi a mão. Meus dedos pousaram em suas têmporas com os contatos mais leves. Nunca fui tão deliberado ao investigar a psique de alguém.

Tentei não me lembrar da última vez que coloquei minhas mãos nele, mas as imagens escaparam pelas frestas da minha parede mental. Cumes de casca. Filtragem de luz pelas copas das árvores. O cabelo sedoso de Collith entre meus dedos. Agora algo se mexeu dentro de mim, baixo e quente. Cerrei os dentes e continuei.

Houve um momento de leve resistência, mas desta vez Collith me deixou entrar.

Entrar na mente de outra pessoa geralmente era como estar debaixo d’água.

Tudo era mais lento, mais denso, mais frio. Mas desta vez foi totalmente diferente.

Fiquei na consciência de Collith e absorvi a sensação disso. Onde antes havia um vazio, um vazio cuidadoso, agora havia indícios de mais. Um sabor sutil e doce.

Movimento e luz.

Eu fiz uma careta e mergulhei mais fundo. Senti Collith estremecer, mas ele ainda não ofereceu resistência.

Finalmente, encontrei algo. Não seus medos, mas exatamente o que ele pretendia que eu visse: seus sonhos. Eu estava em uma colina, cercado por um céu azul e grama verde. As cores e os detalhes eram mais vívidos do que qualquer outro que eu já havia experimentado. Perto dali, aninhados sob alguma sombra, um grupo de fadas estava sentado ao redor de uma mesa de piquenique. A risada ecoou pelo ar. Aproximei-me, curioso apesar de tudo. As fadas não faziam nenhum esforço para esconder as orelhas pontudas enquanto duas crianças mortais empinavam uma pipa a poucos metros de distância. Não havia sinal de sujeira ou escuridão. Em vez disso, ficou claro que o seu povo vivia acima, entre a humanidade.

Havia uma linha de árvores atrás deles. A folhagem e a sombra eram interrompidas por uma abertura redonda, uma espécie de túnel que atravessava. Eu sabia que Collith estava me guiando, tentando influenciar o próximo destino. Decidi jogar junto... por enquanto. Deixei a cena alegre para trás e caminhei em direção à abertura.

Lá dentro, não havia nada de sinistro ou sombrio no caminho; o canto dos pássaros encheu o ar e uma brisa perfumada passou. Como eu não queria ficar aqui por mais tempo do que o necessário, não demorei para admirar a forma como a luz do sol se filtrava através da copa acima.

Mais à frente, o túnel terminava na escuridão. O ar esfriou. Desconfiado do que iria encontrar – a possibilidade dos esforços de Oliver me seguirem no mundo real tinha mudado tudo – diminuí a velocidade. A terra sob meus pés virou gelo. Saí para fora e percebi por que estava tão frio.

Neve.

Ele flutuou serenamente, como se nada de ruim existisse no mundo. Eu estava em uma rua residencial e as árvores deram lugar às estrelas. As luzes da rua apareciam a cada poucos metros, tornando tudo suave e brilhante. As casas não eram grandiosas, mas as janelas claras davam ao bairro uma sensação acolhedora. Minhas botas rangeram na neve. Olhei para a esquerda e para a

direita, tirando fotos das cenas. As fadas estavam por toda parte. Eles se sentaram em volta de árvores de Natal e mesas de jantar. Todos eles usavam roupas modernas. Fiquei esperando ver algum tipo de violência, ou um vislumbre de seus escravos, mas não houve nada. Nada além desse bizarro contentamento e sentimento de pertencimento.

Esta era a esperança de Collith para o seu povo? Eu queria rir ou chamá-lo de todo tipo de idiota. Por alguma razão, porém, não consegui.

Collith me conduziu. A estrada acabou eventualmente, transformando-se em lugares mais bonitos habitados pelo Povo das Fadas. Eles dançaram em casamentos. Eles estavam nas praias. Eles escalaram montanhas. O tempo todo, eles não usavam

glamour. Não havia tensão entre as raças e nenhum medo por parte dos humanos.

Todos viviam em unidade.

Mas os lindos sonhos não eram tudo o que eu tinha acesso.

Em um deles, notei uma ondulação no ar. Algo mais estava no fundo da mente de Collith, tão poderoso que estava afetando todo o resto, e meus instintos foram atraídos para isso. Estendi a mão em direção à perturbação. Tinha a sensação de algo velho e desgastado, como um quadro que já havia sido manuseado inúmeras vezes. Uma memoria.

Collith estava se segurando, tentando esconder esse pedaço de seu passado, mas era inútil trancar a porta depois que alguém já havia entrado. Agora coloquei meu braço na onda. O pânico de Collith fez o chão tremer. O trovão soou à distância. Eu o senti tentar me expulsar, me banir completamente de sua mente. *Tarde demais,* pensei com uma satisfação cruel. Sorrindo, me aproximei.

"Não!" A voz de Collith gritou dos céus. Ele me seguiu até o outro lado.

Meu pé pousou em algo macio e macio. Um tapete. Eu me libertei da lacuna na consciência de Collith, deixando completamente o sonho para trás pela realidade. A perturbação na parede solidificou um instante depois. Endireitei-me e olhei em volta, ansioso para ver o que Collith estava tão desesperado para

manter em segredo. Meus olhos se acostumaram à mudança abrupta na iluminação e no som.

Comparado ao barulho de momentos anteriores, o silêncio repentino também foi chocante.

A fêmea foi a primeira coisa que chamou minha atenção. Ela estava deitada em uma cama enorme, com um seio nu aparecendo das cobertas de veludo. Ela tinha cabelos ruivos desgrenhados e um sorriso malicioso. Ah, como Collith a amava. Encheu o ar, mais poderoso que perfume recém-aplicado. Ele descansou ao lado dela, também nu, olhando-a com ternura nos olhos. Os lençóis de seda estavam amarrotados e levemente úmidos de suor.

Assim como aconteceu com os participantes do piquenique, nenhum deles parecia perceber minha presença. Eles estavam totalmente imersos um no outro e, enquanto eu os observava, senti uma pontada de algo agudo e indefinido. O nome da mulher se formou nos lábios de Collith como uma canção. “Viessa…”

Assim que ela abriu sua linda boca para responder, uma força invisível me atingiu no peito. O ar deixou meus pulmões em um sopro e fui arremessado para trás.

Eu bati na parede e mergulhei na escuridão sem fim.

CAPÍTULO

Meus olhos se abriram.

M Eu engasguei e me levantei. Por alguns segundos, fiquei totalmente desorientado, preso naquela queda livre negra e na minha cela molhada. A lanterna que Zara trouxera ardia continuamente no chão. Concentrei-me nisso, e a pequena chama tornou-se minha âncora, mantendo-me aqui. Aparentemente, ir tão fundo na mente de alguém tinha consequências — minha cabeça latejava.

Eu estava vagamente consciente de Collith. Ele ainda estava ajoelhado ao meu lado e sua voz estava irregular quando disse: “Acho que mereci isso”.

A dor não estava indo embora. Fechei os olhos, temendo vomitar. “Apenas me diga por que você está aqui.”

Mas ele não respondeu. O silêncio pairou na pequena cela. Querendo ver o rosto de Collith, ousei abrir os olhos novamente. Ele estava olhando para frente.

Seus longos dedos torceram aquele estranho anel. Parecia um gesto ausente, o movimento de alguém imerso em pensamentos. Minha paciência era um fio que se desfazia rapidamente e, quando eu estava prestes a explodir, ele falou. “Eu gostaria de reapresentá-lo ao meu povo. Nos nossos termos, desta vez.

Depois de um instante, bufei. “Eles nunca me aceitarão. Eu não sou Fae.

“Não,” Collith concordou, encontrando meu olhar. O dele parecia preto na escuridão.

"Você não está. Mas você está caído.”

Agora foi a vez de Collith esperar por uma resposta. Era difícil pensar quando tudo doía. Se ele estivesse aqui, Oliver me pediria para obedecer.

Desempenhar o papel. Use o desejo de Collith. Mas e o que eu queria? Neste momento, não era nem a liberdade de Damon... era minha. Eu mudei, como se quisesse me afastar do pensamento. A parede dura arranhou minha



lesões. Achei que estava me acostumando, mas quando outra onda de dor se

abateu sobre mim, quase desmaiei. Com isso, o que restava da minha resistência evaporou.

"Multar. Qualquer que seja. Só por favor... deixe-me sair," eu sussurrei. Minha voz falhou no final; nunca me senti tão fraco. Num instante, Collith apareceu na minha frente. Sem dizer uma palavra, ele me levantou em seus braços. Seu toque era lento e cauteloso, mas era impossível não roçar nas marcas dos cílios. Eu gemi.

O som ecoou nas paredes. Mais pontos coloridos atrapalharam minha visão e tudo inclinou.

Fiquei inconsciente e inconsciente enquanto Collith descia o corredor e subia as escadas.

"Não, espere. Liberte os outros também", tentei dizer. Nada surgiu.

Minutos ou horas se passaram; era impossível discernir qual. Em algum momento, as dobradiças da porta rangeram. O som me despertou e abri os olhos que pareciam pesados.

Estávamos em um quarto. Uma cama enorme ocupava a maior parte do espaço, completa com dossel. O chão estava coberto de tapetes ornamentados. Havia até móveis feitos pelo homem, como uma cômoda e uma escrivaninha. Lanternas brilhavam em todas as superfícies planas, fazendo o espaço parecer convidativo.

Havia uma segunda porta que levava a uma sala adjacente. Passamos e vislumbrei estantes de livros. Uma das lombadas dizia *E então não havia nenhum.* Então Collith era fã de Agatha Christie.

Não é o que eu esperava de um rei das fadas, pensei vagamente.

Então não houve mais pensamentos.

Um fogo crepitante e alegre encheu minha visão.

O alívio se expandiu dentro de mim, tornando difícil respirar. "Ollie?" Eu resmunguei. Ele não respondeu. Não queria correr o risco de me sentar ou mesmo de virar a cabeça; Eu tive dor suficiente para durar uma vida inteira. Os segundos passaram, marcados apenas pela cuspida e pelo silvo das chamas. Uma

carranca puxou os cantos da minha boca. Não era só que Oliver ainda não tinha aparecido – algo não estava certo na paisagem onírica. Parecia frio e desconhecido. Nada como o refúgio que Oliver criou para nós.

Isso não é um sonho, eu percebi.

Aparentemente eu dormi tanto que nem mesmo meu melhor amigo conseguiu me alcançar. Lentamente, tomei consciência de outras coisas. Eu estava de bruços e o

a cama debaixo de mim era macia e estranha. Um leve cheiro masculino emanava dos lençóis vermelhos. Meu rosto não parecia mais rígido e com crostas, então alguém devia ter removido a maquiagem que Laurie aplicara com tanto esforço. O vestido de fada também sumiu, mas não foi substituído por nada. Minhas costas estavam expostas ao ar frio, com o que parecia ser pêlo para cobrir o resto. Quem me despiu? Esforcei-me para ouvir algum som além do fogo, para discernir se havia mais alguém na sala. Nada.

Insatisfeito, ousei virar a cabeça para ficar de frente para o outro lado.

Instantaneamente vi a bandeja de comida ao lado da cama e me lembrei de que não comia desde meu último turno na casa de Bea. A refeição havia sido entregue recentemente, porque ainda subiam lufadas de vapor da carne branca. Algum tipo de pássaro, imaginei. Havia também um cálice perto da travessa, com gotas de condensação escorrendo pelas laterais. Talvez houvesse uma fonte subterrânea em algum lugar desses túneis.

Meu estômago escolheu aquele momento para roncar. Eu estava faminto.

Só então, algo se moveu. Balancei minha cabeça com tanta força que deveria ter doído. Foi Collith. A visão dele fez meu apetite desaparecer. Ele havia tirado a camisa e suas costas nuas brilhavam à luz. Músculos definidos moviam-se sob a pele. Mas não foi isso que atraiu meu olhar

– foram as cicatrizes. Eram dois, e viajavam das omoplatas até a cintura. Exatamente onde suas asas deveriam estar.

Collith se virou e me pegou olhando. Nossa última conversa ainda estava fresca em minha mente e ainda havia tantas perguntas que eu queria fazer, tantas coisas

que eu queria dizer.

“Eles machucam?” Eu me ouvi perguntar em vez disso.

A fada não fingiu entender mal. Ele puxou outra camisa pela cabeça e a colocou no lugar, cobrindo efetivamente as marcas. “Sim, mas não da maneira que você quer dizer. É como se faltasse um membro. Às vezes ainda posso senti-los. Além disso, não se esqueça de beber isso.

Não se preocupe, você pode se mover.”

Uma mecha de cabelo caiu em seus olhos enquanto ele acenava para a bandeja. Segurando o pelo contra o peito, rolei para o lado para seguir seu olhar e, mais uma vez, o movimento não doeu tanto quanto deveria. *Zara,* pensei amargamente.

Sem dúvida ela veio enquanto eu dormia e curou alguns dos danos.

Eu não gostava de ter dívidas com ninguém, especialmente com uma fada.

Espero que tenha sido ela quem tirou o vestido.

Foram muitas horas que eu não conseguia contabilizar. Pensando nisso, franzi a testa para Collith. “Por que estou aqui? Por que você não me levou para o meu quarto?

“Graças ao tribunal, o Tribunal está ciente da sua presença. Seu quarto não é mais seguro.” O tom de Collith estava distraído. Ele colocou um cinto em volta da cintura e eu deliberadamente me concentrei nos objetos à minha frente. Ao lado do cálice havia uma taça de madeira. Inclinei-me para pegá-lo, pensando que seria água, mas o líquido dentro era opalescente. Ele estava tentando me encantar?

Ainda me movendo com cautela, sentei-me e descansei as costas na cabeceira da cama.

Quase nem uma pontada. Carrancudo, observei o conteúdo do copo brilhar e espirrar. A voz da minha mãe sussurrou em meu ouvido. *Dizem que se você consumir comida ou bebida de fada, você enlouquecerá.* O que significava que a

carne de aparência deliciosa também estava fora dos limites. Descansei a xícara contra meu estômago e encontrei o olhar de Collith. A imagem de suas costas permaneceu em minha mente, no entanto. “Você estava lá, então? No inicio?" Eu perguntei em seguida. Disse a mim mesmo que queria saber mais porque informação era poder.

Observei-o tomar nota da bebida e da comida intocadas. Aparentemente Collith decidiu não comentar. Ele afastou o cabelo do rosto e aquela mecha teimosa caiu para trás. "Não. Eu nasci neste mundo. Terceira geração. Mas ainda formamos com asas; eles caem dentro de alguns anos.

O lembrete de Deus para nós, suponho, do que perdemos na rebelião.”

Embora seu comportamento fosse casual, seus olhos traíam uma dor que ele ainda sentia.

Se foi pela perda de suas asas ou por causa de uma rebelião fracassada, eu não sabia. Sem saber o que dizer, meus próprios olhos vagaram. Eles pousaram em um casaco pendurado nas costas de uma cadeira. Era preto e bordado com o que presumi ser a linguagem escrita das fadas. As palavras estavam em fio dourado, percorrendo a bainha e as mangas. Era um casaco digno de um rei. “Você vai a uma festa?” Eu deixei escapar.

A pergunta pareceu lembrá-lo disso. Collith pegou o casaco e vestiu-o. O material fez seus ombros parecerem mais largos. “Sim”, ele respondeu, puxando as mangas com os dedos longos. “Eu esperava que você gostasse de me acompanhar. É uma festa de três dias chamada *Olorel.* Como um feriado humano, talvez. É por isso que a sala do trono estava tão cheia quando você chegou.”

Fiz um som que estava a meio caminho entre uma risada incrédula e uma zombaria desdenhosa. "Não, obrigado."

“Não é como a... reunião que você testemunhou,” ele disse com uma careta.

“Isso comemora um dos nossos aniversários mais importantes.”

Com isso, levantei uma sobrancelha. “Você tem aniversários? Não, espere, deixe-me adivinhar. É para o dia em que as fadas descobrirem como sair.

Collith riu. Foi a primeira vez que ouvi o som. Foi profundo e rico e vibrou através de mim.

“Não exatamente”, ele respondeu. “Faz um dia logo depois que o Príncipe Negro foi jogado na cova. Seus seguidores foram expulsos com ele. No outono, um punhado de anjos foram separados — se por ventos fortes ou por esforço deliberado, eles ainda não sabem dizer — e se encontraram no deserto. A maioria foi drenada ou ferida após a Batalha das Pérolas Vermelhas. Pela primeira vez, eles ficaram vulneráveis contra feras, humanos e elementos.

“Havia um entre eles chamado Olorel. Ele tinha a capacidade de criar aberturas para dimensões paralelas a esta. Quando ele percebeu que a sobrevivência deles era improvável, ele deu sua vida para criar um lugar onde seus companheiros estivessem seguros. Nenhum de nós existiria sem ele, e é por isso que é uma memória sagrada para a nossa espécie. Você já perdeu a primeira noite, mas a segunda será igualmente significativa.”

“A Corte Seelie estará lá também, então?” Eu perguntei, mais uma vez intrigado, apesar de tudo.

“Eles celebram em seu próprio domínio.” Collith inclinou a cabeça e me avaliou. “Você está se sentindo bem o suficiente para ir esta noite?”

Houve poucas vezes na minha vida em que senti medo, mas agora foi uma delas. A perspectiva de estar na corte novamente — depois de todos terem assistido à minha humilhação como se fosse um espetáculo da Broadway — era assustadora. Mas também não queria ficar ali, sozinha numa cama que cheirava a ele.

Parando, passei a mão pela pele. Era branco e macio. “Você quer que eu te acompanhe, hein?

Como o quê, seu brinquedo?

“Como meu companheiro,” Collith respondeu com firmeza. Sem esperar pela minha reação, ele se virou. Havia um baú de madeira encostado em uma parede.

Ele levantou a tampa e começou a vasculhar. Depois de alguns segundos, ele me encarou novamente. Havia algo em sua mão. “Fae não usam alianças de casamento, como você provavelmente está acostumado. Em vez disso, usamos

isso.”

Ele se aproximou e abriu os dedos. Era um colar. A corrente era longa e prateada, e pendurada na ponta havia uma safira. "É lindo,"

Eu admiti. Eu imediatamente me odiei pelo elogio. Imaginei transformar a joia em pó e observar os olhos de Collith se arregalarem de horror.

Alheio aos meus pensamentos sombrios, os lábios de Collith inclinaram-se para cima num meio sorriso. “Quando começamos nossas vidas aqui, cada linhagem recebeu um punhado de minerais ou pedras preciosas únicas. Cada um foi encontrado na terra, enquanto trabalhávamos

para expandir as passagens e aperfeiçoar a perfeição. Minha mãe usou isso.

A mãe dele. Por alguma razão, era difícil imaginar Collith tendo um como todos os outros.

Eu estava pensando nele como alguém que sempre existiu, em vez de alguém com um começo. A compreensão de que mesmo um Rei Unseelie tinha pais era perturbadora.

Ele ainda estava esperando que eu aceitasse. *Diga que você não quer. Jogue de volta na cara dele,* uma voz interior insistiu. Em vez disso, sem saber exatamente por quê, peguei o colar oferecido. A corrente de prata se acumulou no centro da palma da minha mão, brilhando como uma cobra ao sol. "Eu irei conhecê-la?" Eu perguntei sem olhar para cima.

Collith agiu como se não tivesse ouvido. Ele concentrou sua atenção em um espelho que ficava num canto próximo. “Existem algumas regras durante a festa”, disse ele, mexendo em um fiapo inexistente. “Mesmo as fadas aderem a eles. Sem matar, sem roubar e sem poderes.

Para fazer isso, invoca outro tribunal. Você estará seguro lá. Bem, bastante seguro.

Ele poderia fugir e ignorar todas as perguntas que quisesse. Eu tinha muito mais. "O que aconteceu com eles? A primeira das linhagens? As fadas não morrem de velhice,” eu pressionei. Se alguém tivesse matado esses seres antigos e

poderosos, eu queria saber como eles fizeram isso.

Como se adivinhasse meus motivos, os olhos de Collith brilharam divertidos. Ele respondeu com bastante facilidade. “Três deles estavam no meio da multidão ontem. Você teria notado Chandrelle; ela atuou como membro do conselho durante seu tribunal. Opta-se por ficar longe das intrigas da Corte, e apenas seus descendentes têm permissão para vê-lo.

Dois vivem entre humanos. Outro foi assassinado por seu companheiro décadas atrás. Os últimos cinco residem na Corte Seelie.”

“Doze linhagens,” murmurei pensativamente. Muitos. Eles eram todos inimigos? Ou eu poderia encontrar um aliado escondido entre suas fileiras?

Enquanto eu tentava pensar em alguma vantagem que pudesse apresentar a um apoiador em potencial (a estratégia nunca foi meu forte), Collith tirou algo de uma gaveta. Ele se virou ligeiramente e vi que havia uma coroa em suas mãos. Ele brilhava sob a luz suave. Assim como as espadas que seus guardas carregavam, parecia ser feita de vidro, com bordas irregulares e pontas afiadas. Mortal e lindo. Para minha surpresa, Collith colocou-o na cabeça sem qualquer cerimônia. Eu não tinha esquecido nem por um segundo quem e o que ele era, mas um flash

de memória bateu em mim. Aquele estranho frio e elegante sentado em seu trono distorcido.

Collith olhou para baixo, totalmente inconsciente do efeito da coroa, e sorriu.

"Bem?" ele disse. “Posso contar com sua presença esta noite?”

Isto é para você, Damon, pensei. Coloquei minhas mãos sob os cobertores para esconder como elas tremiam. O colar aqueceu no meio do meu punho.

“Preciso me preparar”, eu disse.

O Rei Unseelie me lançou um sorriso raro e completo, mostrando seu olhar perfeito.

dentes. "Muito bem. Vou deixar você com isso.

Eu não sorri de volta. Imperturbável, Collith curvou-se – o movimento fluido revelou quantas vezes ele já havia feito isso antes. Então ele se endireitou e se afastou, claramente pretendendo ir em direção à porta. Algo o fez hesitar, no entanto. O fogo estalou quando ele se aproximou novamente. Ele estendeu um único dedo e tocou minha bochecha. O toque foi tão breve e simples, mas acendeu algo em mim, por mais que eu tentasse negar. “Vou esperar por você nas portas”, disse ele. Sua voz era suave, como se ele fosse afetado por isso, também.

Meu primeiro instinto foi me afastar. Mas também havia uma parte pequena e tranquila de mim que queria se apoiar. Eu me odiava pela fraqueza. Seria porque me sentia tão sozinho aqui, muito abaixo da terra, rodeado por criaturas que apreciavam a dor e o espetáculo? Ou eu estava apenas atraído pela escuridão?

Talvez alguns dos meus pensamentos tenham aparecido; A expressão de Collith era pensativa quando ele recuou pela segunda vez. Ele foi até a porta, suas botas quase não fazendo barulho no chão. Com uma mão na maçaneta, Collith acenou com a cabeça em minha direção. Eu não reagi. Depois de outro momento, o rei desapareceu na passagem.

Deixando-me sozinho com a comida. Eu me mexi e tentei não olhar para ele. Eu me esforcei para voltar a dormir e falar com Oliver. Mas meu estômago estava gemendo de novo e minha boca começou a salivar. “Foda-se,” eu murmurei.

Melhor ficar encantado do que morrer de fome. Deixei cair o colar no colchão ao meu lado e agarrei as alças da bandeja. Coloquei-o no meu colo sem muita delicadeza.

A carne esfriou, mas eu a rasguei com os dentes como um lobo devorando uma carcaça.

Quem quer que o tenha polvilhado com especiarias perdeu tempo; Eu mal provei a comida enquanto ela descia. Entre as mordidas, bebi água direto do cálice. Um pouco pingava da ponta do meu queixo. Limpei-o com força e continuei comendo.

Só parei quando não sobrou nada. Recostei-me, dolorosamente satisfeito, e suspirei. *Você é tão fraco, Fortuna.* O que meus pais pensariam se pudessem me ver neste momento? Papai pode ter acreditado na igualdade entre as espécies,

mas não poderia ser coincidência ele ter se casado com o único outro Pesadelo vivo. Ele também nos ensinou como lutar. No entanto, aqui estava eu, acasalado com uma fada e permanentemente marcado por outra. Eles distorceram e quebraram Damon.

Se nossos pais nos conhecessem agora, provavelmente não reconheceriam seus próprios filhos.

O pensamento me deu uma onda de nova motivação. Joguei a pele de lado e balancei as pernas para o lado. O movimento foi muito rápido. Por alguns segundos, tudo que pude fazer foi segurar minha cabeça latejante.

Assim que a sala ficou quieta novamente, me endireitei. Como temia, estava completamente nu. O vestido de fada não estava em lugar nenhum, mas depois de um momento, vi minha mochila em um canto. Eu corri para isso. Tudo ainda estava lá dentro, aparentemente intocado. Coloquei uma calça jeans e uma camisa xadrez amassada. Foi a primeira vez na minha vida que as roupas pareciam uma armadura.

Outra batalha estava por vir, e a primeira provou que eu precisava de toda a ajuda que pudesse conseguir.

Usar calças me fez sentir eu mesma novamente. Combinado com a cura recente de Zara, uma faísca brilhou em meu peito. Enviou luz através do lugar escuro onde eu estava escondido desde o momento em que o chicote desceu. Olhei em volta com interesse renovado e a porta aberta à minha esquerda me chamou.

Depois de uma breve hesitação, cedi ao impulso.

Era um espaço pequeno, não muito maior que o meu quarto em casa. Mas Collith usou cada centímetro dele. Havia ainda mais livros nas outras três paredes.

Nunca fui um grande leitor — nem mesmo meu sempre paciente pai conseguia me fazer ficar sentado quieto o tempo suficiente para ler uma única página —, mas não pude resistir à oportunidade de saber mais sobre aquele com quem me casei. Meus dedos percorreram as lombadas dos livros enquanto eu caminhava pelo perímetro da sala. Logo percebi que a coleção estava em ordem alfabética. *Então ele gosta de coisas organizadas.*

Havia mais na biblioteca de Collith do que romances de mistério. Alguns dos livros eram tão antigos que parecia que um único toque os faria desmoronar.

Muitos estavam em um idioma que não reconheci — enoquiano, suponho. Havia pilhas de papel nos espaços acima dos livros. Eu puxei um, puxando-o para fora.

Era um mapa da Europa desenhado à mão. A tinta estava desbotando e

o papel estava macio devido aos inúmeros manuseios. Muitas das linhas que formam os países não eram precisas.

Ou talvez sejam, pensei. Ainda havia muito que eu não sabia sobre essas criaturas.

Se pudesse haver uma Corte inteira abaixo da terra, por que não nações inteiras?

"Você parece bem."

A voz veio de trás. Eu me virei, minha mão voando novamente em busca de uma faca que não estava lá. Laurie estava na porta com outro vestido pendurado nos braços. Era perturbadoramente semelhante a um vestido de noiva. “Eu não vou usar isso,” eu disse categoricamente. As palavras desmentiam a maneira como meu coração ainda disparava.

Casualmente, abaixei minha mão.

Laurie não pareceu notar o pequeno movimento. Ele revirou os olhos.

“Isso foi o que você disse da última vez. Podemos pular a parte em que aponto todos os motivos pelos quais você deve usá-lo e você percebe que estou certo?

“Podemos pular a parte em que confio em qualquer coisa que sai da boca de uma fada?” Eu respondi. As minhas mãos tornaram-se novamente punhos involuntários e agora vi os olhos de Laurie baixarem. Ele ergueu seu olhar de volta para o meu. Aquelas íris prateadas pareciam mais escuras, como um telhado de ardósia depois da chuva. Enquanto nos entreolhamos, eu sabia que ambos estávamos pensando no tribunal. Gritos ecoaram em minha memória e não consegui conter um estremecimento.

Como se também pudesse ouvir, a voz de Laurie suavizou-se. “Eu não sou seu inimigo, Fortuna.”

Procurei sua expressão, desejando poder acreditar nele. Era mais evidente do que nunca que eu precisava de ajuda. Não apenas para recuperar Damon, mas para minha própria sobrevivência.

A luz do fogo fazia com que o cabelo de Laurie parecesse ruivo. Sombras brincavam nos ângulos agudos de seu rosto e deixavam sua pele ainda mais lisa. Eu realmente não tinha olhado para ele desde que nos conhecemos – eu nunca parecia notar mais ninguém quando Collith estava por perto. A presença de Laurie não era tão imponente como a do Rei Unseelie, mas ainda havia um fascínio nele. Se Collith era um céu estrelado, Laurie era a brisa que passava sussurrando enquanto você olhava para cima.

Lindo, pensei. Como todos os outros.

Agora eu sabia o que os outros sentiam quando olhavam para meu rosto. Perder de vista todo o resto e esquecer o que estava sentindo há poucos momentos.

A sensação era irritante. Carrancuda, peguei o vestido de seus braços. A ação revelou uma cesta em uma das mãos de Laurie. Ele sabiamente

permaneci em silêncio e, depois de jogar a coisa na cadeira de leitura, comecei a desabotoar os botões. Assim como da última vez, a fada virou as costas.

Segundos depois, veio uma súbita explosão de luz na outra sala. Eu congelo. — Um dos troncos deslocou-se — disse Laurie sem se virar. Mas meus dedos vacilaram em seu progresso descendente e não consegui fazê-los recomeçar. Foi contra meus instintos tirar as roupas. Eu estaria enfrentando os monstros sem nenhuma armadura. Vulnerável. Fraco. Sozinho.

“Por que estou fazendo isso de novo?”

Minhas palavras suaves pareciam um grito no silêncio. Eu estava me perguntando principalmente, mas Laurie respondeu mesmo assim. Ele virou a cabeça para o lado, como se estivesse se dirigindo aos livros. “Admito que não a conheço há muito tempo, Lady Juramentada.

Mesmo assim, você me parece do tipo que não gosta que os outros tenham a última palavra.

Eu estava prestes a concordar quando outro flash de memória disparou, como o clique do obturador de uma câmera. Chorando no escuro. Aconchegando-se naquela masmorra úmida. Um fluxo de sangue correndo pelos espaços entre as pedras. “Eu não costumava ser,” eu disse fracamente. A dor sussurrou através das marcas recém-curadas nas minhas costas.

Laurie virou-se ainda mais. Ele ainda não olhou em minha direção, mas seus olhos claros se fixaram em um ponto próximo à minha cabeça. “Eles me disseram que esta noite é lua cheia. Não é interessante? ele refletiu. Após uma pausa significativa, Laurie voltou a olhar para a frente.

Uma lua cheia. Os Fae seriam mais fortes... mas eu também. Uma oportunidade para salvar Damon poderia se apresentar, e não havia nenhuma maneira no inferno de eu perder isso.

Eu também queria muito, muito chutar a bunda de uma fada.

Parecia que ele tinha me dado uma injeção de adrenalina; de repente eu estava ansioso para me mover. Vestida apenas com sutiã e calcinha, voltei minha atenção para o vestido.

Estava sem alças. Delicado. O corpete era intrincadamente enfeitado com contas, mas à medida que descia, a saia tornava-se um material semelhante ao tule. O branco tornou-se vermelho, como se alguém tivesse mergulhado a bainha em sangue. Havia duas peças extras, tão longas que quase tocavam o chão quando eu as segurava no alto. Metal cercava o final de cada um. Essas eram mangas? Pensando em perguntar a Laurie, olhei para ele.

Para minha surpresa, ele estava olhando para mim. Não, não exatamente para mim; seus olhos permaneceram no meu corpo. "Você está olhando!" Eu acusei.

Antes que as palavras saíssem completamente da minha boca, Laurie já estava de frente para a parede novamente. Enquanto ele falava, eu só conseguia ver a parte de trás de sua cabeça, mas de alguma forma eu sabia que ele estava sorrindo. “Eu não fiz tal coisa. Você não é meu tipo.

Rapidamente coloquei o vestido e puxei-o para cima – pelo menos era mais leve do que parecia. As alças do meu sutiã estavam em desacordo com o conjunto, então dobrei os braços em um ângulo estranho para desfazer os fechos. “Qual é o seu tipo?” Perguntei irritada, jogando o sutiã na almofada, onde o vestido estava.

“Bonita e complacente, é claro.”

Apesar de mim mesmo, um sorriso surgiu em meus lábios. Esperando que Laurie não tivesse visto, peguei as duas peças extras e coloquei os anéis de metal em volta dos meus braços. Na verdade, eles se arrastaram ao longo do tapete. Respirei silenciosamente, lembrando-me do último vestido e do que aconteceu enquanto eu estava nele. “Ok, você pode olhar agora. Não que minha permissão tenha impedido você antes.

Ignorando isto, Laurie virou-se e olhou-me pensativamente. Uma linha se aprofundou no lado esquerdo de sua boca. Não havia nenhum traço de admiração ou desejo em seu olhar. Na verdade, estava tão habilmente escondido que me perguntei se o teria imaginado. “Talvez devêssemos pular a maquiagem desta vez”, sugeriu ele.

"Por que?"

“Você está sendo apresentado como companheiro do rei. Todo mundo sabe que você não é Fae. Por que agir como se você estivesse tentando se misturar? Abrace o que você é. Mostre-o como uma medalha de honra.” Laurie parou, esperando pela minha reação, mas eu não disse nada.

Depois de um momento, ele acenou com a cabeça para meu cabelo. "Posso?"

Eu balancei a cabeça. Com dedos leves como plumas, Laurie guiou-me até à cadeira. Fui dominado por uma sensação de déjà vu quando ele começou. Mais imagens do Death Bringer me atacaram; Agarrei os braços para não fugir. Enquanto isso, Laurie torcia e brincava com os longos fios. Cada movimento foi hábil e indolor, fazendo-me pensar quantas vezes ele tinha feito isso. Há quanto tempo ele estava vivo e servindo à realeza? Haveria algum sentido em perguntar?

Laurie prendeu tudo o que ele criou na minha nuca. Ele pegou algo – provavelmente a cesta –

e logo uma fragrância floral despertou meus sentidos. Concentrei-me nisso, em vez de no pavor que se acumulava contra a parede mental que construí. *Lua cheia. É lua cheia,* pensei e sobre.

“O que eu faria por um modelador de cabelo neste inferno”, ouvi Laurie murmurar. Ele circulou a cadeira e se ajoelhou na frente dela. Seus dedos

arrancado e arranjado. Mechas de cabelo fizeram cócegas em minhas bochechas. Finalmente Laurie afastou-se. Levantei-me e levantei o vestido, pretendendo ir até a porta.

De repente, um pequeno espelho portátil apareceu. Meu próprio reflexo me confrontou e eu olhei para ele. A garota que olhava de volta estava pálida. Seus olhos pareciam grandes demais para seu rosto. Laurie tinha colocado pequenas flores brancas no cabelo. Ficar alguns dias sem lavá-lo não afetou muito seu volume; Mamãe costumava trançar para trás só para que eu pudesse ver. “Eu estava começando a pensar que as fadas não acreditavam em espelhos”, foi tudo que eu disse.

Se Laurie ficou decepcionado, ele não demonstrou. “Para os mais velhos, são um lembrete doloroso”, respondeu ele. Ele não largou o espelho. “Eles já foram seres de luz. Olhar para um copo e ver no que eles se tornaram... é insuportável.”

Meu olhar voltou para a coisa que ele segurava. A insatisfação encheu a menina expressão. “Eu gostaria da maquiagem, por favor”, disse ela.

Agora Laurie parecia descontente, mas não disse nada. Ele simplesmente assentiu e, por fim, baixou o copo. Movendo-se com a graça das fadas, ele se curvou e vasculhou sua cesta. O

vime fez um som de protesto. Mais uma vez, ele pegou uma pequena escova e passou as cerdas sobre minha pele. Por alguma razão, esse silêncio em particular parecia afetado, mas Laurie não percebeu ou fingiu que não. Retomei o canto mental para bloquear todo o resto. *Lua cheia. É lua cheia.*

Algum tempo depois, a voz musical de Laurie penetrou. “Devo acompanhá-lo até a sala do trono?” ele perguntou. Eu abri meus olhos. Ele estava oferecendo o braço, parecendo cada centímetro mais com um príncipe do que com um escravo. Ocorreu-me, então, que nunca esperei encontrar gentileza na Corte

Unseelie. Deixei que ele me puxasse para cima e, depois de uma pausa carregada, descansei minha mão na dobra de seu cotovelo. Laurie sorriu como se eu tivesse lhe dado um presente e caminhamos em direção à porta.

Ao sair, avistei o espelho – ele estava abandonado no chão.

Dessa vez fui eu quem pegou. Minha saia farfalhou suavemente, como sussurros em uma igreja.

Agarrando a alça com dedos brancos, levantei-a. Para meu alívio, a garota de antes havia sumido. Alguém misterioso e distante tomou o lugar dela.

Uma camada de pó branco cobriu metade de seu rosto, brilhando na luz fraca. Ouro delineou seus olhos. Seus lábios foram pintados com o vermelho mais brilhante, combinando com a bainha do vestido. Ela parecia pronta para uma batalha ou uma coroa.

Algo estava faltando, no entanto.

Eu soube instantaneamente o que era. Sem dizer uma palavra, coloquei o espelho em uma das prateleiras. Na minha visão periférica, vi Laurie me avaliando. Ele não falou, mas sua condenação nos cercou de qualquer maneira. Passei por ele, indo em direção à cama.

Lá, ainda aninhado nas cobertas, estava o colar que Collith me deu. A joia tremeluziu como uma chama azul. Depois de um instante de hesitação, coloquei-o em volta do pescoço e prendi o fecho. Repousou contra meu peito, uma mancha de frio que não pertencia.

“Você está pronta, minha senhora?” — perguntou Laurie.

“Claro que não”, respondi. Mas fui até ele mesmo assim e aceitei seu braço pela segunda vez.

Com um floreio dramático, Laurie abriu a porta. Ele não me deu chance de reconsiderar; entramos na passagem e deixamos a segurança e o calor para trás. Tentei não me perguntar se voltaria. O ar frio passou por nós, trazendo fragmentos de sons distantes. Minha garganta se encheu de pavor. Eu não poderia dizer a Laurie que ele estava errado; Eu não tinha vergonha do que eu

era.

Eu simplesmente queria uma máscara para esconder meu medo.

CAPÍTULOS

A Quando nos aproximamos da sala do trono, pensei em Oliver.

Nunca ficamos tanto tempo sem nos falar e senti intensamente sua ausência. Quando criança, ele fazia parte de tudo que eu fazia, acordado ou dormindo. Meus pais adotivos rejeitaram esse comportamento estranho, rotulando Oliver de “amigo imaginário”. Eu superaria isso, disseram a si mesmos.

Mas todas as noites eu corria para a cama, ansioso para contar ao amigo verdadeiro

— bem, verdadeiro para mim, pelo menos — o que tinha feito e visto naquele dia.

Passaram-se apenas duas vezes por noite sem que nos víssemos.

Uma vez, quando eu tinha quatorze anos, meu apêndice estourou. Acordei no hospital, grogue e desorientado. As drogas que eles me deram eram tão poderosas que tudo que eu lembrava entre aquela vívida explosão de dor e o despertar era escuridão.

A segunda ocasião foi anos depois. Eu tinha dezoito anos e era o aniversário do assassinato dos meus pais. No porão de um garoto que mal conhecia, experimentei cocaína pela primeira vez. Adormeci em seu sofá manchado e áspero, e meu sono foi agitado e esporádico. Quaisquer que sejam os sonhos que tive, foram breves e fragmentados; Eu nem me lembrei deles quando acordei.

As almofadas estavam cobertas de suor. Pouco depois, meu irmão irrompeu na sala, declarando que me levaria para casa.

Ele perdeu o baile para passar a noite me procurando.

Foi depois desse incidente que tive a coragem de perguntar a Oliver como foi trabalhado. Nossas reuniões, claro. Ele me convocou? Acabei de aparecer?

“Eu espero por você,” ele disse simplesmente, virando a cabeça para encontrar meu olhar. A uma folha de grama fez cócegas em sua bochecha. "Eu sempre estarei esperando por você."

De repente, um grito ecoou pelos túneis.

Isso me tirou da lembrança agridoce e forcei minha mente a voltar ao presente. Hesitei, olhando em volta, mas só havia paredes de terra e tochas bruxuleantes. Laurie ainda caminhava ao meu lado e parecia despreocupado com o som. Lembrei-me que esta era a Corte Unseelie, o lugar onde os gritos e a dor prosperavam. Lentamente, voltei a andar.

Pensei em Damon no espelho e em como a cena parecia que ele estava sendo segurado contra sua vontade. Nada era o que parecia aqui. Eu poderia muito bem correr para salvar quem quer que estivesse fazendo aquele som, apenas para descobrir que minhas tentativas de resgate não eram bem-vindas.

Mas e se, desta vez, eles estivessem?

O pensamento causou um nó no meu estômago. Eu ansiava por uma distração.

Laurie não tentou conversar durante nossa jornada, então decidi me familiarizar com as passagens. Como observei ontem, não havia nenhum padrão ou razão para eles. Eu estava prestes a perguntar a Laurie como ele poderia saber o caminho quando uma figura alta apareceu à frente.

Meus pensamentos se dissiparam como fumaça. Como prometido, o rei ficou perto das portas. O som jorrava da ampla abertura, uma cacofonia de vozes e risadas. Collith estava conversando profundamente com um guarda. A fada uniformizada não foi quem me bateu ou me arrastou para a escuridão, mas vê-lo ainda fez minha ansiedade aumentar. Collith deve ter percebido isso através do vínculo, porque virou a cabeça e me viu. Seu olhar suavizou.

Comecei a caminhar em sua direção, mas Laurie parou na entrada do corredor.

Gentilmente, ele extraiu seu braço do meu. Metade do seu rosto estava escondido nas sombras e eu não conseguia ver seus olhos. "Você não vem?" Eu perguntei, franzindo a testa.

A fada balançou a cabeça brilhante. “Não, mas estarei por perto. Se você quiser, podemos dar um sinal. Vou ver e ajudar no que puder.”

"Oh sim? Como o que?"

Ele sorriu, revelando dentes perfeitos. “Você poderia cutucar seu nariz. Ou comece a gritar.

“Podemos precisar de algo mais sutil”, respondi secamente.

Laurie riu e desapareceu na escuridão.

Borboletas se revoltaram em meu estômago. Respirei fundo e encarei Collith novamente.

Ele ficou muito, muito quieto, como se eu fosse um cavalo selvagem que pudesse se assustar a qualquer momento. Pelo que pareceu ser a milionésima vez, estudamos um ao outro. Os fios dourados do seu casaco brilhavam. Suas costas estavam retas. Dele

as botas eram de couro brilhante. A coroa repousava sobre seus cachos como se sempre tivesse estado ali. Cada centímetro dele era majestoso... exceto aquela única e teimosa mecha de cabelo.

Por alguma razão, esse pequeno detalhe era reconfortante. Eu me forcei a me aproximar.

Assim que cheguei perto o suficiente, Collith abriu a boca, provavelmente para me dizer como eu estava linda, mas senti como se estivesse prestes a vomitar. “Vamos acabar com isso,” eu murmurei, agarrando seu braço. O guarda veio atrás de nós. Collith não protestou e, um segundo depois, cruzamos a soleira. Quase engasguei com a visão que nos recebeu.

A sala foi transformada.

Cortinas de seda vermelha entrelaçavam as colunas. Havia flores por toda parte — manchas de cores vibrantes nos cantos, no chão, penduradas no alto. Mais de uma dúzia de mesas compridas espalhadas pelo espaço aberto. Estava escuro antes, mas agora estava resplandecente de luz.

Braseiros feitos de bronze preto ficavam nas extremidades de cada mesa. As pernas eram três homens esculpidos segurando as brasas no alto. Tigelas de incenso também queimavam em todas as superfícies, criando finas colunas de fumaça que subiam em direção ao teto.

As fadas se vestiram para a ocasião. Como da última vez que os vi, seus estilos eram uma combinação bizarra de moderno, arcaico e criado a partir da natureza. Uma fada que chegava à altura da minha barriga usava uma máscara de folhas verdes. Uma mulher parecia estar pronta para ver um show de heavy metal. Ainda mais culturas estavam presentes do que no tribunal.

Avistei roupas e rostos que eram mexicanos, indianos, chineses.

Humanos estavam espalhados pela multidão, carregando jarras transbordantes de vinho. Eles eram facilmente discerníveis por suas roupas ou expressões esfarrapadas. Embora vários parecessem sonhadores – contentes em desperdiçar suas vidas muito curtas aqui – muitos estavam claramente aterrorizados.

Aromas ricos encheram o ar, me deixando com água na boca. Montes de comida cobriam as amplas superfícies. Pão fresco com mel rolando pelas laterais.

Travessas de porco assado sobre camas de raminhos e nozes. Cozinhar legumes no vapor. Fruta madura. Enquanto eu observava, uma mulher sugou a gordura dos dedos e soltou um longo arroto.

De repente, a bandeja de comida que eu comi não foi suficiente.

Collith permitiu que eu ficasse boquiaberto por um minuto antes de me puxar para frente.

Não demorou muito para que nossa chegada fosse notada. Olhares se voltaram em nossa direção e as conversas foram interrompidas. Muitos correram para limpar o caminho. Eu não sabia onde procurar; Eu estava evitando aquela árvore retorcida e a multidão. Eventualmente, meus olhos pousaram no trono. Parecia antigo e grande. Eu me perguntei como

alto preço que cada rei pagou para sentar-se nele. Quão alto foi o preço que Collith pagou.

Minha ansiedade era tão avassaladora que, por um ou dois momentos, esqueci por que Collith queria que eu fosse. O lembrete veio na forma de uma fada cujo cabelo loiro quase tocava o chão. Eu soube o momento exato em que ela viu o colar que eu usava; seus olhos claros se arregalaram. Ela se inclinou para sussurrar para a ninfa de pele azul ao lado dela, que por sua vez sussurrou para alguém à sua esquerda.

O choque percorreu a sala. Murmúrios e olhares começaram a nos seguir. Olhares se concentram na safira. A expressão de Collith permaneceu neutra como sempre, e desejei ter sua compostura. Minhas entranhas estavam nervosas.

Cada instinto gritava para correr. As marcas que eles me concederam ganharam vida, doendo com a dor lembrada. Será que minha recém-revelada posição como companheira de Collith ofereceria alguma proteção? Ou isso apenas me colocaria em mais perigo?

Depois de uma eternidade, chegamos ao maldito estrado. Esperei que Collith se aproximasse da grande cadeira, mas ele permaneceu ao meu lado. Ele enfrentou a multidão e falou em Enochiano. A cadência de sua voz aumentava e diminuía dramaticamente.

Ele apontou para as grandes portas — não, para os desenhos na parede além delas — e disse um nome. *Olorel.*

Momentos depois de terminar, todo o tribunal falou em uníssono. Suas palavras pareciam algo que já havia sido dito inúmeras vezes antes. Era rítmico e, por mais que eu odiasse admitir, lindo. Então caiu um breve silêncio.

Mais uma vez, Collith foi quem quebrou o silêncio. Ele começou um segundo discurso e, desta vez, fez um gesto para mim. Ele estava me apresentando como sua companheira, insinuando que eu estava sob sua proteção? Ele estava oferecendo uma explicação para o motivo de ter ficado parado durante o tribunal ontem? O que quer que ele tenha dito, foi breve e definitivo. Como se estivessem enfeitiçados, todos se moviam ao mesmo tempo. Suas conversas foram retomadas e a maioria se afastou.

A música percorria as mesas. A sensação de aperto no meu peito diminuiu e a respiração ficou mais fácil.

“Muito bem, Fortuna Juramentada.”

Tenso novamente, virei-me para a nova voz. Era o homem de pele escura que fazia parte do conselho. Uma das fadas que achou apropriado me chicotear até que eu estivesse meio morto. Ele se curvou, sua careca brilhando nas velas próximas. Nessa proximidade, pude ver que cada centímetro de seu corpo

a pele estava coberta de tatuagens intrincadas. As linhas eram tão finas que era fácil perdê-las. Ele usava a mesma expressão que tinha quando eles declararam seu julgamento. Educado.

Interessado. Como se minha surra tivesse sido uma conversa com um estranho. Só assim, fui amarrado à árvore novamente, mordendo o lábio com tanta força que pude sentir o gosto de sangue.

Quando não disse nada, a fada falou novamente. O timbre profundo de seu voz envolveu-me. “Eu sou Estragon da linhagem Ettriana.”

Collith inclinou a cabeça. “Muito bem, Estragon.”

Parecia que ele estava falando em meu nome, e se eu estivesse irritado, eles estariam em pé.

De repente encontrei minha voz. "O que diabos você quer?" Eu rosnei. O medo deu lugar à fúria.

Novas visões nadaram diante de mim — um chicote em minha mão, os cílios atacando como uma dúzia de cobras, rasgando a carne daquela criatura como havia rasgado a minha.

Se a fada ficou ofendida com isso, ele não demonstrou. Ele focou novamente seus olhos delineados dourados em meu rosto. “Você se saiu bem durante o tribunal”, comentou ele.

Meu lábio se curvou. "Como assim? Por não morrer?

“Você não nos permitiu quebrá-lo. Nós amamos muito nossas coisas quebradas.”

“Obrigado por suas amáveis palavras, Tarragon”, interrompeu Collith. Ele se virou para mim, efetivamente encerrando a conversa. "Concede-me esta dança?"

Estragon curvou-se diante do rei e acenou para mim. Olhei de volta, desejando saber quais medos se escondiam sob sua pele. Os olhos da fada brilharam como se ele pudesse ouvir meus pensamentos. Com outra reverência graciosa, ele recuou. As joias em volta de seus tornozelos tilintaram. *Vou me lembrar de você*, pensei.

Collith desembaraçou nossos braços e colocou algum espaço entre nós. Ele estendeu a mão. "Devemos nós?"

Quando eu estava prestes a responder, uma mulher passou por nós. Seu olhar percorreu o rei com inegável luxúria. Um momento depois, ela fixou em mim. A luxúria não desapareceu. Um lobo seguiu logo atrás dela, com as costelas aparecendo sob o pelo cinza e esfarrapado. Estava ligado à fêmea por uma corrente que tilintava nas lajes. Um lobisomem, a julgar pelo seu tamanho.

De alguma forma, eles forçaram-no a permanecer na forma animal. Se muito tempo passasse, não seria possível voltar atrás. Esqueceria quem tinha sido.

Meus dedos flexionaram, tentados a estender a mão e tocar a mulher que segurava é prisioneiro. Este estava realmente ao seu alcance…

De repente, Collith me puxou para perto. Era óbvio o que ele estava fazendo; Eu nem me preocupei em olhar para ele. Ele realmente achava que eu seria tão facilmente

distraído? Eu observei a fêmea ir com os olhos semicerrados. *Vou me lembrar de você também,* pensei. Somente quando ela foi engolida pela multidão é que voltei minha atenção para Collith.

Esperei por uma reprimenda ou um aviso.

Mas ele não disse uma palavra. Em vez disso, ele continuou esperando pela minha resposta.

Seu aperto era tão frouxo que consegui me afastar sem nenhum esforço. Ele estava me dando uma escolha.

O instinto me incentivou a rejeitá-lo, envergonhá-lo diante de todo o tribunal. Mas também havia… curiosidade. Há anos que eu estava seguindo um padrão,

indo aos mesmos lugares, dizendo as mesmas palavras, fazendo as mesmas escolhas. Então me permiti permanecer ali, no círculo de seus braços. Felizmente Collith aceitou isso como uma resposta, porque eu não conseguia dar uma resposta a ele.

Talvez ele tenha dado algum tipo de dica aos jogadores; a música de repente se intensificou.

Collith não me deu chance de hesitar ou de me sentir inseguro. Seu aperto aumentou e ele percorreu os passos sem muita arte, de alguma forma fazendo com que parecesse um esforço conjunto. Os instrumentos clássicos foram acompanhados por um refrão misterioso – mas adorável. Estiquei o pescoço para encontrar a origem das vozes.

Três mulheres estavam mais altas que as demais, em uma pequena plataforma.

Os dedos dos pés descalços apareciam por trás dos vestidos tão translúcidos que eu conseguia ver o contorno dos seios. Mas quase não percebi isso; a música deles parecia preencher todas as partes da sala, como água.

Eu estava tão concentrado neles que tropecei. Collith me endireitou e passou para a próxima etapa sem perder o ritmo. A princípio observei seus pés, cativado pela forma como pareciam não tocar o chão. Mas a dança era simples e logo comecei a ver um padrão. Meu coração batia forte enquanto tentava imitá-lo. Olhei para cima por um momento, me perguntando se ele havia notado.

Um leve sorriso iluminou seus olhos escuros. “Muito bom”, ele murmurou.

Agora arqueei minha cabeça completamente para trás, procurando seu olhar, embora não soubesse o que estava procurando. Contra o meu melhor julgamento, acabei me mudando com ele. Acompanhando-o passo a passo, aproveitando a música que desliza através de mim.

Apertamos as mãos, nos soltamos e nos olhamos. Fiz tudo de novo. Havia tantas cores, tantas outras criaturas que nos rodeavam, mas pela primeira vez na minha vida compreendi como era sentir o resto do mundo desaparecer. No alto, pequenas luzes balançavam, soltas de fios ou paredes. Magia.

Mais uma vez, a música mudou sem aviso prévio. As batidas suaves de uma harpa flutuavam pela sala. Um menino deu um passo à frente e levou um apito à

boca. Não parecia possível que uma pessoa tão pequena

instrumento deve ecoar por toda a sala. Havia algo etéreo no som. Desviei minha atenção da pequena figura e olhei para Collith, certo do que iria dizer a seguir.

“É por isso que você estava com tanta pressa em me levar ao tribunal”, murmurei.

“Você queria que eu sentisse isso. Antes de descobrir a verdade.

“É como uma flor crescendo entre os destroços. Algo lindo escondido na feiúra.” Sua voz baixou. “Vale a pena salvar, você não acha?”

Uma resposta automática e desdenhosa subiu aos meus lábios. Pela enésima vez, a voz de Oliver na minha cabeça me parou. *Ser paciente. Aprenda suas fraquezas,* ele disse. Collith se preocupava com essas criaturas. Essa era a sua vulnerabilidade. Guardei a informação para contemplação posterior. “Talvez,” eu permiti.

Por um tempo, dançamos em silêncio. Havia tanto para ver, tanto para aprender, mas não vi nada disso. Eu parecia apenas capaz de olhar para nossas mãos entrelaçadas, imaginando o calor.

Tentando tanto não reconhecer o desejo crepitando entre nós como um raio invisível.

“Quem é Ollie?”

A pergunta fez meu olhar voltar para Collith. Eu não ouvia alguém falar esse nome em voz alta há anos. Parecia que meu segredo mais profundo havia sido exposto – devo ter falado enquanto dormia. A única emoção que pude detectar na expressão de Collith foi curiosidade, mas eu sabia que não. Ele estava procurando por qualquer brecha, qualquer fraqueza que pudesse explorar, assim como eu. Cá entre nós, ele era o melhor adversário; Eu sabia tão pouco sobre ele.

Espontaneamente, pensei naquela estante de livros em seu quarto, cheia de mistério romances. Talvez eu estivesse aprendendo algumas coisas, afinal.

“Estou com sede,” eu disse rigidamente, puxando minhas mãos das dele. "Existe

alguma coisa aqui que seja segura para beber?”

“Permita-me”, o rei respondeu com uma reverência. Uma mulher próxima, vestida inteiramente de hera, olhava boquiaberta, como se nunca o tivesse visto fazer isso antes. Alheio a ela ou adepto de ignorar os outros, Collith acenou com a cabeça para alguém atrás de mim. Virei-me e descobri o guarda com quem ele estava falando mais cedo. Ele usava peles pesadas em volta dos ombros, com garras penduradas nas bordas. Seu rosto seria considerado bonito – pele impecável, lábios em forma de botão de rosa, olhos azuis – se não fosse por um nariz levemente aquilino. Seu cabelo era da cor da areia e tinha dreadlocks, embora estes estivessem penteados para trás em uma metade.

rabo de cavalo. Havia algo familiar nele. Ele esteve no tribunal?

“Esta é minha mão direita, Nuvian”, acrescentou Collith, provavelmente notando minha carranca. “Ele comanda os Guardiões. Ele também lideraria em meu lugar, se algo me impedisse de fazê-lo. Vir."

Ainda me recuperando da menção de Oliver, deixei que ele me levasse até o fim da dança. O guarda de rosto estóico o seguiu. Uma comunicação silenciosa ocorreu entre eles, então Collith saiu para pegar minha bebida. Nuvian apoiou as mãos no punho da espada e olhou para mim. Sua pele estava avermelhada, como se ele tivesse passado muito tempo sob o sol. Incomum para uma fada. Seus olhos eram de um azul vívido, como gelo ao amanhecer.

Eu estava prestes a perguntar se já tínhamos nos conhecido quando senti uma lufada de ar frio em meu pescoço. Eu me virei. Uma fada recuou; ela estava soprando em mim.

"Você precisa de algo?" Eu perguntei, esperando que ela não visse os inchaços subindo pela minha pele.

A fêmea de alguma forma prendeu penas nas pálpebras, dando-lhes a aparência de cílios. Ela piscou, lenta e deliberadamente. “Então foi você quem finalmente capturou nosso lindo rei,” ela comentou. Seu cabelo anormalmente branco brilhava à luz de um braseiro próximo.

Estávamos sendo vigiados; alguns foram sutis quanto à escuta, enquanto outros se viraram descaradamente em nossa direção. Avistei um homem afeminado

dançando cada vez mais perto, sua expressão afiada e curiosa. Ele me pegou olhando e sorriu. O batom vermelho que ele usava manchava seus dentes levemente amarelados. “Eu não domesticei ninguém,” murmurei, desviando o olhar.

A fêmea agiu como se eu não tivesse falado. “Eu me pergunto por que ele considerou você importante o suficiente para acasalar, mas não para coroar?” ela refletiu.

Havia um leve toque em seu tom doce.

Só assim, algo em mim estalou. Eu estava farto de enigmas, insultos, jogos, e desta vez não havia ninguém para intervir ou vozes na minha cabeça. E se isso me rendeu outro tribunal, então foda-se. Eu faria esta noite valer a pena. Sorri docemente e me aproximei da fada. O desconforto brilhou em seu rosto. “Há uma pena em sua bochecha. Aqui, deixe-me.”

Antes que ela pudesse recuar, fingi arrancar algo de seu rosto.

A fada cambaleou para trás, mas já era tarde demais. Senti minhas narinas dilatarem enquanto o medo dela passava por mim. Ela estava com medo de se afogar. “Aproveite sua noite,” eu ronronei. A água escorria pelo seu queixo – ou assim ela acreditava. A fêmea

me observou ir com olhos selvagens. Incapaz de resistir, mandei-lhe um beijo e depois virei as costas. Eu encontraria a porra da minha própria bebida.

O que quer que tenha quebrado em mim era como uma represa. A imprudência transbordou, submergindo todo o medo. Atravessei a multidão, tocando em qualquer um que pude ao longo do caminho. Foi tão leve, tão rápido, que muitos deles não faziam ideia. Sabores revestiram minha língua. Um homem pensou que estava cercado por abelhas e saiu correndo da sala. Outra fada olhou para um canto vazio, sua expressão marcada pelo horror. Pela primeira vez desde que escapei dos goblins, me senti poderoso. Décadas atrás, os Pesadelos eram a raça mais temida. Os fae foram imprudentes em esquecer.

Se Nuvian desaprovasse meu comportamento, ele não disse nada sobre isso. Ele me seguiu como um espírito, silencioso e invisível.

Collith mencionou que havia regras durante seu feriado sagrado, mas aparentemente a restrição não era uma delas – eu contornei duas fadas fazendo sexo no espaço entre duas mesas.

Ela estava de joelhos, gritando de novo e de novo. Seus seios balançaram com a violência dos movimentos. Parte de mim queria ficar ali, mas corei e passei correndo.

Enquanto continuava caminhando em direção à parede oposta, percebi que Collith e eu estávamos dançando há mais tempo do que parecia; a comida nas mesas havia sido recolhida. O

chão estava coberto de restos. Os fae eram selvagens e desleixados, como se estivessem bebendo há horas. Risos e música ecoaram em meus ouvidos.

Estendi a mão para outra fada, com a intenção de deslizar meus dedos ao longo de seu braço.

“Fortuna”, alguém disse. Quase se perdeu no barulho.

Ao som daquela voz, esqueci da fada. Virei-me tão rapidamente que fiquei tonto. Damon ficou ali, vestido de azul royal, suas roupas lembrando algo da era vitoriana. Seu cabelo muito comprido havia sido escovado. Ele parecia uma boneca bonita. Mas suas bochechas ainda estavam encovadas, sua pele muito pálida.

Não havia maquiagem suficiente no mundo para esconder isso. Fiquei ali, pasmo e com o coração partido, tentando reconciliar esse homem com o garoto que havia faltado ao baile para ir me procurar.

Enquanto eu olhava, Damon me puxou para um abraço forte. Foi tão inesperado que eu congelei. "Sinto muito", ele sussurrou em meu ouvido.

"Para que?" Eu consegui. Algo estava acontecendo comigo; os sabores das minhas vítimas desapareceram e minha língua ficou grossa e seca. Ocorreu entre uma respiração e outra. Eu tinha sido envenenado? Enfeitiçado?

“Eu não consegui parar. A chicotada foi o melhor que pude fazer. Jassin queria tirar seus dedos.” Havia uma nota de súplica na voz do meu irmão.

Ele deu um passo para trás e apertou minhas mãos. “Mas eu mudei de ideia. Você vê?

Há algo de bom nele.”

Ah, Damon. Como eles quebraram você. Sua lógica era tão distorcida que eu não sabia por onde começar. Outra coisa chamou minha atenção; o fato de meu irmão ter de alguma forma mudado a opinião de Jassin. Eu sabia o suficiente sobre como este mundo funcionava para que a suspeita criasse raízes. “O que você ofereceu a ele em troca?” Eu perguntei, lutando para manter os olhos no rosto de Damon, que estava ficando nebuloso.

Ar. Eu precisava de ar.

Ele desviou o olhar. O movimento revelou algo saindo de seu colarinho, um ponto escuro. Um hematoma, percebi com o estômago embrulhado. “Eu tenho que ir,” Damon murmurou. Ele deu outro passo para trás. Alguém gritou, distraindo nós dois. De volta onde os dançarinos estavam, a fada que eu toquei pela primeira vez estava fazendo uma cena. Ela estava de joelhos, fazendo movimentos frenéticos, como se estivesse tentando nadar.

Virei-me para Damon e cravei minhas unhas em seus pulsos para mantê-lo ali. Ele estremeceu. “Este é o meu voto”, eu disse entre dentes. "Eu vou salvar você."

“Quando você vai entender? Eu não *quero* ser salvo.”

Normalmente eu teria sido capaz de detê-lo; Sempre fui mais forte que meu irmão de braços finos. Mas desta vez ele se soltou como se eu fosse feito de teia de aranha. Ele correu no meio da multidão de foliões e foi desconcertante a facilidade com que desapareceu entre eles.

Houve um brilho familiar de cobre em meio ao caos. Um momento depois, me vi olhando para Jassin. Embora ele não olhasse em minha direção, senti que ele sentia o calor da minha concentração. Com uma mão pálida, ele segurou a nuca de Damon – não com ternura, mas agressivamente, como se faz com um brinquedo favorito – e o beijou. A visão me encheu de tanta aversão que não sabia se vomitava ou cortava a garganta da fada.

"Você está bem?"

Finalmente, Collith retornou. Um copo d'água tremia em sua mão, perturbado a cada passo e empurrão ao nosso redor. Meu olhar pousou em sua boca.

“Quer terminar o que começamos na floresta?” Eu balbuciei.

Antes que ele pudesse responder, agarrei sua mão e o arrastei por uma das portas menores. Não me importei se alguém notasse, e aparentemente Collith também não, já que ele me seguiu com bastante facilidade. Meus olhos se acostumaram à mudança abrupta na luz e vi que havíamos entrado em outra penumbra.

passagem. Este era mais estreito que os outros; A cabeça de Collith quase roçou o teto. Continuei em busca de algum tipo de privacidade. Algum tipo de fuga de todos aqueles olhares curiosos que senti, mesmo que não pudesse vê-los. As pedras lisas ao nosso redor brilhavam, mas mais adiante não havia nada além de escuridão. Onde a luz terminava, parei, empurrando Collith contra a parede.

“Fortuna, o que você—” ele começou.

Agarrei a frente de sua camisa, apertando-a em meu punho. Éramos quase da mesma altura e encontrei o queixo de Collith instantaneamente. Assim que nossa pele se tocou, porém, o fervor diminuiu um pouco. Algo travesso e lânguido tomou conta de mim. Beijei aquele queixo uma vez, provocando, e então desci. Meu progresso foi lento e sensual. Não havia gosto nele, mas estava deliciosamente quente. Deixei um rastro até o fundo de sua garganta, depois voltei para cima, descobrindo eventualmente o que estive procurando o tempo todo.

Quando reivindiquei sua boca, Collith emitiu um som que abriu um abismo em mim. Meu corpo doía. Tentei aprofundar o beijo, mas ele resistiu. Mais uma vez, ele se mexeu como se quisesse colocar algum espaço entre nós. Em uma explosão de frustração, arranquei sua camisa e procurei o que estava escondido por baixo.

Músculos lisos cumprimentaram meus dedos. Coloquei-os no cós da calça dele. O

que eu queria estava fora de alcance. Eu determinadamente empurrei minha mão mais fundo e agarrei sua extensão.

Com isso, o controle de Collith caiu. Ele gemeu e finalmente abriu sua boca para a minha. Eu nunca me considerei uma garota pequena, mas ele me levantou como se eu não pesasse mais do que a pena que fingi arrancar da bochecha daquela mulher. Liguei meus tornozelos na base de sua coluna e, em resposta, Collith girou até ser eu quem estava pressionado contra a parede. Isso me deu força suficiente para lutar contra ele. Ele estava tão duro que quase doeu montá-lo através de nossas roupas. Enterrei meus dedos em seus cachos grossos, e eles pareciam seda.

Sob a névoa do desejo, eu estava vagamente consciente de outra sensação se espalhando por mim que não tinha nada a ver com o físico. Houve aquela sensação de justiça novamente. Aquela sensação de estar completo, como se eu tivesse sido metade de uma pessoa todo esse tempo. Eu lutei contra isso. Eu era Fortuna, completo e acabado, não importa em que magia quisesse que eu acreditasse. Minhas defesas, que eram um monte de poeira e rocha ao nosso redor, se reconstruíram.

Esforcei-me para lembrar por que vim em primeiro lugar. O que eu senti por essa fada apenas uma hora atrás, em vez da paixão que me consumia agora.

Aprenda seus pontos fracos.

Quase engasguei. Ouvir a voz de Oliver em minha cabeça me ajudou a pensar com mais clareza: Collith era o inimigo. Eu estava nessa festa para salvar meu irmão encantado e aqui estava. A oportunidade pela qual eu vim. Com esforço, afastei a luxúria e persuadi a racionalidade. Collith não sentiu a mudança em mim. Continuei beijando-o enquanto alcançava sua psique. Desta vez, não rasguei. Em vez disso, entrei na ponta dos pés como alguém em um quarto escuro, tentando não acordar a pessoa que ainda dormia na cama.

Funcionou.

Meu poder era específico do medo, então isso era tudo que eu esperava encontrar.

Mas havia mais. Havia fragmentos de imagens que eu não estava acostumada a encontrar na mente de alguém. Uma mulher de cabelos cacheados rindo. Pontos de luz solar atingindo o chão da floresta. Luzes coloridas piscando sobre uma multidão.

Talvez tenha sido o nosso vínculo de acasalamento que me permitiu ver tanto, e por mais que eu tentasse negar, fiquei intrigado com as memórias na cabeça de Collith. Ainda assim, me forcei a continuar. Eu não vim pelas coisas bonitas. Na maioria das vezes, eram mentiras, de qualquer maneira.

Seus pesadelos estavam tão enterrados que quase os perdi.

O primeiro era desgastado e familiar, como um romance adorado, o que significava que Collith o visitava regularmente. Encontrei-me numa passagem tão dominada por raízes que parecia impossível atravessá-la. Havia algo no final disso; Detectei movimento no escuro. Collith temia o que quer que estivesse esperando por ele. Isso era uma voz? Um gemido? Estava chamando o nome dele...

Dei um passo mais perto, esperando não ser prejudicado por nada aqui. Mas de repente a passagem desapareceu, dando lugar ao próximo segredo de Collith.

Surpreendentemente, eu estava ao ar livre, com o topo da cabeça aquecido pela luz do dia.

As flores tremulavam com a brisa e alguém havia colocado um caminho de tijolos ao lado delas. Era um jardim, percebi. Um jardim no meio de um bosque. Perto havia uma pequena casa, com paredes feitas de pedra cinzenta. A fumaça subia da chaminé. A cena parecia saída de um conto de fadas.

Virei-me em círculos, perguntando-me se teria tropeçado em outro lugar feliz na mente de Collith. Quando eu estava prestes a me afastar da memória, eu o vi.

Um homem estava parado na beira do jardim, um ar de expectativa pairando ao seu redor.

Ele estava de costas para mim. Ele usava calças pretas justas e uma camisa branca ondulada. Seu cabelo rivalizava com o brilho do sol acima de nós. Havia uma delicada tiara em sua cabeça feita de videiras prateadas e botões para dormir.

No momento em que o vi, uma onda de sentimentos tomou conta de mim. O mais poderoso de todos eles era o terror puro e não adulterado. Quem quer que fosse esse macho, Collith tinha mais medo dele do que qualquer outra criatura na

Terra.

Parece que desta vez cavei fundo o suficiente.

Um momento muito cedo. Talvez ele finalmente tenha detectado minha falta de foco; antes que eu pudesse dar uma olhada no rosto da figura distante, Collith se afastou do nosso beijo e efetivamente me puxou de volta à realidade. Seus olhos brilhavam de esperança – ele não tinha ideia do que eu havia descoberto. Levei vários momentos para me reorientar. Assim que compreendi que ainda estava enrolado nele, deslizei de volta para terra firme. “Fortuna?”

Collith sussurrou. Tremia em seus lábios como um desejo.

O barulho das festividades preencheu o silêncio entre nós. Apenas metade do rosto de Collith estava visível e olhei para a parte que conseguia ver. Apesar de tudo o que acabara de acontecer, minha mente voltou à última vez que estivemos naquela sala do trono. Quando ele tirou minha voz. Quando ele ficou lá sentado enquanto eu gritava e sangrava.

Uma porta dentro de mim se fechou.

“Eu te odeio,” eu sussurrei de volta. Mantive meu olhar em Collith por tempo suficiente para ver a luz desaparecer.

Então me abaixei e vomitei nas botas dele.

CAPÍTULO ONZE

estava de volta à sala do trono.

EU Por alguns segundos fiquei ali, piscando confuso, cercado por muito movimento e cor. Como eu cheguei aqui? O que aconteceu depois que vomitei em Collith? Não havia sinal dele agora, mas Nuvian estava de volta, uma presença solene atrás de mim. Minha cabeça estava girando. Eu tive que ir embora. Sair. Pegue ar.

Sentindo-me como se fosse vomitar de novo, entrei em movimento e fui direto para a porta mais próxima. Mais uma vez, encontrei as duas fadas transando entre duas mesas. *Jesus, isso não envelhece?* Pensei tonto, passando por cima

das pernas nuas do homem. Enquanto eu avançava, a fêmea gritou, um som agudo que machucou meus tímpanos. Nuvian acompanhou sem problemas. Se eu não estivesse tão desesperada para escapar, eu me viraria e gritaria para ele me deixar em paz.

A porta estava a poucos metros de distância agora, e fiquei tentado a sair correndo. A combinação de risadas e música era tão alta. Parecia que eu estava em uma sala de concertos.

Felizmente eu estava quase lá, tão perto.

Então, como se pertencesse a outra pessoa, observei minha mão alcançar uma fada.

Instinto, talvez, ou apenas um desejo avassalador de ver um deles pagar. *Não,* pensei. *Não faça isso. Apenas vá.*

O tempo desacelerou.

Antes que eu pudesse encostar um dedo nela, a criatura lançou um olhar pálido para mim.

Eu congelei, não de terror, mas da onda de poder. Parecia que um grande peso pressionava todas as partes do meu corpo.

“Tão tolo,” a fada respirou, me estudando com aqueles enervantes olhos. “Você é uma criança entre monstros. Um verme debaixo de um bando de pássaros.”

Seu cabelo era longo e escuro. Um vestido branco largo fluía ao seu redor. Um homem estava ao lado dela que era tão estranhamente lindo. Eu sabia que a maioria das fadas aqui eram antigas, mas essas foram as primeiras que *pareciam* antigas. Tentei encontrar qualquer evidência da idade deles — seus rostos não tinham rugas e as costas eram retas.

As palavras ficaram presas na minha garganta enquanto eu tentava dar uma resposta zombeteira. A magia se agarrou ao ar ao nosso redor. Numa explosão de consternação, percebi que a fêmea estava fazendo alguma coisa. Desesperadamente procurei na multidão ao nosso redor por Collith ou Nuvian. Não havia sinal de nenhum deles, é claro. *Agora* eles me deixaram em paz.

A expressão do seu companheiro era pensativa, intensificada pelas suas feições longas e elegantes. Seu cabelo caía até a cintura em uma cortina reta e marrom. Uma faixa dourada adornava sua testa. Assim como ela, ele se vestia inteiramente de branco. Sua pele quase combinava com ela, e me perguntei quanto tempo fazia desde que esses dois viam o mundo exterior. “Acho que você subestimou isso, Arcaena. O poder se esconde em suas profundezas”, observou ele. Sua voz era educada e distante, como se estivessem conversando sobre a escolha da comida ou o que todos estavam vestindo.

“Ah, sim, eu vejo agora. Ela está vinculada. Os lábios vermelhos de Arcaena se ergueram em um sorriso divertido. “Envolvida em correntes feitas por ela mesma. Devemos tirá-los?

O homem também sorriu levemente. O efeito foi arrepiante, como se sua boca não estivesse acostumada com isso. Naquele instante, percebi que eles deviam ser gêmeos. “Ela consideraria isso um castigo, eu acho, em vez de uma gentileza.”

“Perfeito,” Arcaena ronronou. Ela se aproximou e segurou minha bochecha, e não importa o quanto eu quisesse recuar, ainda não conseguia me mover. Em voz baixa, a fada sussurrou algo em espanhol. Depois de alguns segundos disso, ela o soltou e recuou.

Finalmente, eu estava livre dela – meus joelhos dobraram. De alguma forma consegui permanecer de pé, embora não conseguisse evitar usar uma mesa próxima como apoio. As fadas me observaram, seus olhos brilhando. *O que você fez comigo?* Eu tentei estalar. Mas novas sensações percorreram-me, gargalhando e rugindo como prisioneiros que acabaram de sair das celas. Eu queria encontrar a faca do papai e enfiá-la no olho de Jassin. Eu queria ficar tão bêbado que esqueci onde estava. Queria dançar no meio daquela multidão e curtir estar na minha própria pele. Queria encontrar Collith e passar as mãos em sua barriga novamente.



Uma parte pequena e encolhida de mim agarrou-se à racionalidade. Os segundos

se transformaram em minutos enquanto eu lutava contra os impulsos que rasgavam meu interior. Eventualmente Arcaena murmurou algo no ouvido do macho e eles escaparam.

Seu comentário se repetiu em minha mente. *Ela está vinculada. Envolta em correntes feitas por ela mesma. Vamos tirá-los?* Minha batalha interna continuou e finalmente percebi o que a fada tinha feito.

Ela diminuiu minhas inibições.

“Fortuna”, alguém disse.

Eu sei o que vai acontecer a seguir, pensei vagamente. Seria Damon parado atrás de mim. Ele iria me abraçar e pedir desculpas pelo que Jassin tinha feito. Depois disso, Collith aparecia com um copo d’água.

Eu o agarraria e o arrastaria para algum corredor escuro, onde praticamente o foderia contra a parede.

Lentamente, sentindo-me como se estivesse debaixo d'água, enfrentei meu irmão.

Ele usava exatamente as roupas que eu lembrava, o terno azul com muitos babados.

“Isto é uma lembrança”, eu disse. A voz não parecia a minha.

Damon sorriu. A sombra em seus olhos deixou tudo triste. "É isso?"

"Sim. Aquela fada mexeu com minha cabeça. Ela me fez esquecer o que ela tinha feito.

“Então você provavelmente não deveria ficar aqui. Acordar." Damon se aproximou e, em vez de me abraçar, beijou minha testa. Seus lábios estavam tão rachados que pareciam crostas. Ele se afastou novamente, recuando para a escuridão que não existia há pouco. “Acorde, Fortuna.”

Meus olhos se abriram.

Pela segunda vez em vinte e quatro horas, encontrei-me na cama de Collith.

Pela segunda vez em vinte e quatro horas, alguém tirou o vestido meu.

Desta vez, porém, eu não estava nu. Uma rápida olhada mostrou que eu estava vestindo o que pareciam ser calças de ioga e uma camiseta. Também não houve fogo.

Em vez disso, uma vela ardia na mesa de cabeceira. O colar de safira foi cuidadosamente colocado próximo a ele. A luz era pequena e, por causa disso, a maior parte da sala estava obscurecida pela escuridão. Eu sabia que não estava sozinho – o vínculo estava relaxado. A corda não estava sendo esticada entre

nós. Sons suaves vieram da minha esquerda e, um momento depois, o cheiro único de Collith provocou meus sentidos.

Os lençóis sussurravam enquanto ele deslizava para baixo dos cobertores. A cama era tão grande que quase não a senti. Por alguns segundos, considerei fingir que ainda estava dormindo, mas isso me lembrou muito da minha última conversa com Oliver. Então rolei, ficando de costas para Collith, e olhei para a pequena chama. “Conte-me sobre o fogo celestial”, eu disse.

O som da minha voz parecia áspero no silêncio. Collith não pareceu surpreso; ele provavelmente sabia que eu estava acordado. Sua voz chegou até mim, suave como uma pena no ar. “Nuvian me contou o que aconteceu na festa”, ele murmurou. “Você foi manipulado por um dos mais velhos e ele não se atreveu a interferir. Sinto muito, Fortuna.

Eu falhei com você.

Minha garganta inchou. Se continuássemos conversando sobre aquela fada horrível e o que ela tinha feito comigo, eu sabia que iria chorar. Eu nunca quis ficar tão indefeso novamente. “O que importa para mim, neste momento, é o fogo”, eu disse categoricamente.

Era uma imagem que ficou comigo — o tom azulado na pele de Collith, a expressão de concentração que ele exibia, a elegância de seus dedos abertos — e agora era um bom momento para perguntar.

Senti meu companheiro hesitar. Ele provavelmente estava se perguntando se deveria insistir no assunto. “É parte da razão pela qual me permitem sentar no

trono”, respondeu Collith finalmente. “Algumas fadas têm uma… especialidade. Um certo poder ou habilidade única em relação aos outros. Geralmente a habilidade se manifesta durante a puberdade, mas em casos raros pode surgir por trauma. Arcaena, por exemplo, tem a habilidade de reduzir uma criatura aos seus instintos mais básicos.”

“Como aconteceu o seu?” Eu perguntei, curioso apesar de tudo. Silêncio do outro lado da cama. Claramente eu fiz outra pergunta que ele não estava disposto a responder.

Sentindo-me inquieto, rolei de costas. Sombras moviam-se ao longo do teto rochoso. A exaustão me puxou. Fiquei tentado a sucumbir, desejando ver Oliver, mas me preocupei em falar durante o sono. Por um momento pensei em voltar para meu antigo quarto, mas a perspectiva de chegar lá parecia assustadora depois de tudo o que havia acontecido.

Tantas passagens para se perder, tantas oportunidades para uma fada me atacar novamente.

“Você está seguro aqui”, disse Collith sem aviso, claramente captando minhas emoções novamente. “Nuvian está postado do lado de fora da porta e as outras passagens também são vigiadas. Além disso, a localização desta sala foi soletrada por uma bruxa, então ninguém que queira fazer mal pode entrar. Durma mais, se puder.

Suas palavras não fizeram nada para me deixar à vontade; Eu ainda estava cercado por todos os lados por criaturas mais traiçoeiras e poderosas do que jamais seria.

“Obrigado”, foi tudo que consegui pensar em dizer.

"De nada."

Os segundos passaram, marcados pelo brilho da vela e pelo som suave da respiração de Collith. Foi um acontecimento estranho dormir na mesma cama que ele. Eu compartilhei quartos com irmãos adotivos anos atrás, mas isso era diferente. Mais... íntimo.

O pensamento enviou uma miríade de emoções através de mim como cores em

um carrossel. Culpa, confusão, ressentimento. Fiquei rígido enquanto tentava detê-los.

Por alguns minutos, tive realmente sucesso. Mas então, na quietude, flashes da festa começaram a vir até mim. Braseiros estranhos. Comida nas lajes. Sexo. Então eu vi uma fada com penas no lugar dos cílios e sua voz melosa encheu minha cabeça. *Eu me pergunto por que ele considerou você importante o suficiente para acasalar, mas não para coroar?*

Mais enigmas e jogos. Soltei um suspiro frustrado. “Você pode pelo menos me dizer como a Corte Unseelie escolhe sua rainha? Já que aparentemente isso não é feito por casamento, como o resto do mundo?

Mais uma vez, Collith demorou a responder. Eu podia senti-lo olhando em minha direção enquanto falava. “Obter uma coroa na Corte Unseelie não é tarefa fácil. Eles não vão simplesmente dar isso a você; deve ser conquistado. É um… processo árduo”, concluiu. Havia um peso na maneira como ele disse isso.

"Como assim?"

O colchão mudou quando o Rei Unseelie me encarou completamente. Querendo ver sua expressão, virei de lado novamente. Estávamos mais próximos do que eu imaginava; A respiração de Collith fez cócegas em minha bochecha. Seu perfume único e inebriante estava por toda parte. A vela bruxuleante fez sua cicatriz parecer mais profunda e dolorosa.

“Ela passa por uma série de provações”, ele respondeu com óbvia relutância. “O primeiro testa sua força. O próximo testa sua astúcia. O último testa sua devoção. E uma vez iniciadas as provações, você não poderá mudar de ideia ou parar no meio do caminho.

Durante o meu reinado, nenhuma mulher sobreviveu a todos eles.”

“Adorável”, comentei. Eu me perguntei quantos haviam tentado isso. Para alguns razão, eu não queria saber. “O que acontece se alguém sobreviver?”

Um de seus ombros nus encolheu os ombros, como se fosse tão simples.

“Então ela é a Rainha da Corte Unseelie. Existem rituais e tradições antigas para torná-lo oficial. Depois disso, toda linhagem é obrigada a pagar

fidelidade. Os Guardiões pagam os seus individualmente, é claro, uma vez que os seus deveres são diferentes dos de um membro do tribunal."

Durante tudo isso, Collith parecia mais interessado em me estudar. Eu olhei de volta – foi a primeira vez que eu realmente fui capaz de fazer isso. Não havia mercado negro do qual escapar, nem bar barulhento para distrair, nem barganhas às quais resistir. Sob essa iluminação fraca, as colinas e planos de seu rosto eram ainda mais pronunciados. Sua boca cheia estava relaxada, convidativa, e tentei não me lembrar de como eram. Percebi que não havia linhas ao redor daqueles lábios sensuais. *Ele não sorri com frequência,* pensei.

De repente, porém, suas palavras foram registradas. "Espere, eles pagam fidelidade?" EU

deixou escapar. "O que isso significa?"

Algo mudou em Collith, mas eu não sabia exatamente o quê. Sem aviso, ele se sentou, fazendo aquela mecha de cabelo cair sobre sua sobrancelha. As cobertas caíram para revelar os músculos do estômago. "É uma demonstração de lealdade deles", ele esclareceu, aparentemente alheio ao modo como meu olhar se dirigiu para baixo. "Normalmente algo pequeno. Um pouco de simbolismo mais do que qualquer outra coisa. Mas é seu direito pedir algo mais, como um presente ou uma lembrança."

Suas palavras ecoaram através de mim. *Um presente ou um token.* Esqueci meu desconforto quando uma ideia começou a se formar. De repente, muito, muito envolvido em nossa conversa, levantei minha cabeça e encontrei o olhar de Collith. "Tem que ser um objeto? Ou poderia ser...

uma pessoa?

"Sim." A expressão de Collith era neutra; ele provavelmente adivinhou para onde minha mente estava indo. Eu estava prestes a perguntar por que ele não tinha me contado isso antes, quando ele acrescentou: "Mas há mais uma coisa que você deveria saber. Um dos rituais durante a coroação pode fazer você reconsiderar. Depois de concluído, da mesma forma que você e eu estamos vinculados, você também estará vinculado a eles.

"Eles?"

Ele assentiu, um movimento conciso. Sua boca estava achatada em uma linha fina.

“Cada fada que reside nesta Corte.”

Agora fui eu quem ficou em silêncio.

Foi difícil imaginar. Mesmo agora, num momento sem conflito ou caos, eu podia sentir o vínculo entre mim e Collith. Não foi doloroso, mas eu ainda não tinha me acostumado. A sensação era como ter um dedo extra.

Cada vez que você olhava para ele, a visão era surpreendente. Estranho. Ter um vínculo com todas as criaturas da Corte Unseelie? Minhas entranhas tremeram com o pensamento.

Um instante depois, a vergonha me atingiu. Damon faria isso, se fosse eu quem precisasse ser salvo. Ele nem hesitaria. Mas eu já me casei com uma fada e tive a carne tirada das minhas costas. Se eu fizesse isso... poderia muito bem significar minha sanidade. Não havia limite para os sacrifícios? Havia algum limite que eu não cruzaria por alguém que não queria ser salvo?

Claro que eu já sabia a resposta. Não. Não havia limites para o que Eu faria pela liberdade do meu irmão.

A angústia me atravessou. Meu novo futuro se aproximava e estava cheio de algemas, sujeira e escuridão. Procurando algum tipo de conforto, ou apenas a menor garantia, levantei meu olhar para Collith novamente. “Você passou por essas provações?”

Um músculo se moveu em sua mandíbula. Ele olhou para frente, vendo algo Eu não consegui. “Reivindicai minha coroa por outros meios”, foi tudo o que ele disse.

“Devíamos ser parceiros, certo?” Eu desafiei, exasperado com mais uma evitação. “Não preciso saber tudo, Collith. Mas talvez se você não tivesse tantos segredos, meu sangue não estaria por todo o chão da sala do trono agora.”

Suas narinas dilataram-se. Ele me encarou novamente. Seus olhos pareciam quase pretos sob a luz fraca. "Multar. Eu matei o rei anterior. Foi assim, querida

esposa, que comecei meu nobre reinado.

As palavras eram tão contundentes, tão monótonas, que levou um momento para compreendê-las. Eu sabia que Collith era poderoso, mas ainda não tinha visto qualquer tipo de violência por parte dele. Aparentemente eu involuntariamente comecei a acreditar que ele era diferente do resto de sua espécie. Agora tentei imaginar. Sangue nas mãos, um corpo aos pés. Surpreendentemente, era uma imagem que nunca parecia poder ser realidade.

Voltei a me concentrar no presente — houve uma onda de novas perguntas surgindo dentro de mim — e percebi que estava olhando para os dedos de Collith. Normalmente eles estavam abertos, relaxados, mas em algum momento durante a nossa conversa eles se apertaram em seu colo. Resisti à vontade de estender a mão e desenrolá-los.

Collith me observou absorver a verdade que ele acabara de lançar em minha direção. Então ele soltou um suspiro e, naquele único som, ouvi décadas de dor.

“As provações foram projetadas para quebrar você, Fortuna”, disse ele. “A cadeira ao meu lado permanece vazia por um bom motivo.”

Pela primeira vez desde que nos conhecemos, não duvidei da sinceridade em sua voz. Eu não sabia por que, já que ele provou ser um bom mentiroso. Algo sobre a tristeza em seus olhos – a mesma tristeza que vivia nos meus.

"Por que?" Eu perguntei finalmente. Collith franziu a testa. Uma leve sensação de surpresa vibrou em nosso vínculo. Ele não esperava que eu lhe desse uma chance de explicar. Quando ele não respondeu, continuei, recusando-me a deixá-lo escapar de mais uma pergunta. “Por que você o matou? Deve ter havido um bom motivo.”

Com isso, Collith arqueou uma sobrancelha escura. “Talvez eu apenas tenha gostado. Talvez eu só quisesse o poder.”

Se ele tivesse me dito isso algumas horas antes, eu teria acreditado nele. Era fácil pensar o pior de uma fada. Mas aqui, neste quarto e nesta cama, tudo estava quieto e quieto. A agonia nas minhas costas havia desaparecido. Tive uma centelha de esperança de que meu irmão sobreviveria a isso. E o vínculo, existente entre nós como uma veia ou uma linha telefônica, continuou a emanar

sensações suaves. Apesar das palavras duras e da expressão confusa, Collith lamentou o que fez.

“Temos uma vida inteira pela frente”, lembrei-lhe, erguendo as sobrancelhas em um desafio silencioso. Deitei-me, fazendo a estrutura da cama ranger. “Mais cedo ou mais tarde, descobrirei a verdade.”

Collith não respondeu. Seguindo o exemplo, ele se esticou ao meu lado. Desta vez ele descansou de bruços, com as duas mãos debaixo do travesseiro.

Seus bíceps flexionados, afiados e definidos, como um recorte de papel. Os músculos de suas costas brilhavam. Aquelas cicatrizes longas e irregulares de alguma forma pareciam fazer parte daquilo, pertencendo à sua pele como pequenos detalhes em um horizonte distante. *Tão lindo,* pensei. *Muito bonito.*

Ao se acomodar, Collith manteve o rosto voltado para o meu, tornando muito fácil para ele perceber a direção do meu foco. “Eu também acho você linda”, ele murmurou.

Meu olhar voltou para o dele. Quando percebi que tinha sido pego, minhas bochechas pegaram fogo. Collith não sorriu, mas seus olhos arderam em resposta ao que viram nos meus.

“Você vai tentar a coroa?” ele perguntou, mudando deliberadamente de assunto. Fiquei tão aliviado que quase caí; Eu não estava pronto para reconhecer abertamente a atração que pairava ao nosso redor.

Sua pergunta foi uma distração bem-vinda. Uma resposta imediatamente veio aos meus lábios, mas no último segundo vacilei. Se o que Collith disse fosse verdade e eu começasse essas provações, não havia como voltar atrás. Os fae seriam meus donos, de corpo e alma. O medo se alojou em meu peito, espalhando-se como uma criatura negra alada. Assim que comecei a dizer a Collith que encontraria outra maneira, eu

senti Oliver colocando uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. Sua voz flutuou através de mim, uma canção de ninar na escuridão. *Às vezes não se trata de ser mais forte. É sobre ser mais inteligente.*

Não havia outro jeito e eu sabia disso. Eles me chicotearam. Eles usaram magia

em mim. Mesmo na lua cheia, eles eram mais fortes. Eu não poderia vencê-los como um pesadelo.

Mas talvez eu pudesse como rainha.

Em minha mente, ouvi uma porta se fechando. Fechando qualquer chance de felicidade, de me separar deste casamento, na esperança de que meu irmão e eu pudéssemos ser uma família novamente. “Sim”, respondi, fechando os olhos com força, numa tentativa fútil de esconder a tristeza que se abateu sobre mim. Ele podia sentir isso através do vínculo, de qualquer maneira. Nada mais era privado. "Eu tenho que.

Para Damon.

O pavio da vela estourou, brilhou e desapareceu. Era o único som na sala. Collith não tentou me tocar ou dizer mentiras bonitas. “Então faremos o anúncio pela manhã. Se você tem certeza de que isso é realmente o que você quer fazer”, disse ele.

Suas palavras cravaram-se em meu coração como garras. *O que eu quero? Desde quando você se importa com o que eu quero?* Quase cuspi. Já era tarde e eu precisava ver Oliver. Lutar com Collith não valeu a pena. Em vez disso, me virei nos lençóis e fiquei de costas para ele. De repente, não importava mais se ele ouvia alguma coisa — concentrei-me na vela e esperei que sua chama me acalmasse para dormir. *Estou indo, Ollie.* Lentamente, minha raiva ferveu e esfriou.

Justamente quando as bordas de tudo estavam escurecendo, Collith limpou sua mente.

garganta. O som era estranhamente incerto. “É a minha vez, então?” ele se aventurou.

Tão perto. Franzi a testa em aborrecimento, mantendo os olhos fechados. “Sua vez de quê?”

"Fazer uma pergunta."

“Estou cansado, Majestade.”

"Muito bem. Espero que você tenha lindos sonhos, Fortuna.

Mas agora fiquei intrigado. Eu me mexi e olhei para o teto, mais irritada comigo mesma do que com ele. "O que você quer saber?"

Eu podia sentir o peso do foco de Collith. Sua voz, já suave e suave, tornou-se ainda mais gentil. Apesar disso, eu não estava preparado quando ele perguntou: “O que aconteceu com seus pais?”

As palavras foram um pouco de água fria. Eu enrijeci, sabendo o que estava por vir, mas lutando contra isso de qualquer maneira. Involuntariamente, inevitáveis, as imagens me agrediram. Um queixo manchado de sangue. Olhos vidrados e vazios. Dedos enrolados.

Parecia que havia uma mão em volta do meu coração, apertando cada vez mais forte. Não olhei para Collith quando respondi: “O que faz você pensar que alguma coisa aconteceu?”

“Regina mencionou algo,” ele admitiu.

Maldita Regina. Eu iria cuspir na bebida dela na próxima vez que a visse. Se eu a visse.

“Números,” eu murmurei. Meus músculos ainda estavam travados no lugar. Há muito tempo, o conselheiro da escola tentou me ensinar técnicas calmantes.

Algo sobre respirar…

"Você também fala enquanto dorme."

Assim como eu suspeitava. Ele não tinha pensado em me contar, é claro. Mas não consegui demonstrar nenhuma indignação; A pergunta de Collith ainda me segurava, respirada de forma provocativa em meu rosto. Olhei para cima com tanta intensidade que parecia que as linhas no teto de terra ficariam permanentemente gravadas na memória. Fazia muito, muito tempo que eu não contava essa história. Eu seria capaz sem quebrar?

Os rostos de mamãe e papai nadaram diante de mim. Já se passaram anos desde

aquela noite e suas feições ficaram confusas. Em casa, as fotos deles estavam em quase todos os cômodos. Foi minha tentativa desesperada de me agarrar, de lembrar, de tranquilizar. *Não nos esquecemos de você,* eu queria dizer. *Nunca.*

Para eles. Eu reviveria isso por eles.

Collith permaneceu em silêncio, a compaixão irradiando pelo vínculo. Isso tornou tudo pior, de alguma forma. Quando falei, as palavras eram distantes e prosaicas. “Ninguém sabe exatamente o que aconteceu”, comecei. Tudo voltou rapidamente, dolorosamente vívido, como se tudo tivesse acontecido ontem. Chuva batendo no telhado. Vento balançando os galhos das árvores do lado de fora da minha janela. Eu acordando em lençóis encharcados de suor. "Eu tinha oito anos de idade.

Era apenas mais uma noite – de manhã iríamos para a escola. Papai era terapeuta e mamãe professora. Sempre íamos dormir cedo, porque todo mundo tinha que acordar de madrugada.”

Eu estava balbuciando. Percebendo isso, parei. Minhas mãos cerraram onde eles agarraram o cobertor. Tal como Collith tinha feito anteriormente, notei vagamente.

“Parece uma vida linda”, ele disse suavemente.

"Era." Pisquei rapidamente. Agora que comecei, a necessidade me encheu como um balão.

Eu tive que terminar. “Naquela noite, tive um pesadelo. Acho que foi por isso que não acordei logo. Mas eventualmente consegui; havia barulhos vindos

outra parte da casa. Por alguma razão, eu não queria me mover. Talvez alguma parte de mim soubesse. Levou tudo o que eu tinha para ficar de pé.”

Inspire pelo nariz, expire pela boca. Foi o que o conselheiro disse. Lembrei-me agora.

“Encontrei mamãe no corredor. Era óbvio que ela estava morta, então continuei. Mas não foi porque eu esperava que meu pai tivesse sobrevivido. Talvez eu só tivesse que ver por mim mesmo. Havia esse... cheiro. Deus, esse cheiro horrível.

Como moedas velhas.

Papai ainda estava no quarto deles. Não houve chance de segurar sua mão; ele já estava morto. Ele foi morto na cama, na verdade.

Provavelmente nem teve a chance de abrir os olhos antes de ser atingido.

"Isto?" Collith repetiu. Sua voz parecia vir de uma grande distância.

Engoli. Minha boca estava tão seca. “De jeito nenhum um humano fez isso. No No final, a polícia concluiu que um animal deve ter entrado na casa.”

“Mas você não acredita neles.”

"Não. Eu nunca fiz. Seja o que for, acho que ainda estava em casa quando encontrei os corpos. Lembro-me de uma sombra…” Mais imagens surgiram. Ele estava parado no corredor, olhando para mim? Uma silhueta contra a janela? A forma na minha memória não era natural. Monstruoso. Com olhos vermelhos e brilhantes…

“Fortuna? Você está bem?"

Inspire pelo nariz, expire pela boca. Eu me sacudi. “Não quero mais falar sobre isso, ok?”

“Tudo bem”, disse Collith instantaneamente. O silêncio tomou conta de nós, perturbado apenas pelo crepitar da vela que se apagava, e me concentrei em banir as lembranças.

Tentei pensar em Damon, ou nos próximos julgamentos, ou em como pediria desculpas a Bea e Cyrus quando voltasse. Nada funcionou. O pânico subiu pela minha garganta, tornando difícil respirar.

Depois de um momento ou dois, Collith mudou. O movimento parecia impensado, casual, como se ele estivesse apenas tentando ficar mais confortável. Eu não perdi que isso o aproximou, no entanto. “Para onde você foi depois disso?

Um parente?" ele perguntou em seguida.

Foi como se ele tivesse me jogado um colete salva-vidas – as lembranças horríveis deram lugar a outras diferentes. Ainda doloroso, mas o tipo de dor controlável, como uma dor de dente ou um corte de papel. “Não tínhamos parentes”

Eu respondi hesitante. Minha frequência cardíaca começou a diminuir. “Nenhum que soubéssemos, de qualquer maneira. Damon e eu andamos por lares adotivos por um tempo.

Eventualmente, estabelecemos um acordo com um belo casal e eles nos criaram até eu virar

dezoito. Dave e Maureen. Tento visitá-los de vez em quando. Maureen liga de vez em quando. Essas ligações vinham ocorrendo cada vez menos.

Para Maureen, eu provavelmente era apenas uma lembrança dolorosa da criança que ela havia perdido.

A criança que ela realmente amava.

"Porque você saiu?" Não houve julgamento na expressão de Collith; só curiosidade. Eu disse a mim mesmo que era por isso que estava contando tudo isso a ele.

Em algum momento, eu me virei para ele novamente. Ficamos deitados no meio daquela cama gigantesca, um de frente para o outro, mas sem nos tocarmos. Ele estava perto o suficiente para que eu tivesse que inclinar minha cabeça para frente para encostar a cabeça na dele. Seu perfume, sutil e inebriante, envolveu-me. Por que ele tinha que cheirar tão bem?

Caramba. O que ele perguntou de novo? Certo, sim, por que deixei Dave e Maureen?

Pensei nisso por mais tempo do que nas outras perguntas. Foi um alívio ter algo em que focar. “Acho que foi porque nunca me senti... bem. Como se eu pertencesse. Damon era muito melhor do que eu em se misturar. Ele tinha a namorada, o time de futebol, o clube de teatro. Ele queria ir para a Universidade do Colorado e se formar em psicologia, como nosso pai.

“Quero dizer, não é como se eu não tivesse amigos ou que Dave e Maureen não fossem bons pais. Mas nunca foi uma questão de saber se eu iria – era quando. Naquela semana, quando me tornei legalmente adulto, sabia que era a hora. Eu disse a Damon que estava indo embora. Nem convidei ele para vir, pois nunca pediria para ele deixar tudo para trás. Mas quando fui colocar minhas coisas naquele carrinho de merda, ele estava lá, sentado no banco do passageiro. “Não se preocupe”, ele disse. 'Eu estou indo com você. Fizemos uma promessa, lembra? Então fechei a boca e simplesmente dirigimos.”

Isso foi o mais feliz que estive desde a morte de nossos pais. Eu ainda podia sentir aquela sensação de liberdade. Música tocando nos alto-falantes, o vento penteando meu cabelo. Não havia ninguém olhando para mim, vendo o rosto que queriam. Não havia sabores na minha língua depois que acidentalmente esbarrei em alguém no corredor da escola. Damon estava lá, com um leve sorriso nos lábios, parecendo cada dia mais com nosso pai.

Eu nunca seria tão feliz novamente.

O pensamento me puxou de volta ao presente. Encontrei o olhar de Collith, sabendo que a amargura que sentia transparecia no meu. “Só estávamos na estrada há algumas horas quando parei em Granby para abastecer. Havia um bar com sua porta

abrir. Sentimos cheiro de hambúrguer e Damon estava com fome, então entramos.

Foi quando conheci Bea.”

“Você a ama muito”, comentou Collith. Eu devo ter dado a ele um olha, porque ele encolheu os ombros. “Eu pude ouvir isso em sua voz.”

Ele não estava errado. Isso me pegou de surpresa, meu amor por Bea. Ela se sentia mais como uma mãe do que como minha mãe adotiva.

Enquanto crescia, Maureen tentou muito. Ela me pressionava para ir aos bailes da escola, para sair com aquele rapaz simpático da sala de casa, para fazer compras com ela.

Todas as coisas normais que qualquer filha deveria querer fazer. Eu não poderia

dizer a ela como era cansativo estar perto das outras crianças. Os seus medos eram ainda mais potentes do que os de um adulto, porque os jovens não eram capazes de combater as suas fobias com lógica ou negação, uma habilidade que foi aprimorada com a idade. Com o tempo, parecia que Maureen olhava para mim com frustração e exasperação, mais do que qualquer outra coisa. Agora, depois de tanto tempo e distância, eu sabia que tinha sido mágoa e rejeição.

Mas Bea não tentou me compreender ou moldar. Ela não fez perguntas. Ela observou com aqueles olhos penetrantes e apenas... aceitou.

O relacionamento com ela foi fácil. Legal.

Collith estava esperando minha resposta. Percebendo isso, fiz uma vaga gesto. “Não há muitos...”

Naquele instante, a vela engasgou-se e apagou-se, envolvendo o quarto de Collith na escuridão. Eu pulei e perdi minha linha de pensamento. Olhei para o nada e me vi como era há apenas alguns anos. Na verdade, não mudou muita coisa, exceto uma coisa. Um pequeno pedaço de mim que havia caído, despercebido por ninguém além de mim. Às vezes eu olhava para trás. Eu não contei a ninguém o que aconteceu, não permiti que a dor aparecesse.

Talvez seja por isso que fiz isso agora... e nada menos que uma fada. “Eu queria ser veterinária”, murmurei para a escuridão. “Desde que eu era pequeno. Os animais sempre foram pacíficos – seus medos são tão simples que tocá-los não me afeta. Nenhuma imagem na minha cabeça, nenhum gosto horrível na boca. Ajudando algo indefeso, passando meus dias de forma tão simples e tranquila? Sim, eu poderia viver assim.

A fada em questão não riu nem falou sobre impossibilidades. Em vez disso, ele respondeu suavemente: “Não é tarde demais, você sabe”.

Eu balancei minha cabeça. “Ir para a escola significaria deixar todo mundo.

Eles são a única família que tenho.”

"Isso não é verdade."

Mas eu não estava interessado em discutir; Eu havia abandonado esse sonho há

muito tempo. Mais uma vez, nós dois ficamos ali em silêncio total e, desta vez, nenhum de nós falou. Definitivamente era a minha vez de fazer uma pergunta – eu tinha perdido a conta de quantas ele havia perguntado – mas de repente ficou difícil formar palavras.

Minhas pálpebras pareciam pesadas.

Mais uma vez, a inconsciência apareceu. Collith moveu-se novamente, apenas com um leve ajuste, e sua testa pressionou contra a minha. O contato repentino deveria ter sido surpreendente. Esta criatura se tornou parte de mim, no entanto. Na verdade, eu sabia que ele faria isso um instante antes.

Pensei em me mudar, mas estava estranhamente relutante em prosseguir com isso.

Não seja patético, eu disse a mim mesmo. Em um esforço para sentir aquele ódio anterior por Collith, lembrei-me da figura fria que ele era, sentado naquele trono enquanto o gato de nove caudas descia. Funcionou, mas apenas ligeiramente. O ódio foi dominado pela exaustão e... algo mais.

Foi bom tocar em alguém. Eu neguei a mim mesmo um prazer tão simples por tanto tempo. Geralmente, mesmo os contatos mais fugazes traziam imagens aterrorizantes e sabores desagradáveis. Com Collith, havia apenas sua pele fresca e seu perfume inebriante. *Só desta vez. Isso não significa nada,* pensei. Eu não tinha ideia de quem eu estava tranquilizando.

“Boa noite, Fortuna”, disse Collith. Sua voz estava sonolenta.

“Boa noite,” murmurei de volta. Em poucos minutos, a respiração profunda da fada me disse que ele estava dormindo. O calor tocou meu rosto repetidas vezes, estranhamente reconfortante. Meus próprios olhos se fecharam.

Eu nunca amaria o Rei Unseelie. Mas talvez eu também não precisasse odiá-lo.

CAPÍTULO DOZE

EMQuando abri os olhos novamente, meio que esperava a cena que acabara de ver. Collith ao meu lado, uma vela apagada sobre a mesa, um teto de terra assomando no alto. Mas desta vez foi substituída pela visão familiar do farfalhar

da grama e de um mar distante.

Uma brisa suave e contente passou sussurrando. A luz desbotada tingiu o mundo de vermelho e amarelo.

Finalmente.

Parecia que eu não via Oliver há semanas e nem sequer olhei para baixo para ver o que estava vestindo antes de procurá-lo. A primeira direção que olhei, claro, foi para a casa.

Todas as janelas estavam escuras. Como ele não dormiu, isso se tornou nosso sinal de que ele estava em outro lugar. Examinei as colinas circundantes e o horizonte escuro. Meu olhar se fixou em uma figura esbelta parada ao longe. Como sempre, comecei a correr.

Ele me ouviu chegando e se virou. No momento em que estive ao alcance da voz, perguntou: “Como você fez isso?”

Oliver franziu a testa. O sol poente caiu sobre seus olhos e cabelos, fazendo com que os fios loiros se tornassem dourados e brilhantes. "O que você está-"

“Quando você tratou minhas costas, Ollie. O que você fez ainda estava lá quando acordei. Meu sangue foi limpo e os cílios estavam cobertos de pomada.” Cheguei até ele e Oliver pegou meu cotovelo para me firmar. Eu não corria perigo de cair; Eu conhecia esse local melhor do que qualquer outro nas paisagens oníricas. Oliver passou tanto tempo aqui que o chão onde ele estava estava descoberto. Sempre que eu o imaginava durante nosso tempo separados, era exatamente como ele parecia agora.

“Fortuna, respire fundo,” Oliver ordenou.

"Como isso é possível?" Eu insisti, ignorando-o. O mistério me incomodou desde o momento em que acordei naquela cela de prisão. A lembrança das vozes de Zara e Collith era tão clara quanto a espuma do oceano que se aproximava.

nós.

Alguém já a tratou.

Impossível. Ninguém esteve aqui, exceto o guarda.

Veja por si mesmo. As feridas são limpas e cobertas com algum tipo de pomada.

Eu evitei lembrar mais. O horror persistente daquela cela me fez falar sem pensar. “Não importa, tinha que ser outra coisa.

Você não é... quero dizer, isso não é...

Agora Oliver me deu um sorriso triste e amargo. “Como eu fiz isso, já que não sou real?”

ele terminou. Respirei fundo. Enquanto eu me atrapalhava para encontrar a resposta certa, meu coração doeu. *Não foi isso que eu quis dizer,* eu queria dizer, mas seria mentira. As ondas batiam contra as rochas lá embaixo, preenchendo o doloroso silêncio entre nós. “Você sabia que poderia fazer isso?” Eu perguntei em vez disso.

"Não. Eu não fiz isso.” As palavras foram cortadas. “Seria tão terrível, Fortuna? Se algum dia, de alguma forma, eu estivesse lá quando você acordou?

"Ollie, não, claro que não." Ele esperou por mais, mas eu estava com medo de dizer mais alguma coisa que pudesse machucá-lo. Eu não poderia dizer a ele que tal futuro era impossível ou que isso era tudo que teríamos. Independentemente de quaisquer novas habilidades que ele tenha desenvolvido, no outro mundo, Oliver não tinha corpo.

Isso não significava que ele não tivesse importância. Isso não significava que ele estava menos presente para mim do que Damon, ou Bea, ou Cyrus. Pensando em mostrar a ele como me sentia, segurei o rosto de Oliver e o beijei. Sua reação foi rígida, inflexível, então abandonei sua boca para descer em seu pescoço. Esta era uma língua que ambos falávamos. Sempre nos uniu, não importa quantas diferenças ou palavras não ditas.

Sem aviso, Oliver recuou. Isso me pegou tão desprevenido que apenas observei enquanto ele se acomodava no chão sem dizer uma palavra. Ele encarou o horizonte luminoso com uma expressão dura. Ele queria que eu fosse embora? Alguma coisa entre nós mudou? O

pensamento ameaçou me quebrar. Eu já tinha suportado tanta coisa; Eu não

poderia perder Oliver. Agora não. Sem saber o que viria a seguir, mudei de um pé para o outro. Depois de um momento, sentei-me ao lado dele.

Este é Ollie, lembrei a mim mesma. *Seu melhor amigo.*

Meu primeiro instinto foi fazer as perguntas que se acumulavam lá dentro. Meu segundo era deixar Oliver falar em seu próprio tempo. Eu simplesmente ouviria.

Foi a escolha certa. Ele não se virou nem desviou o olhar do mar brilhante, mas depois de alguns minutos Oliver falou.

“No momento, seu foco principal é Damon. Eu entendo. Ele é seu irmão, sua família. Eu estava errado antes, quando lhe disse para deixá-lo ir. Oliver hesitou. Agora ele inclinou seu corpo em minha direção e, um instante depois, nossos olhares se encontraram. Ele estava cheio de uma tristeza terrível que eu não sabia que ele sentia. “Mas eu também sou sua família. Ainda sinto tudo o que qualquer outra pessoa sentiria, mesmo que parte de você acredite que sou apenas uma invenção da sua imaginação. Tente se lembrar disso, mesmo em momentos como este. Diga-me a verdade; não tente me distrair disso. Eu mereço alguma dignidade.

Minha voz era suave. "Eu vou. Desculpe."

Desculpe por mais do que ele jamais saberia. Eu o criei. Eu fiz isso prisão dourada para ele. Foi um milagre ele não me desprezar, realmente.

Agora eu refletia sobre minhas últimas visitas – não, nos últimos anos – e percebi o quão egoísta eu tinha sido. Dando-lhe restos do mundo exterior, guardando as peças que considerava inconvenientes para ele conhecer. Eu também guardei para mim o fato de que, em minha mente, ele era algum amigo imaginário ou uma loucura temporária. Achei que tinha feito um bom trabalho escondendo isso, mas é claro que ele sabia. Oliver constantemente provava que era mais inteligente do que a maioria das pessoas que eu considerava reais.

Inconsciente da aversão que sentia por mim mesmo, Oliver simplesmente beijou minha bochecha. Simples assim, fui perdoado. “Agora, conte-me tudo”, disse ele.

Sorri relutantemente com essas palavras. Quando éramos crianças, eles eram

sempre a primeira coisa que saía da boca dele quando eu chegava à paisagem dos sonhos.

Mesmo agora, eu podia ver isso. O jovem Oliver, com os olhos grandes demais para o rosto e as sardas pronunciadas, pulava na porta da casa.

Seus braços e pernas eram tão magros.

A imagem trouxe de volta uma onda de memórias mais cheias de luz, das quais eu precisaria se quisesse reviver meu tempo na Corte Unseelie.

Preparando-me, agarrando-me à felicidade dos dias passados, respirei fundo.

Os acontecimentos das últimas vinte e quatro horas, se é que realmente duraram tanto tempo, se espalharam. Minha apresentação à corte como companheira de Collith, como Arcaena usou magia em mim, o que vi na cabeça de Collith, nossa conversa sobre o reino e as consequências que isso teria.

Eu contei tudo a ele. Até o beijo.

Oliver não interrompeu nem fez perguntas. Ao longo do meu relato, sua expressão permaneceu cuidadosamente neutra. Eu não tinha percebido o quanto havia para dizer, o quão afetado eu havia sido por isso, porque quando terminei, senti como se alguém tivesse sugado veneno de mim. Depois, ficamos ali sentados, com as pernas penduradas na beirada. Pássaros voavam ao longe, pequenos pontos pretos que pareciam ir direto para o sol.

Inevitavelmente, minha mente voltou-se para a decisão que tomei antes, deitada naquela cama ao lado do Rei Unseelie.

Você vai tentar a coroa?

Eu tenho que. Para Damon.

“Acho que sei a resposta para isso”, eu disse abruptamente, quebrando a paz como um martelo no vidro. Na minha visão periférica, vi Oliver virar a cabeça.

Embora eu desejasse evitá-lo, fugindo da verdade, encontrei seu olhar. “Mas eu preciso perguntar de qualquer maneira. Se eu morresse, quero dizer, lá fora, você

também teria ido embora. Certo?"

Meu melhor amigo inclinou a cabeça. A luz tocou seus olhos novamente, ainda mais intensamente do que antes. “Se você morresse, Fortuna, eu a seguiria em qualquer vida após a morte que existisse. O resto realmente não importa, não é?”

As lágrimas turvaram tudo. Pela primeira vez, eu não os escondi nem os afastei. “Eu não mereço você”, eu disse a ele.

Uma expressão estranha cruzou seu rosto. *Oh, merda, o que eu disse agora?* Eu pensei.

Assim que comecei a perguntar a ele sobre isso, Oliver me cutucou com o ombro. “Claro que sim”, disse ele. “Mas você deve ter feito algo muito, muito bom em uma vida passada.”

Revirei os olhos e o empurrei de volta. A luz do dia recuou totalmente então. Aconteceu entre uma respiração e outra, sujeito ao capricho de Oliver. Em algum momento, sem que eu percebesse, a lua emergiu. Os detalhes de sua superfície rochosa eram nítidos e detalhados, como uma pintura. Nada como a lua no meu mundo.

As palavras de Oliver escolheram aquele momento para se repetir na minha cabeça. *Eu seguiria você em qualquer vida após a morte que existisse. O resto realmente não importa, não é?*

Por mais que eu apreciasse essas palavras, o peso de outra vida caiu sobre mim. Se eu falhasse, não apenas Damon permaneceria nas garras de Jassin, mas uma criatura capaz de arte requintada e amor incondicional deixaria de existir.

Outro minuto de silêncio se passou. Olhei para as ondas, suas profundezas negras sob o luar, e engoli em seco. "Queres saber um segredo?" Perguntei.

Seria melhor deixar tudo aberto, enquanto ainda podemos.

Oliver não hesitou. "Sempre."

Soltei um suspiro longo e trêmulo. Desde que me lembro, era um instinto, uma regra, um mantra. Seja o forte. No início, foi para Damon. Mas depois que ele se

foi, foi para meu próprio bem. Se eu não fosse duro ou fechado, o mundo me destruiria. Oliver foi a única exceção.

Agora que a morte respirava em meu pescoço, eu não poderia encarar isso assim.

“Estou apavorado,” eu respirei. Deus, foi libertador dizer isso.

"Sobre o que?"

“Alguns dias parece que tenho medo de tudo. Perder outra pessoa na minha vida, decepcionar Bea ou Gretchen, ou até mesmo caminhar sozinha até meu carro. Agora mesmo?

O que quer que o amanhã traga.

Há uma boa chance de eu não sobreviver.”

Oliver torceu os lábios pensativo. Era outra coisa que ele fazia desde que éramos crianças, e a visão familiar foi suficiente para me fazer sorrir de novo, só um pouquinho.

“Vamos”, ele disse. Ele deu um pulo e, com um movimento rápido, Oliver tirou a camisa.

Em seguida veio seu jeans. Os tendões de seus braços flexionaram quando ele desfez o botão. Antes que eu pudesse desviar o olhar, ele ficou nu diante de mim.

Eu não tinha muito com que compará-lo, mas suspeitava que Oliver fosse excepcional em qualquer realidade. Meu núcleo aqueceu e apertou. Ele percebeu minha reação e me lançou um olhar que tornou difícil pensar.

Então, sem dizer mais nada, Oliver girou e pulou do penhasco. Um som espirrando perturbou a quietude. Sorrindo agora, levantei-me e me despi rapidamente – foi a primeira vez que percebi que estava usando o mesmo suéter e legging da última visita. O ar sussurrou sobre minha pele nua. Quase tremendo de ansiedade, recuei alguns metros e corri até a beirada.

Por alguns breves momentos, eu estava voando.

Quando bati na água, ela estava quente e opalescente. Por alguns segundos

permaneci nas profundezas, olhando para a lua. Foi tão fácil esquecer o que me esperava quando emergi.

Mas Oliver também estava esperando, e pensei nele enquanto chutava para a superfície.

No mundo real, um arrepio percorreria minha pele no momento em que alcançasse o ar.

Isso não existia aqui. Contente e sonolento, fechei os olhos para flutuar ali por um minuto. Para desfrutar da sensação de não ter peso. Os segundos passaram e eu pude sentir Oliver observando - seu desejo flutuou até mim como

um perfume no vento. Tentei não sorrir. Ele se aproximou, com um jorro de água, e passou a palma da mão pela minha barriga. O breve toque enviou um arrepio de prazer através de mim.

“Quando éramos jovens, você quer saber do que eu tinha medo?” ele disse. Com isso, todos os vestígios de desejo desapareceram. Eu me levantei e olhei para ele.

Oliver ergueu as sobrancelhas com a minha reação. “Sim, percebi que você nunca perguntou. Eu também não ofereci. Eu queria que este lugar, o nosso lugar, fosse diferente. Sua vida lá fora é um inferno, então tentei fazer exatamente o oposto aqui.

Mas se eu tiver que escolher entre preservar essa ilusão e a sua sobrevivência, não há contestação.”

Muita coisa estava mudando. Eu não sabia se era forte o suficiente para enfrentar isso também. “Ollie…”

“Pergunte-me”, disse ele. Seu tom dizia que ele não iria deixar isso descansar até que eu o fizesse.

Engoli. "Multar. Do que você estava com medo?

Oliver nadou ainda mais perto. A luz da lua fazia sua pele parecer lisa como vidro.

Espontaneamente, minha mente conjurou o rosto de outra pessoa, igualmente bonito, igualmente pálido, mas com uma cicatriz irregular perturbando a perfeição. *Boa noite, Fortuna.*

Saia da minha cabeça, Collith. A agitação tomou conta de mim como uma carga elétrica, incinerando a imagem. Oliver não pareceu notar nada de errado.

Com a ponta do dedo, ele traçou o lado do meu rosto. Eu me esforcei para me concentrar em nossa conversa. “Eu estava com medo de que você, Fortuna Sworn, me esquecesse ou me superasse”, ele respondeu. “Que algum dia você não voltaria. Eu não me importava em desaparecer no nada ou em não existir. Não, o que mais me assombrou foi a ideia de perder você.

Suas palavras me fizeram sentir mal. E pensar que já me perguntei inúmeras vezes se deveria fazer exatamente isso. Maureen uma vez sugeriu pílulas para dormir porque percebeu o quanto eu me revirava à noite. "Por que você está me contando isso?"

Consegui, fingindo que a distância repentina que coloquei entre nós era para brincar com a água.

A expressão de Oliver era de conhecimento. Ele sempre soube. “Por causa da próxima parte,” ele disse uniformemente. “Eu teria perdido a cabeça se tivesse deixado esse medo viver, Fortuna. Então comecei a fazer uma coisa, todos os dias, até não ter mais medo.”

Ele ia me fazer pedir isso também. Meu tom saiu mais exasperado do que eu pretendia quando disse: "E o que foi isso?"

“É simples, na verdade. Feche seus olhos. Imagine o pior resultado possível.

Seja cruel consigo mesmo. Não poupe dor. Faça isso de novo, e de novo, e de novo.

Até que um dia você se encontra imune a isso, e o medo não controla mais você.”

Eu olhei para ele. Ele apenas olhou de volta, descarado e sem remorso. O oceano ao nosso redor de repente pareceu muito quieto. “Isso é uma merda, Ollie,” eu

disse finalmente.

Ele encolheu os ombros largos. O movimento enviou ondas pela água. “Está tudo fodido. Se eu encontrasse uma maneira de lidar com isso, quem se importa como?”

“A maioria das pessoas sugere meditação”, brinquei, na esperança de aliviar o clima.

Então, antes que Oliver pudesse se proteger, lavei seu rosto. Ele mal reagiu, sua atenção subitamente voltada para baixo. A água escorria de seu cabelo e queixo ignorado.

Franzindo a testa, segui seu olhar. O inchaço dos meus seios subia e descia a cada respiração.

Isso foi o suficiente para enviar uma onda de calor pela parte inferior da minha barriga.

Oliver deve ter sentido isso também, porque ele estendeu a mão para mim. Sua voz era quase um rosnado. “Bem, posso lhe dar algo para meditar.”

Eu me forcei a me afastar. Oliver parou instantaneamente, confusão substituindo a fome em sua expressão. “Eu fiz uma promessa,” eu sussurrei.

A dor encheu seus olhos e ele baixou a mão. O céu acima de nós escureceu.

“Para a fada, você quer dizer.”

"Sim. Para a fada.

Esperei pela reação de Oliver, preparada para ele sair ou começar uma discussão.

Em vez disso, ele fez um esforço visível para controlar suas feições. Ele enfiou a mão debaixo d'água, procurando minha mão, e segurou-a enquanto se levantava para flutuar de costas. Lentamente, fiz o mesmo, embora todo o meu corpo ainda estivesse tenso.

Enfeitando-se como pavões, as estrelas brilhavam mais intensamente diante de nossa atenção. Eram tantos, cada um deles refletido no mar tranquilo, e parecia

que nadávamos entre eles em vez de na água. Demorou apenas um ou dois minutos para esquecer meu desconforto. Oliver e eu vagamos até lá, olhando para o céu como se fôssemos tão despreocupados, tão jovens. Minha têmpora roçou a dele.

Com Oliver, a linha entre realidade e fingimento sempre foi confusa. Eu nunca tive certeza, especialmente agora, se nosso tempo juntos era uma muleta ou se me fazia melhorar. Não importava esta noite, realmente. Não quando eu não tinha ideia se teríamos outro.

Soltei um longo suspiro. Oliver suspirou também, me provocando. “Ei”, reclamei.

O canto de sua boca se inclinou para cima. Ele não olhou para mim quando disse:

“Eu te amo”.

Normalmente era difícil responder. Não apenas para ele, mas para qualquer um.

Agora, porém, não hesitei. Acariciei o perfil de Oliver com meus olhos, aquela camada de sardas na ponta de seu nariz. "Eu também te amo."

Sua mão apertou a minha. Mais um milhão de estrelas apareceram. O horizonte explodiu em luz.

E eu acordei.

CAPÍTULO TREZE

O Depois que meus olhos se acostumaram à mudança repentina de luz, notei imediatamente as roupas limpas penduradas em uma cadeira próxima.

Era algo que eu usaria para ir à academia. Sem experimentar, eu sabia que as calças justas terminariam nas panturrilhas e a regata cruzaria minhas costas. Havia até tênis no chão.

Uma rápida varredura me disse que não havia mais ninguém na sala. Collith ou

um criado devem ter cuidado do fogo recentemente, porque ele devorou alegremente uma lenha fresca. Afastei as pesadas cobertas, levantei-me e fui até a cadeira. Não me movi para vestir nada – minha imaginação lutou para identificar que tipo de julgamento feérico exigiria uma roupa como essa. A ansiedade começou a me consumir, como vinhas rastejando por cada centímetro de uma casa velha.

O conselho de Oliver não parecia muito sólido agora.

“Acertei o tamanho? Nunca fui muito bom em adivinhar os pés.

Pulei com tanta força que minha perna bateu na cadeira. Laurie sorriu para eu da porta. "Jesus. Como você sempre faz isso? Eu exigi.

Laurie fechou a porta atrás dele. “Seu primeiro julgamento é esta noite”, ele comentou. A luz do fogo dançava sobre suas feições etéreas e cabelos claros, fazendo-o parecer mais sobrenatural do que nunca.

Você não diz? Eu queria estalar. As provações foram impossíveis de esquecer desde o momento em que concordei com elas. Mas havia algo especial em ouvir as palavras ditas em voz alta. O medo total tomou conta de mim e, por um momento, não consegui respirar. Em um esforço para esconder isso, coloquei todo o meu foco em me vestir. Até esqueci de me importar se Laurie estava ou não olhando.

Alguém moveu minha bolsa para que ela ficasse ao lado das roupas novas.

Quando coloquei a tampa, avistei o espelho, que estava em cima da

todo o resto na bolsa. Foi uma distração bem-vinda, por mais terrível que fosse a lembrança que a acompanhava. Abaixei-me para pegar o espelho, lembrando da primeira vez que fiz isso.

Aquela vaga imagem de Damon permaneceu em minha mente. Passei o dedo pela fenda e perguntei: “Como ele fez isso?”

Laurie virou-se (aparentemente estava de costas para mim) e viu o espelho nas minhas mãos. Uma expressão insondável cruzou seu rosto, desaparecendo antes que eu pudesse defini-la. “Foi um feitiço de bruxa”, ele respondeu,

aproximando-se. “Ela fez com que o vidro mostrasse quem você mais amava.”

Assim que ele estendeu a mão para a maçaneta do espelho, houve uma batida na porta.

Não precisei abri-lo para saber quem estava do outro lado; Eu podia senti-lo. Laurie recuou, fixando o olhar no chão, e eu me abaixei para guardar o espelho. “Entre,” eu chamei, endireitando-me.

O Rei Unseelie parecia ainda mais sombrio que o normal.

Ele estava vestido com o que eu estava começando a reconhecer como seu traje da Corte.

Aquela coroa de vidro letal repousava sobre sua cabeça. Sua túnica era de algum tipo de material escuro e brilhante. A gola era alta e rígida. E quanto às calças... antes de Collith, eu teria pensado que couro era impossível para qualquer um tirar. Ele fez, no entanto. Suas coxas musculosas eram evidentes através do tecido justo. Eu sabia que sua bunda firme provavelmente parecia tão boa, o bastardo. Botas de cano alto completavam o conjunto formidável.

“Você não deveria ter feito isso,” eu sussurrei. Quando a testa de Collith se enrugou em confusão, apontei para sua roupa. “Você se vestiu bem para o meu funeral. Estou tão emocionado.”

Sua expressão ficou clara. Eu poderia dizer pela tensão descendo vínculo que ele não me achou engraçado. “Eles estão esperando”, foi tudo o que Collith disse.

Eu não perguntei a quem ele se referia. Não importava, realmente. Esperando não parecer tão enjoado quanto me sentia, sentei-me para calçar as meias e os tênis. Um breve silêncio caiu.

O fogo crepitava e sibilava. Mais uma vez, Collith não agraciou Laurie com um único olhar ou palavra de reconhecimento. Ele achava que a fada de cabelos prateados estava abaixo dele?

Foi assim que ele tratou todos os seus súditos?

Laurie chamou minha atenção e, como se soubesse o que eu estava pensando, balançou sutilmente a cabeça. Eu fiz uma careta em troca.

“Fortuna.” A maneira como Collith disse meu nome me surpreendeu. Terminei de amarrar os cadarços, mas dei toda a atenção a ele. Ele vacilou e, à medida que os segundos se estendiam e diminuíam, toda a cena parecia um déjà vu. O primeiro aviso de Collith ecoou para mim. *A honestidade não está na minha natureza.*

Eu o observei travar uma guerra interior, incapaz de detectar exatamente o que estava acontecendo por trás daqueles olhos âmbar – ele manteve as portas de sua mente firmemente fechadas. Por fim, ele perguntou, com a voz tensa: “Fui suficientemente claro?”

“Claro o suficiente sobre o quê?”

Ele puxou o cabelo para trás com dedos longos e pálidos. Ele parecia mais agitado do que eu já o tinha visto. “As consequências de entrar nestes julgamentos”, esclareceu. “Mesmo se você vencer, você não vence.”

Inclinei minha cabeça, pensando sobre isso. Embora fosse estranho ter uma conversa com Laurie ali, agindo como se não estivesse, uma cortina de desespero pairava em torno de Collith que eu não podia ignorar. Levantei-me e fui até a porta; Achei que isso seria resposta suficiente. Mas Collith permaneceu onde estava. Estávamos a trinta centímetros de distância um do outro e tive que arquear o pescoço para trás para olhar para ele. De alguma forma eu tinha esquecido o quanto ele era mais alto que eu. “Você tem irmãos, Sua Majestade?” Eu perguntei abruptamente.

Seu rosto não revelava nada. "Não."

"OK. Você tem alguém?

“Eu tenho você,” Collith disse simplesmente. Foi tão direto e direto quanto a resposta que ele deu na casa de Bea quando perguntei o que ele queria. *Você.* A parte mais estranha, porém, foi a sensação de transparência percorrendo aquele fio invisível entre nós. Ele realmente me via como alguém importante em sua vida.

Como uma criatura poderia ser tão aberta e misteriosa ao mesmo tempo?

“Não foi isso que eu quis dizer. Eu sei que você amou alguém”, lembrei a

Collith. Seu rosto percorreu o vínculo, cada detalhe tão definido, como uma palavra recém-escrita na areia. Tive cuidado para não reagir. Collith permaneceu em silêncio, suas emoções ainda seladas, mas de alguma forma eu sabia que ele estava esperando por mais. Tentei encontrar as palavras certas que explicassem isso. “Eles não aparecem com frequência. Aquelas pessoas que realmente conhecem você, que viram suas partes bonitas e as partes feias também, e ficam assim mesmo. Às vezes é um parceiro romântico, como… como Viessa. Talvez seja um amigo. Mas geralmente eles vêm na forma de família. Um pai, uma tia, um avô.”

"Um irmão."

A tristeza penetrou em meu coração, uma dor aguda, semelhante a uma unha espetando a pele.

Eu apenas balancei a cabeça. “E você não faria nada para proteger uma pessoa assim?

Para mantê-los em sua vida?

Mais uma vez, Collith não respondeu. Eu podia sentir que minhas palavras tinham tocado um acorde, no entanto. Quando o rei abriu a porta para mim, olhei para Laurie,

me perguntando o que ele achou da nossa troca. Ele apenas piscou. Que fada.

Sem outra palavra, nós três saímos da sala. Os guardas estavam esperando nas sombras, Nuvian e a mulher de cabelos compridos que me bateu durante o tribunal. Ela olhou para frente e não reconheceu meu olhar duro. Collith inclinou a cabeça para a direita e todos nós começamos a descer o corredor. Parecia mais silencioso que o normal; não houve gritos de agonia ou gritos de êxtase. Eu ainda não tinha desistido de entender o labirinto, então observar as voltas e reviravoltas consumiu a maior parte dos meus esforços.

Ainda não foi suficiente para me distrair do propósito da nossa viagem; meu coração batia forte e rápido.

Gradualmente, notei que Laurie caminhava à minha esquerda e Collith caminhava à minha direita. Eles eram tão diferentes; até os seus passos eram

noite e dia.

Os de Laurie eram leves, como os de uma dançarina, enquanto os de Collith eram cheios de propósito.

Como eles se conheceram? Havia algum tipo de dinâmica em jogo que eu estava perdendo completamente?

Só então, uma porta apareceu à frente. Todos os meus pensamentos sobre as fadas de cada lado desapareceram. Era mais uma abertura na parede do que uma porta. À

primeira vista, era óbvio que apenas uma pessoa por vez conseguiria passar. De alguma forma, parecia mais antigo do que qualquer coisa que eu já tivesse visto aqui. *Por favor, não deixe que seja para lá que estamos indo,* orei.

Laurie entrou. Engoli uma maldição.

Agora parecia que havia um bando de pássaros preso no meu estômago. O resto de nós parou na soleira irregular. Nenhum som veio do outro lado. Olhei para dentro, na esperança de avistar algo que pudesse aliviar um pouco o mistério. Alivie meu medo.

Além do possível lampejo de uma chama distante, porém, não havia nada.

Eu podia sentir Collith olhando para mim atentamente. “Não é tarde demais para mudar de ideia”, ele murmurou. A certa altura, os guardas recuaram para nos dar a ilusão de privacidade. “Afastar-se não é uma indicação de fraqueza. Às vezes é a escolha mais difícil.”

O rosto de Damon se ergueu, o estranho de bochechas macilentas que ele havia se tornado. “O único lugar para onde estou andando é aquele buraco assustador,” eu disse categoricamente.

Parecia encolher quanto mais eu olhava para ele. Minha mente conjurou imagens de monstros e demônios esperando nas profundezas. *Controle-se*, *Fortuna.* Preparando-me, corri para a escuridão antes que pudesse reconsiderar.

Nada se lançou para me comer. Agradeça a Deus pelos pequenos favores. Mais

uma vez meus olhos tiveram que se ajustar; a iluminação aqui era mais fraca do que em qualquer passagem ou sala que eu tinha visto na corte. O ar estava frio e úmido. Depois de alguns segundos, vi que era outra câmara feita de pedra e terra. Era tão comprida quanto a sala do trono, mas com teto bem mais baixo.

Fae nos esperava, é claro. Eles estavam amontoados em uma saliência alta e rochosa ao redor da porta. Surpreendentemente, houve pouca conversa entre eles.

Suas roupas elegantes tilintavam e brilhavam, mas suas expressões eram cautelosas, o que fez com que alarmes soassem em minha cabeça. Por que eles deveriam ter medo também?

Collith e seus guardas entraram logo atrás de mim. Com dedos gentis, o Rei Unseelie segurou meu cotovelo – eu ainda pulei – e nos conduziu para a direita. Reparei então em Laurie, separada da multidão.

Collith e eu paramos ao lado dele. À medida que mais fadas chegavam, virei-me para examinar o resto do espaço. Além da saliência, só havia água. Sua superfície era como gelo negro, sem nenhuma ondulação ou onda à vista. Tochas cobriam as paredes, mas as que pairavam sobre a piscina pareciam não ser acesas há muito, muito tempo. Moss cobriu vários deles. Minha sensação de desconforto aumentou.

Nesse ínterim, a multidão também continuou a crescer. Não prestei atenção neles até que houve um lampejo de cobre. Jassin, é claro. Como eu esperava, havia uma figura menor ao lado dele. “Damon,” eu sussurrei.

Como se tivesse ouvido o pequeno som, Damon me viu. Ele deu um passo em minha direção, parecendo desesperadamente querer dizer alguma coisa. Rápido como uma cobra, Jassin agarrou o braço do meu irmão e puxou-o de volta. Ele falou no ouvido de Damon. Devidamente intimidado, Damon fixou o olhar no chão.

Era exatamente a motivação que eu precisava – qualquer vestígio de incerteza sobre passando pelo julgamento desapareceu.

— Aqui vamos nós — murmurou Laurie. Desviei minha atenção de Damon e segui seu olhar.

A multidão estava se abrindo para revelar um homem corpulento, e ele era o Fae menos atraente que eu já vi. Sua cabeça havia sido raspada, revelando um couro cabeludo irregular.

Sua testa parecia excessivamente grande, projetando-se sobre os olhos. Seus lábios brilhavam como duas lesmas em tons de pele. Suas roupas, porém, eram outra história.

As vestes que ele usava eram sedosas e coloridas. Brincos brilhavam nos lóbulos das orelhas, brilhantes e azuis como safiras. Pelo que eu sabia, provavelmente eram.

Dezenas de colares de contas rodeavam seu pescoço. Eles fizeram um som parecido com chuva quando ele avançou.

Collith saiu do meu lado para falar com ele. A outra fada retumbou de volta.

Suas vozes eram tão baixas que não consegui entender o que diziam.

“Ele se chama Língua”, Laurie me informou baixinho.

“As fadas que recebem sua posição estudam magia há séculos. Ele é tido na mais alta consideração, mais ou menos como os humanos veem seus sacerdotes ou papas.”

Todos estavam observando extasiados a troca entre o rei e a Língua. Ninguém prestou atenção em mim e em Laurie. "O que ele faz?" Perguntei.

“Em poucas palavras, ele realiza feitiços para a coroa.”

“Então ele é um bruxo.”

Laurie balançou a cabeça pálida. “Não exatamente. As bruxas obtêm seu poder fontes demoníacas ou natureza. A Língua extrai o seu do sangue Caído.”

Antes que eu pudesse perguntar o que diabos isso significava, a grande fada se afastou de Collith. Um silêncio coletivo caiu. Para meu horror, ele se virou e começou a caminhar em minha direção, devagar e com firmeza. Seus pés estavam descalços e faziam barulho contra a rocha. Assim que chegou perto o

suficiente, ele estendeu a mão sem qualquer explicação e envolveu meu pulso com os dedos inchados.

Uma vida inteira evitando o toque e o medo gritando dentro de mim queria me libertar imediatamente. Quando eu estava prestes a ceder ao impulso, Collith chamou minha atenção. Ele não disse uma palavra, mas um calor reconfortante percorreu o vínculo.

Respirei com dificuldade, mas consegui ficar imóvel.

Usando a mão livre, a Língua puxou um pequeno objeto das dobras de seu manto.

Não, não apenas um pequeno objeto – uma faca. Desta vez, tentei me afastar, mas ele me segurou rapidamente. Num movimento rápido e praticado, a Língua abriu um pequeno corte na palma da minha mão. Não tive chance de reagir; a um sinal da grande fada, Collith moveu-se para se juntar a nós.

Falando na língua angelical, a Língua ergueu a voz e ecoou por toda a caverna. As palavras jorravam dele como água.

Apesar do pavor em meu estômago, fiquei hipnotizado. Sua expressão era uma combinação de gravidade e concentração quando ele fez com Collith o que acabara de fazer comigo.

O rei nem sequer estremeceu quando a faca tocou sua pele. Feito isso, a Língua juntou nossas mãos, manchando nosso sangue.

A magia formigava ao nosso redor. Procurando por mais segurança, procurei nos olhos de Collith. Ele olhou para trás por apenas um momento antes de dar toda a sua atenção.

atenção para a fada cantando à nossa esquerda. É claro que a Língua ainda falava Enochiano, então eu não tinha como saber o que estava acontecendo.

Mais uma vez, Laurie aproximou-se. Sua respiração fez cócegas em meu pescoço enquanto ele traduzia. “A Rainha da Corte Unseelie deve possuir uma força extraordinária, pois a coroa é pesada. Ela deve ser tão astuta quanto o Príncipe Negro, pois defenderá nossas portas. Ela deve ser devotada ao povo,

pois nem todos têm poder ou sabedoria para fazê-lo sozinhos. Fortuna Sworn se apresentou para provar seu valor. Nesta noite, ela passará pelo primeiro julgamento. Se ela tentar partir antes que a tarefa seja concluída, ela será condenada à morte por sua Majestade, o Rei da Corte Unseelie. Você aceita este candidato, Collith da linhagem Sylvyre?”

Collith não hesitou. Quaisquer reservas que ele tivesse antes foram cuidadosamente trancadas, onde nem mesmo eu poderia alcançá-las. “Sim”, ele respondeu em inglês, provavelmente para meu benefício. O som ecoou, e a sala escura o engoliu, curvando-se sobre as palavras como uma fera sobre uma carcaça. Eu queria tanto correr. Fuja de tudo isso, esconda-se na minha casinha e nunca mais pense em fadas.

Pela primeira vez desde a sua chegada, a Língua fixou em mim os seus olhos desconcertantes. Eles eram de um azul tão claro que quase pareciam brancos. Laurie rapidamente desapareceu. “Para sua primeira tarefa, você receberá uma única arma”, disse a fada, também em inglês. A mudança abrupta me assustou.

Em resposta a isso, Nuvian se aproximou. Ele estendeu sua espada. Ela brilhou sob a luz fraca, com contornos nítidos e quase transparente. Collith me soltou e recuou. Tentando não parecer hesitante, agarrei o cabo com firmeza. Eu ainda não estava preparado para o peso; era mais pesado do que parecia. “O que devo fazer com isso?” — exigi, parecendo mais composto do que me sentia.

Ninguém disse nada. Olhei para os espectadores silenciosos e brilhantes.

A maioria estava olhando na minha direção, como esperado, mas alguns rostos estavam voltados para a água. Então me dei conta: eu deveria entrar. O que provavelmente significava que algo estava lá embaixo. Esperando. Assistindo. Virei-me para Collith e sabia que não estava escondendo nada agora. O terror era tão avassalador que me senti prestes a vomitar.

Ele se mexeu como se fosse agarrar meus ombros, mas suas mãos caíram para os lados. Afinal, tínhamos que manter as aparências. Sem favoritismo. Nem mesmo para sua companheira. “Você vai sobreviver a isso, Fortuna. Isso eu posso prometer”, disse ele em voz baixa.

"Como? Como você pode me prometer isso? Eu sibilei, segurando a espada enquanto embora fosse uma tábua de salvação. "Você pode ver o futuro?"

Um músculo latejou em sua mandíbula. Não por raiva, disse-me o vínculo, mas por falta de vontade de responder. Mais segredos, então. Multar. Furioso, me virei e encarei a água estranhamente parada. “Como diabos eu vou chegar lá?”

Educado como sempre, Collith apontou para a borda. “Há reentrâncias esculpidas na rocha.”

Fiquei onde estava, esperando algum tipo de sinal, um gongo ou um anúncio da Língua.

Mas a quietude pairava na caverna subterrânea. Alguém riu. Eu me permiti um último vislumbre de Damon. *Eu te amo,* eu murmurei. Suas sobrancelhas se uniram. Ele pareceu surpreso e magoado ao mesmo tempo. Lentamente, enfrentei a escuridão.

Bem, não há momento como o presente.

Olhos cravados em minhas costas enquanto eu caminhava até a borda da saliência e espiava. Tal como Collith dissera, havia fendas na rocha, claramente destinadas a serem escaladas. Embora tenha sido meu primeiro instinto protelar ou adiar o inevitável, forcei-me a me virar para iniciar a descida. Ao fazer isso, meu olhar colidiu novamente com o de Collith. Por mais calmo que ele parecesse estar, a preocupação vibrava em todo o vínculo. Não é exatamente encorajador.

Meu coração batia tão forte que eu tinha certeza de que todos podiam ouvi-lo.

Não havia apoios para as mãos, então agarrei a borda de cada abertura com a mão livre enquanto descia. Ao colocar meus pés em cada degrau da escada rudimentar, fiquei esperando que eles fossem escorregadios, como seriam em um cais. Mas não havia ondas ali embaixo e os degraus estavam secos como ossos. Cheguei à água muito rapidamente. Lá no fundo, eu vacilei. O que agora?

Estiquei o pescoço para ver qualquer tipo de movimento ou caminho. Havia uma pequena pedra no centro do lago; projetava-se da superfície como a cabeça de um sapo.

A menos que eu pretendesse ficar aqui ou na água — algo que meus instintos evitavam —, parecia ser o único outro lugar para ir. Rígido de medo, mergulhei na piscina o mais silenciosamente possível. Estava mais quente do que pensei

que seria.

A voz do meu pai soou na minha cabeça, resquícios de aulas de natação de muito tempo atrás. *Mantenha a palma da mão esticada, Fortuna. Aponte as pontas dos dedos para baixo.*

Puxe para trás enquanto gira o ombro.

Tente nadar com uma espada pesada, pensei para ele. Ele não responder. Deus, o que eu faria só para conversar com meu pai por alguns segundos.

Enquanto eu atravessava a água, as fadas que observavam pareciam esquecer sua apreensão. Eles preencheram o silêncio fazendo apostas e zombarias. Ignorei-os, o que foi fácil de fazer naquele momento, pois lutei para não deixar cair a espada e sair da água o mais rápido possível. Fiquei esperando que algo agarrasse meu tornozelo e me puxasse para baixo. Nada aconteceu. Alguns metros depois, comecei a pensar que talvez estivesse errado sobre o perigo.

A meio caminho da rocha, porém, o lago subterrâneo começou a ferver.

CAPÍTULO QUATORZE

equipe se levantou ao meu redor. É claro que eu suspeitava, mas a mudança S repentina foi uma confirmação; Eu não estava sozinho aqui.

Quase sufocando de pânico, fechei freneticamente a distância entre mim e a rocha. Subi nele, desejando que fosse maior e mais alto. A espada fez um som tilintante ao atingir a superfície dura. Congelei e levantei-o, preocupado que tivesse quebrado, mas o vidro colorido parecia intacto. Encontrei uma base segura e me endireitei.

Enquanto eu procurava nas profundezas negras, esforçando-me para vislumbrar o que quer que estivesse fazendo aquilo ferver daquele jeito, percebi que tinha uma visão decente das fadas.

Laurie ficou ao lado de Collith e até ele parecia abalado. Damon estava enterrado nas sombras, mas Jassin estava bem à vista, um sorriso de antecipação curvando seus lábios finos. O que poderia excitar uma antiga fada que tinha visto

tudo?

Tremendo como uma criança depois de um pesadelo, girei em círculos, ainda tentando descobrir o que estava por vir. A espada na minha mão parecia um brinquedo. “Vamos, vamos, vamos”, murmurei. Ajudou falar em voz alta, por algum motivo. Minha respiração parecia muito alta, muito irregular.

Então veio à tona.

Tive um vislumbre de olhos amarelos e reptilianos. Eles se agarraram a mim e pareceram se iluminar. Um focinho apareceu em seguida, as narinas dilatadas, cobertas de escamas pretas.

O terror transformou a umidade da minha boca em giz. Com um bufo que fez a água bater na minha rocha, a cabeça gigante afundou de volta na escuridão e desapareceu.

“O Leviatã,” eu sussurrei. Um dragão dos tempos antigos, mencionado pela primeira vez na Bíblia. Minha mãe certificou-se de que eu conhecesse todas as histórias, já que ela as considerava nossa herança.

Como as fadas o capturaram? Há quanto tempo estava aqui, confinado e com fome?

De repente, eu soube qual era o primeiro julgamento. Matar ou morrer. E se o Leviatã ainda estava aqui, significava que ninguém havia conseguido sobreviver ainda.

Quantos esqueletos repousavam no fundo deste lago, abandonados e esquecidos? O horror subiu e obstruiu minha garganta. Lutei contra esse sentimento, querendo manter alguma aparência de dignidade diante das fadas.

Mas eu sabia que não havia como vencer aquela coisa. Aqui, nesta escuridão úmida, eu iria me juntar aos meus pais em qualquer coisa que a vida após a morte me aguardasse.

"Olhe!" alguém gritou.

Um instante depois, a água explodiu e houve uma explosão de calor. Tive um

vislumbre de um longo pescoço em forma de serpente quando mergulhei para o lado – não houve tempo nem para gritar. A água se fechou ao meu redor e senti minha bexiga liberar. Nem mesmo um segundo se passou antes que meus olhos se abrissem. Lá no fundo, me esforcei para captar qualquer sinal de movimento. Tudo estava tão escuro.

A pedra estava nas minhas costas, deixando meus lados expostos. Embora eu precisasse de ar em breve, fiquei paralisado de medo.

Mandíbulas abertas correram para mim.

Bolhas fluíam por toda parte enquanto eu gritava. Porém, meus instintos de sobrevivência entraram em ação e eu atirei para a superfície. O dragão passou trovejando sem me tocar.

Alcancei o ar, ofegante, e não perdi tempo voltando para a rocha. Tudo que eu queria era subir a escada e voltar para um lugar seguro, mas sabia que Collith teria que me matar se o fizesse. Com uma mão, subi novamente na rocha, mal conseguindo me agarrar às cristas agora escorregadias.

Minha respiração parecia muito alta, muito frenética. Fiquei ali, tentando ver em todas as direções ao mesmo tempo. Não houve ondulações ou ondas reveladoras, mas isso não significava nada. Poderia muito bem estar logo abaixo da superfície, me observando, reunindo forças para saltar novamente. De alguma forma, eu ainda estava segurando a espada – foi um milagre não tê-la deixado cair – e a estendi com uma débil ameaça. A lâmina tremeu visivelmente. Na calma temporária, minha mente disparou. Eu tive que ser inteligente sobre isso. Não havia como chegar perto o suficiente para esfaqueá-lo.

Quais foram seus pontos fracos? Mamãe já abordou isso durante nossos estudos da Bíblia?

De repente, ouviu-se o som de algo se movendo e gemendo; o Leviatã estava em movimento. Eu chamei a atenção, mal ousando desenhar

respire agora. Nos tensos segundos que se seguiram, o barulho estranho ocorreu novamente.

Eu fiz uma careta. Que raio foi aquilo? Quase parecia... metal?

Então, numa explosão de clareza, reconheci-o. Uma corrente.

Então foi assim que eles mantiveram tudo contido.

Uma ideia frenética e desleixada tomou forma. Se eu conduzisse o dragão ao redor da rocha, repetidas vezes, eventualmente a corrente o manteria no lugar... talvez apenas o tempo suficiente para eu usar a espada de Nuvian.

Era um plano fraco, mas era melhor que nada.

Mas isso significava voltar para a água, e o pensamento fez um gemido se alojar no fundo da minha garganta. Engoli e endireitei os ombros. Por um segundo, só um segundo, deixei-me olhar para a multidão que assistia. Damon ainda não estava visível, mas eu o senti ali. Eu vi aquele quarto de hospital e sua pequena mão agarrada à minha. Eu ouvi essa promessa sincera. *De agora em diante, serei uma irmã melhor. Eu cuidarei de você. Promessa.*

“Ok, aqui estou. Venha me pegar,” eu respirei, me abaixando lentamente e então sentando.

Agarrei-me às cristas escorregadias da rocha e deslizei. A água ficou desconfortavelmente quente. Assim que chegou à minha cintura, decidi que já estava longe o suficiente – mesmo esse pequeno movimento enviava ondas por toda a superfície.

Mais uma vez, estendi a espada. Talvez o Leviatã me fizesse um favor e se jogasse na lâmina.

Eu esperava que a criatura se lançasse contra mim instantaneamente, mas ela ainda não apareceu. Tentei não me deixar sucumbir à sensação arrepiante de histeria. *Apenas espere.*

Isso virá. Cuidado com a água. Eu já tinha visto filmes de terror suficientes na minha vida para priorizar olhar para trás também.

Os segundos passaram. Cada um parecia uma eternidade. Foi necessário todo o meu autocontrole para não sair da água; Tive a mesma sensação de pavor de uma criança em um lago, imaginando uma criatura vindo de baixo para arrancar meu pé com uma mordida. Eu nunca fui capaz de ouvir meu coração dessa forma – era como uma música tocando no rádio, o botão do baixo no máximo. Tornei-me

intimamente familiarizado com cada pulsação, cada batida. Bateu tão forte que me perguntei como meu peito não estava fraturado por causa da pressão. *Baque. Baque.*

Baque.

O Leviatã veio da direita.

Eu vi pelo canto do olho. Quando o monstro disparou em minha direção, com os olhos brilhando em amarelo, pensei que estava pronto. Mas ou ele se moveu ainda mais rápido do que antes ou eu estava muito lento. Algo arranhou meu lado e eu gritei de dor. Eu tentei me jogar fora do alcance e ao redor do

rocha conforme planejado. Em vez disso, a força do golpe do dragão me fez cair na água novamente. Meu grito foi interrompido e se transformou em um gorgolejo úmido. Desta vez, perdi o controle da espada. Escuridão e bolhas encheram minha visão. Uma pitada de vermelho nublou as profundezas ao redor. Sangue. Mas eu não me importei; Eu já estava procurando pelo Leviatã. Girei e girei, ignorando a agonia que cada movimento causava. Onde estava? Oh, Deus, e se já estivesse voltando? A espada desapareceu completamente agora. Não havia como eu encontrar.

Saia da água, gritou o instinto. Eu tinha motivos suficientes para prestar atenção nisso. O fogo lambia minha caixa torácica para cima e para baixo enquanto eu corria de volta para a rocha e rastejava ao redor de seu perímetro, com a intenção de assumir uma nova posição e continuar com o plano, independentemente de ter uma arma ou não. Se as fadas estavam fazendo algum barulho, eu estava surdo agora.

Eu estava tão concentrado em não escorregar, tão ocupado me encolhendo a cada sombra que quase não percebi – uma sensação na minha boca que não pertencia. Eu congelei enquanto absorvia isso. Não o cheiro acobreado do sangue ou a amargura das lágrimas. Era impossível descrever, mas ainda assim distinto.

Isso foi... um sabor?

Puta merda.

Eu estava tão desesperado que não questionei. A água escorria pelo meu rosto

enquanto eu procurava o Leviatã, desta vez com a mente. De jeito nenhum. Lá estava. Uma fonte de calor, um ponto de luz. Não devo ter realmente acreditado que conseguiria, porque, por um instante, não fiz nada. Talvez eu tenha imaginado isso. Não, ainda estava lá. A sensação era mais fraca que o normal, o que era surpreendente para uma criatura tão gigantesca, mas aparentemente ainda era o suficiente.

O Leviatã tinha medos.

A urgência me tornou desajeitado no uso de minhas habilidades. Eu não tinha sido tão desleixado em vasculhar uma mente desde que era criança. O dragão sentiu a invasão; toda a caverna retumbou.

Alguém gritou. Agarrei-me à rocha com tanta força que raios de dor percorreram meus dedos. De alguma forma, porém, eu me concentrei. As imagens que encontrei eram desconexas e aleatórias. Eu me esforcei para entendê-los, sabendo que o relógio estava trabalhando contra meu.

O Leviatã estava vindo para cá novamente. Desta vez, criou um rebuliço na água.

Na estranha estrutura de sua mente vi paredes gotejantes, estalactites e uma corrente enferrujada. Só assim, eu entendi – essa criatura já estava experimentando seu pior medo. Vivia o pesadelo a cada momento. Acima de tudo, detestava ficar preso aqui embaixo.

A pena cresceu em mim.

Pare com isso. Essa coisa só estava tentando comer você, lembrei a mim mesma.

Mesmo assim, quando fui testar o efeito total de minhas habilidades sobre ele, pensei em uma brisa primaveril em vez das ilusões cruéis que normalmente usava. Eu não sabia se estava funcionando, mas o dragão não emergiu das profundezas nem me arrastou para uma cova aquosa. Esperançoso agora, adicionei árvores e um céu azul.

Uma rajada de ar quente agitou meu cabelo.

Parei de respirar. Foi necessário todo o autocontrole que adquiri ao longo dos anos para manter a ilusão. Ele oscilou por um momento, depois solidificou novamente. Não ousei me virar, mas pude sentir o Leviatã ali, na água ao meu lado. Eu estava tão focado em nossa conexão mental que não tinha visto isso vir à tona. Com um esforço hercúleo, engoli o grito que ricocheteou na minha garganta. Os segundos se passaram e nada aconteceu. Tive medo até de piscar; havia uma ideia irracional na minha cabeça de que se eu ficasse muito, muito quieto, o dragão não me machucaria.

Esperar tornou-se uma agonia. Eu sabia que ainda estava lá, porque cada vez que exalava pelas narinas, a respiração me rodeava. Como se eu estivesse dentro de um forno pré-aquecido. Finalmente, não aguentei mais. Meu coração batia forte quando me virei lentamente.

O dragão flutuava ao lado da rocha, tão perto que eu poderia estender a mão e tocá-lo. Não se mexeu. Não abriu os olhos. Uma aparência de razão recuou.

Experimentalmente, inseri colinas na ilusão entre nós. O Leviatã imediatamente emitiu um zumbido, quase como o ronronar de um gato.

Os animais não respondiam ao meu poder – a mente deles era muito simples ou as maquinações de um Pesadelo muito complexas – o que significava que esta criatura tinha uma consciência mais próxima da de um humano.

E eu deveria matá-lo.

Não houve tempo para lutar com a minha consciência; as regras do julgamento não mudaram. Se eu tentasse ir embora, estaria morto. Se eu falhasse, Damon permaneceria nas mãos de Jassin. Era o Leviatã ou nós. *Perdoe-me,* pensei, sem saber com quem estava falando.

Desejando não sentir nada, fechei os olhos e mergulhei ainda mais em sua mente.

Não lutou. O dragão estava firmemente ao meu alcance

agora; faria tudo o que eu mandasse. Por um momento selvagem, pensei em enviar uma rajada de fogo na direção daquelas fadas boquiabertas, pensando que estavam tão seguras naquela saliência. Quase pude ouvir a música de seus gritos

agonizantes. Mas Damon estava entre eles. Ele iria queimar também.

Então eu o mandei cambaleando contra a parede.

O Leviatã viu a liberdade. Uma abertura repentina para o mundo que outrora conhecera, feito inteiramente de luz ofuscante e montanhas distantes. Ele nem sequer questionou; a fera bateu na superfície implacável repetidas vezes. Ele gritava o tempo todo, um som que combinava desespero, fúria e dor. O sangue manchava as rochas. Rachaduras se formaram. A coisa toda parecia durar para sempre, mas eu não cedi, não importa o quanto eu quisesse para.

Lágrimas escorreram pelo meu rosto quando a grande fera finalmente caiu. A frente de seu crânio havia desabado. Seu focinho era uma massa destruída de carne. Ele deslizou na água, deixando um rastro escarlate na parede. Jatos de vapor foram tudo o que restou.

Uma criatura de mitos e lendas reduzida a nada.

As palavras de Collith soaram na minha cabeça como uma provocação cruel. *Mesmo se você vencer, você não vence.*

A quietude reinou na caverna. Levantei meu rosto molhado e me virei em direção à borda. Os fae ficaram em silêncio chocado. *Você me obrigou a fazer isso,* pensei estupidamente, olhando para eles sob as pálpebras que de repente pareciam tão, tão pesadas. A adrenalina vazou de minhas veias, deixando tristeza e exaustão em seu rastro. Mal tive energia para descer a rocha, afundar na água e nadar de volta até a escada de pedra. Passou pela minha cabeça que eu deveria tentar recuperar a espada – ela poderia ser valiosa ou ter significado para Nuvian – mas o pensamento morreu antes de realmente começar.

Quando cheguei ao topo da escada, não houve aplausos ou parabéns. Collith provavelmente percebeu meu humor através do vínculo; ele colocou um cobertor em volta dos meus ombros, mas não tentou me tocar ou falar.

Não se atreva a desmoronar, ordenei a mim mesmo. Sem qualquer pompa ou cerimônia, Collith e eu voltamos pelo buraco e deixamos as fadas boquiabertas para trás. Se os guardas nos seguiram, se Damon falou, se Laurie tentou fazer-me um sinal, eu estava alheio a tudo isso.

Desta vez não prestei atenção às passagens; tudo o que pude fazer foi colocar um

pé na frente do outro. Collith não ofereceu ajuda, mas eu sabia disso

se eu vacilasse, ele estaria lá. Estranho que aquele em quem menos confiava fosse agora aquele em quem mais podia confiar.

Minutos ou horas depois – ambos pareciam inteiramente plausíveis – uma porta familiar apareceu à nossa esquerda. Um guarda estava na frente dele e, ao nos ver, ele se afastou. Sua espada brilhou. Era quase idêntico ao que estava no fundo do lago.

Uma mão fria segurou meu cotovelo e me conduziu para dentro da sala. Eu estava tão cansado, tão pronto para fugir das fadas que mais uma vez não ofereci resistência. Eu estava vagamente consciente da porta fechando suavemente atrás de mim. Eu me arrastei para frente.

Em minha mente, vi aquela mancha de sangue nas rochas repetidas vezes. Meu aperto no cobertor aumentou. Fui em direção à cama, um movimento automático.

“Eu preciso ver seus ferimentos.”

Olhei para Collith, que de alguma forma havia atrapalhado sem que eu percebesse. Seu tom cauteloso deixou claro que ele esperava uma recusa, mas minha única resposta foi largar o cobertor. Um arrepio percorreu minha pele, o que foi uma sensação estranha para mim. Sem parar, tirei a regata encharcada.

Pendia dos meus dedos, pesado e pingando. Fiquei ali, totalmente de topless, incapaz de me importar.

Collith também não parecia se importar. Ele se ajoelhou ao meu lado e examinou as feridas de perto.

“Isso não é de suas garras”, ele comentou. Sua respiração aqueceu minha pele, o que era um indicativo de quão frio eu estava. “Ele deve ter arranhado você com as escamas de passagem. Você teve sorte.

Minha voz estava monótona. “Essa é uma palavra interessante para isso.”

Collith suspirou, apoiou as palmas das mãos nas coxas e se levantou. Ele foi até

a cômoda. Madeira deslizou sobre madeira. Quando ele voltou, havia uma camisa branca esvoaçante em suas mãos. Ele olhou para mim por um momento e pareceu chegar a algum tipo de decisão. Rapidamente, ele colocou a camisa pela minha cabeça e me ajudou a passar os braços pelas mangas. “Suponho que você não me deixaria invocar Zara?” ele perguntou.

“Você acha certo. Ela já me ajudou uma vez. Não preciso adicionar nada à minha guia.”

“Nem todas as fadas pensam assim, Fortuna”, contrapôs Collith. Ele me avaliou enquanto a camisa se ajustava. Cheirava tanto a ele que ele poderia muito bem estar me abraçando. "Você gostaria de tomar um banho?"

Não. Eu queria ir para casa. Mas as palavras ficaram presas na minha garganta. “Eu não estava preparado,” eu disse em vez disso.

A testa de Collith franziu-se. Ele não me perguntou o que eu quis dizer. Ele não me disse que teria sido impossível me preparar para o que aconteceu. "O que você precisa?" foi tudo o que ele disse.

Lancei meu olhar em direção à sala de livros. "Para entender. Para ter conhecimento. Estar um passo à frente. Algum deles contém informações sobre sua espécie?

O Rei Unseelie não hesitou. "Sim, eles fazem. Por favor sente-se.

Parece que você está prestes a cair.

Ele puxou uma cadeira de aparência antiga, com pernas e bordas feitas de madeira, almofadas gastas e estampadas. Não tentei esconder meu alívio quando afundei. Collith desapareceu na outra sala. Virei minha cabeça para olhar para o fogo, pois algo em seus ruídos e movimentos era tão reconfortante. Aos poucos, porém, percebi uma umidade em volta das minhas pernas. Quando olhei para baixo, percebi que a barra da minha camisa emprestada já estava molhada.

De repente, percebi que ainda estava usando as calças.

“Oh,” eu disse sem emoção, começando a me levantar. "Desculpe. Sua cadeira…”

Collith voltou com dois livros nas mãos. Ele se ajoelhou diante de mim, colocando os livros no chão. “Eu não me importo com isso. Precisamos tirar isso de você, no entanto. Posso?"

Meu antigo eu se mexeu. "Eu posso fazer isso. Mas... obrigado.

A voz erudita de mamãe soava como uma trombeta. *Fortuna, você poderia prestar atenção, por favor? Isto é muito importante. Eu sei que pode não parecer agora, mas isso pode ser útil mais tarde, ok? Agora, a tradição diz para evitar expressar gratidão a uma fada. Eles vão tirar vantagem disso e alegar que você lhes deve um serviço ou uma dívida. Portanto, nunca diga*

'obrigado' a alguém.

Sempre.

Mas Collith não disse nada em resposta ao meu erro. Ele apenas assentiu e me deixou sozinha, indo até a mesa do outro lado da sala. Fiquei paralisado por alguns segundos, esperando o outro sapato cair. Collith simplesmente sentou-se e tirou um maço de papéis da gaveta de cima.

Depois de outro momento, levantei-me para tirar as calças. Demorou mais que o normal porque eles se tornaram uma segunda pele. Assim que comecei a me perguntar onde colocá-los, Collith voltou. Ele pegou as calças e acenou com a cabeça para a cadeira, uma ordem silenciosa. Sentei-me mais por curiosidade do que por conformidade. Collith pegou o grosso cobertor de pele da cama, colocou-o em volta das minhas pernas nuas e me entregou um dos volumes de couro que ele havia trazido. Depois, ainda sem pronunciar uma palavra, voltou à secretária e retomou o seu trabalho. A única

O som na sala era o arranhar de sua caneta e o crepitar esporádico das chamas.

Dei de ombros mentalmente e abri o livro. Sua espinha rangeu.

Felizmente, Collith selecionou um escrito em inglês. Mesmo assim, foi difícil interpretar a caligrafia descuidada. Ele me deu um livro de história. O volume era absurdamente grosso, rivalizando com os livros didáticos que nos deram de História Mundial I e II. O conteúdo me fez pensar na Bíblia, ironicamente. Foi história após história de fadas ou feitos infames, eventos ou escolhas. Mais da

metade das páginas retratava a história sombria e complexa entre os dois tribunais. Aparentemente eles começaram como um só, aqui embaixo da terra, e a divisão ocorreu quando a tecnologia começou a entrar no mundo. Algumas fadas acreditavam que era hora de se integrarem entre si, enquanto outras se apegavam a velhos costumes e ideologias. A dissensão tornou-se permanente quando certos eventos aconteceram... eventos que imediatamente trouxeram à mente Romeu e Julieta. Talvez Shakespeare não tenha sido totalmente honesto na inspiração para sua famosa peça.

Eu suspeitava que se algum dia eu experimentasse como os Seelie viviam, não haveria um único escravo humano à vista.

Um papel farfalhou no silêncio e olhei para Collith. Seu perfil, ou pelo que pude ver dele, era de ângulos agudos e responsabilidade cansativa. Ele queria mudar as coisas, ele disse. Talvez ele estivesse fazendo isso muito mais devagar do que eu, mas o que eu sabia sobre governar? Sobre as fadas?

Bem, eu estava prestes a saber mais.

Forcei-me a me concentrar no livro em meu colo. Se papai pudesse me ver agora, provavelmente estaria convencido de que eu estava enfeitiçado ou que outra criatura estava usando meu rosto. O pensamento me fez sorrir levemente. Como queria percorrer o máximo possível, não me permiti deter-me nos desenhos que encontrei, por mais fascinantes que fossem. Logo eu estava deixando o livro de lado e pegando o próximo.

Este era um volume inteiramente sobre as táticas de guerra que um general fae usou em sua primeira guerra civil. Embora eu duvidasse muito que algum dia me encontraria em um campo enfrentando um exército mágico, examinei a informação de qualquer maneira.

Enquanto eu lia, Collith continuou acrescentando livros à pilha. A certa altura, ele também pensou em me trazer um caderno e uma caneta. Ele se movia tão silenciosamente que, como sempre, quase não notei suas idas e vindas. Cada vez que eu levantava a cabeça, lá estava ele na mesa, uma imagem do rei obediente.

Com o passar das horas, um total de seis livros foram adicionados à pilha finalizada.

As páginas do caderno foram preenchidas com minha própria caligrafia. Enquanto isso, os limites do sono se aproximavam. Por fim, quando o fogo estava baixo, sentei-me e esfreguei os olhos. *Só uma pequena pausa,* pensei, ainda segurando a caneta.

Devo ter cochilado, porque a próxima coisa que percebi foi Collith me levantar em seus braços. Parecia parte de um sonho. Eu estava de volta à piscina, revivendo o medo que senti depois de tocar no Leviatã. Eu disse algo para Collith – ou pelo menos pensei que disse – enquanto ele me colocava na cama. Seus lábios roçaram minha testa. “Você está seguro aqui”, eu o ouvi dizer.

“Eu não vou deixar ninguém te machucar. De novo não."

Eu não tinha certeza se ele estava realmente dizendo essas coisas, e minha boca não estava funcionando de qualquer maneira, então não respondi. A cama era tão macia, tão quente. Só quando estava deitado ali, com a mente totalmente aberta, é que finalmente fui capaz de identificar o sabor limpo e quase sem gosto que experimentei.

Vento. Céu aberto. Ar bem acima. A tristeza envolveu meu coração enquanto o sono me reivindicava.

Estava nevando quando cheguei à paisagem dos sonhos. Senti primeiro um floco de neve, uma pequena mancha de gelo na minha bochecha, e abri os olhos. O céu era uma massa de nuvens cinzentas. A lua estava lá, mas lutava para brilhar.

A única verdadeira fonte de luz vinha da casa, com as janelas iluminadas.

Oliver estava parado na porta, com as mãos enfiadas nos bolsos da calça jeans. Ele usava um suéter de lã e seu cabelo estava um pouco mais comprido do que da última vez. Um fogo tremeluzia na sala atrás dele.

Sem dúvida ele iria querer saber o que aconteceu durante o tempo que estivemos separados. Meu estômago se apertou com a ideia de reviver o julgamento. Mas eu decidi não esconder mais as coisas dele, não foi? Avancei, tentando me preparar para dizer a verdade em voz alta. *Eu matei uma criatura que estava nas mesmas circunstâncias que eu. Encurralado. Nervoso. Sozinho. Não foi uma morte limpa. Se não fosse por você e por essas paisagens oníricas, eu provavelmente teria pesadelos com isso por meses.*

No meio do caminho para casa, vi algo se movendo ao longe. Estava tão deslocado que olhei para ele imediatamente. Meu coração tropeçou ao ver o Leviatã e parei bruscamente, olhando e boquiaberto.

Seu vôo me fez pensar em uma criança que ficou presa dentro de casa por muito tempo – selvagem e alegre. As asas da criatura, muito parecidas com as de um morcego em sua transparência, refletiam o luar desbotado.



Ele não chegou perto de mim, parecendo preferir voar em mar aberto, mas o

Leviatã era grande o suficiente para que fosse possível distinguir detalhes mesmo tão longe. Eu não tinha conseguido notar muita coisa na escuridão, sem falar no fato de que estava lutando pela minha vida, mas agora pude ver que suas escamas não eram totalmente pretas. Como um pedaço de veludo, eles tinham toques de verde que brilhavam a cada inclinação e inclinação. Lindo.

“Descanse em paz”, sussurrei, minha culpa diminuindo um pouco. Pelo menos um de nós estava livre.

Com um rugido ecoante, o dragão voou para o horizonte agitado e desapareceu.

Desta vez, quando acordei, sabia exatamente onde estava.

A dor surda e latejante na minha lateral desapareceu. Levantei as cobertas para investigar, parte de mim já suspeitava do que encontraria. Sim, os arranhões haviam cicatrizado a ponto de ficarem cobertos de crostas. Ainda sensível, ainda perceptível a cada movimento, mas seria capaz de enfrentar a próxima provação sem nenhuma dificuldade.

Baixei o cobertor e xinguei Zara, que caminhava em direção à porta. Ela deve ter acabado. A fada se virou ao som da minha voz e, naquele momento, ela estava parada diretamente ao lado do fogo. A última vez que a vi, estávamos em uma cela escura. A luz revelou mais detalhes de seu rosto. Havia pequenas marcas em suas bochechas que poderiam ser covinhas, se ela algum dia sorrisse. Suas sobrancelhas eram grossas. Seus lábios eram perfeitos e rosados.

Linda, claro, como todas as outras.

“De nada,” Zara disse secamente. Ela apontou para algo à minha esquerda.

“Sua Majestade queria ter certeza de que você leu isso.”

“Vamos ser claros. Eu não devo nada a você,” eu disse a ela, ignorando isso. A culpa revirou meu estômago – eu sabia que estava sendo uma vadia – mas me lembrei de que ela era uma fada. Sentei-me e movi minhas pernas nuas para o lado.

O ar frio alcançou-os avidamente. “Eu não pedi para você me curar.”

Zara não reconheceu que tinha ouvido. Ela caminhou até a porta, abriu-a e

entrou no corredor escuro além. Vi guardas do lado de fora, mas ninguém falou quando Zara passou.

Assim que a porta foi fechada, meu olhar caiu sobre a mesa lateral. Em vez de comida, havia um bilhete esperando na superfície. Eu peguei. A caligrafia de Collith era clara e elegante. *Olorel continua. Minha presença é necessária.*

Bem, ele certamente não mediu palavras.

Deixei o bilhete em cima da cama e fui me vestir. A mochila estava em seu lugar habitual. Fiquei de pé sobre ele, estranhamente relutante em tirar a camisa grande de Collith. Uma carranca pensativa apareceu nos cantos da minha boca enquanto eu me forçava a fazer exatamente isso. Depois vesti as únicas roupas que tinha na mala: a calça jeans e a camisa xadrez que eu usava quando Laurie chegou com aquele vestido de noiva obsceno.

Não havia como saber se era noite ou dia na superfície, mas suspeitei do último, porque meus poderes estavam silenciados. O que significava que eu não poderia me defender com eles. Por mais que eu desejasse procurar Damon, era difícil esquecer o quanto perdi para Jassin em nosso último encontro. O que tornou meu plano simples: conhecimento primeiro, ação depois.

Sentei-me na cadeira em que estive ontem à noite. O cobertor de pele estava cuidadosamente dobrado e colocado nas costas; fez cócegas em meu pescoço quando me senti confortável. Collith deve ter buscado alguns livros enquanto eu dormia, porque uma nova pilha estava esperando por mim. Levantei o de cima e abri. A coluna soltou um suspiro frágil.

Tal como acontece com o resto da coleção de Collith, as páginas estavam amareladas pelo tempo. As palavras neles ainda estavam desbotadas, mas desta vez foram digitadas, tornando-as muito mais fáceis de ler. Uma rápida olhada revelou que este volume seria sobre magia. *Finalmente,* pensei. Desde o momento em que conheci Collith, ficou dolorosamente claro que eu precisava saber do que os Fae eram capazes. Abandonar mitos e tradições já me custou caro. Então comecei do início e resolvi ler cada palavra.

O tempo parecia uma criatura moribunda, arrastando-se rasgada e sangrando pelo chão. Embora não houvesse relógio nas paredes, eu jurava que podia ouvir um dos ponteiros tiquetaqueando. O fogo – quem diabos ficava cuidando dele?

— estalou com uma alegria que achei irritante em vez de calmante. Eu me mexi inquieto. Minha atenção continuou vagando, incapaz de focar no livro. Repetidamente, olhei para aquele pedaço de papel sobre a mesa.

O curso de ação mais inteligente seria ficar aqui, aprender sobre as fadas e se preparar para o próximo julgamento. Sim, esse foi o curso mais inteligente… mas não era o que eu queria fazer. Não, minha mente estava no trono

quarto, onde Collith estava. Eu queria vê-lo interagir com seus assuntos. Eu queria observá-lo sem que ele soubesse que eu estava observando. Meu companheiro era um enigma que era frio em um momento e gentil no seguinte.

Não, Fortuna. Seja esperto. Damon e sobrevivência em primeiro lugar. Quantas vezes assisti a filmes em que o personagem principal agia como um imbecil? Isso é o que eu teria feito, dizia sempre a Damon. Sem falhar, eu listaria todas as maneiras pelas quais teria agido de maneira diferente e realmente sobrevivido.

Bem, eu não estava prestes a ser uma dessas garotas agora.

Determinado, agarrei a borda do livro. Deslizei mais para baixo na cadeira e fiz um grande esforço para mergulhar novamente no livro. Mas aquele relógio invisível não parou. *Marcação.*

Marcação. Marcação.

No final, a curiosidade levou a melhor sobre mim.

Movendo-me num acesso de frustração, abandonei o livro e a cadeira. Fui em direção à porta antes de lembrar que, naquele momento, estava praticamente indefeso. Ainda não havia sinal da faca do meu pai, então me virei em círculos, procurando por outra coisa que pudesse ser uma arma.

Mais uma vez, meu olhar caiu sobre o espelho quebrado. Perfeito.

Peguei um dos cacos quebrados, enrolei a maior parte em uma meia e enfiei no cós da calça. Quando fiquei pronto, porém, fiquei ali parado com a palma da mão apoiada na porta.

Vamos. Abra. Mas eu não conseguia forçar. Foi autopreservação, disse a mim

mesmo. Não é covardia. Eu era aquela garota do filme, prestes a fazer algo completamente estúpido que sem dúvida me mataria. *Ela mereceu,* diria o público. *Isso é o que eu teria feito diferente…*

Bem na hora, a obstinação passou por mim, mais forte do que qualquer raio elétrico. O

calor me fez empurrar a porta com mais força do que pretendia. Ele bateu contra a parede de terra e ricocheteou, acertando meu rosto. Minhas bochechas queimaram quando abri novamente, desta vez com um pouco mais de cuidado. Os guardas nem sequer viraram a cabeça. Mas a boca da mulher - ela era uma que eu nunca tinha visto antes, com cabelo ruivo curto - curvava-se ligeiramente para cima.

“Obrigado, estarei aqui a semana toda”, murmurei, passando correndo.

Eles esperaram até que houvesse alguma distância entre nós antes de seguir; Eu podia ouvir a armadura de couro deles rangendo a cada passo. Levei exatamente quatro passos para perceber que não tinha ideia de como chegar sozinho à sala do trono. Normalmente isso não me impediria de errar, esperando por uma pista ou um golpe de sorte, mas Jassin, Death Bringer e o

Os Leviatãs eram a prova de que monstros viviam nessas passagens escuras. Diminuí a velocidade e parei completamente. Inclinei meu corpo em direção às duas fadas, refletindo sobre a melhor maneira de pedir ajuda.

“Ach, é só cuspir,” a fêmea disse revirando os olhos. Seu sotaque era grosso, mas as palavras eram rápidas. Ela era escocesa ou irlandesa.

Os dois ficaram lá e olharam para mim. A impaciência emanava das linhas duras de seus corpos. Apesar disso, não tive pressa em falar. Eu formulei a declaração com cuidado.

“Tudo bem… não sei o caminho para a sala do trono.”

"Um'?" A fêmea ergueu as sobrancelhas e esperou. Ela queria que eu pedisse ajuda.

Eu sabia melhor.

“A meu ver, você tem duas escolhas”, eu disse, pensando rapidamente. A tocha ao nosso lado tremeu. Isso fazia com que as sombras em seus rostos lisos e pálidos parecessem coisas vivas. “Você pode me seguir a noite toda - aposto que você perderia a mudança de turno e seria forçado a ficar de guarda por muito mais tempo do que deveria -

ou você pode liderar o caminho. Qual será?

Foi a minha vez de esperar por uma resposta. No silêncio que se seguiu, considerei usar minha potencial realeza como alavanca, mas a última coisa que precisava era de outra fada que não quisesse que eu sobrevivesse às provações. Foi honestamente surpreendente que não tenha havido nenhuma tentativa de assassinato. Então, novamente, ninguém provavelmente pensou que eu conseguiria.

A fêmea estava pensando se deveria ou não fazer isso; Eu podia ver isso na inclinação de sua cabeça e na torção de seus lábios. “Úna,” o macho disse baixinho. Um aviso.

“Qual é o braço?” ela perguntou a ele, encolhendo os ombros largos. “Como ela disse, não estou preparado para vagar a noite toda. E se ela for morta, ela não dirá nada, está doente?

As narinas do outro guarda dilataram-se. “Quem você acha que será culpado se ela morre? Ou e se Sua Majestade estiver descontente por termos trazido ela?”

“Ele me convidou para me juntar a ele”, interrompi. Ambos fixam olhares sombrios em mim novamente. O truque para uma boa mentira era esquecer que era, de fato, uma mentira. Coloquei em minha mente que a mensagem rabiscada que Collith havia escrito continha saudade e carinho. “Se você não acredita em mim, leia a nota. Ele deixou na mesa ao lado da nossa cama.”

Nossa cama. Eu sabia que essas eram as palavras que eles ouviam com mais clareza.

Nenhum deles falou novamente. Depois de outro momento, cheio de tensão, Úna caminhou na minha frente e o macho seguiu atrás. Eu praticamente podia sentir o

A desaprovação saiu dele – ele *realmente* não queria me ajudar – mas o guarda não disse mais nada enquanto caminhávamos para a sala do trono.

“Como é que tantos Fae que conheci vêm de origens diferentes?” Perguntei. “Já que todos vocês moram aqui, longe da sociedade humana?”

Essa era uma pergunta que pairava em minha mente desde que conheci Zara.

Surpreendentemente, o homem me respondeu. “A maioria de nós somos Nephilim,” ele disse brevemente.

As aulas do meu pai foram minuciosas; Eu não precisei perguntar o que era um Nephilim. Mestiços. Criaturas com um dos pais humanos. Qualquer casta de Decaídos

– fadas, goblins, metamorfos, lobisomens – tinha dificuldade em reproduzir descendentes.

Embora devesse haver um ou dois cientistas entre nós, parecia que ninguém conhecia o raciocínio por trás da nossa infertilidade.

Adicione alguns genes humanos, no entanto, e as chances melhorarão. Então não era estranho que houvesse Nephilim na Corte Unseelie, na verdade. Eu deveria ter descoberto isso antes.

Era como se Úna quisesse fugir das minhas palavras; o ritmo que ela estabeleceu foi cansativo. Não tive oportunidade de fazer mais perguntas, pois estava muito ocupado tentando recuperar o fôlego. Chegámos à sala do mural muito mais cedo do que eu e Laurie. O macho ficou para trás na entrada da passagem, claramente não querendo ser localizado. Eu mal percebi; meu foco estava naquela porta no outro extremo. Daqui, não consegui ver uma única fada, embora as portas estivessem escancaradas. O ar estava tão quieto e parado. Algo estava errado?

Dei um passo em direção às portas antes que Úna agarrasse meu braço com força. “Cuidado com isso.

Lembre-se que eu te ajudei — ela sussurrou em meu ouvido, com o hálito quente. Virei-me ligeiramente para olhar para ela e vi uma luz em seus olhos que já tinha visto em tantos antes. Querer. Desejo. Luxúria. Essas fadas estavam tão

acostumadas com a beleza e suas reações a mim eram tão silenciosas que eu já estava esquecendo o efeito que um Pesadelo tinha na maioria das criaturas. Até agora, este tinha escondido bem.

Eu me afastei dela. Havia marcas de raiva na minha pele onde ela me tocou. “Oh, não se preocupe, eu vou lembrar”, eu disse friamente. Sua mão se fechou em punho e ela me observou ir com óbvia relutância. *Tenha cuidado com isso,* sussurrou o instinto.

Me perguntando o que ele achou do comentário de seu companheiro, olhei para trás, na direção onde o outro guarda deveria estar. Ele

não tinha visto nossa breve conversa; ele já havia partido, voltando correndo para seu posto, sem dúvida. Collith os designou para proteger a mim ou a seus preciosos aposentos?

Este último, ao que parecia. Tentei ignorar a estranha dor que essa constatação causou.

O mural cheio de sangue apareceu no alto quando terminei de atravessar a sala. Hesitei do lado de fora da porta. Então, errando por excesso de cautela, espiei pela esquina em vez de entrar direto.

A cena parecia algo saído de uma peça de Shakespeare.

Eu sabia que meus olhos estavam enormes quando entrei totalmente à vista. O

próprio ar parecia inchado de fadas, como um carrapato inchado de sangue. Cobriram as lajes, as mesas, os bancos, o estrado. A maioria estava em vários estados de nudez, com suas roupas rasgadas ou descartadas. Alguns estavam completamente nus. A pele nua brilhava à luz do fogo.

E cada um deles estava inconsciente.

Até Collith.

Olhei em sua direção, meu coração acelerando. Aconteceu alguma coisa? Isso foi algum tipo de sabotagem ou feitiço que deu errado? A distância entre nós tornava difícil ver muitas de suas feições, mas pela forma como ele estava caído

e imóvel, era óbvio que ele estava em coma como todos os outros.

Apesar disso, ele ainda estava separado. Outro. Diferente. Ele sentou-se naquele trono retorcido, o mais alto da sala. Lentamente, comecei a caminhar em direção a ele.

A cada passo, eu observava o espetáculo ao meu redor.

Era uma sensação semelhante a estar no zoológico, desconcertantemente perto de um animal que poderia facilmente matá-lo, e tudo o que oferecia proteção era uma única lâmina de vidro. Passei por cima de fada após fada, meio que esperando que uma delas acordasse, mas minha sorte se manteve. Os peitos subiam e desciam com a respiração do sono profundo. Não morto, então; eles literalmente beberam até dormir.

Respirei um pouco mais fácil. Havia poças por toda parte, algumas escuras e outras claras. Não olhei mais de perto para descobrir o que eram. Comida e ossos também cobriam as lajes.

Depois do que pareceram horas, subi as escadas – os sons suaves que meus sapatos faziam pareciam penetrantes – e parei diretamente na frente do Rei Unseelie.

Nossos dedos dos pés quase se tocaram. Procurei na área atrás da cadeira, esperando ver rostos estóicos olhando para mim. Onde estavam seus guardas?

A única proteção de Collith parecia ser uma fada dormindo de bruços nas proximidades. A metade inferior do homem estava pendurada nas escadas. Sua mão estava apoiada em um prato de comida, como se ele estivesse pegando mais uma coxa de frango.

antes de sucumbir ao esquecimento. Ao lado dele estava uma mulher com ossos de pássaro, também dormindo, usando um vestido dourado brilhante. Uma das mangas estava coberta de sangue.

Rapidamente voltei meu olhar para Collith. Ele dormia tão profundamente que o vínculo entre nós era sombrio. Ocorreu-me, de repente, que esta era uma oportunidade. O caco de espelho queimou em seu esconderijo contra meu quadril.

Isso seria tão fácil. Tão rápido. Ninguém seria mais sábio também; quem suspeitaria do Pesadelo que foi encontrado dormindo após o assassinato, afinal? Matar Collith enviaria uma onda de choque pela corte e Damon e eu poderíamos escapar durante o caos. Também cuidaria do incômodo vínculo de acasalamento, no processo.

Inferno, eu poderia matar todos eles, enquanto estivesse nisso. Provavelmente salvaria centenas – senão milhares – de vidas humanas. Ninguém lamentaria a Corte Unseelie.

Nunca na minha vida pensei tão casualmente em acabar com a vida de outra criatura, e aqui estava eu, contemplando os benefícios e consequências de eliminar cada uma delas nesta sala. Foi a influência de viver entre as fadas? Ou apenas o que a sobrevivência me forçou a me tornar? Perturbado, voltei a me concentrar em Collith, desejando poder perguntar a ele.

Ocorreu-me, então, que nunca fui realmente capaz de olhar para minha companheira.

Sabendo que essa oportunidade poderia nunca mais se repetir, estudei-o como se nunca o tivesse visto antes.

Seus cílios eram tão longos que batiam em sua pele. *Ele tem nariz de rei*, pensei, odiando o quão ridículo esse pensamento parecia. Mas ele fez. Sua boca era, em uma palavra, sensual. Sua mandíbula não era exatamente quadrada, mas era pronunciada e forte. A cavidade de sua garganta também era primorosamente definida; Tive uma estranha vontade de me abaixar e pressionar meus lábios contra ele. Seu cabelo brilhava nas chamas bruxuleantes ao nosso redor, não em um simples tom de marrom, mas com mechas douradas e vermelhas. Aquela mecha grossa e teimosa estava de volta ao seu lugar, agora alojada sob a coroa. A própria coroa estava inclinada, fazendo Collith parecer um menino fingindo ser rei.

Demorei alguns segundos para perceber que eu nem tinha notado a cicatriz. Tinha tornou-se tão parte dele, em minha mente, que eu descartei isso completamente.

Eu não tinha certeza do que isso significava exatamente, mas me incomodava. Meu foco deliberadamente mudou para seus braços, que inchavam com músculos, descendo por seu torso reto e até suas coxas firmes. As calças que ele

usava eram muito, muito justas, e não tive problemas para examinar a considerável protuberância que havia ali. Meu núcleo

contraído em reação. O resto de mim também ficou tenso, enquanto esperava que Collith sentisse a excitação através do vínculo e abrisse os olhos. Porém, quando ele não o fez, relaxei novamente e voltei ao meu exame.

Cada parte desta fada emanava graça e poder. Se alguma vez houvesse um momento para matá-lo, seria agora, enquanto ele estava vulnerável e despreparado.

Ele não teria chance de invocar o fogo celestial ou qualquer outra arma que tivesse naquele misterioso arsenal.

E ainda assim, apesar de todos os motivos e lógicas, não consegui retirar o fragmento.

O medo me impediu, sim, mas outra coisa também. Uma relutância em acabar com essa criatura que eu estava apenas começando a conhecer. Uma relutância em enfiar uma flecha no coração do magnífico cervo.

Olhei para Collith e me perguntei se Deus havia criado seus anjos bonitos por razões práticas, e não por razões estéticas. Uma coisa bonita era muito mais difícil de destruir do que uma coisa feia.

Rosnando de frustração, eu me afastei.

Laurie ficou atrás de mim.

Eu congelei ao vê-lo. Meu coração disparou em um galope de pânico.

Quanto ele tinha visto? Meus pensamentos tinham sido óbvios enquanto eu estava ali?

Graças a Deus não peguei o fragmento do espelho. *Diga alguma coisa, Fortuna!* instinto gritou. Esforçando-me para parecer casual, perguntei: “Onde estão os guardas?”

Laurie encolheu os ombros, num movimento fluido. “Não estou totalmente

certo. Talvez Collith os mandou embora.

"O que? Por que ele faria isso?"

Ele não respondeu. Meus instintos gritavam como um alarme de fumaça.

Havia algo diferente nele, percebi. Parecia que toda vez que eu encontrava Laurie, outra camada dele desaparecia, revelando uma camada inteiramente nova.

Desta vez, a camada revelou uma fada. De alguma forma, em algum momento, parei de pensar nele como um só. Esse foi meu primeiro erro. Sua camiseta e jeans desapareceram, substituídos por um terno cinza impecável. A camisa de botões — tão branca que devia ser nova em folha — permitia estrategicamente vislumbrar sua pele, que era lisa e dourada.

“Não gosto de jogos, Laurie”, informei-o, esperando que ele não tivesse notado a forma como os meus olhos se detiveram na direção daqueles botões desabotoados.

Havia um aviso nas palavras. Depois de matar o Leviatã, algo dentro de mim endureceu.

Ou apenas quebrado.

Ao ouvir isso, ele ergueu as sobrancelhas pálidas. “Então por que você está jogando um?”

Consciente de Collith sentado alguns metros atrás de nós, afastei-me do estrado.

Laurie veio atrás de mim, com as mãos nos bolsos, como se não se importasse com nada no mundo. Seus sapatos bege pareciam de couro italiano. Quem diabos era ele? Porque eu estava começando a pensar que o escravo intimidado tinha sido apenas uma atuação.

“Estou fazendo isso por Damon,” eu sibilei.

"Você é?"

Seu tom era educado e interessado, mas senti o desafio escondido por trás dele.

Minha paciência era um fio que se desfazia rapidamente. "O que isso deveria significar?"

— exigi, esquecendo que estávamos cercados por dezenas de monstros adormecidos.

Lancei um olhar para o fae mais próximo de nós.

Nenhum deles se mexeu.

Laurie não parecia muito preocupada; ele manteve seu olhar no meu enquanto dizia:

“Devíamos realmente parar de responder perguntas com perguntas. Isso torna tudo tão confuso. Mas aprecio como isso prolonga nossa conversa.”

Ele está flertando comigo, pensei. Desta vez foi inconfundível. O que sobre sua suposta lealdade a Collith?

De repente, ocorreu-me que eu não tinha ideia de quais eram realmente os motivos de Laurie. Ele se comprometeu com Collith na noite em que nos conhecemos, mas eu não sabia que as fadas podiam mentir. Eu também estava desesperado por um aliado. Se Laurie não estava dedicado a Collith, qual era a sua intenção de ajudar durante todo esse tempo? Falando comigo agora?

Ele gostava muito de jogos. Tudo bem, eu jogaria. “Bem, você obviamente tem uma teoria”, eu disse finalmente.

Antes que Laurie pudesse responder, dirigi-me para a porta mais distante, passando cautelosamente por cima de corpos e lixo. Não olhei para trás para ver se Laurie o seguia, mas esforcei-me para ouvir os seus passos. O único som que consegui detectar foi o de uma fada roncando violentamente.

Quando cheguei novamente à porta, não havia sinal de Úna e seu companheiro. Bem, aqui estava a esperança de que Laurie mordesse a isca, porque caso contrário eu provavelmente me perderia nos túneis. Engoli o tremor de nervosismo na garganta e marchei para a escuridão.

As primeiras bifurcações e curvas foram fáceis. Porém, assim que me aventurei no coração do labirinto, comecei a perder a confiança. A maioria das portas aqui não tinha sido esculpida, então não havia nenhuma maneira discernível de diferenciar as passagens.

Foi só quando comecei a ficar realmente nervoso que

Laurie acompanhou-me ao meu lado. Como sempre, sua aparição foi repentina e silenciosa.

Um som de alívio quase me escapou. No último segundo, eu me segurei. Não poderia fazê-lo pensar que estava em vantagem. Senti meu rosto se transformar em uma máscara desapaixonada. Só então, porém, eu estava hiperconsciente de sua mão, que balançava tão perto da minha.

Como é que nunca me tinha apercebido antes de que Laurie nunca me tinha tocado?

Nem mesmo quando ele estava aplicando maquiagem no meu rosto; ele usou uma escova todas as vezes. Ele sabia que eu era um Pesadelo – sem dúvida foi por isso que ele teve tanto cuidado em evitar contato físico. Que segredos se escondiam sob sua pele?

Seus medos me mostrariam do que ele era capaz?

Foi esse mesmo pensamento que me fez colocar alguma distância entre nós.

Irritar Laurie era muito arriscado agora. Goste ou não, eu precisava dele.

Caminhamos por um ou dois minutos em silêncio. Felizmente, Laurie guiou o caminho sem me forçar a perguntar. Já era hora de aprender mais sobre essa fada enigmática, mas me recusei a falar primeiro. Eu descobri há muito tempo que a maioria das pessoas não suporta o silêncio e as palavras que escolhem dizem tudo.

Sim, mas você aprendeu isso com os humanos, apontou a razão.

Antes que eu pudesse formular um contra-argumento — ótimo, eu estava discutindo comigo mesmo agora —, a voz de Laurie penetrou no silêncio.

“Décadas atrás eu era um viciado”, disse ele, desapegado, como se falasse de outra pessoa. “Metanfetamina, cocaína, heroína. Se algo novo surgisse em cena, por mais pouco que se soubesse sobre isso, eu era o primeiro da fila a tentar. Um humano teria morrido vivendo do jeito que eu vivia.”

Fingi estar desinteressado, outra tática que esperava que o encorajasse a dizer mais.

“História fascinante. Alguma chance de você estar chegando perto do fim?

“Havia uma droga que consumia ainda mais que as outras”, continuou ele, ignorando-me de uma maneira muito parecida com a de Collith. “Uma droga que ainda anseio, mesmo depois de sobreviver às abstinências e de participar de todas aquelas reuniões.”

Já havíamos chegado aos aposentos do rei. De repente, eu mal podia esperar para voltar a esses livros e ganhar algum tipo de vantagem sobre essas criaturas.

Ou pelo menos pare de se sentir como uma criança diante de um mar vasto e imparável.

Sua máscara está escorregando. O jogo ainda não acabou, aquela voz calma me lembrou.

Parei em frente à porta e contemplei-a por um momento, como se

estavam debatendo se deveriam simplesmente entrar. A escultura parecia viva à luz do fogo. “Que droga é essa?” Eu perguntei depois de uma pausa notável.

Laurie também tinha parado. Ele estava mais perto do que eu imaginava. Ele não respondeu imediatamente; ele me estudou, seus olhos brilhantes e penetrantes, como se pudesse ver pensamentos escritos ali com tinta ou sangue. Ele ergueu a mão, como se fosse tocar minha bochecha. Mesmo que fosse o que eu queria há alguns minutos, fiquei tensa, prestes a me afastar. Ele baixou a mão antes que eu pudesse. Sua expressão era...

perturbada.

“Poder”, ele respondeu finalmente. Pisquei, lutando para lembrar o pergunta

original. *Que droga é essa?*

A quietude trêmula entre nós foi destruída. Eu quase ri dele face. Ele pensou que eu queria o trono?

Uma dúzia de respostas surgiram em meus lábios, mas qual seria o sentido de discutir?

Se eu pudesse, em breve nunca mais nos veríamos. “Pense o que quiser”, eu disse, abrindo a porta e efetivamente encerrando o jogo.

A menos que o jogo nunca acabe, sussurrou aquela voz. Resisti à vontade de rosnar para isso.

As dobradiças gemeram no silêncio. Passei pela soleira e encarei Laurie. Mais uma vez, ele estava me estudando com aqueles seus olhos metálicos. Era enervante, especialmente quando eu não sabia nada sobre suas lealdades ou habilidades. Talvez ele pudesse influenciar as emoções. Talvez ele pudesse tirar minha vida com um único beijo.

Meu Deus, eu até virei as costas para ele. Eu estava tentando me matar? Meus dedos se contraíram, desejando alcançar aquele caco de espelho ainda escondido.

Quando finalmente falei, o ar entre nós parecia denso com palavras não ditas.

“Estou aqui pelo meu irmão, e quando ele estiver livre, iremos embora daqui,” eu rebati. Eu me senti traído, de alguma forma. Como se a amizade com a qual ele me atraiu devesse ser genuína. Mas a culpa foi minha; Eu tinha esquecido o que ele era. “Vou deixar a coroa na porta.”

A expressão de Laurie era agora uma máscara vazia. “Nada é tão simples”, observou ele.

Ele estava certo e eu sabia disso. Mas eu não suportava deixá-lo dar a última palavra.

Agarrei a borda da porta e olhei para ele com firmeza.

Nunca mais eu esqueceria. “Bem, é como você disse. Eu não sou uma fada.

Antes que ele pudesse responder, fechei a porta na cara dele.

CAPÍTULO QUINZE

EUAcontece que a conversa com Laurie foi exatamente o que Eu precisei.

Depois de usar o balde – me encolhi o tempo todo – e devorar uma das barras de proteína que trouxe, voltei para a pilha de livros com vigor renovado. Pela primeira vez, fiquei grato por não haver relógio aqui; Eu teria perdido segundos preciosos olhando para ele. Preocupante.

Temor. O segundo julgamento se aproximava cada vez mais. Collith mencionou que eles aconteceriam, um por um, no mesmo horário, durante os próximos três dias.

Finalmente aprendi algumas coisas que podem ser úteis. Alguns feitiços que poderiam muito bem salvar não só a mim, mas também a outros humanos. Tirei uma foto das páginas com meu telefone – os dados não funcionaram aqui, é claro, mas isso não afetou a câmera – já que não havia como memorizar as palavras complexas. Tê-los pode ser útil mais tarde.

Assim que comecei a desligar o telefone, um vídeo estranho nos álbuns de fotos chamou minha atenção. A tela estava totalmente preta. Com um sobressalto, de repente me lembrei do que era: eu havia registrado os votos de casamento de Collith.

Depois de tudo o que aconteceu, eu tinha esquecido completamente disso.

Minha curiosidade foi despertada agora. Assim que comecei a pressionar o círculo branco que tocaria as palavras de Collith, a porta se abriu. Dei um pulo e enfiei meu celular embaixo da almofada, como se tivesse sido pega fazendo algo proibido. Três mulheres entraram, carregando entre elas uma banheira de aparência pesada. Suas roupas eram esfarrapadas e seus corpos eram muito finos. Levantei-me, mas nenhum deles olhou em minha direção. Eles colocaram a banheira no meio da sala e saíram. *Ok,* pensei. *Obrigado pela banheira, eu acho.*

Assim que me mudei para me sentar novamente, as mulheres reapareceram.

Agora cada um carregava um balde de madeira. Um por um, eles jogaram água na banheira.

O vapor subiu em direção ao teto. Comecei a perguntar se poderia ajudar, mas mais uma vez todos foram embora. Desta vez, não sentei. Como eu suspeitava, eles voltaram alguns minutos depois, com os baldes mais uma vez cheios até a borda. “Onde está a água? Eu quero ajudar”, insisti. Irritava ser esperado por humanos que não tinham escolha no assunto.

Mas as mulheres me ignoraram e, quando pensei em segui-las, elas já tinham ido embora.

Enfiei a cabeça no corredor – havia dois guardas que eu nunca tinha visto antes – e não havia sinal deles. Livro esquecido, andei em frente ao fogo.

Na próxima vez que as mulheres apareceram, houve uma finalidade na maneira como despejaram a água. Eu tinha perdido o barco, aparentemente. “Espere,” eu disse enquanto eles se viravam para ir embora novamente. “Quando foi a última vez que aqueles idiotas deixaram você tomar banho? Ficar. Use a banheira.

A mulher mais alta fez uma pausa. Ela não me olhava nos olhos, forçando-me a olhar para a parte gordurosa de seu cabelo escuro. “Para você”, ela disse em um inglês ruim, gesticulando bruscamente para a banheira. Uma das outras mulheres estava pendurando roupas sobre uma cadeira. Era quase idêntica à roupa que usei durante o primeiro teste.

Nos poucos segundos que levei para perceber isso, todos saíram correndo e fecharam a porta atrás deles.

O balde no canto também foi substituído. Isso não foi nada constrangedor.

Suspirei e me virei em direção ao banho que eles prepararam. Pétalas flutuavam na superfície da água, emitindo um cheiro floral no ar. Meus músculos doíam só de imaginar o calor, o lapso momentâneo desse frio subterrâneo. Enquanto eu estava Decaído e, portanto, imune ao frio, isso ainda afetava minha psique – a escuridão e o frio constantes. Comecei a parecer que estava preso em algum tipo de purgatório. Mudei de um pé para o outro, observando o vapor que subia daquela superfície clara. Tentei pensar em algum motivo pelo qual usá-lo seria como ceder ou perder terreno.

Ah, que diabos.

Momentos depois, minhas roupas não passavam de uma pilha abandonada no chão.

Com movimentos ruivos, entrei. Meu Deus. Quase derreti no resto do caminho.

Por um tempo, o tempo perdeu o sentido. Meu mundo inteiro se resumiu ao calor delicioso e aos sons suaves da água batendo contra o

lados da fricção. Quase parecia que cada segundo de dor ou horror escorria de mim.

O próximo teste será em algumas horas.

O pensamento veio sem aviso. Embora as palavras fossem baixas – nada mais que um sussurro – meu coração batia forte e rápido. Inclinei-me para jogar água no rosto, desejando que o calor lavasse tudo novamente. Mas não adiantou; o pensamento entrou, desempacotou suas coisas e se tornou um lar permanente dentro de mim. Agora era tudo que eu conseguia pensar. O que as fadas têm reservado esta noite? O que poderia ser pior do que uma fera antiga que cuspia fogo?

De repente a porta se abriu. Eu enrijeci, dividida entre a vontade de me cobrir ou de mergulhar em busca do caco de espelho. Quando vi que era Collith, relaxei um pouco. Antes que eu pudesse formular algum tipo de saudação, ele se virou ligeiramente para dizer algo a Nuvian. Mais uma vez, aproveitei a oportunidade para olhar. Perguntei-me onde o rei teria mudado; ele parecia mais comum do que quando o vi dormindo naquele trono.

Esta foi a fada que me visitou na casa de Bea. Seu cabelo estava artisticamente despenteado.

Jeans escuros pendurados na cintura e uma camisa branca agarrada a todos os seus músculos.

Collith me encarou e eu imediatamente desviei o olhar. "Onde você foi hoje?" Perguntei. A pergunta surgiu um pouco amarga, embora eu não quisesse que fosse.

Vozes soaram no corredor e botas esmagaram a terra – deve ter sido uma mudança de turno.

Ignorando a perturbação, Collith sentou-se no chão ao meu lado e apoiou os antebraços nos joelhos. De repente, lembrei que estava nu. Um rubor furioso subiu pelo meu rosto enquanto eu abraçava os joelhos contra mim. A água protestou contra esse movimento abrupto, quase transbordando pelas laterais. “Voltei para o bar”, respondeu Collith.

Seus olhos castanhos dispararam para baixo. Ele não tentou esconder isso.

Mas eu estava muito assustado para me importar. Com sua resposta, pisquei. “Bia? Por que?"

“Para verificar os humanos lá; Eu sei que você se preocupa com eles. A propósito, eles estão bem. Preocupado com você, é claro, mas tudo bem. Collith ajoelhou-se e gentilmente tirou a esponja dos meus dedos. "Posso?"

Não, eu disse prontamente. Mas nada saiu da minha boca. Fiquei ali sentado, sendo rasgado ao meio pelo terror e pelo desejo. A verdadeira resposta era que sim, eu queria sentir seu toque novamente. Nosso beijo na floresta nunca esteve longe da minha mente. Mesmo depois das verdades que Collith escondeu, das palavras que não disse, das batalhas que

não tinha lutado. Quão patético foi isso? Foi algum tipo de Síndrome de Estocolmo ou eu estava tão fraco?

Collith ainda esperava, com o olhar firme e paciente, como se tivesse todo o tempo do mundo. *Bem, na verdade ele quer,* aquela voz interior lembrou secamente. Eu não consegui dar permissão a Collith, no entanto. Parecia que alguém tinha colado minha boca. Parecia que eu estaria traindo alguma coisa. Damon, provavelmente, ou eu.

Talvez Collith tenha percebido isso através do vínculo; ele parou de esperar que eu dissesse as palavras e começou a passar a esponja na minha pele. Meu núcleo se apertou e formigou. Sem pensar, inclinei-me para lhe dar melhor acesso. “Quando Úna e o outro guarda voltam?” Eu perguntei abruptamente.

Qualquer coisa para evitar reconhecer o que estava acontecendo entre nós.

Permiti-me um único olhar para Collith.

Uma sombra passou por seu lindo rosto. Ele se concentrou nos movimentos de sua mão.

“Eles não vão voltar, na verdade.”

"Por que não?"

Collith inclinou a cabeça como sempre fazia. Ele evitou olhar para mim. Por que? O todo-poderoso rei das fadas estava com vergonha? “Ainda sou um governante relativamente novo”, disse ele com naturalidade. Do seu lado do vínculo, a escuridão estava muito quieta, quase deliberadamente. “Eu não ganhei muita lealdade, e lealdade é difícil de encontrar em uma fada, de qualquer maneira. Se alguém na corte soubesse que ordenei aos meus guardas que protegessem você ao custo de uma vida feérica, haveria rumores de inquietação. Mais do que já existem, devo dizer. Então eu disse àqueles dois para guardarem meus quartos, já que isso seria aceito. Eles sabiam o que eu realmente queria; Úna e Abe não são tolos. Então você pode imaginar meu descontentamento quando soube que você estava vagando sozinho pelas passagens.

Eu não estava sozinho, na verdade. Embora, depois da nossa conversa de ontem à noite, eu não tivesse certeza se Laurie interviria se minha vida estivesse em perigo. Mas Collith estava sendo surpreendentemente aberto, pela primeira vez - foi a primeira vez que ele respondeu prontamente a uma de minhas perguntas sem qualquer esquiva ou dança - e eu não estava disposto a ignorar esta oportunidade. “Por que você quis ser rei de novo?” — perguntei, tentando esconder um estremecimento quando a esponja pressionou levemente um hematoma ao longo da minha clavícula. Eu nem sabia que estava lá; deve ter acontecido durante a batalha com o Leviatã. “Honestamente, parece um show de merda.”

Collith riu. Estranhamente, o som fez meu estômago embrulhar.

"Você tem jeito com palavras. Sim, é, de fato, um 'show de merda'. Na maioria dos dias, sinto como se não tivesse feito diferença aqui. As fadas detestam mudanças e resistem a elas a todo momento.

“Então por que fazer isso? Especialmente se houver uma fila de fadas apenas

esperando pela sua chance?

“É exatamente por isso”, disse Collith. Ele se inclinou para passar a esponja em meu peito.

Fiquei tensa, mas ele não se abaixou nem avançou. Seu cheiro me provocou pela centésima vez, tão sutil e atraente. Collith recostou-se novamente, parecendo não notar minha reação. “Se tivesse uma chance, as fadas daquela longa fila seriam tiranas. Eles adorariam a corrupção.

Eles cuidariam disso. Os desaparecimentos humanos aumentariam. Aqui embaixo, os escravos seriam tratados ainda pior, se você pode acreditar nisso. Posso não fazer muito, mas os mantenho afastados tanto quanto posso.”

Franzi a testa para a água e considerei isso. Sua lógica era distorcida, mas nobre ao mesmo tempo. Como eu seria se tivesse sido criado entre minha espécie? Se eu não tivesse tido a sorte de aprender inúmeras lições no colo do meu pai?

Eu podia sentir Collith observando meu rosto. O silêncio se estendeu por muito tempo, como eu estava pensando. E esses pensamentos me assustaram; eles exalavam muita compaixão. Sentindo-me um covarde, olhei para baixo enquanto falava.

“Não vou fingir que sei nada sobre política ou fadas. No entanto, pela minha experiência, a lealdade raramente é algo que é simplesmente entregue. Você tem que fazer algo que inspire isso.”

“Falou como uma verdadeira rainha”, disse Collith suavemente. Meus olhos dispararam para os dele, assustados, e nossos olhares se encontraram. *Hazel*, eu decidi. *Seus olhos são castanhos, não cinza.*

Fui salvo de ter que responder – só então, a esponja finalmente tocou uma das marcas de chicote nas minhas costas. Fiz um som estranho e fraco e enrijeci. Uma forte explosão de emoção vibrou no vínculo, totalmente inesperada depois de quão silencioso tinha sido todo esse tempo.

Collith ficou imóvel e olhou para a rede de cicatrizes. Suas sobrancelhas escuras se uniram. “Fiz questão de sentir cada chicotada”, ele murmurou.

Eu fiz uma careta em confusão. "O que você quer dizer?"

Collith pareceu tremer. Ele retomou suas administrações, tornando-as ainda mais gentis, de alguma forma. “Durante tempos de emoção intensa, o vínculo é mais... navegável, talvez”, explicou ele, sua respiração provocando minha respiração.

pele molhada. “Foi assim que consegui captar sua voz. Já somos capazes de sentir o que o outro está sentindo, mas em circunstâncias como o tribunal, isso também pode se traduzir no físico.”

Eu não sabia o que dizer. Minha mente voltou ao seu aperto naqueles braços. De volta às pontas dos dedos pálidos. Naquela noite, presumi que fosse resultado de excitação ou hábito. E se tivesse sido outra coisa? Uma voz em sua cabeça, gritando para Collith fazer alguma coisa?

Eu estava começando a entender esse rei das fadas. Ele não era mau, cruel ou egoísta.

Ele era alguém com uma causa e nada o afastaria dela. Muitas vezes, porém, alguém com uma causa se perde de vista.

As linhas entre o certo e o errado ficaram confusas. A paixão tornou-se fanatismo.

Collith parecia precariamente próximo. Afinal de contas, ele não foi dissuadido de seu propósito, mesmo quando isso significava ver sua companheira sendo chicoteada até quase morrer. Eu dificilmente poderia julgá-lo por isso. Veja os limites que eu estava disposto a ultrapassar pela minha própria causa – salvar Damon.

Se isso significasse sacrificar Collith, ou a mim mesmo, ou a qualquer outra pessoa, provavelmente o faria. Collith e eu éramos mais parecidos do que gostaríamos. A constatação me deixou profundamente desconfortável, então procurei mudar de assunto. “Como você é tão especialista em laços de acasalamento?” Eu questionei, dizendo as palavras muito alto.

Com isso, um leve sorriso tocou os lábios de Collith. Seus olhos ficaram turvos com a lembrança. O tempo todo, porém, ele não parava de passar a esponja com sabão pelos meus ombros, peito e braços. “Quando criança, importunava minha mãe com perguntas. Fiquei encantado com a ideia de um melhor amigo e um amante unidos. Mal podia esperar para tê-lo”, acrescentou.

Estávamos de volta a um território perigoso. *Amante.* Algo que não éramos, mas algo em que ambos estávamos pensando agora. O ambiente não ajudou.

O fogo crepitante, as luzes e sombras bruxuleantes, a água fumegante.

Mais uma vez, os olhos de Collith encontraram e fixaram os meus.

Gosto que ele possa ver meu verdadeiro rosto, pensei de repente.

Tentei desviar o olhar, mas algo dentro de mim resistiu. Enquanto continuávamos a olhar um para o outro, senti os meus mamilos endurecerem. O olhar de Collith caiu, notando esse fato. Num ritmo vagaroso, sua mão mergulhou na água, onde abandonou a esponja, e então seus dedos retornaram ao ponto de partida. Eles deslizaram ao longo da minha clavícula.

Descendo pela coluna da minha garganta.

Uma sensação se espalhou por mim, como se alguém estivesse passando a ponta de uma pena em cada centímetro de pele. Não havia como negar - eu queria

ele. Eu carregaria as cicatrizes nas costas pelo resto da vida, mas de alguma forma essa fada ainda me fazia sofrer. Quando não ofereci resistência, seus dedos ousados desceram pelo meio do meu peito e depois pela curva do meu seio. Seu polegar provocou meu mamilo em círculos lentos. Solavancos percorreram minha pele.

Ainda me dando uma chance de protestar, Collith baixou lentamente a cabeça e pressionou os lábios no meu pescoço. A sensação de sua língua me fez apertar e formigar.

Mordi o lábio para conter um suspiro. Ele continuou a beijar e chupar enquanto sua mão finalmente deslizou pela minha barriga e voltou para a água com sabão.

O gemido explodiu de mim.

Seu toque foi... exploratório. Reverente. Descansei minha cabeça contra a borda da banheira e não pude evitar de me mover contra sua mão.

Os dedos de Collith não mergulharam dentro, como eu esperava. Em vez disso,

eles permaneceram na superfície, esfregando-se continuamente no início. Então cada vez mais rápido. Eu resisti, impotente contra as sensações que corriam através de mim. Ele sabia exatamente onde manter a mão. A água espirrou no chão.

Gozei em questão de segundos, no momento em que atingi aquele pico de prazer ensurdecedor e consumidor.

Segundos se passaram. Tudo parecia mais lento. Pesado. Abri os olhos e o rosto de Collith entrou em foco, como se eu tivesse ajustado a lente de uma câmera.

Seus olhos estavam brilhando. Quando ele se levantou, vi a protuberância em sua calça jeans. *Quero,* minha parte sonolenta sussurrou. Sentei-me um pouco, prestes a dizer algo perigoso, tolo e completamente diferente de mim.

Não pare.

“Por mais que eu queira ficar e admirar, vou deixar você se vestir”, disse Collith, as palavras grossas. Ele limpou a garganta. *Então você o afeta ,* observou aquela voz presunçosamente. Puta merda, estava quente aqui. Preciso sair da água.

“E alguém trará uma bandeja de comida para você; você não bebeu muito desde que chegou aqui.

Levei mais um segundo para prestar atenção ao que ele estava dizendo.

No mesmo instante em que compreendi que ele estava realmente saindo, ele já estava na porta. *Espere, sério?* Quase deixei escapar. Collith assentiu, exibindo um meio sorriso que eu nunca tinha visto antes, e permitiu que a escuridão o engolisse.

Nos minutos que se seguiram à sua ausência, meu batimento cardíaco desacelerou ao ritmo normal. Logo, a auto-aversão envenenou meu interior. Então eu não era diferente do resto das mulheres aqui que eu tinha visto espalhadas por todas as fadas. Groupies.

Estúpido. Idiotas. Collith nem precisou tentar,



caramba. Um toque e eu praticamente me dissolvi. Ele sabia que esse sentimento

iria me atingir? Foi por isso que ele saiu tão rapidamente?

Ainda me repreendendo, finalmente saí da banheira. O ar frio foi um tapa bem-vindo na cara. Depois de me secar com a toalha, vesti a roupa que as três mulheres trouxeram. Em seguida contemplei a enorme e tentadora cama. Esse orgasmo tinha-me deixado sonolento, mas eu não queria dormir. Oliver me conhecia muito bem – um olhar e ele estaria me perguntando o que havia de errado. Essa não era uma conversa para a qual eu estava preparado. Eventualmente eu contaria a ele o que Collith tinha feito comigo naquela banheira. Que coisas quentes, lentas e deliciosas ele fez comigo.

Controle-se, Fortuna. Engoli em seco e tentei ignorar a parte de mim que estava latejando novamente só de pensar nos dedos de Collith. Ok, então, definitivamente não haveria ninguém para dormir.

Um suspiro me deixou, longo e resignado. Peguei um novo livro da pilha, sentou-se e voltou ao trabalho.

A sala inteira ficou em silêncio.

Até o som do meu chiclete parecia intrusivo: descobri o pedaço de Dubble Bubble no fundo da minha mochila. Sentindo-me desafiador, mastiguei mais alto.

Mais uma vez, me vi diante do trono. Desta vez, fiquei sozinho. Desta vez, eu matei um dragão. Desta vez, olhei para Collith sem expectativa. Ele não me ajudaria.

Ele não interviria se as coisas piorassem. Ele não era um aliado, mas sim a vadia da corte.

Eu não tinha certeza de quando isso aconteceu exatamente - talvez durante a longa caminhada até a sala do trono, ou no momento em que olhei para Jassin e Damon, ou no instante em que levantei meu rosto em direção a Collith e vi o rei distante olhando para ele. de volta - mas em algum momento meu medo foi substituído pela raiva. Eu estava muito chateado. Essas criaturas quebraram meu irmão, tentaram me quebrar e mantiveram o Leviatã no escuro por só Deus sabe quanto tempo. O seu reinado de terror tinha de acabar.

O que, eu suponho, meio que colocou Collith e eu do mesmo lado.

A Língua já havia realizado a maior parte de seu ritual. Havia um corte recente na palma da minha mão que escondi cerrando o punho. Ele estava terminando agora, as lindas palavras rolando sobre mim como ondas no fundo do oceano.

Não havia nada de bonito nisso. Essas provações só trouxeram morte e dor.

Centenas de olhos perfuraram minhas costas. Não pensei que fosse minha imaginação que a sala estivesse ainda mais cheia do que da última vez; a notícia deve ter se espalhado sobre o julgamento. Ninguém sobreviveu tanto tempo. Eles estavam curiosos. Eles estavam entusiasmados.

O comentário de Jassin passou pela minha cabeça. *Poucas coisas me dão prazer ou alívio deste tédio sem fim.*

“Para esta tarefa, Pesadelo, você não poderá pedir ajuda a outra criatura”, disse a Língua em inglês. Foi a primeira vez que ele se preocupou em olhar para mim desde que entrei na sala.

Eu estourei uma bolha. Ele apareceu em uma explosão de rosa. “Você vai, tipo, me diga o que estou fazendo?”

Os cantos de sua boca se curvaram em desaprovação. “Encontre a porta que leva ao seu mundo.”

Foi isso? Esperei, certo de que deveria haver mais, mas a Língua apenas me encarou.

Seus olhos eram negros como óleo. Meu olhar disparou para Collith. Como sempre, ele exibia aquela expressão distante, as pontas dos dedos longos curvadas sobre os braços. O

ressentimento brotou dentro de mim, mas não lhe dei chance de crescer. Transferi meu olhar para Laurie, que estava ao lado de seu soberano. A criatura encolhida e subserviente que ele me mostrou até agora se foi. Ele ficou lá, sua postura relaxada e casual. Seus olhos brilhantes me observaram com interesse, como se estivessem curiosos para ver o que eu faria a seguir.

Mais uma vez, perguntas me atingiram. Tudo tinha sido uma atuação? Mas qual era o propósito?

Dane-se os dois. Afastei-me deles e caminhei rapidamente pelo corredor central.

A sala inteira me observou partir, e fragmentos de sussurros flutuaram pelo ar. *Você acha que ela... mas e se não acontecer... bem, eu ouvi... para a sala de exibição...*

Caminhei com propósito, cada passo firme e seguro de mim, como se soubesse exatamente para onde ir. Só quando estava fora de vista, bem nas sombras do labirinto, é que parei e deixei o pânico tomar conta. Cuspi o chiclete, torcendo infantilmente que um dos Fae pisasse nele. E agora?

Andar por aí sem um plano não iria me ajudar a encontrar a porta. Encostei as costas na parede de terra e respirei fundo algumas vezes. Se eu fosse uma fada, onde colocaria uma porta secreta?

O julgamento me pareceu um pouco estranho. A Corte não iria querer assistir, como fez com o primeiro? Como eles saberiam se eu tive sucesso?

Eu poderia ficar aqui por eras e nunca entender a maneira como eles pensavam.

Mas eu estava fazendo isso da maneira errada – tudo que eu precisava fazer era tropeçar em uma fada e descobrir seus medos. Assim que eu conseguisse controlar sua mente, a fada me levaria direto para a porta, na tentativa de sobreviver ao que quer que ela acreditasse que estava por vir. A Língua disse que eu não poderia pedir ajuda; ele nunca disse que eu não poderia controlá-lo. Veja, pensar como uma fada não era tão difícil. Eu só tinha que estar disposto a exercer crueldade e recorrer a trapaças.

Ter um plano era como estar de volta à terra firme depois de horas na água. Endireitei-me e estendi a mão com todos os sentidos que tinha, na esperança de ouvir passos ou vozes. As passagens estavam estranhamente silenciosas. Isso por si só já era um sinal de que algo incomum estava acontecendo na Corte; normalmente o ar estava cheio de ecos dolorosos ou sons que não tinham nome. Perturbado, corri pelo túnel e entrei em outro, querendo acabar com isso. A Língua não mencionou nenhum tipo de limite de tempo. Se eu não encontrasse a porta logo, eles pretendiam me ver vagando pelo labirinto até morrer de desidratação?

Já que eu estava Decaído, isso levaria muito, muito tempo.

A resolução acelerou meu passo. Entrei em novos túneis, repetidas vezes, tentando encontrar algum padrão nas tochas, nas sombras da terra, nas portas. O tempo passou devagar e num borrão. Tudo que eu tinha como companhia eram meus próprios pensamentos.

À medida que os segundos se transformavam em minutos e os minutos em horas, as pontas do medo começaram a surgir. Isso estava demorando muito. Posso usar o vínculo para me comunicar com Collith? Mas e se ele contasse aos outros que eu estava pedindo ajuda?

Jurei baixinho. Tudo bem, então eu não falaria com Collith.

Onde estava todo mundo?

Finalmente, ouvi algo. Parei no meio do corredor, mal ousando respirar. E se eu tivesse imaginado? E se fosse algum tipo de ilusão? Inclinei minha cabeça. Sim, lá estava ele de novo. Contra o meu melhor julgamento, segui os ruídos fracos. Em poucos instantes encontrei sua fonte. À direita, mais adiante no túnel, havia uma porta. Não havia nenhuma porta presa a ela, então gritos e barulho de pratos saíam pela abertura.

Sempre cauteloso, fiquei nas sombras e espiei.

A fumaça aqui era tão espessa que fazia cócegas no fundo da minha garganta e fazia meus olhos arderem – parecia haver apenas um buraco no teto de onde eu saía.

para filtrar o escapamento. Era a maior e mais estranha cozinha que eu já vi, composta por vários cômodos com pé direito alto. Havia uma lareira aberta no meio de tudo. Mesas de trabalho e blocos de corte estavam espalhados por toda parte. Cada superfície estava repleta de ferramentas. Uma única olhada mostrou facas, conchas, cerâmica, tigelas de madeira, garfos e tesouras. Havia uma banheira gigante ao longo da parede oposta. No canto mais distante, algum tipo de animal eviscerado descansava na terra. Ao lado havia um longo banco feito de alvenaria de pedra que continha vários recipientes fundos. Eles pareciam estar revestidos de cerâmica. O carvão havia enegrecido a maioria deles. Um fogão, talvez?

Voltei minha atenção para os escravos na sala. Duas crianças transformavam

enormes pedaços de carne numa barra de metal. Um menino que parecia ter doze ou treze anos varria o chão, com movimentos agressivos e rápidos. Uma mulher mexia freneticamente várias panelas colocadas sobre as chamas, acrescentando um pouco de tempero de vez em quando.

Ainda outra mulher colocava lenha na base da lareira, com a boca contraída e cansada. A tensão no ar era palpável, como se houvesse um relógio gigante na parede, marcando um final terrível.

Enquanto eu absorvia tudo, com os lábios finos de fúria, um homem passou correndo. Ele não me viu, pois estava um pouco preocupado com o pote de tamanho humano que carregava.

Lancei um olhar para a mulher que deveria ser a cozinheira-chefe - ela estava gritando com uma jovem, cuja cabeça estava baixa de vergonha - e corri atrás dele. Quando entrei na cozinha, um cheiro de dar água na boca assaltou meus sentidos. Eu tinha devorado uma tigela de ensopado e pão quente mais cedo, mas aparentemente não foi o suficiente. Meu estômago roncou quando me forcei a voltar à tarefa em questão. Passei por uma sala cheia de barris e outra brilhando com garrafas de vinho. Os escravos me notaram, é claro, mas nenhum deles disse uma palavra.

O homem entrou em uma espécie de despensa e não percebeu que estava sendo seguido até terminar de colocar a panela em uma pilha aleatória que se estendia do chão ao teto. Ele se virou e me viu. Seus olhos se arregalaram com reconhecimento.

"Qual o seu nome?" Perguntei rapidamente, na esperança de impedi-lo de soar o alarme.

Ele olhou para a cozinheira, embora houvesse uma parede entre ela e nós.

Prateleiras de comida olharam para trás. “Shameek,” ele murmurou, mudando de posição como se fosse sair. O discurso do cozinheiro foi interrompido e houve um som estridente.

"Prazer em conhecê-lo. Eu sou a Fortuna.” Estendi minha mão e Shameek a pegou automaticamente. Um instante depois, ele percebeu seu erro e puxou a mão de volta. Tarde demais, é claro – seus medos cobriram minha língua. Eles

tinham gosto de vinho e sujeira.

Fadas. As criaturas de orelhas pontudas estavam em seus sonhos e em seus pensamentos acordados. Ele nunca poderia escapar deles.

Outra imagem escapou. Um flash do humano na minha frente colocando algo em uma bebida. Franzi a testa, imaginando esse novo desenvolvimento de minhas habilidades, mas não tive tempo para refletir sobre isso. Naquele instante, a jovem passou correndo. Ela estava ostentando um corte recente no lábio.

Minha sensação de perigo aumentou; algo me disse que eu precisava evitar aquele cozinheiro.

Inclinei-me para sussurrar no ouvido de Shameek. “Eu conheço o seu segredo.

Você está envenenando uma das fadas.

Não achei que fosse possível, mas com minhas palavras o homem ficou ainda mais pálido.

"O que você quer?" ele perguntou com lábios trêmulos.

Odiando-me, forcei a próxima parte. "Leve-me até a porta."

“Eu não sei onde—”

“Não há tempo para mentiras, Shameek. Eu sei como eles tratam os humanos aqui; eles mal notam você. O que torna muito fácil ouvir coisas que você não deveria. E você tem a aparência de alguém que está aqui há alguns anos.”

Seu pomo de adão balançou. Mais uma vez, seus olhos castanhos dispararam na direção da mulher corpulenta, que agora gritava com o garoto que estava varrendo. Algo sobre deixar o animal no canto por muito tempo.

“Eu vou te mostrar qual passagem,” Shameek sussurrou. A cozinha estava tão barulhenta que quase não percebi. “Mas não irei até a porta ou eles saberão.”

O triunfo brilhou através de mim. Eu reprimi isso, odiando instantaneamente eu mesmo. "Isso é bom. Obrigado."

Shameek não agraciou isso com uma resposta. Ele passou por mim e ousou colocar a cabeça para fora. Fiquei tenso, antecipando gritos ou palavras ásperas. O único som que veio foi o corte de uma faca. Um segundo depois, Shameek recuou, gesticulou para que eu o seguisse e dobrou a esquina. Corri atrás dele.

A cozinheira-chefe aparentemente não era uma criatura muito observadora, ou ela só era capaz de se concentrar em uma tarefa desagradável de cada vez, porque nem sequer parou enquanto corríamos ao longo da parede dos fundos e entramos no corredor.

Pela primeira vez, foi um alívio quando a escuridão me engoliu.

Shameek não teve um momento de hesitação ou incerteza enquanto nos levava mais fundo no labirinto. A certa altura, percebi que nós dois caminhávamos com pés leves. Eu, porque era da minha natureza rastejar silenciosamente, e ele, porque sua própria sobrevivência dependia disso. Ele aprendeu a ficar em silêncio porque foi necessário.

Uma nova onda de ódio percorreu minhas veias, quente e espessa. As fadas vagaram pelo nosso mundo por muito tempo, fazendo o que quisessem, levando quem quisessem.

Eu não gostava de política, mas ainda assim parecia que os passos de Collith em direção à mudança eram lentos demais.

Havíamos colocado uma boa distância entre nós e a cozinha, então parecia seguro falar. “Você deveria...” comecei a sussurrar.

Antes que eu pudesse continuar, toda a passagem estremeceu. Riachos de terra escorriam do teto e um deles caiu no ombro de Shameek.

Ele saiu do caminho. Outro acendeu uma tocha, que apagou com um silvo. Eu me virei, meu coração acelerando. Mas já havia acabado; a coisa toda durou apenas dois segundos. Olhei para a escuridão, alerta a qualquer sinal de movimento. "O que é que foi isso?"

Quando olhei para Shameek, ele apenas balançou a cabeça, parecendo tão assustado quanto eu provavelmente estava. Meus instintos insistiam que eu deveria descobrir a origem da comoção. Engolindo em seco, refiz nossos passos

cautelosamente.

Descobri-o a poucos metros de distância. Havia uma pedra enorme no túnel que definitivamente não existia antes; bloqueou todo o caminho. De onde veio isso? Dei dois passos mais perto, meus olhos no teto. Mais tochas haviam se apagado, mas restavam o suficiente para distinguir alguns detalhes. Sim, ali estava o buraco, o que significava que tinha caído do teto. Senti uma onda de desconforto; o túnel estava prestes a desabar?

Shameek não tinha vindo comigo. Agora preocupado que ele tivesse aproveitado a oportunidade para fugir, comecei a correr. Meu pulso desacelerou um pouco quando vi que ele estava exatamente onde eu o havia deixado.

“Acho que você não vai voltar para a cozinha desse jeito”, eu disse a título de explicação.

Mas Shameek deve ter somado dois mais dois – ele não pediu detalhes. Ele nem se incomodou em responder, na verdade. Sem dizer uma palavra, ele se virou e mergulhou nas sombras. Amaldiçoando, corri atrás dele.

Caminhamos um pouco. Nada interferiu ou atrapalhou nosso progresso, embora eu continuasse esperando que algo acontecesse. Esta passagem em particular parecia mais longa que as demais. Continuou sem parar, sem mostrar sinais de fim, bifurcação,

ou girando. O silêncio absoluto era enervante. Cada centímetro do meu corpo estava rígido; parecia que um único toque seria o suficiente para me fazer quebrar. Tentei ficar perto de Shameek, mas toda vez que me aproximava o suficiente para sentir o calor de seu corpo, ele acelerava o passo para colocar distância entre nós. Eu dificilmente poderia culpá-lo, na verdade.

Não comentei e, eventualmente, confiei no som de seus passos, e não na proximidade.

Finalmente, outro ruído rompeu o silêncio. Embora eu estivesse meio que esperando por isso, meu estômago se apertou de pavor. Este veio de frente e era inegavelmente de algo vivo.

Uma espécie de... embaralhamento rápido.

Não me preocupei em perguntar a Shameek o que deveríamos fazer; em uníssono, ele e eu nos viramos para correr na direção oposta. Então, novamente, ficamos paralisados ao mesmo tempo, percebendo que não poderíamos voltar, é claro. O desmoronamento garantiu isso.

De repente, percebi o que exatamente aquele desmoronamento tinha sido: uma barricada.

Para me manter em uma determinada parte das passagens. Eu era um rato em um labirinto e eles brincavam comigo, derrubando paredes em lugares que estavam limpos momentos atrás, apreciando a visão do meu terror e confusão. Foi meu primeiro instinto não lhes dar essa satisfação, mas continuei lutando por uma arma que não estava lá.

Shameek se pressionou contra a parede. O que quer que estivesse vindo em nossa direção deve ter sentido nosso cheiro ou ouvido o movimento, porque começou a fazer barulho.

Gutural, urgente e... faminto. Ao ouvir isso, Shameek soltou um som que deveria ser uma risada histérica, talvez, mas parecia mais que ele estava lutando para respirar. “Você achou que eles tornariam isso tão fácil?” ele perguntou. Havia um brilho maníaco em seus olhos.

A pergunta me fez pensar se ele fazia parte do plano o tempo todo - era *estranho* que todos os corredores estivessem tão estranhamente silenciosos e a cozinha fosse o único lugar claro e barulhento que se encontrava. Talvez Shameek tenha sido instruído a me levar até aqui. Meus próprios olhos se estreitaram. "Você sabe o que é isso?" Eu perguntei bruscamente.

Apesar da barricada, nós dois estávamos deslizando ao longo da parede, instintivamente tentando colocar distância entre nós e a coisa que se aproximava.

As narinas do humano dilataram-se, como se ele pudesse sentir o cheiro da criatura, mas tudo o que meu nariz detectou foi sujeira e umidade. “Acho que é um wendigo”, respondeu Shameek. “Houve um boato de que um deles foi enviado ontem à noite.”

A desconfiança tomou conta de mim; wendigos estavam na lista de mitos e lendas da minha mãe. Ou Shameek havia perdido o contato com a realidade ou

estava inventando.

Independentemente disso, isso significava que eu não tinha ideia do que estava acontecendo naquele túnel. Também não há arma para combatê-lo. Eu não podia contar com ele sendo como o dragão e ficando suscetível ao meu poder. “Merda, merda, merda,”

Eu murmurei para mim mesmo. Poderíamos nos esconder em um dos muitos quartos, mas eu não sabia quais sentidos essa coisa costumava caçar. E se ele nos encontrasse em segundos e nos encontrássemos encurralados?

Você já está encurralado, a razão me lembrou. Certo. Eu abri meu boca para contar o plano a Shameek.

Antes que meu cérebro fosse capaz de compreender o que estava acontecendo, houve um movimento confuso. Shameek começou a gritar. Ele estava no chão de alguma forma e algo se contorcia em cima dele. O ar estava impregnado de seu cheiro agora, um aroma familiar e pútrido. Não havia tochas suficientes para realmente distinguir seus detalhes, mas vi a cabeça da coisa balançar para frente, repetidas vezes. Seus dentes estalaram. Shameek o mantinha sob controle, por pouco, e não parava de encher o túnel com seus sons estridentes de terror.

Por um momento sombrio e terrível, pensei em correr. Usando o fato de que o wendigo estava distraído e eu certamente teria uma vantagem para ir para muito, muito longe daqui.

Fortuna Sworn, você não é assim, eu praticamente podia ouvir meu pai dizendo severamente, conseguindo me envergonhar mesmo depois da morte.

Mas ele estava certo.

Resisti ao instinto idiota de me atirar no wendigo – qualquer coisa para tirá-lo de Shameek

– e hesitei por alguns segundos preciosos para observar cada detalhe ao nosso redor. *As pedras, porra, sim, as pedras,* pensei, correndo para frente. Peguei o primeiro que minha mão encontrou e me virei bem a tempo do wendigo bater em mim. O golpe foi tão doloroso que, por um instante, não consegui respirar. Então minhas costas bateram na pilha de pedras e esqueci completamente a necessidade de respirar quando uma dor ainda maior ricocheteou através de

mim.

O wendigo não se intimidou, nem por um segundo. Ele alcançou minha garganta, meu rosto, fazendo tudo que podia para me rasgar e dar sua primeira mordida. Caímos no chão.

Assim como Shameek fez, coloquei minha mão contra qualquer parte dele que eu pudesse segurar com segurança – que acabou sendo a metade superior de seu rosto – para mantê-lo afastado. Meu braço tremeu. Enquanto isso, o outro braço levantou-se. *Força insuficiente*, pensei vagamente. De alguma forma eu encontrei o

força para puxar a pedra para trás, colocando mais distância entre aquela superfície implacável e o crânio do wendigo. Então eu a

derrubei.

O wendigo devia ser mais velho ou mais frágil do que parecia; o osso rachou e quebrou como um pedaço de pau morto. Aqueles tocos de dedos paralisados. Eu não tinha o suficiente para levantar o corpo para o lado e me libertar. Os olhos vazios do wendigo se aproximaram dos meus enquanto eu lentamente enfraquecia.

De repente, o peso foi levantado. Um momento depois, o wendigo foi jogado para o lado e fez um som surdo ao atingir o chão. O rosto de Shameek apareceu. A visão dele me surpreendeu; Eu presumi que ele estava morto ou já em outra parte do labirinto. “Obrigado,”

eu murmurei. Ele deu um único aceno de cabeça, os lábios franzidos, os olhos escuros.

Um fluxo constante de sangue escorria por sua têmpora. Ele estendeu a mão, que eu peguei sem hesitar, e me puxou para cima.

A dor sussurrou através das partes de mim que haviam caído na rocha. Fechei os olhos e balancei. Shameek não disse uma palavra e, depois de alguns segundos, a dor diminuiu para algo suportável. Eu me concentrei no humano novamente. Naquele momento, percebi que não estaria vivo se não fosse pelo Shameek. Afinal, eu só tive a chance de pegar a pedra enquanto o wendigo estava ocupado

tentando comê-lo. Eu tinha uma dívida, por mais que detestasse admiti-la.

No momento em que consegui, dei alguns passos para trás, já que tinha visto muitos filmes de terror em que a coisa que deveria estar morta acordou de repente para um ataque final. Shameek e eu olhamos para o wendigo, se é que realmente era isso. A criatura estava deitada de costas e, pela primeira vez, pude dar uma boa olhada em suas características.

Sua pele lisa e sem pelos era de um branco leitoso.

As mãos e a boca estavam cobertas com o que parecia ser sangue velho. O resto do corpo era tão magro que a criatura não deveria estar viva — talvez não estivesse. Tudo o que usava como roupa era um short verde esfarrapado.

Havia fendas no lugar onde deveriam estar as narinas, e sua boca aberta estava repleta de dentes afiados e amarelados. Os olhos brancos do wendigo, que olhavam para cima, ainda brilhavam com malícia.

“Quantos mais existem?” Eu perguntei, minha imaginação enchendo os túneis com dezenas desses monstros horríveis.

A respiração de Shameek acelerou. “O que faz você pensar que há mais?”

“Acho que já lutei contra uma dessas coisas. Minha primeira noite aqui, na floresta.”

“Bem, melhor os wendigos do que *eles.* Eles sabem que eu ajudei você agora.

Shameek lançou um olhar desesperado e aterrorizado ao nosso redor. Sujeira e tochas olhavam de volta. Eu estava prestes a perguntar *como* eles tinham visto quando ele acrescentou: “Achei que se nos movêssemos rápido o suficiente, as câmeras não conseguiriam capturar meu rosto”.

Oh. Agora aquele comentário que ouvi sobre uma sala de exibição fazia mais sentido.

Minha voz era apenas um sussurro quando perguntei: “Você vai correr, então?

Quando chegarmos à porta?

Foi quase exatamente o que eu comecei a contar a ele antes, quando fomos interrompidos pelo desabamento. *Você deveria continuar quando chegarmos à superfície.* “Se eu não fizer isso, estou morto”, respondeu Shameek categoricamente. Ele se afastou do wendigo e começou a andar novamente. “Eles vão me matar.”

Por mais solidário que eu fosse com sua situação, eu estava pronto para o fim do julgamento. Não respondi aos seus comentários sombrios e, desta vez, fiquei ao lado dele.

Meu ritmo o forçou a dar passos maiores e mais rápidos. A passagem eterna finalmente terminou em uma espécie de encruzilhada. O que estava diretamente à nossa frente se inclinou para cima. Eu não precisava que Shameek me dissesse que era a escolha certa; sem esperar que ele desse uma indicação, corri para frente. Mais alguns minutos se passaram, tensos e sem palavras. Nossos sapatos fizeram o chão estalar. “Não deve demorar muito,”

Shameek finalmente murmurou. “É daqui que eles estão sempre indo e vindo.”

Assim que ele terminou de falar, um anel de luz apareceu. A respiração ficou presa na minha garganta e algo em meu peito agitou-se quando percebi o que era – luz do dia. Mas para qual lugar foi aberto?

O que Collith disse naquela primeira noite? *O truque é esperar mais.*

Casa, casa, casa, pensei no ritmo das batidas do meu coração. “Aposto que sua família ficará extasiada em ver você”, eu disse, tentando não deixar Shameek para trás devido à minha ansiedade. Não havia nada no caminho desta vez.

Nada de dragões, wendigos ou sádicos de cabelos cor de cobre. Só de pensar nisso, quase comecei a correr.

“Eu não vou conseguir vê-los. Vou voltar”, respondeu Shameek. Como antes, ele falou essas palavras sem qualquer sinal externo de emoção. Como se algo dentro de seu cérebro tivesse frito e agora estivesse enegrecido. E então ele parou, olhando para a luz como se fosse sua destruição em vez de sua salvação.

Eu fiz uma careta e relutantemente parei também. Eu o enfrentei no túnel largo.

"O que? Por que? Você disse que eles matariam você.

Shameek não olhou para mim; ele manteve o rosto voltado para aquele brilho distante. “Eu também não sobreviveria por muito tempo lá fora. Existem algumas fadas que se divertem caçando.

Não animais, é claro. Eles preferem jogos mais… inteligentes. Esses são os que viriam atrás de mim.”

“Então você simplesmente vai desistir?” Eu exigi.

“Se eu implorar por perdão, eles podem ser tolerantes. Uma surra ou duas.

Às vezes isso é mais divertido do que nos matar completamente.”

O julgamento ainda não havia terminado. Tudo que eu precisava fazer era chegar até aquela porta. Dividida, olhei de Shameek para o mundo exterior. “Já volto”, respondi, frustrada com sua covardia e minhas próprias deficiências. Damon já teria feito amizade com Shameek e seria capaz de convencê-lo a escapar.

“Não se atreva a sair. Precisamos conversar sobre isso.”

O humano não disse nada. Esperei mais um momento, esperando por algum tipo de resposta. Quando ele não encontrou meu olhar, rosnei e me afastei. A cada passo, senti a esperança expulsar o medo. Um passo mais perto do ar fresco. Um passo mais perto da liberdade de Damon. Um passo mais perto de acabar com a tirania da Corte Unseelie. Eu peguei um flash verde. *Árvores.* Deus, eu não tinha percebido o quanto sentia falta das árvores.

A poucos metros da porta, senti um movimento atrás de mim.

Que vergonha, pensei com alívio. “Você mudou seu—”

A dor passou por mim. Chocado, tropecei para trás e bati na parede irregular.

Shameek veio comigo, sem conseguir extrair a faca que ele havia cravado em meu ombro. Meus instintos assumiram o controle; As lições do pai tornaram-se parte de cada membro e reação. Usando a proximidade de Shameek contra ele, agarrei seus ombros e empurrei para trás, passando minha perna ao redor e atrás de seus tornozelos ao mesmo tempo. Ele atingiu a terra sem qualquer

recuperação ou resistência.

Eu me preparei, esperando que ele viesse até mim novamente, mas o humano apenas se enrolou como uma bola.

“Você estava com uma faca esse tempo todo?” Eu gritei.

A máscara estóica de Shameek já havia desaparecido há muito tempo. Ele pressionou o rosto molhado na terra e soluçou. “Eu só n-não queria mais ter medo”, eu o ouvi dizer entre suspiros.

A compreensão chegou em casa. Meu coração. Ele estava atrás do meu coração.

Eu provavelmente deveria ter sentido terror ou indignação. Em vez disso, a compaixão preencheu exatamente aquilo que ele estava tentando roubar. Eu sabia o que era odiar o medo

vivendo em sua cabeça. Lembrei-me de como era ter medo de adormecer à noite, preocupando-me com quaisquer sonhos que o aguardavam. Shameek não precisava de outro inimigo – ele precisava de ajuda. Por enquanto, porém, eu precisava terminar esse maldito julgamento. Voltei minha atenção para a faca que se projetava do meu corpo. Eu nunca tinha sido esfaqueado antes, mas assisti TV o suficiente para saber que provavelmente não era uma boa ideia retirá-lo. Deus, doeu.

"Como eu disse antes. Você deveria aproveitar a chance agora e voltar para sua família. Se não, já volto. Talvez eu possa mexer alguns pauzinhos com os Fae. Cerrei os dentes e continuei andando em direção ao anel de luz.

Dedos apertaram meu tornozelo.

Eu me virei. Shameek estava de bruços, o rosto manchado de lágrimas contorcido de desespero, sangue e poeira. “Mate-me”, ele implorou. “Você tem uma dívida.”

Humano inteligente. Ele deve ter visto algo na minha expressão antes, quando percebi que ele havia salvado minha vida.

“Sinto muito”, eu disse. Não houve demora na minha resposta; tirar a vida

humana era um pecado que eu não estava disposto a suportar. Oliver já estava mantendo muita coisa sob controle enquanto eu dormia. Evitei o olhar suplicante de Shameek e me libertei. Ele caiu no chão, seus soluços ecoando pelo corredor de terra. Eles me seguiram até a porta.

Todos os pensamentos sobre Shameek, wendigos, fadas e facadas deixaram minha mente.

A luz solar pálida tomou conta de mim. Estava suavemente quente, como aquele momento breve e perfeito em que seus lençóis começaram a se acostumar com o calor do corpo. Parecia que eu estava no subsolo há um ano. Levantei meu rosto para o céu. Minhas narinas dilataram quando inalei os aromas de folhas e geada. Tudo era sereno e convidativo.

O canto dos pássaros voou pelo ar.

Parado aqui, era muito fácil acreditar que os horrores sob meus pés não existiam.

“Parabéns, Pesadelo. Você passou no segundo teste.”

Meu coração disparou. Eu me virei, sabendo que se o dono daquela voz me quisesse morto, eu estaria. Eu baixaria a guarda. Eu estava totalmente despreparado. A Língua estava bem atrás de mim, sua expressão era a mesma máscara grave. Já tínhamos estado tão perto antes, mas nunca à luz do dia.

Pela primeira vez, consegui distinguir os grandes poros de sua pele. Os cravos no nariz. As linhas em sua testa. Parecia que havia um

preço por suas habilidades – a Língua estava envelhecendo. Guardei a informação. Você nunca sabia o que poderia ser útil mais tarde.

Olhei para ele por mais um momento, depois olhei novamente para as montanhas. A casa estava tão perto. Seria fácil tocar essa fada, fazê-la choramingar e ficar indefesa e fugir.

A fada corpulenta apenas ficou lá e me observou pensar. Não havia dúvida em minha mente de que ele sabia o que eu estava pensando. Talvez isso também tenha sido um teste. Porque, sem dizer uma palavra, ele se virou e voltou para a escuridão. O tilintar de suas contas desapareceu. Lancei um olhar final e

melancólico para as montanhas.

Então eu o segui de volta à terra.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Hameek havia sumido quando entrei novamente no corredor.

S No exato lugar onde ele estava, aguardava Nuvian. A fada permaneceu ereta e inexpressiva, cada centímetro dele pronto.

Por quê, porém, eu não saberia dizer. “O humano que estava aqui,” exigi sem preâmbulos, aproximando-me dele. A ferida em meu ombro latejava.

"Onde ele está agora?"

Nuvian olhou para a parede à sua frente. Suas tranças loiras brilhavam. Eu nunca o tinha visto no dia anterior e, ao contrário da Língua, a luz apenas realçava a perfeição desta fada. Sua pele praticamente brilhava. “Ele foi trazido de volta para as cozinhas”, respondeu o Mão Direita. Esperei por mais, mas ele não deu mais detalhes.

“E ele será prejudicado?” Eu cutuquei. Como Shameek havia apontado, eu tinha uma dívida com ele. A tortura pelas fadas seria uma vingança de merda.

“Não sei qual será o destino dele, minha senhora. Eu sou apenas um guarda.”

“Não, você é o Mão Direita”, retruquei. Eu vi sua humildade pela mentira que era; as fadas eram todas arrogância e presunção. Eu disse a Laurie que jogaria o jogo deles e estava falando sério. "Você é um inútil, no entanto, do meu ponto de vista."

Aqueles olhos cinzentos brilharam. Afinal, não tão impassível. “O que você gostaria que eu fizesse, minha senhora?” Nuvian perguntou com firmeza. *Ah, olha quem não gosta do seu próprio jogo.*

“Volte para o quarto de Collith e encontre Shameek. Traga-o para mim ou ofereça sua proteção até que eu descubra como tirá-lo daqui. Ele não deveria ser punido por ajudar durante o julgamento. Agora *se apresse,* por favor.

Nuvian inclinou a cabeça, um reconhecimento silencioso da minha ordem, depois gesticulou para que eu caminhasse na frente dele. Por mais que eu não gostasse de tê-lo nas minhas costas, não via uma maneira de contornar isso, então agi para obedecer.

Eu provavelmente estava fazendo outro inimigo, mas não me importei. Qual era outro na minha lista que crescia rapidamente, afinal?

Enquanto a Corte Unseelie nos engolia inteiros, não me permiti olhar voltar. Não me deixei pensar se seria a última vez que veria o sol.

Assim como aconteceu depois da última provação, a exaustão tomou conta de mim como uma onda impiedosa. A facada tinha parado de sangrar, pelo menos. Lutei para permanecer alerta no caminho de volta, cauteloso com qualquer sinal de Wendigo, Jassin ou algum outro inimigo que quisesse me matar, mas parecia que tudo estava sob controle.

água.

Assim que chegamos à porta de Collith (um guarda estava lá, outro que eu não reconheci), Nuvian me encarou. Tudo o que eu queria era entrar naquele quarto, limpar e envolver o ombro, depois cair na cama colossal do rei. Mas eu não me mexi; Eu precisava vê-lo dar os primeiros passos em direção à cozinha.

Para ter certeza de que minha dívida seria paga integralmente. Nuvian e eu nos entreolhamos por um momento. "Bem? Vergonhoso? Eu o lembrei finalmente, sentindo como se tivesse perdido, de alguma forma.

A fada piscou, lenta e deliberadamente. O movimento atraiu meu olhar para seus cílios ridiculamente longos. Todas as fadas os tinham? “Eu disse ao rei que protegeria seus aposentos. Sigo as ordens dele... e as da rainha. Mas não vejo nenhuma rainha aqui”, acrescentou Nuvian. Ele arqueou uma sobrancelha, como se dissesse: *O que você vai fazer a respeito?*

Simples assim, eu estava farto.

Um som selvagem saiu da minha garganta. Por mais preparado que parecesse, Nuvian não esperava que eu avançasse e batesse a mão em sua testa. O outro guarda também não. Nuvian instantaneamente tentou recuar. Eu apenas fui com

ele, e quando a fada bateu contra a parede, pressionei meu corpo contra o dele. O pau de Nuvian endureceu, mas as rajadas de ar que saíam dele eram causadas pela agitação, não pela excitação. O processo não foi doloroso – pelo menos não nesta parte – então ele não tinha ideia de que seus medos já eram meus. Eles me encheram, mais inebriantes do que qualquer zumbido ou euforia. Nuvian, Mão Direita do Rei Unseelie, tinha um medo mortal de lobisomens.

“Felizmente para mim, vocês, fadas, continuam esquecendo o que eu sou,” eu sibilei.

O outro guarda começou a avançar, com a mão na arma, e eu mal lhe dei uma olhada.

“Interfira e eu mato você onde você está.”

Ele congelou. Uma breve avaliação mostrou que ele era mais jovem que a maioria dos Fae que conheci aqui. Ele segurou sua espada sem confiança e me olhou com um medo mal disfarçado. Certo de que ele não interviria, dei toda a minha atenção a Nuvian.

Estávamos agora numa floresta, cercados por árvores solenes e sombras em movimento. A lua era visível acima de nossas cabeças e era redonda e cheia como a de um conto de fadas. Antes que Nuvian pudesse responder, um coro de uivos surgiu por toda parte. Ecoando, multiplicando, aproximando-se. Qualquer um deles poderia ser a fera que o atormentava tanto.

Nuvian pegou uma espada que não estava mais lá. Sua preciosa armadura também desapareceu. “Ouvi isso?” Eu sussurrei, meus lábios se movendo contra a pele macia de sua orelha. Ele estremeceu. “Eles parecem estar com fome, não é?”

Para seu crédito, Nuvian não emitiu nenhum som. Normalmente minhas vítimas gritavam ou choravam nos primeiros segundos. Dei alguns passos para trás para apreciar meu trabalho. Nuvian girou em círculos, com o peito arfando. Olhos brilhantes espiaram da escuridão. Eles variavam em tons de azul, dourado e verde. Um grunhido profundo percorreu a clareira. “Quanto você sabe sobre lobos, Nuvian?” Eu me perguntei.

Ele olhou para mim e desta vez havia um brilho de ódio em seus olhos. Uma

veia se destacou em sua testa. “Liberte-me deste lugar, Pesadelo.”

Encostei-me a uma árvore e cruzei os pés na altura dos tornozelos. Ainda mais olhos apareceram ao nosso redor. “Os lobos normalmente se alimentam dos vulneráveis.

Os fracos. Os fracos. É chamado de 'abate'. Você não me parece o tipo fraco, mas não tem um rebanho ou matilha, o que o torna fraco em suas mentes. Além disso, caso você esteja curioso sobre todo… não sei, processo de alimentação? Entre as caçadas, eles passam dias sem se alimentar, então, quando isso acontece, eles tendem a simplesmente *se empanturrar.* Ah, curiosidade, eles também não são conhecidos por despachar suas vítimas rapidamente. Não é exatamente ótimo para você, mas é fascinante, não é?

Um momento depois que terminei de falar, um lobisomem apareceu sob o luar.

Foi enorme. Maior do que qualquer lobisomem que eu já vi na vida real. Suas patas pareciam poder matar com um único golpe. Seu pelo era grosso e brilhava como prata pura. Os olhos tão fixos em Nuvian brilhavam com inteligência e ferocidade. Um som estranho e estrangulado saiu da Mão Direita. Ele estava de costas para mim, então não pude ver sua expressão, mas os cantos do meu rosto

boca se inclinou enquanto eu imaginava. A fera mostrou os dentes. Seus músculos visivelmente se contraíram, prestes a atacar sua presa de cabelos dourados.

Eu esperava que Nuvian assumisse uma posição de combate. Em vez disso, ele caiu de joelhos e cobriu a cabeça, exatamente como uma criança faria com um monstro no armário. Ele disse alguma coisa, mas as palavras foram abafadas. Pensei ter ouvido *pare* e *por favor.*

O lobisomem inclinou a grande cabeça e cheirou Nuvian, que estremeceu em resposta.

Diante de seu apelo inteligível, apenas dei de ombros; a casca arranhou minhas costas com o movimento. “Você pode terminar isso quando quiser. Tudo que preciso é sua promessa de proteger Shameek.”

“Você conseguiu,” Nuvian murmurou, ainda sem levantar a cabeça.

O lobisomem cravou as garras na terra. A qualquer segundo agora, seria salto. "Desculpe, preciso ouvir você dizer as palavras."

Nuvian se virou para mim com tanta violência que uma trança o acertou na bochecha.

Seus olhos brilharam quando ele cuspiu: *"Juro proteger o humano chamado Shameek"*.

"Excelente." Embora fosse desnecessário interromper a ilusão, estalei os dedos. Com a mesma facilidade com que apertamos um botão, estávamos de volta à passagem fora dos quartos de Collith. Nuvian se afastou de mim, sua mão instantaneamente indo para aquela linda espada. Eu levantei minhas sobrancelhas para ele em um desafio silencioso.

Ele mal manteve a compostura enquanto passava por mim. Como prometido, ele correu em direção às cozinhas. Seu aperto no punho era branco.

Antes de Nuvian se virar, vi o terror absoluto em seu rosto. Terror… e talvez um pouco de respeito. *É*

isso que farei, idiota, pensei, observando-o partir. Minhas veias zumbiam por usar minhas habilidades.

Quase não senti a facada agora. A culpa pairava por perto, esperando pela chance de me consumir, mas me recusei a deixá-la se aproximar. Nossos pais não nos criaram para ter vergonha do que éramos. Eles também nos ensinaram a usar nossos poderes somente quando necessário. Achei que papai ficaria orgulhoso em saber que eu estava lutando pela sobrevivência de um ser humano.

A cama estava me chamando novamente. Deus, cada dia aqui embaixo era tão longo.

Assim que comecei a abrir a porta, lembrei-me tardiamente do outro guarda. Suspirando, me virei para ele. Ele ficou nas sombras e o branco de seus olhos brilhava. "Qual o seu nome?"

Eu perguntei cansado.

Houve um tremor em sua voz quando ele respondeu: "Omar, minha senhora".

Ele não cometeria o erro de esquecer o que eu era. De novo não.

Talvez eu pudesse usar isso a meu favor. “Estou aqui pelo meu irmão, Omar.

Ele é minha família. Tudo o que me resta. E farei qualquer coisa para salvá-lo, o que

significa que vou *ser* rainha. Você pode investir no seu futuro agora, servindo-me, ou pode ser apenas mais uma fada que eu destruo. Sua escolha."

Ele não disse nada, apenas continuou olhando com aquela expressão estupefata de cervo sob os faróis. Engoli outro suspiro e finalmente entrei nos quartos de Collith.

Quando fechei a porta com um chute, vi que havia outro banheiro esperando. Ao contrário da última vez, havia xampu, sabonete líquido e uma toalha no chão ao lado, dispostos em uma bandeja de prata. O alívio me encheu. *Obrigada*, pensei para as três mulheres que sem dúvida o preencheram. Talvez eles também fossem responsáveis pelos produtos de higiene pessoal. Tirei minhas roupas suadas e entrei. A água era o paraíso para minhas costas doloridas, que com certeza apresentariam alguns hematomas amanhã por bater naquelas pedras. O ferimento irregular da faca também doeu. Esperançosamente, limpá-lo seria suficiente para impedir qualquer infecção. Afundei na água morna, cerrei os dentes e passei a toalha sobre a pele enrugada.

Preocupado com a aparição de um certo rei, não demorei.

Meus movimentos foram ásperos e eficientes quando saí e vesti uma camisola rendada que alguém havia deixado. Então, como vinha sonhando há horas, fui para a cama. O colchão me acolheu como um velho amigo. Quase chorei ao perceber que estava tudo acabado; Eu sobrevivi ao segundo julgamento.

Agora eu só tinha que sobreviver ao terceiro.

Às vezes, se você quisesse muito, o sono gostava de brincar. Ele escapou, provocou ou desapareceu completamente. *Se você não me levar até Oliver,* eu disse com os dentes cerrados, *chegarei até ele por outros meios.*

Devo ter estado muito bem hoje, porque em poucos minutos, bem-vindo e a

abençoada escuridão se fechou.

Abri os olhos, sem saber o que encontraria. Houve momentos ao longo dos anos em que Oliver foi capaz de sentir o que eu estava sentindo, lá fora, no mundo real e desperto. Ele sabia o que Collith tinha feito comigo naquela banheira? Ele sentiu meu terror durante a batalha com um wendigo?

Por mais preocupado que estivesse, Oliver estava se sentindo calmo – a campina era a imagem da serenidade. O horizonte estava iluminado em tons de rosa. A brisa mais suave sussurrava pela grama. Flores silvestres coloridas absorveram os últimos raios de luz. Meu melhor amigo estava sentado à minha esquerda, com as costas apoiadas em uma árvore. Uma borboleta passou voando, despercebida, já que ele estava concentrado no bloco de desenho contra os joelhos. “Ei, estranho,” eu disse suavemente.

Oliver levantou a cabeça e um sorriso apareceu em seu lindo rosto.

O calor se espalhou por mim ao vê-lo. Ele fechou o bloco de desenho, escondendo seu conteúdo, e deu um tapinha no local ao lado dele. "Olá você mesmo. O que você quer fazer essa noite?"

Ainda sorrindo, balancei a cabeça e estendi a mão para ele. Oliver pegou e ficou de pé.

“Eu já te ensinei a valsar?” Perguntei. Foi retórico, claro. Se eu soubesse valsar, a pessoa que morava na minha cabeça certamente sabia.

“Na verdade… eu prefiro dançar lentamente.” Oliver segurou meus pulsos e os colocou atrás do pescoço. Em seguida, ele cruzou as mãos nas minhas costas e me puxou para perto.

Começamos a balançar. Não havia música, mas nenhum de nós mencionou isso. Descansei minha bochecha contra o peito de Oliver e observei a maneira como os pelos de seu braço refletiam a luz do sol. Como ouro líquido. Ele cheirava tão diferente das outras pessoas também. Não era perfume ou colônia. Não, o cheiro de Oliver era de longas tardes passadas pintando, ou de horas submersas em água salgada, ou de alguém que andava no vento. Ele cheirava a liberdade.

Um momento depois, o mundo inteiro escureceu. Oliver e eu compartilhamos a

mesma adoração noturna; ele expulsou todos os restos da luz do dia e trouxe à tona as estrelas. Inclinei minha cabeça para trás para olhar para cima.

Depois de alguns segundos, senti Oliver se concentrar em mim. “Já que você está aqui, eu presumir que o segundo teste correu bem?”

Enquanto eu observava, uma das estrelas soltou-se do seu poleiro e mergulhou. Fingi estar absorvido pelo progresso enquanto pensava na melhor maneira de contar a ele sobre o julgamento. *Forcei um humano a me ajudar e quase o matei. Agora ele poderia ser torturado e morto de qualquer maneira por causa de seu envolvimento.* Muito em breve a luz brilhante desapareceu. “Bem...” eu hesitei. Mas antes que eu pudesse continuar, o mundo tremeu.

Alguém estava me chamando. Eu conhecia aquela voz e, a julgar pela expressão no rosto de Oliver, ele também adivinhou quem era. “Ai!”

Oliver franziu a testa e deu um passo para trás. "O que é?"

“Aquela maldita borboleta me mordeu,” rosnei, olhando para a pequena criatura que voava para longe.

"O que? Tem certeza?"

Mostrei a ele o vergão vermelho que já estava aparecendo. O silêncio pairou ao nosso redor enquanto Oliver segurava minha mão e a examinava. Depois de um momento, ele se inclinou para dar um beijo leve na marca. E de alguma forma, me senti melhor.

Resfriador.



Collith disse meu nome novamente. *Fortuna, acorde.*

Desta vez, o sonho começou a desaparecer. Consegui resistir até certo ponto, mas a realidade sempre venceu. Sorri tristemente para Oliver, desejando que tivéssemos uma dança mais longa. Esta poderia muito bem ser a última vez que nos veríamos.

Não querendo desaparecer de seus braços – isso era cruel demais – me forcei a recuar.

Meu melhor amigo ficou perto daquela árvore retorcida, cercado por estrelas maiores e mais brilhantes do que as que eu conhecia. No entanto, a beleza deles não fez nada para me distrair do desejo em seu olhar.

Seu sussurro me seguiu enquanto eu ia para algum lugar que ele não poderia seguir.

“Tchau, Fortuna.”

Collith estava ainda mais solene do que de costume.

Sua explicação para me acordar foi enigmática. Uma grande façanha, considerando o pouco que ele compartilhou. Mas minha curiosidade foi despertada, então relutantemente tirei as cobertas, levantei-me e me vesti. Zara cuidou de mim enquanto eu estava inconsciente; a ferida parecia ter semanas e a dor havia desaparecido. “Quanto ela cobra pela cura?” Perguntei a Collith enquanto o seguia até a porta. “Só estou tentando descobrir quanto devo neste momento.”

“Não se preocupe com isso. A coroa a mantém sob controle.

“Quanto, Collith?”

Talvez tenha sido o uso do nome dele que persuadiu esse evasivo rei das fadas a verdade.

Ele parou com a mão na porta. “Seus honorários geralmente são uma joia de valor inestimável ou algum tipo de favor”, admitiu ele. Senti meu queixo cair.

Oh Deus. Eu nunca iria pagá-la de volta. Eu não tinha exatamente nenhum diamante e não estava disposta a dever um favor a alguma fada.

Collith suspirou diante da minha expressão e se atreveu a segurar meu cotovelo. “Essa é a menor das nossas preocupações agora, ok? Se você insistir em pagar os honorários dela, nós pensaremos em outra coisa.”

Eu permiti que ele me puxasse para a passagem. Mais uma vez, os guardas que nos esperavam eram aqueles que eu nunca tinha encontrado antes. Duas mulheres, uma fortemente musculosa, com cabelos curtos e oleosos, a outra alta, esbelta e careca.

“Como os Guardiões passam o tempo quando não estão do lado de fora da sua porta ou seguindo você?” Eu perguntei mal-humorado. Sua armadura suavemente

tilintou atrás de nós. Collith ofereceu o braço em resposta. Por alguma razão, o gesto me surpreendeu. Considerei-o por um momento, estranhamente incerto, e depois aceitei. Ele era tão legal e sólido.

Collith colocou a outra mão sobre a minha, ignorando como fiquei surpreso, e realmente respondeu à pergunta enquanto atravessávamos as passagens das portas. “Eles operam da mesma forma que os policiais ou detetives fazem no mundo humano”, disse ele. Contornamos um grupo de jovens fadas risonhas e ele lhes deu um aceno cortês. Aqui, ele provavelmente era considerado o solteiro mais cobiçado do planeta. “Investigar crimes que parecem ter sido cometidos por fadas, resolver disputas que acontecem fora dos tribunais, cobrar impostos. Entre muitas outras coisas, é claro.”

Eu ia perguntar mais sobre os impostos quando Collith virasse à direita. Passamos por uma porta coberta de cobras de madeira. O desenho despertou minha memória; esta era a direção da sala do trono. O pavor apertou meu estômago com suas unhas irregulares. O que poderia ser tão importante para ele me trazer aqui, na noite anterior ao último julgamento?

Poucos minutos depois da realização, estávamos lá, pequenas figuras na sala cheia de murais. Deus, eu odiava esse lugar. Olhei para aquelas imagens cheias de dor enquanto Collith me conduzia pelas portas duplas.

Não estava tão lotado como durante meu julgamento, mas fadas circulavam aqui e ali. Risos e conversas flutuaram no ar. Um grupo de redcaps – fadas conhecidos por gostarem de carne crua, humana ou não – cercava uma mesa

próxima. O sangue manchava a madeira, os dedos, o chão.

"Porque estamos aqui?" Eu perguntei baixinho, não querendo mais nada do que voltar para a cama.

O Rei Unseelie não respondeu. Irritado, olhei em sua direção e vi que ele estava concentrado naquela mesa coberta de carnificina. Claramente, ele queria que eu discernisse algo sobre os redcaps. Talvez se eu cooperasse, poderíamos voltar para o quarto dele e eu poderia passar mais tempo com Oliver. Com resignação, forcei-me a examinar cada detalhe. Os intestinos derramando-se sobre as lajes, os dentes amarelados dos redcaps brilhando à luz do fogo, as bordas irregulares da caixa torácica que haviam exposto.

De repente, um dos redcaps se mexeu, permitindo-me vislumbrar o rosto que pertencia à vítima. Os globos oculares do humano haviam sido removidos, mas o resto de suas feições —

por mais distorcidas de horror que estivessem — era inteiramente distinguível.

Oh Deus. Não. O gosto amargo da bile assaltou meu paladar. Segurei Collith com mais força, sabendo que se não o fizesse, iria me curvar e vomitar no chão.

Foi Shameek.

Uma placa de madeira tosca estava pendurada em seu pescoço. Ou o que restou dele.

Alguém havia gravado uma única palavra na pequena superfície. *Traidor.*

De repente, tudo que eu conseguia ouvir eram os estalos que aquelas bocas gananciosas faziam.

O som ficou cada vez mais alto até me cercar. Os redcaps estavam tão concentrados que não sabiam que tinham audiência. "Por que você me mostraria isso?" Eu resmunguei, ainda prestes a vomitar. Algum pobre humano acabaria limpando minha bagunça, então continuei forçando-o a voltar atrás.

Eu devia estar machucando Collith, mas ele nem sequer estremeceu.

“Porque sei que terá o efeito oposto ao que pretendiam”, foi tudo o que disse. A emoção irradiava pelo vínculo, mas eu estava tão angustiado que mal conseguia absorver a minha.

Eu não aguentava mais assistir aquela cena. “Por que você não os impediu?” Eu sussurrei, olhando para Collith. Ele ainda estava segurando minha mão, percebi vagamente.

Eu aprendi o suficiente sobre o Rei Unseelie para saber que sua expressão cuidadosa e vazia significava que isso também o incomodava. Agradeça a Deus pelos pequenos favores.

“Aqui não, Fortuna.”

Meus olhos traçaram o comprimento de sua cicatriz, repetidamente, precisando de algo para focar. Durante todo o tempo, tentei entender o horror a poucos metros de distância.

Alguém queria me assustar. Eles esperavam que eu perdesse o foco. Se Shameek morreu por envenenamento de fadas ou por sua parte durante o segundo julgamento, não importava.

A morte dele não foi minha culpa – foi deles. Eu iria destruir este tribunal de dentro para fora.

E eu faria isso usando a coroa que eles colocaram em mim.

“Ele permaneceu vivo por muito mais tempo do que eu pensava”, disse uma voz.

Feminino, familiar e antigo.

Mesmo antes de me virar, eu sabia que Arcaena seria quem estaria parado na porta.

Cada centímetro de sua elegância, poder e compostura cantava. Seu cabelo negro estava penteado para trás em uma trança que ia até a cintura. Ela usava um vestido volumoso que roçava o chão como um sino. Era da mesma cor do sangue humano que manchava a boca dos redcaps. Seus olhos escuros estavam fixos no meu rosto e seus lábios perfeitos e lindos exibiam o mesmo meio sorriso da última vez que nos encontramos.

Apesar do número de anos que sem dúvida passou nesta terra, sua pele era cremosa e macia. Agora que eu não era sua marionete, pude notar mais detalhes, como a pequena marca de nascença logo abaixo do olho esquerdo.

Era estranhamente semelhante ao meu.

Foi ela quem orquestrou o assassinato de Shameek? Ou o momento dela foi mera coincidência? Olhei para a mesa e depois para ela. Não existia coincidência na Corte Unseelie. A dor irradiava pelos meus braços e percebi que estava cerrando os punhos com tanta força que minhas unhas formavam crescentes sangrentos. “Lembre-se deste momento.

Eu sei que vou,” eu disse com voz rouca.

Ela sorriu. "Que pitoresca. Você realmente acha que vai sobreviver.”

Não me incomodei em responder; por que discutir com um sociopata? Finalmente fiquei de costas para a cena horrível e comecei a caminhar em direção às portas gigantescas. Collith o seguiu. Ao passarmos por Arcaena, ela não tentou me tocar ou encantar, e suspeitei que fosse por causa da outra fada presente. Ele ficou ao meu lado durante toda a nossa conversa e permaneceu ao meu alcance enquanto eu tentava deixar a sala do trono para trás. O perfume de Arcaena nos seguiu, combinado com o fedor de sangue, e foi quase minha ruína.

A viagem de volta foi perdida para mim. Minha mente estava presa na memória do corpo quebrado e meio comido de Shameek. Duas vezes tomei o caminho errado, sem pensar, e Collith gentilmente segurou meu cotovelo para me virar na direção certa. A certa altura, ele disse algo aos guardas. No momento seguinte, ao que parece, eu estava novamente no meio de seus aposentos.

No instante em que ficamos sozinhos, Collith falou. “Quem deu aquele humano para os redcaps...” ele começou.

“O nome dele era Shameek.”

“Quem deu Shameek aos redcaps o fez discretamente. Ninguém pode dizer aos meus Guardiões quem foi o responsável. Todas as testemunhas interrogadas apenas se lembram de tê-lo visto arrastado para a sala do trono, ferido, mas vivo, e os redcaps iniciando sua consumo. As sobrancelhas de Collith se uniram.

Começou a desabotoar a túnica com movimentos abruptos e agitados. “Ninguém interrompeu, é claro. Como você sabe, esse grupo geralmente é pouco inteligente e violento. Quando a notícia chegou até mim, Shameek já estava morto.”

Afundei na cadeira e observei as chamas dançarem. Não foi terno, coisa lenta como o que Oliver e eu fizemos. “Arcaena estava envolvida.”

Sentado na cama, Collith tirou as botas e suspirou. Eu nunca o tinha ouvido fazer esse som antes. Pela primeira vez desde que o conheci, ele parecia mais humano do que uma fada. “Você não pode ter certeza disso, Fortuna,”

ele disse. Ele levantou a cabeça e olhou para mim. Seu cabelo brilhava à luz do fogo, revelando aquelas mechas brilhantes.

“Eu quero, na verdade. Simplesmente não será provado esta noite. Preciso dormir um pouco antes de amanhã. Mesmo enquanto dizia isso, eu sabia que adormecer seria impossível agora.

Vestido apenas com uma camisa branca e fina que revelava os músculos lisos por baixo, Collith dirigiu-se para a mesa de cabeceira. Alguém colocou uma taça ali. Mas fiquei mais fascinado com seus pés descalços, por algum motivo. Este era realmente o rei distante que me viu ser chicoteado há poucos dias?

“Isso vai ajudar”, murmurou Collith, cruzando a sala novamente.

Ele baixou a taça e vi que estava cheia até a borda. Ele antecipou minha reação, então.

Um lampejo de desconfiança passou por mim. Aqui estava Collith, oferecendo o esquecimento, uma trégua para minha mente fraturada... que ele causou. Era quase conveniente demais.

Apesar desses pensamentos, tomei o conteúdo em quatro goles profundos. Qualquer coisa era melhor do que ficar sentado aqui, repetidamente atacado por aquelas imagens, e se o Rei Unseelie quisesse me matar, ele já poderia ter feito isso uma dúzia de vezes. O

gosto era terrível, como terra e folhas, mas o efeito foi quase imediato. Desabei, sentindo-me tonto e quente, uma sensação semelhante a uma noite inteira de

bebedeira. Senti Collith pegar a taça de volta, então o peso de um cobertor caiu sobre mim. Eu estava cansado demais para me preocupar com a cama. “Obrigado,” eu falei arrastado, mais uma vez esquecendo a regra que mamãe me ensinou sobre expressar gratidão às fadas.

Mas Collith apenas tocou minha bochecha. “De nada, Fortuna.”

CAPÍTULO DEZESSETE

F ou na terceira e última vez, vesti as roupas pretas que alguém sem dúvida havia deixado enquanto eu dormia. Laurie, provavelmente.

Ele não apareceu para comentários sarcásticos ou palavras de sabedoria e, apesar de nossa interação confusa depois de Olorel, descobri que sentia falta disso. Mesmo antes de Sorcha, fazer amigos já era difícil para mim; Eu baixei a guarda com Laurie, só um pouco.

Collith saiu para me permitir privacidade enquanto eu me vestia. Alguns minutos depois, abri a porta e nossos olhos se encontraram. O distante e brilhante rei substituiu o homem cansado e descalço da noite anterior. Parecia que estávamos presos em um loop, seguindo os mesmos passos. Enfrentando as mesmas ameaças. Retendo as mesmas verdades. Mas desta vez ele não disse que eu poderia mudar de ideia ou me avisar das consequências. Talvez ele tenha aprendido a futilidade disso... ou talvez eu tenha passado do ponto sem volta. Peguei o braço de Collith sem esperar que ele o oferecesse e me forcei a respirar fundo e uniformemente. Ele me avaliou enquanto caminhávamos. Mantive o foco com determinação, revisando tudo o que aprendi naqueles livros e aplicando os movimentos de autodefesa de meu pai. As fadas lançaram uma chicotada, um encantamento, um dragão, um wendigo e um assassinato em meu caminho. Eu não conseguia nem imaginar o que viria a seguir.

“Fortuna...” Collith começou de repente, sua voz estridente no silêncio.

Engoli em seco e mantive os olhos na passagem à frente. "Não. Por favor.

O que quer que você vá dizer... mal consigo me controlar agora. Eu simplesmente não posso.”

Aqueles olhos castanhos escureceram, mais de preocupação do que de raiva,

pensei. Mas Collith não discutiu; ele apenas assentiu, colocou a mão fria em cima da minha e continuou nossa jornada.

Chegamos à sala do trono muito em breve.

O espaço era o mais lotado que eu já vi. Todas as mesas foram removidas, mas nem isso foi suficiente. As fadas estavam amontoadas contra as paredes mais distantes, com expressões de desconforto e aborrecimento. As crianças sentaram-se em cima dos candelabros retorcidos. Outros repousavam sobre os ombros de fadas maiores, parecendo, para todo o mundo, famílias inocentes participando de um desfile de verão. Bem, sem as orelhas pontudas e as roupas estranhas. E como sempre, todos estavam olhando.

Os nervos vibraram no meu estômago. Vi o brilho das joias e ouvi o tilintar das moedas

– eles estavam apostando nisso. Quantos deles investiram dinheiro contra a minha sobrevivência? Procurei por Damon, esperando que a visão dele me acalmasse. Lá estava ele, parado perto da frente, ao lado de Jassin.

Ele não tinha nenhum hematoma novo, pelo que eu sabia, mas meu irmão de alguma forma parecia mais magro cada vez que eu o via.

Também reconheci Tarragon e Chandrelle entre as figuras da frente.

Arcaena também estava entre os espectadores. Sua irmã gêmea de pele clara estava ao lado dela. Um arrepio involuntário percorreu minha espinha e rapidamente me concentrei no caminho à nossa frente.

Foi então que notei o indivíduo amarrado a uma cadeira de madeira.

Tinha sido colocado diante do estrado para que todos pudessem ver. A cabeça e o pescoço da pessoa estavam cobertos por um saco de aniagem. Por mais prisioneiros que parecessem, não havia sinal de luta ou tentativa de falar. Minha boca estava seca, minha língua grossa. O que foi isso?

Collith me deixou no final da escada – a súbita ausência de sua mão pareceu estranha

– e foi até o trono. Tentei não ficar inquieto ou fazer algum comentário sem sentido que provocasse outro tribunal. A Língua se aproximou e começou seus rituais e cânticos. Eu estava relutante em deixar sua pele seca como papel tocar a minha e foi preciso um esforço considerável para não me soltar.

Apesar de tudo, o cativo naquela cadeira ainda não se mexeu. Continuei olhando, meu coração batendo tão forte que eu sabia que as fadas provavelmente poderiam ouvi-lo.

O capuz era tão grande e as roupas tão largas que era impossível saber se ali estava sentado um homem ou uma mulher. Será que as fadas enviaram alguém para Granby e trouxeram de volta um dos meus entes queridos? As possibilidades me assombraram. *Bia.*

Gretchen. Ciro.

Terminada sua postura, a Língua fixou seu olhar em mim novamente.

“O julgamento final desafiará sua devoção a este tribunal”, ele rugiu.

Lentamente, a fada enfiou a mão nas dobras de seu manto. “Com o governo vem o sacrifício. Não pode haver limite para sua lealdade.”

Eu estava respirando como se tivesse corrido um quilômetro. Foi essa palavra – *sacrifício.*

Naquele instante, eu sabia que eles me fariam pagar por sobreviver às outras provações. Eu não conseguia parar de olhar para Collith, esperando inutilmente que ele me salvasse – não importava que eu tivesse feito todas as escolhas que me levaram a este ponto. Ele olhou de volta, com sua habitual expressão inescrutável, mas sensações gentis percorreram o vínculo. Não emoções, exatamente. Nem a voz dele. No entanto, de alguma forma eu entendi que ele acreditava em mim mais do que em seus próprios súditos. Ele pensou que eu iria ganhar.

Esse conhecimento poderia ter sido reconfortante, mas então a mão da Língua ressurgiu segurando a faca do meu pai.

Fiquei olhando, estupefato, enquanto ele o estendia. “O que diabos devo fazer

com isso?”

Minha pergunta ecoou por toda a imensa sala. O Língua ficou ali parado, esperando que eu tirasse dele a faca do papai. Todo o tribunal ficou em silêncio. Depois de alguns segundos, eu fiz isso, apenas para manter essa coisa em movimento.

Satisfeito, o Língua virou-se e aproximou-se da cadeira, os grandes dedos alcançando o saco que escondia o rosto do cativo. *Não, não,* eu queria gritar.

Uma parte de mim sabia que este era um momento que, se eu não morresse na próxima hora, assombraria meus pensamentos com tanta frequência quanto o assassinato de mamãe e papai.

Sem outro discurso ou feitiço, a Língua arrancou o capuz e deu um passo para o lado.

Quando registrei quem estava sentado ali, precisei de todo o autocontrole para não gritar ou recuar.

Damon olhou para mim.

Cada detalhe era meu irmão. O rosto comprido, aquela cabeleira castanha, os olhos do nosso pai. Eles perfuraram os meus, implorando silenciosamente. Ele não conseguia falar; sua boca estava coberta por um pedaço de tecido amarrado em sua cabeça. Eu me virei, procurando por Damon na frente da multidão, onde ele estava há poucos minutos. Mas Jassin ficou sozinho.

Sorridente. Quando me virei, ainda boquiaberto, uma fada se aproximou e puxou a mordaça para baixo. “Fortuna”, meu irmão disse asperamente no momento em que a gravata foi retirada. A voz também era dele.

A bile subiu pela minha garganta pelo que pareceu ser a centésima vez naquele dia.

Cambaleei, a sala inclinou-se e o meu olhar colidiu com o de Laurie. Ele ficou no limite da multidão, uma luz na escuridão. Seu cabelo brilhava como uma auréola. Ele não esteve lá antes; Eu o teria notado. "Isto é real?" Eu consegui.

Sua expressão era sombria. "Não sei."

Por alguma razão, eu esperava mais. Quando ele não disse mais nada, quando apenas olhou para mim, voltei-me para Damon. Minha mente girou.

O que devo fazer? Como eu poderia ser mais esperto que eles? Se eu tentasse fugir do teste, as fadas me executariam.

Mas não foi Damon. Não poderia ser. Jassin não os deixaria matar seu brinquedo favorito... seria?

Lutei contra a vontade de andar. Lutei contra o instinto de olhar para Collith novamente.

Eu estava sozinho. Completa e irrevogavelmente sozinho. Estranhamente, o pensamento fez com que uma estranha calma se instalasse em meu ser. *Eu finalmente enlouqueci?* Eu me perguntei distantemente. Talvez. Ou talvez sentir-se sozinho fosse um território familiar.

Isso me deixou de castigo.

Lentamente, enfrentei Damon novamente. Segurei a faca de nosso pai em minha mão

– cruel, tão cruel que eles escolheriam esta como arma – e me coloquei diante dele.

“Lembre-se de sua promessa”, gritou Damon, finalmente puxando suas amarras.

Com isso, parei de respirar. Então um alívio percorreu meu corpo, tão avassalador, tão profundo que quase cedi. *Você não é meu irmão,* percebi. As fadas estavam escutando, sim, mas não sabiam tudo sobre nós. Damon nunca teria usado mamãe contra mim, não importa quão desesperado ou assustado. Ele até tentou me libertar dessa promessa quando o encontrei aqui pela primeira vez.

Mas… e se eu estivesse errado?

Não. Se eu permitisse que esse medo entrasse, ele me levaria de volta ao lugar nebuloso do desespero e da indecisão. Então, entre uma respiração e outra, enfiei a faca

– dissimuladamente, exatamente como nosso pai nos ensinou – no coração de Damon.

Para evitar reconsiderar, eu distorci. A voz do papai encheu minha cabeça.

Você deseja alcançar aqueles grandes vasos sanguíneos escondidos atrás dos órgãos.

Quando as artérias se rompem, a morte ocorre muito rapidamente. Independentemente do que a criatura tenha feito com você, Fortuna, é errado fazê-la sofrer.

Os olhos dolorosamente familiares de Damon se arregalaram. Primeiro com descrença, depois com traição, depois com dor.

Tal como eu esperava, foi uma morte rápida. Os músculos do rosto de Damon afrouxaram e, lentamente, a tensão desapareceu de seu corpo. O impostor que usava o rosto do meu irmão caiu. Seu olhar vítreo fixou-se no meu.

Esperei que a alucinação desaparecesse ou até que o corpo desaparecesse completamente.

Nada aconteceu.

Olhei para a faca, que devo ter puxado automaticamente. Estava vermelho até o fim.

Meus dedos se abriram, fazendo a lâmina preciosa bater nas lajes. Eu nunca tinha esfaqueado alguém antes. Ninguém me disse o quão quente seria. Com que rapidez o sangue esfriaria. Como seria pegajoso na minha pele. A ilusão era completa, eu diria isso.

Enjoado, voltei-me para a Língua. "O que você está esperando? Acabou, certo?

Mesmo assim ele não disse nada. Enfrentei as massas, na esperança de obter qualquer tipo de resposta. Seus olhos estavam brilhantes e famintos. Eles estavam esperando que eu quebrasse. Tão pacientemente, tão silenciosamente. Eu não lhes daria essa gratificação.

Em vez disso, levantei o queixo e encarei Collith. Minhas entranhas se agitaram. "Bem? Eu passei no seu teste? Perguntei. Nenhuma vacilação ou oscilação me traiu. *Traga Damon de volta. Traga Damon de volta. Traga Damon de volta.*

Sua expressão estava ilegível como sempre. Sua coroa brilhava. "Você tem."

“Então o que é isso?”

Enquanto eu estava de costas, a Língua subiu as escadas.

Depois que falei, ele se inclinou para murmurar algo no ouvido de Collith. Ambos me olharam por mais um momento. Collith assentiu, mas seus olhos estavam focados em algo além de mim.

"Fortuna."

Aquela voz. Virei-me, sem querer respirar ou falar, com medo de que não fosse real.

Damon estava no meio da multidão, inteiro e vivo, exatamente onde estava quando entrei na sala. Deve ter sido parte do feitiço da Língua. Seu olhar disparou de mim para a faca abandonada. Então me dei conta de que ele tinha acabado de me ver matar uma versão dele mesmo. Lentamente, voltei-me para o corpo. Ainda estava lá, mas o rosto de Damon havia sumido. Um estranho caiu em seu lugar. Ele claramente foi criado nas masmorras; sua barba era longa e emaranhada, sua pele coberta de sujeira. Eu realmente matei alguém, mesmo que não tenha sido Damon.

Nada disso importava.

Em uma névoa, diminuí a distância entre mim e Damon. Como se pertencessem a outra pessoa, observei minhas mãos cobrirem seu rosto. Eles tremiam contra sua pele.

“Você é minha fraqueza,” eu sussurrei. Enquanto ele estivesse vivo, essas criaturas poderiam me controlar. Todo esse tempo eu pensei que tinha estado

sendo mais esperto que eles. Vencê-los em seu próprio jogo. Na verdade, eu estava seguindo todos os padrões e rumos que eles estabeleceram diante de mim.

Por um momento terrível, pensei em quebrar o pescoço do meu irmão.

Ouvi uma inspiração rápida – a minha – e rapidamente me afastei dele. Meu peito se agitou. O remorso instantâneo pareceu ácido. Eu gostaria de poder rastejar para fora da minha pele. O que estava acontecendo? A ideia de matar Damon, mesmo que tenha durado apenas um instante, ia contra todas as razões pelas quais eu vim para a Corte Unseelie e todas as guerras que lutei. Os Fae estavam me infectando como uma doença. Já estávamos aqui há muito tempo. Não importa que eu fosse casada ou que seria rainha.

Tivemos que sair deste lugar.

Damon disse algo, com uma nota de preocupação em sua voz. *Não sinta nada por mim.*

Eu não mereço isso, tive vontade de gritar com ele. Meu primeiro instinto foi cambalear em direção à porta, mas assim que comecei, percebi como seria. O que eles pensariam. Eles diriam que eu estava pirando.

Eles concluiriam que eu não era forte o suficiente. Eles acreditariam que mesmo que não tivessem me vencido, ainda assim teriam vencido.

De alguma forma, encontrei forças para parar. O tribunal esperou que eu falasse.

Havia tantos deles. Tantos para matar.

“Onde estão os músicos?” Eu finalmente sussurrei. Uma fada de um olho só na primeira fila olhou fixamente. Outro franziu a testa com incompreensão. Eu me forcei a falar mais alto.

“Onde estão os músicos? Isso não é uma festa?

Collith deve ter feito um gesto; olhares se voltaram para ele. Em poucos segundos, um alaúde começou a tocar. Foi acompanhado pelo som oco de um tambor. Eu vi humanos correndo por todas as portas, segurando bandejas cheias de bebidas. Mais ainda seguiram com comida fresca e quente. Finalmente, a atenção se afastou de mim. A pressão diminuiu em meu peito.

Às cegas encontrei um lugar ao longo da parede para observar as festividades. Várias fadas tentaram falar comigo, provavelmente tentando ganhar favores, mas

não reconheci ninguém.

Nem mesmo Jassin, que piscou quando ele e Damon passaram.

Esperei até que a celebração estivesse bem encaminhada antes de sair pela porta mais próxima.

Demorei mais do que deveria para perceber que Laurie caminhava ao meu lado. Embora houvesse tanta coisa que eu poderia ter dito, não falamos. Chegamos aos quartos de Collith sem incidentes. Num movimento metódico,



abriu a porta. Entrei e espiei Laurie pela fresta.

“Bons sonhos, Majestade”, disse ele. Quer fosse uma farpa ou um incentivo, eu não me importava. Eu fechei a porta.

Uma vez lá dentro, fechei os olhos e me encostei na madeira por um momento. Um rosto começou a preencher a escuridão, e eu rapidamente os abri novamente. O quarto era quente e convidativo. Um fogo alegre ardia, a cama estava feita e um banho aguardava.

Nada mudou desde que saí, horas atrás.

Parecia bizarro, até errado, porque tudo havia mudado.

Sentindo-me vazio, caminhei até a bacia de água e coloquei as mãos dentro dela.

O vermelho floresceu instantaneamente na superfície clara. Enquanto eu observava, um gemido me escapou. De repente eu estava frenético. Esfreguei minha pele com tanta violência que a água espirrou nas laterais da tigela. Em segundos, todo o vermelho desapareceu, mas não foi suficiente. Continuei esfregando, raspando, espirrando. Eu precisava me sentir limpo. Continuei vendo os olhos vidrados daquele homem, daquele estranho, que não tinha feito absolutamente nada comigo. Cujo sangue cobriu meus dedos.

Só quando minhas mãos estavam rosadas e ardendo é que percebi a verdade; Eu nunca estaria limpo novamente.

Respirando com dificuldade, me afastei da bacia. A sala estava muito quieta, muito quieta. A água pingava no chão de terra. Segundos ou minutos passaram; Eu não tinha certeza de qual. Por fim, fui levado até o fogo, atraído pela vida que emanava daquelas chamas brilhantes. Lentamente, caí de joelhos. O calor era reconfortante, quase uma presença própria. Mas, inevitavelmente, os acontecimentos que acabaram de acontecer voltaram lentamente. O que eu tinha visto. O que eu tinha feito.

Silenciosamente, para que ninguém ouvisse, pressionei o rosto contra as mãos e chorei.

Depois que minhas lágrimas secaram, não fiz nada.

Não li, não sonhei, não chorei. Eu simplesmente sentei em frente ao fogo, olhando para os troncos em movimento e as brasas tremeluzentes. Minhas mãos

estavam apoiadas no meu colo, com as palmas para cima, moles e vermelhas, doendo de tanto esfregar.

Eventualmente, uma risada veio da passagem. O som me tirou do meu estranho estupor. Piscando, eu fiz uma careta e me virei. Havia mais de uma fada por aí; a conversa deles passou pela porta fina.

Algo sobre um casamento arranjado entre duas das linhagens mais ricas. Apenas ouvindo parcialmente, puxei o rabo de cavalo, permitindo que minhas ondas grossas se soltassem.

Aliviou um pouco a dor na minha cabeça.

A porta se abriu e Collith tropeçou. A coroa em sua cabeça estava torta. Ele desabou na cadeira mais próxima de mim. Agora a coroa deslizou para o chão com um som surdo.

Alheio, Collith inclinou-se para a frente, apoiando os cotovelos nos joelhos, e olhou-me atentamente. Sob esta luz, seus olhos estavam mais verdes do que nunca. “Você foi incrível hoje”, disse meu companheiro. Houve um leve insulto em suas palavras.

Eu não tinha certeza se ria ou chorava. “Você está bêbado, Collith?”

"Um pouco. Também estou cansado, o que não ajuda.” Apesar de suas palavras, Collith deixou o conforto da cadeira e sentou-se no chão. Era contra todas as leis da natureza que ele fizesse o movimento parecer gracioso, mas ele o fez.

Ele sentou-se de modo que nossos ombros ficaram pressionados um contra o outro. Eu tive o pensamento distante de que, se alguém tivesse me dito há uma semana que eu logo estaria compartilhando um silêncio sociável com o Rei da Corte Unseelie, eu teria rido na cara deles. No entanto, aqui estávamos nós.

Em outra vida, eu o teria chamado de amigo.

À medida que a hora passava, Collith ousou tocar as costas da minha mão. Eu olhei para ele. A luz do fogo brilhou em metade de seu rosto, a outra escondida nas sombras.

Através do vínculo, surgiu um inegável sentimento de saudade.

Collith queria mais do que alguns momentos fugazes na banheira. Imagens viajaram entre nós, flashes de pele nua e cabeças jogadas para trás.

Mas eu me senti cru. Como se alguém tivesse arrancado minha pele e cada corrente de ar, cada respiração doía. Nem mesmo alguém tão atraente como Collith poderia me afetar agora. Sem palavras, levantei-me e afastei-me, fora do seu alcance. Ele não disse nada.

Mais uma vez olhei para o fogo. Eu me vi nas chamas, esfaqueando Damon repetidas vezes.

Foi uma escolha que nunca poderia desfazer, um momento que nunca poderia esquecer.

Eu queria que Collith sentisse tanta dor quanto eu... e eu sabia exatamente as palavras para fazer isso.

“Nunca poderá haver mais nada entre nós, você sabe. Estou apaixonado por outra pessoa”, eu disse. Foi difícil conciliar a voz monótona e vazia com a minha.

O rei deve ter ouvido a verdade nisso, porque o próprio ar parecia ficar mais denso.

Perigo, avisou o instinto. "Por que você não me contou?" ele perguntou firmemente.

Um leve e amargo sorriso curvou meus lábios. Agarrei o manto. A madeira era quente e áspera. “Preciso lembrá-lo dos segredos que você guardou, *meu soberano?* Os segredos que você ainda guarda? Também não tenho o hábito de expor minha alma a estranhos.

Especialmente aqueles que me chantagearam para me casar.”

“Sinto muito, Fortuna.”

Foi tão inesperado que o enfrentei. Eu tinha me preparado para raiva ou ciúme.

Em vez disso, o rosto abatido de Collith não continha nada além de arrependimento. “Desculpe por quê?” Eu exigi.

Ele se levantou e ficou a um palmo de distância. Se um de nós desse um passo ou respirasse fundo, nossos peitos se tocariam. “Pela minha conduta quando nos conhecemos”, respondeu ele. Sua voz era baixa, mais como uma chama moribunda do que alguém tentando evitar ser ouvido, pensei. A dor fervia sob sua voz como brasas. “Por manipular você. Se você tivesse entrado na Corte Unseelie como uma criatura não reclamada, eles teriam matado, estuprado ou escravizado você na primeira hora. Minha preferência teria sido esperar e começar o namoro, mas as circunstâncias não permitiam isso. Há muitas vidas em jogo, inclusive a do seu irmão.

Eu olhei para ele por um momento. Então, de repente, minha dor se transformou em raiva, brilhante como uma estrela e ardente. Antes que eu pudesse reconsiderar, minhas mãos voaram para empurrá-lo. Collith os pegou contra o peito como se não passassem de borboletas.

Eu instantaneamente mudei para me libertar. "Solte! Solte-me!"

Collith manteve meu controle sobre meus pulsos — sendo tão gentil quanto podia, eu suspeitava — e esperou que a tempestade passasse. Não demorou muito; a dor me deixou esgotado. Depois de um ou dois minutos, fechei os olhos e me inclinei para frente, apoiando-me em seu peito. Agora foi minha vez de dizer as palavras. "Por que você simplesmente não me contou nada disso?" Eu sussurrei em sua clavícula. O que eu teria feito com tanto conhecimento, não fazia ideia. Mas agora eu nunca saberia. Agora eu nunca teria a chance de experimentar o que poderia ter acontecido entre nós.

Ele engoliu em seco. Ou talvez eu só tenha conseguido ouvir porque estava pressionado contra ele. Lentamente, Collith afrouxou seu aperto de ferro sobre mim. Ele inclinou a cabeça e beijou a parte interna do meu pulso. Algo dentro de mim se agitou. “Na verdade, houve uma dúzia de razões”, ouvi-o dizer. “Por um lado, eu já comecei a conhecer você. Não teria sido incentivo suficiente para concordar – você teria optado por arriscar vir aqui sem a proteção do meu nome. Outra razão é que é simplesmente da minha natureza reter e

desconfiança. Eu não nasci com essa cicatriz; alguém me concedeu isso. E também há o fato de que... eu só queria você.

Sua honestidade enviou uma onda de pânico em meu coração. Eu me afastei e tirei o cabelo do meu rosto. “O que isso tem a ver com Oliver?” Eu perguntei, tendo dificuldade para respirar normalmente. O fogo tinha feito o seu trabalho muito bem; parecia que estávamos dentro de um forno.

Os olhos de Collith piscaram, notando o nome. Fazendo a conexão. *Ollie.* Collith deu um passo para trás. "Nada. Absolutamente nada”, disse ele.

Um silêncio rígido reinou na sala agora. Collith voltou para a cadeira, tirou as botas e apoiou os cotovelos sobre os joelhos. Um suspiro o deixou.

Mais uma vez, pareceu-me um som estranhamente humano. Ele inclinou a cabeça e olhou para mim. “Não posso deixar de pensar que você se sentiria diferente se eu não tivesse feito certas escolhas no início.”

“Você provavelmente está certo,” eu disse sem rodeios. “Mas não podemos voltar no tempo, podemos?”

Ele estudou minha expressão por um longo momento. “Não, não podemos.”

Eu ainda não tinha reconhecido sua admissão. *Eu só queria você.* Foi como se Collith tivesse batido na porta da qual eu estava do outro lado.

Nada de bom resultaria de eu abri-lo. Em vez disso, sentei-me na cadeira ao lado dele e disse: “Dê-me um desses livros. É melhor continuar tentando ganhar vantagem.”

“Você é implacável”, observou Collith ao concordar. Quando ele disse isso assim, parecia um elogio.

Nossos dedos se tocaram enquanto eu pegava o livro grosso dele. Este tinha uma espessa camada de poeira na capa. Eu ignorei, enviando partículas dançando pelo ar, e sorri para ele através da nuvem. “Ah, você não tem ideia.”

CAPÍTULO DEZOITO

bebi o tônico para dormir novamente.

EU O gosto não foi melhor na segunda vez. Se dependesse de mim, teria preferido adormecer naturalmente e conversar com Oliver. Mas sempre que fechava os olhos, via aquela faca deslizando no peito de Damon. Bem, pelo menos eu não estava mais imaginando o Death Bringer ou o Leviatã.

Por um tempo, o rei também tentou ficar acordado. Ele se esparramou na cadeira de maneira mais casual do que eu já o vira, lendo um livro que parecia novo. *As Garotas Afogadas*, o título estava escrito em letras brancas. Ele fez viagens para a Barnes and Noble? Era uma imagem mental estranha, esta linda fada navegando na seção de mistério. Mais de uma vez, quase cedi à vontade de perguntar.

Enquanto Collith lia, porém, seus olhos continuavam fechando. Por fim, ele foi até a corda e pediu a alguém que fosse buscar o tônico. Quando chegou, ele me deu sem dizer uma palavra.

A última coisa que me lembrei foi dele me carregando para a cama.

Quando acordei em seguida, não havia como saber que horas eram. Vozes vieram do corredor, e foi isso que deve ter me tirado do sono – os guardas estavam trocando de turno.

Tarde, talvez, já que duvidava que acordaria tão cedo depois de beber aquela mistura. Descansei ali por mais alguns minutos, tentando evitar pensar em Shameek, no terceiro julgamento e no que Damon estava fazendo naquele momento. Ou o que alguém estava fazendo com Damon.

Inquieto, rolei para o lado. Ali, tão perto que nossos narizes quase se tocavam, Collith ainda estava inconsciente.

Ele tinha o sono bagunçado, eu aprendi. As duas noites com ele terminaram com as cobertas jogadas ou emaranhadas. Ele dormia de cueca – uma escolha surpreendentemente moderna, dadas as roupas que usava na corte – e nada mais. Eu me permiti uma exploração longa e tranquila de seu corpo. O cabelo escuro descia pelo centro de sua barriga lisa e desaparecia na cintura. Suas coxas eram delgadas, mas firmes. O resto dele…

Eu rapidamente desviei meu olhar e me virei para sair da cama.

Como eram as únicas roupas que eu tinha (e me recusei a continuar com a roupa que usei durante o julgamento), coloquei novamente o jeans e a camisa xadrez.

Eles estavam enrugados, mas limpos. Vestido e alerta, encontrei-me com tempo para queimar.

A pilha de livros estava exatamente onde eu os havia deixado ontem à noite.

Embora os julgamentos tivessem ficado para trás, a coroação estava à frente, o que significava que minha educação sobre os Fae estava apenas começando. Eu me sentia nervoso, porém, e desesperado para continuar andando. A sala parecia menor, como se as paredes tivessem se aproximado durante a noite.

Provavelmente era mais perigoso do que nunca dar um passeio pela Corte Unseelie; sem dúvida eu tinha mais inimigos do que apoiadores quando se tratava de minha iminente realeza.

Mas parecia que se eu passasse mais um segundo nesta sala, com seu teto baixo e chamas eternas, eu iria gritar.

Num acesso de frustração, arranquei o caco do espelho do esconderijo, enfiei-o na bota e corri para a porta.

Nuvian estava esperando no corredor, junto com um guarda que finalmente reconheci. Ela esteve no tribunal. Uma lembrança surgiu: o punho dela vindo em minha direção e o gosto de sangue na minha boca. Por um momento eu olhei para ela. Ela apenas olhou para trás impassivelmente, parecendo tão frágil à luz do fogo. Fiquei tentado a fazer com ela o que fiz com Nuvian.

Em vez disso, porém, virei as costas para eles e fui embora. Eu não tinha ideia de onde pretendia ir, mas eles não sabiam disso. Bem, a fêmea não sabia disso. Ela foi a única que a seguiu; Nuvian permaneceu enraizado do lado de fora da porta de Collith.

Quase imediatamente, me vi atraído em uma determinada direção. Levei alguns minutos para perceber que, finalmente, havia aprendido o caminho para a sala do trono. Ali estava a porta com as cobras. Havia o mural violento. Por que eu quis vir aqui, eu não sabia dizer. Nada de bom jamais veio deste lugar. Parei na porta. A mulher de cabelos compridos parou a alguns metros de distância. O fato de haver tanta distância entre nós parecia estranho para uma fada que havia sido

instruída a me proteger. Então eu

lembrou que ela não recebeu exatamente essa diretriz. Ela só estava aqui porque eles provavelmente teriam ainda mais problemas se eu morresse e eles voltassem aos aposentos de Collith, desconsiderando o espírito de sua ordem.

Mas nada disso importava. Foi uma perda de tempo pensar nos motivos dos Guardiões.

Suspirando, observei os estranhos candelabros, os vastos tetos, o trono retorcido. Pareceu cruel para quem projetou um lugar tão lindo, tendo seu legado manchado pela morte e pela escuridão.

O que Collith disse durante a nossa dança? Lembrei-me de seus olhos castanhos ardendo com uma seriedade que considerei uma fachada. *Algo que vale a pena salvar, não acha?*

Empurrei o pensamento para um canto escuro e empoeirado da minha mente; não havia nada que valesse a pena salvar em criaturas como Jassin ou Arcaena.

Quase não havia fadas aqui agora. Em vez disso, os escravos ocuparam a maior parte do espaço. Suas expressões variavam de exaustão a agitação. Naquele momento, percebi o que essas pobres criaturas estavam fazendo.

Eles estavam se preparando para minha coroação.

Dei um passo à frente, pensando em detê-los. — Eu não faria isso — disse Laurie, materializando-se ao meu lado. Eu pulei e fiz uma careta. “Eles seriam forçados a ouvi-lo, devido à sua nova posição, mas depois seriam espancados pelo trabalho inacabado.”

Minhas mãos se apertaram. Sim, algumas coisas definitivamente precisavam mudar por aqui, e eu não seria tão delicado quanto Collith em aplicá-las.

Essas criaturas teriam um rude despertar.

Por vontade própria, meus olhos foram para o local onde os redcaps estavam festejando.

Surpreendentemente, o corpo de Shameek desapareceu. Ainda havia manchas de sangue nas lajes, mas todo o resto havia sido removido. Tive pena daqueles que tiveram que fazer isso.

Laurie estava tão perto de mim que nossos cotovelos quase se tocaram. “Sua Majestade ordenou que ele fosse enterrado. Altamente incomum.

"Incomum? Por que?"

Ele ergueu as sobrancelhas prateadas. “Seu amigo morreu como traidor. Ele não apenas tentou prejudicar um de nós, mas também ficou do lado de um Pesadelo em vez de nossa raça superior. Não estou dizendo que compartilho dessa forma de pensar, é claro, é assim que a maioria deles vê. Normalmente o humano teria sido deixado para apodrecer.

Ou, se ele tivesse morrido de outra forma, seria costume queimá-lo, como é a tradição feérica.

Em vez disso, nosso rei deu ao sujeito um enterro humano honroso.

A revelação fez com que minha mente voltasse pelas passagens, contorcendo-se e serpenteando pela terra, até chegar à cama onde Collith ainda dormia. Imaginei-me olhando para ele, vendo novamente as rugas em sua pele. A cicatriz irregular. Imperfeições que conseguiram ser lindas, apesar do que indicavam.

As palavras desesperadas e cheias de esperança de Damon ecoaram de volta para mim. *Há algo de bom nele.*

Foi assim que Jassin fez lavagem cerebral em meu irmão? Eu estava andando pelo mesmo caminho que o trouxe até aqui?

Perturbado com esse pensamento, encarei Laurie, efetivamente escondendo toda a sala de vista. Agora foi minha vez de levantar uma sobrancelha. “Achei que nossa... associação havia acabado.”

“Nada acaba, Fortuna Sworn”, ele respondeu alegremente. Ele manteve seu olhar nos humanos fazendo seus preparativos atormentados. “Existem apenas continuações e começos.”

Não pude resistir à vontade de revirar os olhos. No instante seguinte, uma garota – ela não poderia ter mais de doze ou treze anos – passou correndo. Uma mulher parada numa porta distante fez um gesto brusco para ela e disse algo em russo. A garota alcançou-a e, depois que a escrava mais velha agarrou seu braço com força, eles desapareceram.

Ainda havia outros na sala, mas ver aqueles dois saindo foi um lembrete do trabalho que eu tinha que fazer também. Na minha cabeça, ler aqueles livros sobre os Fae tornou-se não apenas importante, mas necessário. Algum dia, o conhecimento que possuíam salvaria vidas ou traria o fim desta

tribunal.

Os dois não eram mutuamente exclusivos, na verdade.

Com isso, meu senso de urgência voltou. Fui em direção às portas duplas e Laurie caminhou ao meu lado. Mais uma vez, a guarda feminina manteve distância enquanto a seguia. “Sabe, estive pensando naquela noite”, eu disse a Laurie, mantendo a voz baixa. O guarda provavelmente poderia ouvir cada palavra, de qualquer maneira. “Foi você quem mandou embora os guardas de Collith, não foi? A coisa toda foi um teste. Você queria ver o que eu faria.

Laurie riu. O som era adorável, por mais que eu detestasse admitir.

“Eu adoraria fingir que tenho tanto poder”, ele respondeu. *Ria o quanto quiser,* pensei. *Devíamos saber que você poderia mentir durante todos esses anos. Você teve mais tempo do que qualquer outra pessoa para aperfeiçoá-lo.*

Outro silêncio surgiu entre nós. À medida que se tornava muito longo, o trono atraiu meu olhar novamente. Tentei me imaginar sentado ali, abraçado por todos aqueles galhos retorcidos. Enfrentando uma corte inteira de monstros. Não consegui esconder uma nota de apreensão quando perguntei: “Como é? A cerimonia?"

"Deixe-me pensar. Ah, bem, você já viu a coroação de um britânico monarca?"

"Não."

“Você não perdeu nada emocionante, fique tranquilo. Um de seus reis, Ecgfrith,

era fae. A propósito, isso não é de conhecimento comum, então eu não iria compartilhá-lo. De qualquer forma, ele emprestou a maior parte das nossas tradições para a sua brilhante coroação. Na verdade, porém, eu diria que a parte mais significativa são os votos de fidelidade.

Essas três palavras fizeram meu coração disparar. Collith já havia mencionado isso –

para começar, foi a razão pela qual eu me submeti àquelas provações infernais – mas aqui estava uma chance de saber ainda mais. “Cada membro do tribunal faz um?” — arrisquei, tentando parecer casual. Havia uma raiz grossa projetando-se do nosso caminho. Quando passei por cima dela, Laurie mexeu-se como se fosse estender a mão, mas ele não o fez.

Ele pulou sobre a raiz, cada movimento fluido e deliberado como um rio caudaloso. *O que você está escondendo, fada?* Eu me perguntei.

— Admito que estou tentado a dizer “sim” só para ver a sua cara — disse Laurie, ignorando a óbvia calmaria. "Mas não. Apenas os chefes das linhagens e os Guardiões.”

O quarto de Collith assomava à frente. Nuvian havia partido, o que provavelmente significava que o rei também estava. A constatação enviou uma enxurrada de... algo através de mim. Não decepção, é claro. Mais como desgosto. Eu esperava saber como Damon estava, ou pedir mais livros, ou perguntar onde Shameek estava enterrado. Sua família merecia saber o que havia acontecido com ele. “O que os governantes costumam pedir?

Como prova de sua lealdade, quero dizer? Eu questionei, agindo como se não fosse afetado por retornar para uma sala vazia.

Estávamos quase na porta. À minha pergunta, Laurie encolheu os ombros. Sua expressão também não revelava como ele se sentia em relação à ausência de Collith.

“Geralmente um pouco de sangue.”

Um pequeno e sombrio sorriso pairou nos cantos da minha boca. Oh, haveria sangue, tudo bem.

"Agora." Na porta, Laurie virou-se e concentrou-se em mim. Seus olhos pareciam felinos na penumbra. “Você gostaria de ver seu vestido?”



Laurie tinha-se superado desta vez.

O vestido era bizarro e lindo. Seu corpete era duro e texturizado, uma espécie de padrão florido exótico em tons de vermelho, amarelo e preto.

O decote era baixo e reto, forrado com pele sintética – pelo menos, eu esperava que fosse pele sintética. Nas minhas coxas, terminava em fios irregulares, como se alguém tivesse arrancado a saia.

Foi aqui que o tule começou. A duração era longa, sombria e dramática. As mangas também foram feitas desse material transparente. Fiquei na frente do espelho que Laurie devia ter entregado, dedilhando sua textura.

“E um toque final.” Como já era hábito, Laurie apareceu atrás de mim. Um grunhido irritado saiu da minha garganta. Ele agiu como se não tivesse ouvido e colocou um colar em volta do meu pescoço.

Demorou um pouco para ele fechar o fecho e, quando vi que era a safira que Collith me dera, tive um instante para rejeitá-la. Uma chance de negar.

Eu não me mexi. A corrente se encaixou, um ponto fresco contra minha pele.

A joia era um peso sólido. A luz tremeluziu ao longo das bordas e facetas.

“Por que é tão importante o que estou vestindo?” Eu perguntei, tocando-o.

“Quanto mais eles se preocupam com o seu vestido e com o quão baixo é o seu decote, mais menos eles vão se importar com o que você realmente está fazendo nisso.

"Realmente?"

"Não."

Eu não pude conter uma risada. Laurie ainda estava atrás de mim, os dedos trabalhando rapidamente nos botões. No reflexo do espelho, eu o peguei sorrindo. Sua cabeça estava inclinada e, como ele era mais alto, uma mecha sedosa de seu cabelo roçava meu ombro nu. De alguma forma, não achei que fosse acidental.

Um arrepio involuntário sussurrou através de mim. *Jesus, o que há de errado com você?* pensei, virando-me rapidamente. *Oliver, Collith, Laurie…*

— Está tudo bem, você sabe — disse Laurie de repente. Ele viu a pergunta em minha expressão e sorriu novamente. Não houve zombaria nisso, felizmente; Eu só vi gentileza e uma pitada de simpatia. "Sexo. Desejo. Luxúria. Essas coisas são naturais. Os humanos aprenderam a se conter –

eles acreditam que ceder é querer, de alguma forma – mas isso é um pensamento tão pequeno. Por que estabelecer limites quando somos criaturas impulsivas?”

“Porque sempre há consequências”, respondi, com o rosto quente.

Nossos rostos estavam separados por um fôlego. Seria necessário um único movimento para fechar o

distância. “Os Fae também não se preocupam com o equilíbrio?”

“Touché. Mas vindo de alguém que está vivo há muito, muito mais tempo que você, um conselho. Meus maiores arrependimentos ao longo dos séculos não nasceram de “consequências”; foi porque deixei medos incômodos atrapalharem. Ei, você sabe uma coisa ou duas sobre o medo, não é?

Com uma piscadela, a fada de cabeça brilhante foi até a porta. Mais uma vez, revirei os olhos.

Laurie, no entanto, não percebeu. “Alguma outra palavra de sabedoria antes de me tornar Rainha da Corte Unseelie?” Eu falei lentamente atrás dele, esperando que ele não sentisse a pontada de apreensão dentro de mim.

Ele parou com uma mão na porta. Sua expressão ficou sóbria. "Não agradeça-lhes por sua fidelidade. Você ganhou. É seu direito”, disse ele.

“Isso não é nada arrogante.”

A adorável fada inclinou a cabeça. "Claro que é. Estamos caídos.

A arrogância está em nosso sangue.”

Com isso, ele passou pela porta. Os guardas do lado de fora se assustaram com a rapidez disso. Laurie passou, mas eles não lhe deram sequer uma olhada; em vez disso, os dois me lançaram olhares estranhos. Eu fiz uma careta de volta.

O vestido era ridículo? Foi isso que deixou suas calcinhas amontoadas?

“Fortuna? Você está pronto?" uma voz familiar perguntou. Um momento depois, Collith apareceu, e vê-lo fez meu estômago embrulhar. Ele era em cada centímetro o rei das sombras e do impulso. Suas pernas estavam mais uma vez envoltas em calças de couro preto, e o aperto delas tornava seus músculos mais proeminentes. Por cima deles ele usava um casaco longo e vermelho.

Seu acabamento também era de couro. Os ombros eram feitos de um material duro e pontiagudo.

A camisa por baixo era branca e larga, mas com corte profundo, revelando a superfície lisa do peito.

E ali, brilhando contra sua pele, ele usava uma safira que combinava com a minha. — Eu mandei fazer — murmurou Collith, notando a direção do meu olhar.

“Os machos Fae nunca usaram algo que representasse suas companheiras, o que me pareceu estranho. Por que não quereríamos anunciá-lo ao mundo?

Por que não deveriam os nossos parceiros ter as mesmas expectativas que os nossos costumes esperam deles?”

Não tínhamos nos falado desde que eu disse que nunca o amaria – era desconcertante que essas fossem as palavras que ele escolheu. Palavras que deixaram claro que ele achava que tínhamos um futuro. Eu não sabia como responder. Estranhamente, eu não conseguia destruir suas esperanças novamente. Eu também estava consciente de que

Nuvian e o outro guarda puderam ouvir nossa conversa. “É melhor irmos”, foi tudo o que eu disse.

Movendo-se ao mesmo tempo, ele ofereceu o braço no momento em que estendi a mão para pegá-lo.

Collith sorriu. Isso transformou todo o seu rosto e eu sorri de volta sem pensar. Algo macio e colorido voou pelo vínculo. Levei vários segundos para perceber que era espanto. Por um momento desorientador, me vi através dos olhos de

Collith. Era o meu rosto, mas não aquele que vi em qualquer espelho ou reflexo. Collith achou que eu era linda. Mas não pela minha perfeição... ele admirava minha resistência. Minha devoção a Damon. Minha ferocidade.

“Não é tarde demais”, disse Collith calmamente, sem perceber que eu havia entrado em sua cabeça.

Pisquei em confusão. Oh. Para mudar de ideia, ele quis dizer. Eu pensei que já tínhamos terminado essa conversa. “Alguém poderia pensar que você está se arrependendo, Sua Majestade,” eu respondi, guardando o que aconteceu para contemplação posterior.

"Sobre você? Nunca."

Então do que você se arrepende? Eu quero perguntar. Mas mais guardas se juntaram a nós e, após o terceiro julgamento, fiquei receoso de ter uma audiência. Eles caminharam à frente e atrás de nós, criando uma barreira protetora, e iniciamos a jornada em direção à sala do trono. A cada passo minha ansiedade aumentava. Palmas das mãos úmidas, respirações superficiais, impulsos avassaladores. Collith percebeu isso – ou talvez apenas tenha visto em meu rosto – e entrelaçou nossos dedos para tranquilizá-lo. Eu permiti o toque, porque parecia a única coisa que me impedia de fugir.

As passagens não estavam vazias hoje; a cada poucos metros, havia grupos de fadas.

Quando nos avistaram, ficaram em silêncio. Uma ou duas vezes, pensei ter ouvido algo murmurado em minha direção, mas andamos rápido demais para captar as palavras.

Parecia que chegamos à sala do trono em segundos, em vez de minutos.

Paramos sob o mural e eu não estava pronto para a cena que encontramos. Não estava pronto para nada disso, ponto final.

Toda a Corte Unseelie estava esperando. Foram mais fadas do que as que compareceram ao primeiro, segundo e terceiro julgamento combinados. Eu nunca tinha visto uma reunião tão grande antes. Como eu, os Fae estavam vestidos para impressionar. Mesmo do meu ponto de vista limitado, pude ver que havia centenas de lindos vestidos e ternos feitos sob medida.

Inúmeras vozes flutuaram em direção ao teto,

soando mais como uma grande cachoeira do que como conversas separadas. Aos poucos, porém, a multidão percebeu nossa presença na porta. Um silêncio caiu.

O caminho para o trono — não, *tronos,* já que agora havia dois lá em cima — era tão estreito que Collith e eu tínhamos que andar com os ombros pressionados um contra o outro. Uma de suas pontas pressionou contra minha pele, mas eram mais decorativas do que eficientes, porque eram apenas desconfortáveis em vez de dolorosas.

Enquanto caminhávamos até o estrado, as fadas reunidas começaram a jogar fichas em nosso caminho. Rosas, joias, cartas. Tantos que tive que esconder minha surpresa.

Eles esperavam ganhar favores? Era uma tradição? Ou foi apenas meu efeito como Pesadelo?

Houve alguns que cuspiram ou zombaram, é claro. Foram a esses que eu dei um sorriso sereno, esperando que eles percebessem a provocação silenciosa que era. Também continha uma promessa; Eu nem tinha começado a retribuir o que tinha sido feito comigo e com Damon.

Damon, que eu ainda não tinha encontrado entre os rostos, virou-se em minha direção.

Depois que chegamos à frente, Collith afastou-se. Imediatamente mais de uma dúzia de fadas se moveram para formar um semicírculo atrás de mim. Uma delas usava contas no cabelo; eles faziam um som tilintante toda vez que ela mudava. Olhei para o resto, curioso para saber se esses eram os chefes das linhagens. Quatro deles eram Tarragon, Chandrelle e os gêmeos. O homem de pele escura emanava tranquilidade, como fazia sempre que o encontrava.

A expressão de Chandrelle estava cuidadosamente vazia. E Arcaena me observou com olhos brilhantes que lembravam uma cobra enrolada na areia. Pelo que parece, qualquer um pensaria que ele estava sonolento ou lento para reagir... e esse seria o último erro que cometeria. Foi contra todos os meus instintos ficar de costas para ela.

O resto eram estranhos. Eu não sabia quem era inimigo ou aliado.

A Língua também estava presente, é claro. Suas vestes eram do branco mais brilhante e puro. As únicas joias que ele usava eram vários anéis de ouro nos dedos grossos. Depois que todos estavam em seus lugares, ele prosseguiu com sua habitual combinação de gestos, ingredientes e encantamentos. Sua papada balançou. Prestei atenção com uma dedicação que nunca havia mostrado na escola, na esperança de reconhecer um ritual dos livros de Collith, mas minha atenção continuou vagando.

Onde estava Damon? Será que Jassin adivinhou meu plano e o trancou?

Nada do que se seguiu pareceu real – teve a nebulosidade de estar preso entre um sonho e acordar. Depois de um tempo, a Língua me disse para

ajoelhar. Eu mal tinha consciência de estar obedecendo; meu pulso era uma manada de cavalos selvagens trovejando sobre colinas e rios. “Você está disposto a fazer o juramento, Fortuna Sworn?” a fada finalmente explodiu em inglês.

Hesitei e, no silêncio que se seguiu, a voz de Collith passou pela minha mente. *Há outra coisa que você deveria saber. Um dos rituais durante a coroação pode fazer você reconsiderar. Depois de concluído, da mesma forma que você e eu estamos vinculados, você também estará vinculado a eles.*

Eles?

Cada fada que reside nesta corte.

A Língua ainda esperava por uma resposta. Lambi meus lábios. "Sim eu sou."

Ele fez uma pausa, como se sentisse minha ansiedade, e eu parei de respirar. Ele me olhou com seus olhos escuros e redondos. Depois de um momento, a fada começou a fazer uma série de perguntas. Embora ele ainda falasse inglês, a linguagem que usava era complicada. Eu ainda mal entendia o que ele estava dizendo.

Desmentindo o tumulto que estava acontecendo dentro de mim, concordei com cada um deles sem hesitação ou vacilação. Minha voz ecoou por toda a sala.

No final, a Língua colocou uma coroa feita de gravetos na minha cabeça.

As folhas ainda pendiam dos galhos delicados. Foi então que tudo ficou claro novamente, ficando mais nítido e iluminado como uma imagem no Photoshop.

Arqueei o pescoço para trás para olhar para o Língua, mas ele não me declarou rainha, como pensei que faria. Ele gesticulou para que eu me levantasse, o que fiz.

Ninguém falou ou se mexeu. Esperei que seus pensamentos ou desejos me invadissem.

Nada aconteceu. Claramente, eu deveria fazer alguma coisa. Procurei Laurie, esperando que ele me oferecesse orientação.

“Fortuna”, disse Collith do trono. Eu me virei rapidamente. Ele sentou lá, desapegado e imóvel. “Reivindique seu lugar aqui.”

Pela primeira vez, eu realmente olhei para isso. O novo trono não era natural ou desgastado, como aquele em que Collith estava sentado. Em vez disso, era uma cadeira formidável. A parte de trás tinha vários metros de altura. Suas almofadas eram da cor do sangue. Bem acima, no lugar das asas, havia um desenho complexo. Lá, alguém recriou o Leviatã em prata reluzente. Sua cauda curvava-se em torno de uma borda e chamas atingiam a outra.

Se a escolha era um golpe ou um símbolo de força, eu não tinha ideia, mas era uma lembrança do sangue em minhas mãos por causa dessas criaturas. Cerrei os dentes, subi as escadas e peguei meu vestido.

A saia alargava-se dramaticamente em volta de mim enquanto eu me sentava. Centenas de rostos olharam

de volta para mim. Tentei imitar o semblante inexpressivo de Collith, mas meu sangue ardia demais. Eu sabia que estava olhando feio.

Depois de uma quietude afetada, Nuvian deu um passo à frente. Ele tirou a espada da bainha, ajoelhou-se e tocou a ponta no chão. Sua armadura parecia ter sido polida com óleo. “Eu sou Nuvian da linhagem Folduin,” ele disse alto o suficiente para fazer sua voz soar. “Eu prometo minha vida e lealdade à Rainha

Fortuna. O que ela precisa?

Lembrando-me dos comentários de Laurie, agarrei-me aos braços e respondi: “Preciso de uma gota de sangue”.

Sem hesitar, Nuvian cortou a parte carnuda da palma da mão com aquela ponta de aparência perversa. Gotas escarlates apareceram. A fada sacudiu a mão e a corte observou enquanto eles caíam nas lajes. Depois disso, Nuvian se levantou. Fiquei aliviado por não haver mais nada, e estava na ponta da minha língua agradecer-lhe. Felizmente, a Mão Direita recuou antes que qualquer palavra pudesse escapar.

Outra fada já estava avançando. Passamos pela mesma música e dança. Ela andou para trás, fundindo-se com a multidão, e mais uma ocupou o lugar. Tentei lembrar os nomes e os rostos, mas eram muitos. Úna fez sua promessa, é claro, com os olhos ardendo de desejo enquanto pronunciava as palavras formais. Em vez disso, ouvi-a dizer, com saliva saindo de sua boca: *Lembre-se de que eu ajudei você.* Foi um alívio quando ela completou os votos. Depois foi a vez de Omar; ele tremia a cada segundo.

Eventualmente perdi a noção do tempo. Não havia relógios na Corte Unseelie. Foi necessário todo o meu autocontrole para não ficar inquieto enquanto esperava que Jassin se aproximasse.

Onde ele está, droga?

Aparentemente todos os Guardiões fizeram sua promessa e era hora das linhagens; um homem separado da multidão que não carregava espada.

Quando percebi quem ele havia deixado para trás, minha coluna se endireitou um pouco. *Aqui vamos nós,* pensei.

A fada dobrou um joelho. Ele era bastante normal, no que diz respeito às fadas, com um queixo quadrado e um corte de cabelo rombudo. Ele usava calça cinza e uma jaqueta combinando.

Não senti nenhum poder dentro dele. Na verdade, se não fosse pelas orelhas pontudas, eu teria presumido que ele era humano. “Eu sou Ilphas da linhagem Daenan,” o homem anunciou. “Eu prometo minha vida e lealdade à Rainha Fortuna. O que ela precisa?

Inclinei minha cabeça. “Esse é seu companheiro, Ilphas?”

A surpresa brilhou em seus olhos. Também senti o choque dos espectadores; esta foi a primeira vez que eu disse algo além do pedido de uma gota de sangue.

Ele olhou para trás e viu que eu estava, de fato, apontando para a mulher ao lado dele. A corrente que ela segurava, que estava presa ao lobisomem emaciado, tilintou durante toda a minha cerimônia. "Ela é, Sua Majestade."

"Maravilhoso. Pela sua fidelidade, exijo a liberdade do lobisomem,” afirmei.

Collith estava olhando, eu podia sentir isso. Eu estava saindo do roteiro que foi escrito para mim.

Claramente confuso com essa reviravolta, Ilphas abriu a boca.

"Infelizmente-"

Eu já podia ouvir as palavras que sairiam disso. Algo como: *Infelizmente o lobo não é meu para dar.* Minhas narinas dilataram-se. “Ah, não minta para mim agora. Acredito que os Fae levam “o que é seu é meu” ainda mais a sério do que os humanos quando se trata de casamento. Se o lobo for dela, você também tem direito a ele. Por favor, não perca mais tempo do tribunal.”

Sua boca se apertou com desgosto. O que o incomodava mais, me perguntei? Receber ordens de uma mulher ou receber ordens de um Pesadelo?

Inferno, provavelmente ambos. Mas Ilphas não era tolo; ele parou de discutir. Ele se curvou novamente – esta notavelmente mais breve – e caminhou de volta para seu companheiro. Eles sussurraram furiosamente. Por fim, Ilphas arrancou-lhe a ponta da corrente. Ela voltou seu olhar para mim, visivelmente fervendo. A joia transparente apoiada em sua testa estremeceu. Ilphas retornou à base do estrado, puxando o lobisomem atrás dele. A criatura não tinha espírito suficiente para resistir e suas unhas estalaram humildemente nas pedras.

Ilphas empurrou a ponta da corrente para mim. “Minha fidelidade, Vossa Majestade.”

“Leve-o para o meu quarto. Fique com ele, se ele reagir mal, mas não lhe cause

dor ou dano. Irei depois da cerimônia — acrescentei. Ilphas fez uma terceira reverência, guardando sabiamente quaisquer comentários ou reações para si mesmo, e caminhou em direção à saída mais próxima.

Arcaena tomou seu lugar.

No momento em que a vi, meu sangue gelou. Todos os pensamentos sobre o lobisomem correram gritando. Seus olhos brilharam quando nossos olhares se encontraram. Não havia nenhum traço de medo nela; ela me achou fraco. *Presa em correntes que ela mesma criou,* ela disse. Bem, essas correntes desapareceram agora.

Um momento depois, a voz da antiga fada cortou o silêncio, e eu sabia que não estava imaginando o traço de zombaria em seu tom. Parecia irritante para meus ouvidos.

“Eu sou Arcaena da linhagem Tralee. Juro minha vida e lealdade à Rainha Fortuna da Corte Unseelie. O que ela precisa?

Eu estava esperando por esse momento desde a noite em que ela usou seu poder em mim. Eu queria saboreá-lo. Memorize-o. Depois que ela falou, nós nos encaramos, os segundos passando. Eu sabia que nós dois estávamos ouvindo as palavras que eu sibilei para ela apenas algumas horas atrás. *Lembre-se deste momento. Eu sei que vou.*

Assim que Collith se virou para mim, provavelmente para perguntar por que eu ainda não havia pedido fidelidade, sorri para Arcaena da linhagem Tralee. “Você conhece os Ritos de Thogon?” Eu questionei.

Mais uma vez senti a força da atenção do rei. Ondas de alarme e surpresa percorreram o vínculo. Eu o ignorei. Arcaena também estava preocupada – embora ela não estivesse se movendo, de alguma forma a fada ficou imóvel. “Eu estou,” ela disse firmemente.

"Excelente. Execute-os você mesmo. É isso que eu preciso.”

O silêncio foi quebrado. Centenas de fadas começaram a falar ao mesmo tempo.

Ninguém ousou intervir ou protestar, mas o choque do tribunal foi palpável. Eles

provavelmente estavam se perguntando como chegaram à posse de um conhecimento tão venerável.

Os Ritos de Thogon. Séculos atrás, existiu uma fada incomum, conhecida por sua bondade e empatia. Ele também era famoso por suas habilidades misteriosas; um único toque infligia doenças terríveis às suas vítimas. Quando Thogon conheceu e se apaixonou por um humano, ele decidiu fazer o que fosse necessário para se libertar desse terrível poder. Ele foi até as bruxas e falou com os demônios. Após anos de tentativas fracassadas, ele conseguiu despojar-se de seus poderes com o que ficou conhecido como os Ritos de Thogon. Mas, como acontece com a maioria das coisas feéricas, isso teve um custo terrível.

Os ritos tornaram Thogon mortal.

Parecendo um rato encurralado, Arcaena olhou para os Guardiões alinhados nas paredes e bloqueando as portas. Não havia piedade em seus rostos ou afrouxamento dos punhos. Em seguida, ela olhou para sua irmã gêmea, que estava calada de raiva, mas claramente impotente para intervir. A escolha dela foi tão simples quanto a minha quando enfrentei Damon com a faca do nosso pai – obedecer ou morrer.

Eu a observei chegar a essa conclusão. Por fim, Arcaena me encarou novamente.

Seus lábios se curvaram, ódio brilhando naqueles olhos agora, e eu sabia que tinha feito um verdadeiro inimigo. *Vamos lá,* pensei para ela, desejando que Damon estivesse aqui para ver o que estava por vir. Esta antiga fada seria tão impotente quanto eu.

Como Damon tinha sido. Eles não eram invencíveis. Eles não eram onipotentes.

Quaisquer que fossem suas falhas, pelo menos Arcaena não se preocupou em atrasar o inevitável. Como um suflê, ela caiu no chão com um movimento fluido. Um Guardião tirou uma adaga da bota e estendeu-a para ela. Depois de uma hesitação tão curta que me perguntei se tinha imaginado, ela aceitou a lâmina e pressionou-a na palma da mão.

Então, usando seu próprio sangue, Arcaena desenhou símbolos nas lajes. Ela não conseguia esconder o jeito que suas mãos tremiam. Até mesmo esta parte do feitiço foi cansativa; diversas vezes ela teve que fazer um novo corte para tirar

mais sangue. Ela deve ter cometido um erro em algum momento, porque a Língua deu um passo à frente e disse algo que soou como uma correção. Arcaena não o reconheceu.

Então ela começou a recitação.

Dizer as palavras foi fácil, no início. Mas todos sabiam o momento exato em que ela começou a sentir isso – Arcaena de repente se curvou. A saliência de sua coluna estava em desacordo com a fada graciosa que eu tinha visto até agora. Sua voz tornou-se hesitante e gutural. Pelo que entendi do texto, o feitiço estava arrancando seus poderes como uma tênia saindo do intestino de alguém. Uma bola de baba cobria as pedras nos joelhos de Arcaena. Para seu crédito, ela não parou... e não foi um período curto.

Nós a observamos realizar os ritos por quase uma hora.

Por fim, os olhos de Arcaena rolaram para a nuca e ela desmaiou.

Todos na sala esperaram ansiosamente, mas ela não recuperou a consciência. Um fio de sangue saiu de seu nariz. Acenei com a cabeça para Nuvian, que gesticulou brevemente para dois de seus Guardiões. Eles desceram correndo pelo estrado e agarraram os braços de Arcaena. Assim como eu havia feito depois do meu tribunal, eles a arrastaram. Não tirei os olhos do progresso deles nem por um momento. Somente até os três desaparecerem por uma porta lateral é que voltei meu foco para aqueles que ainda esperavam para fazer seus votos.

"Devemos continuar?" Perguntei. Meu corpo inteiro vibrou. Eu me senti mais vivo do que nunca.

Para minha surpresa, outro Guardião deu um passo à frente. Ou não havia uma ordem específica para os votos ou este demorou a ser apresentado. Eu suspeitava do último. Foi a fada que me bateu no tribunal. Ela

encontrei meu olhar com firmeza, mas ambos sabíamos que, assim como Arcaena, esta fada estava à minha mercê. Mesmo assim, a voz dela ecoou na quietude sem vacilar. “Eu sou Lyari da linhagem Paynore. Prometo minha vida e lealdade à Rainha Fortuna. O que ela precisa?

Mais uma vez, permiti que o silêncio preenchesse o espaço entre nós. Em algum

lugar no meio da multidão, um humano tossiu. À medida que minha indecisão aumentava, percebi que algo me impedia de retaliar Lyari imediatamente.

A beleza desta fada era mais delicada que a maioria. Seu nariz era pequeno e ligeiramente arrebitado. Sua pele era tão luminescente quanto uma pérola. Havia uma pequena fenda em seu queixo que era mais charmosa do que rebelde. Seu cabelo caía até a cintura em ondas ricas e castanhas. Talvez sua violência não tenha vindo da escuridão, mas de um desejo feroz de provar seu valor.

“Por sua promessa de fidelidade, exijo que você atue como minha guarda pessoal”, pronunciei.

Os olhos de Lyari se arregalaram antes que ela se controlasse e controlasse sua expressão. Ela assentiu uma vez, num movimento brusco, e subiu no estrado para ficar à minha direita. Minha própria mão direita. Acenei para a multidão continuar, e a próxima fada emergiu.

Jassin sorriu para mim.

Ordenei que meu coração se acalmasse. Lá estava Damon, logo atrás dele. Examinei o rosto do meu irmão, procurando novos cortes ou hematomas. Então, quando teve certeza de que eu veria, Jassin agarrou o queixo de Damon e virou a cabeça para a direita. Ele o beijou, uma reivindicação dura e molhada. Seu timing foi deliberado – agora que a cabeça de Damon estava virada, vi a marca vermelha da mão em sua bochecha. Não havia dúvidas de que combinaria com o formato de Jassin.

“Seu voto, fada,” eu cuspi. A criatura permaneceu antes de libertar Damon. Ele me encarou, cada centímetro dele era a imagem da submissão. Ele estava com as mãos cruzadas atrás das costas, suas longas tranças esticadas e brilhantes. Nem um fio de cabelo fora do lugar. “Eu sou Jassin da linhagem Sarwraek,” ele ronronou. “Eu prometo minha vida e lealdade à Rainha Fortuna. O que ela precisa?

Havia um enxame de vespas no meu estômago agora. Esta foi a pergunta que me ocorreu desde o momento em que Collith mencionou os votos de fidelidade. Essa era a pergunta que permanecia em todos os pensamentos enquanto eu lutava contra o Leviatã. Esta foi a pergunta que me deu esperança em todos

esta escuridão profunda e sem fim. “Para sua promessa, exijo a libertação de Damon Sworn”, eu disse.

Por mais engenhosa que eu achasse que minha ideia era, ninguém mais pareceu surpreso.

Com uma expressão infeliz, Damon começou a caminhar em minha direção.

Mais uma vez não me atrevi a respirar, na esperança de que isso me acordasse, e esta cerimónia acabou por ser um sonho. *Eu fiz isso. Não acredito que fiz isso,* pensei atordoado. O que quer que tenha acontecido comigo, pelo menos Damon estava seguro. Ele teria a vida que nossos pais imaginaram para ele.

Ele nem tinha chegado ao estrado quando Jassin agarrou seu braço e o puxou de volta.

Meu irmão não foi capaz de reprimir um grito de dor. Dei um pulo, prestes a chamar os guardas. “Você nunca especificou o período de tempo, minha senhora,”

Jassin interveio. Damon manteve os olhos no chão, o rosto baixo o suficiente para que eu não pudesse ver, e me perguntei se ele estava tentando esconder o alívio.

A raiva ferveu dentro de mim, mais pela minha própria loucura do que pela trapaça de Jassin.

Collith disse algo então, seu tom lógico e suave. Mas eu não conseguia entender as palavras além do rugido em meus ouvidos. A ira transbordou. Olhei para o Rei Unseelie e disse, minha voz estranhamente distante: “Alguém tem que detê-lo, Collith.”

O terror brilhou em seus olhos. “Fortuna, não—”

Fixei meu olhar em Jassin e respirei: “Eu desafio você”.

Mais uma onda de choque percorreu a multidão. Os desafios eram uma tradição que eles deixaram de usar há séculos – até mesmo os Fae achavam que era arcaico – mas eu encontrei a informação em um dos livros de Collith.

Os oponentes foram colocados em um círculo protegido. A magia não poderia ser quebrada até que um deles morresse. As lutas eram geralmente sangrentas e brutais, mas às vezes duravam dias. Em uma circunstância, isso durou anos.

A Língua já estava ao nosso lado; ele se movia rapidamente para alguém do seu tamanho.

Enquanto a multidão se agitava, ele espalhou um círculo de pó branco ao nosso redor, deixando um pequeno pedaço de chão intocado. Sal. De uma forma imparcial, eu me perguntei o que ele ganhava com tudo isso, se usar tal poder drenava muitos anos dele. “Como é costume, o desafiado poderá escolher a arma”, informou-me a Língua, felizmente alheia aos meus pensamentos.

Dei de ombros. "Multar."

A fada corpulenta saiu para buscar alguns ingredientes de um escravo que os aguardava. Jassin fixou seus olhos esmeralda em mim. “Você gostou do meu presente?” ele sussurrou. “Eu teria usado seu irmão, mas eles o queriam vivo para o terceiro julgamento, então eu fiz isso.”

Por um momento, olhei para ele. *O que diabos ele está falando?* No entanto, levou apenas mais alguns segundos para montar tudo. A constatação me atingiu como uma colisão na estrada. Vergonhoso. Seu presente foi Shameek. Naquela mesa, sendo banqueteada, há mais sangue e ossos do que um corpo.

Eu ia ficar doente.

The Tongue voltou com um punhado de bugigangas. Sua palma segurava uma libélula morta, um coração do tamanho de um roedor, uma flor azul e algum tipo de presa. Respirei uniformemente e me recusei a deixar Jassin vislumbrar a fúria que corria através de mim com sua revelação. "Suficiente. Faça sua escolha,” eu ordenei.

Surpreendentemente, não houve nenhuma revelação em minha voz.

Jassin olhou para o Língua, que acenou com a cabeça para indicar, presumi, que eu estava certo. Era hora de escolher a arma com a qual iria matá-lo.

O algoz do meu irmão sorriu e disse: “Eu escolho... o medo”.

Foi melhor que uma novela; a Corte Unseelie explodiu em som novamente depois que Jassin falou. A Língua levantou a voz sobre as massas, brandindo aquela sua faca confiável. Ele agarrou a mão pálida de Jassin e cortou-a, depois fez o mesmo com a minha.

Quase não registrei a dor. Ele saiu do círculo e fechou-o atrás de si.

“Nosso sangue já foi tão brilhante quanto o sol. Você sabia disso?" Jassin perguntou, me observando em vez das contas brilhantes inchando através de nossa pele quebrada. Laurie dissera a verdade: o sangue deles era azul. As gotas vibrantes caíram no fogo com silvos fracos. Houve uma mudança tangível no ar, mas eu não conseguia definir exatamente de que tipo. O barulho que acontecia fora do círculo também parecia abafado. Não respondi, mas mantive os olhos fixos em Jassin enquanto a Língua começava a cantar rapidamente na língua dos anjos.

De repente, senti um ponto de calor ao meu lado. Quando ousei olhar, fiquei chocado ao ver Laurie. Ninguém olhou em sua direção ou questionou sua presença fora do círculo. Tal como os guardas não fizeram quando ele saiu dos aposentos de Collith. Assim como o próprio Collith não o fez em todas as ocasiões, eles ocuparam o mesmo espaço.

Naquele instante, uma peça do quebra-cabeça se encaixou. Algo que eu deveria ter percebido dias atrás. “Eles não podem ver você, podem?” Eu perguntei baixinho.

Jassin arqueou uma sobrancelha, sabendo que eu não estava falando com ele, de alguma forma.

— Não — disse Laurie simplesmente.

Ele não ofereceu nenhuma explicação. Minha mente disparou. “Bem, seu segredo provavelmente morrerá comigo em alguns minutos.”

"Você está quebrado?" Jassin perguntou, seu tom levemente curioso.

Nós dois o ignoramos. Laurie entrou na minha linha de visão. Ele estava vestido com uma túnica azul royal com detalhes dourados. Combinado com seu cabelo prateado, ele era devastador. Quem diabos *era* essa fada? “Eu só queria dizer que

você é a criatura mais corajosa que já conheci", ele me disse com inegável sinceridade. "Deveria ter mencionado isso antes. Você me distraiu.

Eu engasguei com uma risada histérica. "Isso é legal, mas elogios não vão me ajudar a aterrorizar uma fada que fica excitada com medo."

"Você não sabe o que fortalece o poder de um Pesadelo?" Laurie curvou o dedo e inclinou-se sobre o fogo. Seu hálito – que de alguma forma cheirava a flores silvestres e coisas verdes – aqueceu meu pescoço. "Fúria desencadeada. Dor. As coisas de que são feitos os sonhos ruins.

Antes que eu pudesse responder ou reagir, ele mandou um beijo e recuou. Então eu não poderia dizer nada, mesmo que quisesse; o feitiço estava tomando conta de mim e de Jassin.

Foi uma sensação semelhante à queda. Cores e instantâneos passaram desfocados. Eras depois, o caos parou bruscamente. Eu ainda estava de pé, percebi, e meus olhos estavam fechados.

Jassin escolheu o medo, o que significava que eu estava prestes a experimentar o meu próprio remédio. Exceto que, neste caso, um de nós ou ambos definitivamente morreria por causa disso. Eu também não comecei bem, visto que o medo já estava tentando cravar suas garras em mim. Abri os olhos relutantemente, preparado para ver a garagem onde os goblins me mantinham, ou o Portador da Morte, ou aquela masmorra molhada. Em vez disso, abri os olhos para o teto. Era noite. A chuva tamborilava na janela à minha esquerda. Eu estava deitado. Um garotinho estava deitado ao meu lado, o polegar firmemente alojado na boca enquanto dormia.

Reconheci tudo instantaneamente. O pânico queimou através de mim como um incêndio.

Ah, Fortuna, seu tolo.

Foi aqui que meus pais foram mortos.

Antes de Oliver se manifestar, quando eu era criança, pesadelos me atormentavam constantemente. Sempre acordei com o peito arfante e a pele brilhando de suor. Na noite em que meus pais morreram, tive outro. Mas dessa vez, quando meus olhos se abriram, um rugido sacudiu a casa inteira.

Foi desumano, cheio de raiva e fome. Voei ereto, ainda preso a meio caminho entre o pesadelo e a realidade. Damon não se mexeu. Ouviu-se o som de carne rasgada. Um gorgolejo. Eu estava congelado de terror. *Saia*, *saia*, *saia*, gritou o instinto.

Mas eu não estava controlando essa visão. Jassin estava. Ele não estava disposto a mudar a história a meu favor.

Contra a minha vontade, retirei cuidadosamente as cobertas. Com pernas de oito anos, entrei no corredor, certificando-me de fechar a porta atrás de mim.

Damon era minha sombra constante e, se ele acordasse, insistiria em segui-lo. Virei-me, pensando em verificar a sala, caso a TV estivesse ligada... e parei ao ver uma pequena figura sentada no chão, encostada na parede. Um gemido me deixou. “Mamãe?”

Nenhuma resposta.

Embora a vontade de correr preenchesse cada fibra do meu ser, aproximei-me da forma propensa. Minha mãe morreu de boca aberta, provavelmente quando estava prestes a gritar. Seus olhos estavam arregalados e aterrorizados. Toda a sua frente foi rasgada como se fosse papel e suas entranhas derramadas no tapete.

Senti minha mente quebrar. Estava perto, tão perto de quebrar. Mas eu estava me movendo de novo, passando por cima da mamãe. Eu sabia para onde estava indo. Preso dentro desta versão mais jovem de mim mesmo, lutei contra isso. Súplicas e soluços ficaram presos na minha garganta. Imaginei-me fincando os calcanhares, agarrando-me à porta, qualquer coisa para ficar fora daquela sala. Eu, mais jovem, era ingênuo, no entanto. Ela tinha esperança de encontrar um de seus pais ainda vivo.

Papai nem teve a chance de sair da cama.

A única razão pela qual mamãe chegou tão longe foi provavelmente porque o assassino estava ocupado comendo seu marido. Eu sabia, sem sombra de dúvida, que ela estava tentando nos contatar. Nos proteja. Com pés que não pareciam meus, me aproximei. Mais perto. A coisa na cama não era meu pai.

A luz do corredor derramou-se sobre ele, revelando cada detalhe.

A insanidade respirava no meu pescoço. Tentei invocar a fúria que Laurie dissera para libertar, mas tudo o que consegui encontrar foi a dor. “Não, não, não”, eu mais jovem começou a gemer. “Papai, acorde. Por favor. *Papai."*

A palavra terminou com um grito.

Estremecendo, agarrei os lençóis com as mãos. Procurei outra maneira de combater o medo que ameaçava me consumir. Se não for raiva, então é o oposto. O que seria aquilo?

Como se ele estivesse ali, ouvindo meus pensamentos desesperados, a resposta veio.

Era outra lembrança do papai. Esse não; está sozinho. Quando ele estava quente e vivo.

Eu tinha acabado de acordar de mais um pesadelo. Ele entrou correndo no quarto – um deles sempre fazia isso – e me embalou até meus soluços se acalmarem. *Vou te contar uma coisa muito importante, e você precisa guardar isso como um segredo, ok?* ele disse.

Nosso poder não é inevitável. Existe algo mais forte que o medo.

Com isso, ele pressionou a mão no meu pequeno peito. Ele me disse que o que eu sentia por Damon, por meus pais, era mais forte do que o tremor no estômago e o suor na testa.

Então agora, anos depois, finalmente segui o conselho de papai e pensei neles. Minha mãe e suas mãos macias. Meu pai e os pés de galinha no canto dos olhos. Damon e seu sorriso tímido. Família. Alegria. Amor. Enrolei-o em volta de mim como um cobertor.

Quando abri os olhos novamente, estava de volta à sala do trono.

Jassin ainda estava do outro lado do fogo, com o punho erguido. Um rastro de sangue seco cobria a parte interna de seu pulso. Quando ele compreendeu que eu havia saído da visão, praticamente intacto, Jassin franziu a testa. “Minha vez,”

eu cantarolei.

Ele piscou, mas além daquele único momento, não houve chance para ele reagir.

Como um tsunami, minha vontade caiu sobre ele. Acontece que o feitiço ampliou minhas habilidades – localizar o maior medo de Jassin foi mais fácil do que respirar. O que descobri fez minhas sobrancelhas se erguerem de incredulidade.

Apesar da minha surpresa, não deixei que isso me impedisse de usá-lo instantaneamente. No momento seguinte, estávamos cercados por uma luz iridescente, antiga e incompreensível. Jassin se encolheu de joelhos, erguendo a mão ensanguentada para proteger os olhos. Uma voz veio do brilho. Não era homem ou mulher, jovem ou velho, raivoso ou misericordioso. Minha mente quase quebrou com o poder disso. *"Retribuirei a cada pessoa de acordo com o que ela fez"*, disse a voz, reverberando ao nosso redor.

Alguém estava gritando.

A ilusão desapareceu. Cambaleei, mas consegui ficar de pé. Foi uma luta fazer minha mente aceitar a realidade.

Quando isso aconteceu, meu coração se partiu novamente. Damon estava agachado sobre Jassin, que jazia imóvel sobre as pedras. Sangue escorria das orelhas, nariz e olhos da fada. A dor que senti não era por Jassin, é claro — era por meu irmão, que estava chorando como eu nunca o tinha ouvido fazer antes. Apesar do

O horror daquele som confirmou que Jassin estava realmente morto. Não consegui conter um suspiro de exaustão e alívio. Minhas pernas tremeram. A qualquer segundo eu iria desmaiar.

Tardiamente, notei a coroa, pousada ao acaso e abandonada no chão. Sentindo-me como uma velha, abaixei-me lentamente para pegá-lo. Foi então que notei os olhares.

Todas as fadas na sala esperaram que eu dissesse alguma coisa. Ao colocar a coroa de volta no lugar, não me permiti olhar para o trono, onde Collith permaneceu durante toda a provação. Sua voz vagou pela minha memória. *A*

história já provou que governar com medo leva à discórdia e à traição. Quando assumi o trono, procurei governar com lei e objetividade.

O medo era tudo que eu conhecia.

“Que isso sirva de lição para todos vocês”, eu disse, encontrando tantos olhares quanto pude. Damon continuou chorando. “Se você foder comigo e com os meus, retribuirei o favor dez vezes mais.”

A declaração teve o efeito pretendido; a maioria na corte me olhava com cautela agora.

Incapaz de resistir, meus olhos foram para a figura sentada naquele trono retorcido. O dele estava cheio de admiração e algo mais que eu não esperava.

Tristeza.

Eu levantei meu queixo e - danem-se as aparências - fui varrido do trono sala.

CAPÍTULO DEZENOVE

naquela época, Lyari não o seguia à distância. Aparentemente, as T promessas foram levadas a sério, porque ela ficou logo atrás de mim. Ninguém iria me assassinar hoje, isso era certo. Ainda bem, porque tudo que eu queria era tirar o vestido, deitar e deixar o sono me levar.

Só quando estava a meio caminho dos aposentos de Collith é que me lembrei da ordem que dei. *Leve-o para o meu quarto. Fique com ele, se ele reagir mal, mas não lhe cause dor ou dano. Irei depois da cerimônia.*

Merda. O lobisomem.

Desejando não parecer tão quebrado quanto me sentia, me aproximei de Ilphas, que havia seguido meus comandos ao pé da letra. "Como ele está?" Perguntei.

Uma das tochas tremeluziu, quase morrendo.

“Ele não fez nenhum som, Majestade”, disse ele, mantendo o olhar para frente.

Não poderia culpar o cara, realmente. Eu o humilhei bastante. Fiquei feliz que o

feitiço de ligação entre mim e toda a quadra ainda não tivesse começado. Talvez, se eu tivesse muita sorte, isso nunca aconteceria.

Quanto à resposta de Ilphas, eu não tinha certeza se o silêncio era uma coisa boa ou ruim.

coisa. E se eu abrisse a porta e o lobisomem me atacasse?

Bem, só há uma maneira de descobrir. Eu não poderia exatamente pedir a outra pessoa que arriscasse a vida. Passando por Ilphas, sem me dar chance de reconsiderar, entrei. O macho não tentou me impedir, mas Lyari sim. “Vossa Majestade...” ela começou, sua voz melódica em desacordo com a nota de exasperação nela. Talvez ela estivesse apenas percebendo que me proteger não seria uma tarefa fácil.

A porta se fechou na cara dela. Pressionei minhas costas contra ele e me virei, preparando-me para uma explosão de garras e dentes. O fragmento do espelho estava guardado, totalmente fora de alcance. A única arma à minha disposição era o medo.

Esperançosamente, ainda havia pessoa suficiente naquele corpo danificado para senti-lo.

Em todas as lendas e tradições humanas, os lobisomens eram feras de fúria e sede de sangue. Eles não sentiam coisas como angústia ou dor. Eles foram movidos pela caça e nada mais.

Mas a criatura do outro lado da sala não era daquelas histórias. Sim, foi enorme.

Olhando para ele, eu diria que tinha um metro e oitenta e pesava cerca de cento e cinquenta quilos. Se fosse mais saudável, esse número seria muito maior. Foi aí que as semelhanças terminaram, no entanto. Esta fera se encolheu no canto, o mais longe que pôde da porta, e olhou para mim com os olhos arregalados. O terror era evidente em cada linha do seu corpo peludo. Os cabelos ao longo de sua espinha se arrepiaram.

A coroa provavelmente me fez parecer maior e de outro mundo – eu a removi sem qualquer hesitação e a coloquei no chão. Em seguida, removi a safira, que piscava toda vez que eu mudava. Terminado, apresentei minhas mãos ao

lobisomem, com as palmas voltadas para fora. *Ver?* o gesto disse. *Vazio.*

A criatura ainda usava a corrente, mas a ponta dela se arrastava pela terra, sem ser notada. Nessa proximidade pude ver que havia um anel de crostas e manchas calvas onde os elos repousavam em volta do pescoço. Prova física, como se eu precisasse de alguma, de que a fêmea miserável de quem eu o tirei esteve puxando e puxando esse lobo por meses. Será que me preocupou por eu tê-lo salvado apenas para ser outro mestre cruel?

“Você está seguro agora,” eu sussurrei, preocupado que falar mais alto pudesse assustá-lo e colocá-lo em ação. "Você pode voltar atrás."

O lobisomem apenas ficou olhando para mim. Eu sabia que eles tinham cura sobrenatural, mas não tinha certeza se ele — ou ela — havia sido torturado ou ferido com água benta. Se fosse esse o caso, haveria feridas que cicatrizavam no ritmo humano, ou até mais lentamente. Eu teria que chegar mais perto para ver. Talvez tenha sido isso que o impediu de mudar durante todo esse tempo.

Quando eu era adolescente, ainda sonhando em ser veterinário, pesquisei como abordar cães medrosos. É verdade que não se tratava de um cachorro, mas talvez os conceitos básicos ainda se aplicassem. Virei-me ligeiramente para que meu lado ficasse de frente para o lobo. Evitando contato visual, dei um passo em direção a ele. Os lábios da criatura se curvaram, revelando duas fileiras de dentes afiados.

Está bem então. É hora de um novo plano. Ainda me movendo a uma velocidade cautelosa, fui até a corda pendurada ao lado da porta e puxei-a. O lobisomem observava tudo, com as orelhas encostadas na cabeça. Lembrando-me da rapidez com que Laurie entrou no corredor, esperei apenas alguns segundos antes de o fazer.

Quando abri a porta, Lyari passou por mim com um xingamento murmurado. Eu ouvi a palavra *idiota.* Sua espada foi desembainhada e, antes que eu pudesse dar uma ordem brusca, ela entrou. O lobisomem se irritou ainda mais, mas não se moveu. Meu batimento cardíaco diminuiu um pouco.

Assim que Lyari saiu do caminho, vi que uma garota humana estava nas sombras. Aquele que eu convoquei, sem dúvida. Apesar da penumbra, era fácil perceber que ela era jovem.

Muito mais jovem do que eu queria reconhecer, mesmo em minha mente. Provavelmente dez anos, no máximo, e isso era demais. Sua pele estava coberta de sujeira e suas roupas estavam mais esfarrapadas do que uma camiseta e jeans. Seus sapatos haviam sumido e as pontas dos dedos cobertos de sujeira apareciam

fora.

A criança manteve o olhar fixo naqueles dedos. A cada poucos segundos, um tremor a percorria. Não consegui discernir se era de terror ou de frio. Provavelmente ambos. “Você poderia trazer um pouco de carne, por favor?” Eu perguntei, minha voz gentil.

Seu olhar se voltou para o meu, apenas por um instante, mas foi o suficiente para ver que eles eram surpreendentemente azuis. Ela deu uma boa olhada no meu rosto e o seu relaxou com reverência. Demorou um pouco para ela se recuperar, mas quando o fez, a garota assentiu e fugiu. Olhei para cima e para baixo no corredor, mas não havia sinal de Ilphas.

Esperançosamente, isso significava que ele e sua companheira não causariam mais problemas ao lobo.

"Por que você está fazendo isso?" Lyari perguntou atrás de mim. Ela a manteve tom neutro, frio, mas ainda beirando a insolência.

Fiquei onde estava, esperando a garota voltar. Sem olhar para ela, respondi: “Isso se chama compaixão. Você deveria procurar isso algum dia.

Lyari não respondeu. Em poucos minutos, a criança estava de volta. Ela carregava um prato com as duas mãos, que estava sobrecarregado por um bife cru e ensanguentado.

“Perfeito, obrigado”, eu disse, pegando-o. Aproximei-me do lobo novamente. Desta vez ele estava muito focado no que eu segurava para levantar os lábios ou rosnar.

Quando o coloquei a alguns metros de distância, o lobo saltou. Lyari reagiu tarde demais, mas não teve interesse em mim; a criatura arrebatou a carne com tanta violência

que derrubou o prato. Ele recuou para o canto novamente e começou a rasgar o bife com dentes afiados. *O coitado é mais selvagem que o Decaído,* pensei, observando com desânimo. A comida era uma distração adequada, entretanto – quando me ajoelhei para finalmente examiná-la em busca de ferimentos, o lobisomem nem sequer olhou para mim. Ao fazer isso, dei uma espiada no que havia entre suas pernas. Sim, definitivamente masculino.

Além de sua óbvia magreza, não havia nenhum ferimento que eu pudesse ver. “Eu gostaria de saber seu nome,” eu disse suavemente, recostando-me nas patas traseiras.

“Você consegue me entender? Faça algum tipo de sinal, se puder.

O lobisomem não se moveu.

“Você precisa de mais alguma coisa, Sua Majestade?” a garota perguntou. Então ela empalideceu, como se tivesse dito algo proibido. Ela provavelmente foi instruída a ficar em silêncio.

"Sim. Você sabe onde minhas roupas são guardadas? Não os que estão na mochila. As roupas e vestidos que usei durante os julgamentos e cerimônias.”

O olhar da criança disparou para Lyari como se ela temesse um castigo. "Em esse guarda-roupa, senhora.

"Oh. Bem então. Entre lá,” eu instruí, sentindo-me denso. O guarda-roupa estava lá desde o momento em que entrei neste quarto – eu simplesmente presumi que só continha as roupas de Collith. A garota correu para obedecer. “Escolha o par de sapatos mais adequado que puder encontrar e calce-os. Meus pés são maiores que os seus, mas você crescerá neles. Se alguém te incomodar com isso, diga para falar comigo.”

No meio do meu breve discurso, a garota congelou. Seus olhos arregalados olharam de mim para o guarda-roupa, como se ela não soubesse o que achava mais traiçoeiro. Ajoelhei-me ali, na frente do lobisomem festivo, e esperei.

Lyari não disse uma palavra.

Depois de sete segundos, a garota obedeceu. As portas do guarda-roupa se abriram para revelar uma coleção bem completa. Jeans, vestidos, camisas,

suéteres. Um par de sapatos para cada ocasião alinhava-se nas duas prateleiras inferiores. *Teria sido útil saber disso,* pensei com aborrecimento. A criança tirou um par de tênis que provavelmente nunca havia sido usado; eles tinham aquela aparência branca e nítida. Segurando-os com incerteza, ela me encarou novamente. Eu apenas formei um sorriso e balancei a cabeça.

“Eles dizem que você odeia os Fae,” a garota deixou escapar em vez de se mover para sair.

Olhei para ela e esperei por mais. Ela hesitou, olhando para Lyari.

O que quer que ela tenha visto ali lhe deu coragem. “Você vai destruí-los?”

De repente, o cansaço voltou. “Hoje não”, respondi com um suspiro.

“Obrigado novamente por pegar o bife.”

Ela viu isso pela demissão que foi. A boca da garota se fechou e ela quase saiu correndo porta afora, agarrada aos sapatos novos. Lyari estava no meio da sala, a espada ainda desembainhada, focada no lobisomem. “Vou dormir agora”, eu disse a ela incisivamente. “Você guardará a porta até Collith voltar?”

Lyari parecia querer discutir. Levantei uma sobrancelha para ela em um desafio sem palavras. Com uma expressão rebelde, ela invadiu a porta.

Fortuna, dois. Lyari, um. Eu me permiti um pequeno sorriso satisfeito.

Provavelmente foi muito, muito estúpido baixar a guarda na mesma sala que um lobisomem meio faminto, mas eu não conseguia me importar. Pelo menos seria uma morte rápida. Depois de uma luta desajeitada com o vestido, tirei a roupa e subi na cama. Puxei as cobertas sobre mim e esperei o sono chegar. Não demorou muito. As bordas ficaram escuras, criando um círculo cada vez menor de luz, como o final de um filme antigo.

A última coisa que vi foi o lobo, enrolado como uma bola, me observando com seus olhos brilhantes.

No instante em que saí do mundo real e entrei no nosso, Oliver estava esperando.

A paisagem havia mudado. Longe vão os prados ondulados e os céus abertos. Em seu lugar havia areia úmida e nuvens turbulentas. Ondas escuras batiam contra a costa, fazendo-me pensar em algum monstro das profundezas, agarrando-se a algo vivo em terra.

Oliver estava preocupado.

Ele sentou na praia, de costas para casa e tudo mais. Sentei-me ao lado dele e semicerrei os olhos para o horizonte. O sol estava parcialmente consumido pelo oceano, seu brilho laranja incendiando a água. “Já que prometi não reter informações, você deveria saber que meu corpo está sozinho com um lobisomem possivelmente raivoso. Mas não quero falar sobre isso. Também não quero falar sobre meu irmão, ou fadas, ou provações. Tudo bem?"

Eu podia sentir Oliver olhando para mim. Um nó encheu minha garganta e eu sabia que se ele pressionasse eu iria quebrar. “Tudo bem”, disse ele. Sua voz era gentil.

Depois de um momento, descansei minha cabeça em seu ombro. Encaixou perfeitamente.

Meu braço passou pela cintura dele e o dele pela minha.



Aquela pequena voz na minha cabeça não conseguia permanecer em silêncio. *Só*

vai ficar mais difícil a partir daqui. Solte-o, ele pedia. *Ele é um amigo imaginário de infância.*

Ele é um devaneio melancólico. Ele é uma fantasia sexual.

Eu me agarrei a Oliver ainda mais.

Na manhã seguinte à sangrenta coroação, fui procurar meu irmão.

Fui flanqueado por Lyari e Omar. O lobisomem também me acompanhou, para minha surpresa e desgosto dos Guardiões. Quando tentei sair sem ele, ele ficou do outro lado da porta e uivou até que eu o deixei sair. O som era tão alto que a sujeira escorria do teto.

Agora ele acompanhava meu ritmo, mantendo-se tão perto que eu podia sentir suas costelas roçando minha coxa de vez em quando. Ele me deixou remover a corrente. Foi bom vê-lo andar livre do peso desajeitado. Parecia que eu tinha um animal de estimação mortal e imprevisível.

Hoje eu usei as roupas com as quais cheguei – já estava farto de vestidos para durar a vida toda. Apesar do meu traje insípido, as fadas me avistaram de longe e abruptamente se viraram ou se esconderam em outras passagens. Depois de tantos dias sentindo-se fracos e pequenos, o medo deles era inebriante. Eu apreciei isso como um viciado recebendo uma dose.

À entrada dos aposentos de Jassin, para onde Lyari me conduzira com relutância, não me permiti hesitar. A hesitação traria lembranças indesejadas.

A porta se abriu com meu leve toque.

Fui saudado pela visão da coluna vertebral de aparência delicada do meu irmão. Ele estava sentado na cama, com o peito nu, a pele pálida como a lua. Tinha uma camisa nas mãos; Reconheci-o como algo que Jassin usava.

Embora ele devesse ter me ouvido entrar, sentido minha presença, Damon não disse nada. Eu não consegui entrar na sala. “Sinto muito”, eu disse. Era verdade; Fiquei com pena da dor dele. Pelo fato de eu ter causado isso.

Ainda assim, Damon não falou. Olhando para ele, uma figura frágil sentada naquela cama grande e vazia, era difícil acreditar que ele tivesse vinte e poucos

anos. Naquele momento, ele parecia o menino que havia escrito um bilhete para a irmã e saído para o jardim à meia-noite. Eu mudei, prestes a ir contra meus instintos e passar por cima da linha invisível que nos separava, mas naquele momento Damon se levantou.

“Este é o meu voto para você”, disse ele. Seu corpo estava voltado para mim, mas ele continuou olhando para a camisa enquanto falava. Sua voz e olhos estavam opacos.

“Pelo resto de nossas vidas, vou odiar você.”

A resposta não me surpreendeu exatamente. Ainda assim, parecia que alguém tinha enterrado a mão no meu peito. O lobisomem rosnou como se sentisse isso.

Sem pensar, coloquei minha mão em suas costas. O estrondo parou instantaneamente. *Interessante,* pensei, depois me concentrei em meu irmão. "Damon, por favor, eu não queria..."

"Apenas vá."

“Não vou a lugar nenhum sem você”, retruquei, desejando que meu coração endurecesse.

Tive a sensação de que o tempo estava se esgotando e isso não deixava espaço para mágoas.

“Odeie-me o quanto quiser, mas estamos deixando a Corte Unseelie, Damon. Então comece a fazer as malas. Se você não me ouvir, aceite isso como uma ordem de sua rainha. Estarei de volta em uma hora. Esteja pronto ou os Guardiões irão removê-lo à força. Entendi?"

O silêncio encheu a sala. Eu me virei para sair. “Espere,” Damon disse.

A esperança era uma coisa cruel. Embora eu soubesse que ele estava pensando em Jassin, ainda assim parei, ansiando por ouvir palavras de perdão. "O que?"

“Jassin.” Damon disse seu nome como uma oração. “Do que ele tinha medo?”

Por alguns segundos, debati se deveria ou não responder. Não havia como saber

se isso lhe causaria mais sofrimento ou se traria algum tipo de cura. Também pude sentir Lyari e Omar ouvindo; tudo o que dissemos aqui provavelmente seria de conhecimento público no final do dia.

Mas não tive forças para resistir a dar a Damon o que ele queria.

"Deus. Ele tinha medo de Deus", eu disse finalmente.

Ele não disse nada enquanto absorvia isso. Mordi a língua para conter comentários depreciativos sobre a fada que ele amava. Então, com a intenção de passar a próxima hora escrevendo cartas (mesmo que não pudesse ficar com Damon quando chegássemos em casa, eu teria que fazer algo para aliviar a preocupação de Bea, Gretchen e Cyrus), voltei para os quartos de Collith. Lyari e Omar assumiram suas posições, dando um amplo espaço ao lobisomem.

Ao chegarmos, vi que alguém estava me esperando no corredor. O macho se virou. Fiquei surpreso quando a luz do fogo tocou o rosto de Laurie; por alguma razão, eu estava esperando Collith, que estava misteriosamente ausente desde a minha coroação. A expressão da fada era cautelosa; ele estava esperando que eu fizesse perguntas. Minha epifania na sala do trono flutuou entre nós como uma aparição. *Eles não podem ver você, podem?*

Muito provavelmente, os guardas já pensavam que eu era louco. A maioria deles já me viu falando sozinho uma vez ou outra, já que Laurie estava escondida deles.

Mesmo assim, esperei até entrarmos e a porta ser fechada antes de falar. "Eu nunca te agradeci," eu disse, indo contra todas as lições que mamãe me ensinou sobre os Fae.

Laurie piscou. Pela primeira vez, consegui assustá-lo. Ele pensou que eu iria interrogá-lo imediatamente. "Agradeça me? Por que?" ele perguntou.

"Por ser meu amigo."

Com isso, a fada hesitou. "Fortuna, eu—"

Suas palavras foram interrompidas quando eu o abracei. Ele hesitou. Lentamente, seus braços me envolveram também. Seu queixo roçou minha

têmpora e foi a primeira vez que nos tocamos de verdade. Tal como acontecera com Collith, o roçar da sua pele não revelava medos. Mas o poder escondia-se ali, uma vitalidade tão brilhante e crepitante que fez meus dentes doerem. Poder que uma fada inferior não deveria ter tido. Eu me afastei.

"O que você está?" Eu exigi agora, mantendo minha voz baixa.

Ele sorriu levemente e se afastou. "Perigoso demais. Nada que é dito na Corte das Sombras passa despercebido, lembra?

"Multar. Você não precisa me contar. Mas ainda preciso da sua ajuda, Laurie.

“Ele também”, respondeu meu amigo. As palavras foram ditas tão baixinho que quase não as ouvi. Antes que eu pudesse dizer mais alguma coisa, Laurie desapareceu.

Filho da puta, eu fumei silenciosamente. Acho que finalmente descobri a quem ele era leal. O que agora?

Minha mente já estava folheando outras possibilidades. Eu vi o rosto de todas as fadas que conheci desde que cheguei à Corte Unseelie. Suas vozes pareciam um podcast tocando na minha caminhonete. Estragão, talvez? Ele ficou impressionado com o tribunal...

Meu progresso foi interrompido quando alcancei uma certa memória.

Houve outra pessoa que esteve disposta a me ajudar, uma vez.

Porém, só de pensar em ir vê-la, hesitei. Havia uma chance de que fosse totalmente desnecessário buscar respostas. Pelo que eu sabia, as fadas me deixariam sair da corte sem qualquer interferência. Chame isso de precaução, então.

E se eu não tivesse uma segunda oportunidade para libertar Damon? E se eles o escondessem de mim por despeito? E se um deles o sequestrasse para obter o controle da nova rainha? Após o terceiro julgamento, todas as fadas vivas sabiam da minha vulnerabilidade. Eu ainda estava jogando e nunca fazia mal ter um plano alternativo.

Mais uma vez, deixei os quartos de Collith com determinação. Lyari estava em seu posto, é claro. Ela olhou para frente, de alguma forma conseguindo emanar ressentimento sem expressão. “Leve-me para as masmorras, por favor”, eu disse. Uma carranca apareceu nos cantos de sua boca perfeita, mas ela obedeceu sem questionar.

Foi uma excursão mais longa do que aquela à sala do trono, aos aposentos de Jassin ou ao túmulo aquático do Leviatã. Passamos por túneis desconhecidos por pelo menos meia hora. Eu estava prestes a perguntar quanto faltava quando Lyari se virou abruptamente e desapareceu. Alarmado, corri atrás dela e então percebi que ela tinha acabado de descer uma escada escavada na terra.

Gemidos e soluços chegaram aos meus ouvidos. Eu realmente não queria ver de onde eles vieram. Omar pairou por perto. Eu meio que desejei que ele dissesse algo reconfortante. Mas ele não era um amigo; esses eram poucos e distantes entre si neste lugar.

O pensamento foi exatamente o empurrão que eu precisava. Eu me permiti uma respiração curta e fortificante e mergulhei no ponto fraco da Corte Unseelie. As escadas pareciam intermináveis. Eu não tinha o dom de enxergar no escuro, então toquei as paredes dos dois lados, me atrapalhando a cada passo. Eles não foram esculpidos na mesma altura ou comprimento.

Lyari esperou no fundo, segurando uma tocha no alto. *Por que você não me deu isso antes de eu começar a descer a escada do inferno?* Eu queria rosnar. Fortuna, dois. Lyari, dois. Eu ainda não tinha ideia de por que a designei como minha guarda em vez de me vingar de forma rápida e satisfatória.

O cheiro deste lugar já estava me afetando. Eu só tive que fechar os olhos e estava de volta naquela jaula. Tanta umidade, dor e sujeira.

Passar pelas células fez minha pele arrepiar. Eu não conseguia me lembrar em qual deles os guardas tinham me jogado – eu não estava exatamente no meu melhor. "Você está aí?"

Aventurei-me, olhando para a escuridão de cada buraco fedorento.

“Então é verdade. Você sobreviveu às provações. Achei que o guarda estava mentindo por esporte — uma voz rouca. Veio de um ponto mais distante da fileira.

Eu *tinha* sobrevivido? Parecia que parte de mim havia morrido. Parei em frente à cela e olhei para os guardas, mais consciente do que nunca da sua presença.

“Lyari, Omar, por favor, certifiquem-se de que não temos audiência. Sim, é verdade.

As linhagens já pagaram fidelidade.”

“Eu desaconselho falar com este sozinho, Vossa Majestade”, disse Lyari rigidamente.

A iminente sensação de urgência quase me fez explodir. Ocorreu-me, porém, que talvez eu queira evitar irritar as fadas que me protegem.

“Eu aprecio sua preocupação. Realmente. Mas isso é algo que tenho que fazer.

Por favor”, acrescentei. Ninguém poderia perder a sinceridade em minha voz. Lyari reprimiu uma carranca, curvou-se e fez um gesto brusco para Omar. Os dois foram embora.

A fada na cela esperou até que o som de seus passos recuasse.

“Essa é a comitiva que você tem lá”, ela observou. Sua voz estava um pouco mais forte.

“Eu não vejo um lobisomem há anos. Perdoe-me por perder sua coroação, Majestade.

Como você pode ver, fui detido de outra forma.

O que traz você de volta à minha humilde casa?

Na esperança de atraí-la, envolvi meus dedos nas barras enferrujadas.

O suposto assassino de Collith permaneceu nas sombras. “Eu queria falar com a fada que me disse a verdade, mesmo quando ela não tinha nada a ganhar,” comentei. Suas palavras daquele dia voltaram sem nenhum esforço, como se tivessem sido gravadas em meu cérebro. *Oh, sua pobre e estúpida criatura. Claro que nós podemos. Mentimos sobre tudo. Esse boato foi estabelecido há*

milênios.

Alguma fada inteligente pensou que seria vantajoso se o resto do mundo pensasse que podíamos confiar em nós.

Houve um longo silêncio. “Isso é sobre Collith.”

A familiaridade com que ela pronunciou o nome dele causou uma estranha pontada de ciúme. “Em parte”, reconheci. “Eu só passei por essas provações para ter meu irmão de volta. Agora que está livre de Jassin, ele pode ir para casa.

Alguém está sempre observando ou ouvindo. Preciso de uma vantagem... não, talvez

“seguro” seja uma palavra melhor. Não quero que ninguém nos impeça, ou traga Damon de volta, ou qualquer outra coisa que os Fae tenham na manga. Então acho que estou pedindo informações. Eu esperava que você soubesse uma maneira de impedir que isso acontecesse.

“Por que eu deveria ajudar você?” ela perguntou.

Eu esperava essa parte. O desconforto ainda agitava meu estômago. “Estarei em dívida com você. Uma dádiva da Rainha da Corte Unseelie deve valer alguma coisa.”

Depois de outra pausa, ouviu-se um som arrastado. O lobisomem ao meu lado ficou rígido e rosnou um aviso. Atrevi-me a tocá-lo novamente, mas desta vez ele não se sentiu consolado. Seus olhos amarelos permaneciam fixos em tudo o que via na cela. O

pressentimento apertou minha garganta, dificultando a respiração, e segui seu olhar.

Um lindo cadáver apareceu na luz. Quando vi seu rosto, meu coração acelerou.

Ela era a antiga amante de Collith.

Qual era o nome dela… Viessa. Sim, foi isso. Ela não se parecia em nada com a criatura vibrante das memórias de Collith. O que poderia ter acontecido com ela?

Espere, ele disse algo sobre isso. Coloquei-me lá atrás, na cama dele, ao lado daquela vela gotejante. *Algumas fadas têm uma... especialidade. Um certo poder ou habilidade única em relação aos outros. Geralmente a habilidade se manifesta durante a puberdade, mas em casos raros pode surgir por trauma.*

Claramente foi o último caso para Viessa. Seu cabelo ruivo estava congelado no lugar. Um fino brilho de gelo cobriu parte de seu rosto. Suas íris eram do azul mais brilhante e artificial que eu já vi. Gelo grudado em seus cílios.

Olhando para ela, tive um único pensamento.

Ela teria sido uma excelente rainha.

Parte de sua boca se ergueu em um sorriso irônico. Ignorando meu choque óbvio, Viessa agarrou as barras com dedos enegrecidos pelo gelo. Meus pés coçavam para recuar. “Você poderia procurar o Rei Seelie para obter ajuda,” ela sugeriu. “A Corte da Luz não é menos corrupta do que esta, mas há rumores de que seu governante tem uma queda por coisas bonitas.

E ele tem uma história com Collith; ele pode aproveitar a oportunidade para humilhar ou trabalhar contra sua corte.”

Se ela tocasse minhas mãos, aquele gelo horrível se espalharia para mim? Eu me esforcei soar normal quando respondi: “E como faço para encontrar o Rei Seelie?”

“Você poderia tentar ligar para ele.” Ela ergueu um ombro com um encolher de ombros indiferente. “O nome dele é Laurelis.”

Meus instintos se agitaram. “Laurelis...”

"Sim." Viessa deve ter notado minha estranha reação, porque ela continuou. “Ele usa outro; talvez seja por isso que você está confuso. O apelido que sua mãe deu a ele, enquanto ela ainda estava viva. Apenas seus amigos mais próximos têm permissão para usá-lo.”

"Qual é o nome?" Eu perguntei, embora eu já soubesse a resposta antes as palavras saíram completamente da minha boca.

Os olhos de Viessa brilharam. “Alguns o chamam de Laurie.”

FIM DO LIVRO UM

ACK N OWL EDGMENTS

Com este projeto, conheci muitos amigos novos e maravilhosos. Só por isso, sempre ficarei feliz por ter dado o salto para a autopublicação.

A primeira dessas pessoas notáveis é Sheila O'Connor, professora e leitora extraordinária. Serei eternamente grato por seus insights. Não sou uma pessoa que acredita em destino, mas olho para trás e vejo o momento em que fui aceito na Hamline University como o primeiro passo no caminho que me levou até sua aula. Você me ajudou a crescer como escritor e, apesar daqueles poucos meses em que questionei meu valor como escritor, você nunca duvidou. Isso fez toda a diferença.

Em seguida, devo agradecer a Emma Bull. Tive a sorte de encontrar um mentor perfeito para *Fortuna Sworn.* Sua sabedoria ajudou a moldar este livro no que ele se tornou. Obrigado pelo tempo e pensamento que você investiu nesta minha nova aventura.

Minha gratidão também vai para Jessi Elliott. Agora posso encarar todas as horas que passei no Instagram como um investimento, pois foram elas que nos levaram a nos conhecer.

Seu entusiasmo por esta história me levou até a linha de chegada. Eu também poderia ter perdido a sanidade se não fosse pelas ocasiões em que mandei uma mensagem para você, precisando de outra perspectiva, e você não hesitou em oferecer uma. Que venham muitas mais noites de FaceTiming e, tipo, realmente escrevendo.

Agradeço também a Kristen Williams, que era outra amiga que respondia todas as mensagens que eu mandava pedindo a opinião dela, fosse sobre marketing, ou sobre a capa, ou sobre minhas próprias dúvidas. (Se você é um autor que está procurando alguém para apresentar a revelação da capa do Instagram ou o tour do livro, o Storygram Tours é a escolha certa. Sério.)

Obrigado à minha agente, Beth Miller, por me apoiar tanto quando eu disse a ela que não apenas queria mudar completamente de gênero, mas também queria publicar por conta própria. Então você se ofereceu abnegadamente para ser um

leitor beta. Perguntei a você pela primeira vez há oito anos e agora é difícil imaginar trabalhar com outra pessoa. Tem sido uma viagem tão selvagem. Mal posso esperar para ver o que mais me espera nós.

Adoração e agradecimento a Gwenn Danae e Jesse Green, que tornaram este livro verdadeiramente lindo. Mal posso esperar para ver como será o resto da série.

E, finalmente, meu amor e apreço a Jordan, que me inspira de muitas maneiras. Que me faz café, serve meu vinho e me incentiva diariamente. Eu sei que não é exatamente feminista dizer que não sei como escrevi livros sem você... mas falando sério. Não sei como escrevi livros sem você. Te amo mais do que queijo, amor.



SOBRE O AUTOR

KJ Sutton vive em uma terra de escuridão e neve. Ela passa o tempo escrevendo histórias estranhas ou assistindo programas distorcidos na Netflix. Ela sempre tem uma xícara de Vanilla Chai na mão e odeia usar qualquer coisa além de pijama. Ela adora interagir com outros escritores e leitores. Até então, ela está trabalhando duro em sua próxima história bizarra. KJ Sutton também escreve romances para jovens adultos como Kelsey Sutton.